

Hugo de S. Vitor

SERMONES CENTUM

Índice Geral

PRÓLOGO

SERMO I. SOBRE O SENTIDO ALEGÓRICO DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA.

SERMO II. SOBRE O SENTIDO MORAL DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA.

SERMO III. SOBRE O SENTIDO ANAGÓGICO DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA.

SERMO IV. SOBRE A NATIVIDADE DA VIRGEM MARIA.

SERMO V. SOBRE O ADVENTO DO SENHOR.

SERMO VI. SOBRE A FESTA DE QUALQUER SANTO.

SERMO VII. SOBRE A FESTA DOS APÓSTOLOS.

SERMO VIII. SOBRE A FESTA DE QUALQUER SANTO.

SERMO IX. SOBRE A FESTIVIDADE DA CONCEPÇÃO DA BEM AVENTURADA VIRGEM E, MAIS AINDA, SOBRE O DESPOSÓRIO DE QUALQUER ALMA FIEL.

SERMO X. SOBRE O TEMOR DE DEUS.

SERMO XI. SOBRE A SAÚDE ESPIRITUAL.

SERMO XII. SOBRE OS MONTES E AS ÁRVORES
ESPIRITUAIS DE ISRAEL.

SERMO XIII. POR OCASIÃO DO ANO NOVO.

SERMO XIV. SOBRE AS VESTES SAGRADAS, POR
OCASIÃO DE UM SÍNODO, OU DA FESTA DE
SACERDOTES CONFESSORES.

SERMO XV. SOBRE A VINHA DO SENHOR.

SERMO XVI. SOBRE A AGRICULTURA ESPIRITUAL,
POR OCASIÃO DA FESTA DOS MÁRTIRES.

SERMO XXIII. AOS SACERDOTES REUNIDOS EM
SÍNODO.

SERMO XXXIV. SOBRE A NATIVIDADE, OU A
ASSUNÇÃO DA BEM AVENTURADA VIRGEM MARIA.

SERMO XXXVIII. SOBRE A CIDADE DE BABILÔNIA, E A
FUGA QUE SE DEVE EMPREENDER DO CONVÍVIO
MUNDANO COM SEUS SETE DELITOS.

SERMO XXXIX. SOBRE A CIDADE SANTA DE
JERUSALÉM, SEGUNDO O SENTIDO MORAL.

SERMO XL. SOBRE OS GUARDAS DA CIDADE SANTA
DE JERUSALÉM.

SERMO LVI. SOBRE A ALMA OBEDIENTE, SEGUNDO A
HISTÓRIA DO LIVRO DE RUTE.

SERMO LVII. SOBRE OS PRELADOS E OS DOUTORES
DA IGREJA, SEGUNDO O MESMO LIVRO DE RUTE.

SERMO LX. SOBRE TODOS OS SANTOS.

SERMO LXI. SOBRE A OBRA DOS SEIS DIAS.

SERMO LXIII. SOBRE A JORNADA DE GEDEÃO
CONTRA OS MADIANITAS, POR OCASIÃO DO NATAL
DO SENHOR.

SERMO LXVI. SOBRE O LOUVOR DE DEUS, POR
OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.

SERMO LXIX. SOBRE O LOUVOR DE DEUS POR
TODAS AS CRIATURAS, POR OCASIÃO DA ASCENSÃO
DO SENHOR.

SERMO LXX. SOBRE O DIA DE PENTECOSTES.

SERMO LXXV. SOBRE BALAÃO E OS FILHOS DE
ISRAEL, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER
SANTO.

SERMO LXXVI. SOBRE AS PALAVRAS DA PRIMEIRA
BÊNÇÃO DE BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE
QUALQUER SANTO.

SERMO LXXVII. SOBRE AS PALAVRAS DA SEGUNDA
BÊNÇÃO DO MESMO BALAÃO, POR OCASIÃO DA
FESTA DE QUALQUER SANTO.

SERMO LXXVIII. SOBRE A TERCEIRA BÊNÇÃO DE
BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER
SANTO.

SERMO LXXIX. SOBRE A MESMA TERCEIRA BÊNÇÃO
DE BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER
SANTO.

SERMO LXXX. SOBRE O FINAL DA HISTÓRIA E DAS
BÊNÇÕES DE BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE
QUALQUER SANTO.

SERMO LXXXI. SOBRE O CANDELABRO DE QUE TRATA O VIGÉSIMO QUINTO CAPÍTULO DE ÊXODO, POR OCASIÃO DA FESTA DE S. GREGÓRIO MAGNO.

SERMO LXXXII. SOBRE O SIGNIFICADO MORAL DO SALMO 149, POR OCASIÃO DA FESTA DE TODOS OS SANTOS.

SERMO LXXXIII. SOBRE O SIGNIFICADO ANAGÓGICO DO SALMO 149, POR OCASIÃO DA FESTA DE TODOS OS SANTOS.

SERMO LXXXIV. SOBRE A PERFEIÇÃO E AS ALEGRIAS DA IGREJA MILITANTE E TRIUNFANTE, POR OCASIÃO DA FESTA DE SANTO AGOSTINHO.

SERMO LXXXVIII. SOBRE O MANDAMENTO DO AMOR.

SERMO XCIV. NO SANTO DIA DA PÁSCOA.

SERMO XCV. SOBRE A MESA DA PROPOSIÇÃO DESCRITA EM ÊXODO, EM LOUVOR DAS SAGRADAS ESCRITURAS.

SERMO XCVI. POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO, SEGUNDO AS PALAVRAS DO SALMO QUADRAGÉSIMO QUARTO.

SERMO XCVII. POR OCASIÃO DA FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA, SEGUNDO AS PALAVRAS DO SALMO SEXAGÉSIMO SÉTIMO.

SERMO XCIX. POR OCASIÃO DA FESTA DE SANTO AGOSTINHO, SEGUNDO AS PALAVRAS DO SALMO QUADRAGÉSIMO QUARTO.

SERMO C. POR OCASIÃO DA FESTA DA SANTA CRUZ.





Hugo de São Vitor

SERMONES CENTUM

PRÓLOGO

Irmãos caríssimos, a Escritura nos testemunha que a palavra de Deus é

***"lâmpada
para os
nossos
passos e
luz para
os nossos
caminhos".***

**Salmo
118,
105**

Devemos, pois, entregar-nos todos ao estudo das Sagradas Escrituras por todos os meios que nos forem possíveis, pela leitura, pela meditação, pela escuta, pelo ensino e pela escrita, e isto principalmente nós, que somos companheiros de claustro, que renunciamos ao tumulto dos negócios e para cá viemos para atender apenas à tranqüilidade da contemplação. De sua virtude a bem aventurada Maria, irmã de Marta, nos oferece um exemplo muitíssimo evidente, pois dela, sentada aos pés do Senhor com os ouvidos atentos, bem diversamente de sua irmã muito ocupada com uma diversidade de afazeres, lemos que, em sua sede pelas palavras que lhe dizia, o próprio Senhor foi testemunha de haver escolhido a melhor parte, exemplo louvável e admirável de virtude que muitos desprezam. Entre estes encontramos alguns que em outro tempo foram capazes de compreender a alegria que emana das Escrituras por um

entendimento que lhes havia sido dado do Céu; no entanto, agora ouvimos terem caído em uma tal enormidade de vícios e imundície de costumes que as suas almas desgostaram-se da Palavra de Deus a ponto de abominar este alimento espiritual, aproximando-se assim das portas da morte. Estes devem ser considerados hoje mais como estando entre os Egípcios do que entre os Israelitas, e mais entre os cidadãos de Babilônia do que entre os de Jerusalém. Vemos, porém, a outros que, pelo empenho de seu estudo, com o auxílio da graça de Cristo, abandonaram uma vida de depravação e alcançaram tanta bondade na virtude e tão grande honestidade nos costumes que em sua luz podemos conhecer mais claramente ter sido realizado o que estava escrito no Salmo:

***"Enviou
o
Senhor
a sua
Palavra,
e os
curou,
e os
livrou
de sua
ruína".***

**Salmo
106,
20**

Que todos nós, portanto, sejamos exortados ao estudo da Palavra de Deus. Sejam exortados também, aqueles que a conhecem mais profundamente, ao seu ensino. Aqueles que a conhecem menos sejam exortados à sua escuta, mas que em todos nós se verifique o que havia sido profetizado por Isaías, quando disse:

**"Será
varejada
a oliveira,
e ficarão
umas
poucas
azeitonas,
e alguns
rabiscos.
Estes,
porém,
levantarão
a sua
voz, e
cantarão
louvores.
Por isto,
glorificai
ao
Senhor
em sua
doutrina".**

**Is .
24 ,
13 -
15**

Em outra ocasião já tive a oportunidade de reunir para vós alguns dos ensinamentos que florescem no verdejante campo das divinas escrituras. Nos sermões que se seguem desejo agora propor-vos algo através do que possais exercitar o vosso entendimento. Deveis, porém, saber que não devemos entregar-nos em todo o nosso tempo apenas ao estudo, pois, segundo Salomão,

***"Todas
as coisas
tem o seu
tempo, e
todas
elas
passam
debaixo
do céu
segundo
o termo
que a
cada uma
foi
prescrito".***

**Ecles.
3,1**

Há, portanto, um tempo para estudar, e há um tempo para meditar. Há um tempo para investigar a verdade para que se enriqueça o entendimento, há um tempo para exercitar a virtude para sanar os nossos afetos, e há também um tempo para praticar a boa obra para que se auxilie o próximo. Há um tempo para orar e um tempo para cantar, há um tempo para assistir ao ofício divino e um tempo para dedicarmos a qualquer outra coisa necessária. De todas estas coisas, como uma abelha que retira o seu mel de flores diversas, devemos colher para nós a doçura de uma suavidade interior, para que possamos consumir, através de uma vida santa, o favo de uma melíflua justiça.





SERMO I. SOBRE O SENTIDO ALEGÓRICO DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA.

**"O Altíssimo
santificou o
seu
tabernáculo".**

Salmo
45, 5

Irmãos caríssimos, o tabernáculo do Senhor, isto é, a santa Igreja, possui suas pedras, seu cimento, seus fundamentos, suas paredes, seu teto, seu comprimento, largura e altura, seu santuário, seu coro, sua nave, seu átrio, seu altar, sua torre, seus sinos que soam, suas janelas de vidro, sua pintura interior e exterior, suas doze velas, seu pontífice que a dedica. Todas estas coisas que mencionamos são plenas de sacramentos, e são para nós documentos de realidades espirituais. Cada uma de suas pedras são cada um daqueles que crêem em Cristo, quadradas e firmes, quadradas pela estabilidade da fé, firmes pela virtude da paciência. O cimento é a caridade, que acomoda entre si cada um dos indivíduos, os une e vivifica e, para que não destoem entre si por alguma discórdia, nivela-os em um mesmo plano. Os fundamentos são os profetas e os apóstolos, conforme está escrito:

***"Edificados
sobre o
fundamentos
dos
apóstolos e
dos
profetas,
sendo o
mesmo
Jesus
Cristo a
principal
pedra
angular".***

**Ef .
2 ,
20**

As paredes são os contemplativos, edificados sobre o fundamento de Cristo, que se afastam do que é terreno e aderem ao que é celeste. O teto neste edifício espiritual não se destaca por estar no alto, mas por pender para baixo, por diferir no material de que é feito o restante do edifício, e por possuir uma disposição distante e dessemelhante do mesmo: são os ativos, próximos das ações terrenas, menos preocupados com as coisas celestes por causa de suas imperfeições, que administram as coisas terrenas conforme as necessidades do próximo. O comprimento da santa Igreja é considerado segundo a longa duração do tempo; a largura, segundo a multidão do povo; a altura, segundo a diferença dos méritos. De fato, a Igreja se estende em comprimento segundo três tempos, o tempo da lei natural, o tempo da lei escrita e o tempo da graça, que abarca desde o primeiro até o último justo. Estende-se também em largura, na medida em que se dilata pela numerosidade de muitos povos. Ergue-se em altura, na medida em que se eleva pela diferença entre os menores e os maiores. Podemos também dizer que o comprimento da santa Igreja vai do oriente até o ocidente, e sua largura do setentrião até o meridião. De seu comprimento foi dito:

**"Virão
muitos
do
oriente
e do
ocidente
que se
sentarão
com
Abraão,
Isaac e
Jacó no
reino
dos
céus".**

**Mat .
8 ,
11**

De sua largura foi dito:

**"Eu direi ao
aquilão: dá-
mos cá; e ao
meio dia:
não os
retenha;
traze os
meus filhos
de países
remotos, e
minhas
filhas das
extremidades
da terra".**

Is.
43,
6

E de ambos foi dito:

***"Levanta-
te e
recebe a
luz,
Jerusalém,
levanta
em roda
os olhos,
e vê: teus
filhos
virão de
longe, e
tuas filhas
surgirão
de todos
os lados".***

Is.
60,
1-
4

A altura também pode ser considerada segundo os graus de dignidade. A Igreja de fato se ergue para o alto na medida em que sobre os leigos está colocada a ordem sacerdotal, e sobre a sacerdotal a episcopal, e sobre esta a arquiépiscopal, e sobre todas finalmente está colocado o Papa, bispo dos romanos. O sacrário significa a ordem das virgens; o coro, a ordem dos continentes; a nave, a ordem dos casados. O santuário, de fato, é mais estreito do que o coro, e o coro é mais estreito do que a nave, assim como menor é o número das virgens do que o dos continentes, e o dos continentes menor do que o dos casados.

O lugar do santuário também é mais sagrado do que o coro, e o do coro mais do que o da nave, assim como o coro das virgens possui maior dignidade do que a ordem dos continentes e a ordem dos continentes possui maior dignidade do que a dos casados. O átrio são os falsos cristãos, que foram santificados pelo fato de terem sido batizados, mas são plenos da podridão dos cadáveres por estarem plenos da corrupção dos vícios.

Deste átrio foi escrito:

***"Mas o
átrio,
que está
fora do
templo,
deixa-o
de parte
e não o
meças,
porque
ele foi
dado
aos
gentios";***

**Apoc .
11 ,
2**

pois os falsos cristãos serão condenados juntamente com os gentios, e serão entregues aos demônios para serem punidos.

O altar é Cristo, sobre o qual oferecemos não apenas o sacrifício das boas obras, mas também das orações, quando dizemos, na celebração da missa:

**"... por
nosso
Senhor
Jesus
Cristo,
vosso
Filho,
na
unidade
do
Espírito
Santo".**

A torre da Igreja é o nome do Senhor, sobre o qual está escrito:

**"O nome
do
Senhor é
uma torre
fortíssima,
a ele se
acolhe o
justo e
encontra
um
refúgio
elevado".**

**Prov.
18,
10**

Os sinos são os pregadores, que anunciam a palavra de Deus. As janelas de vidro são os homens espirituais, pelos quais resplandece sobre nós o conhecimento divino. A pintura interior significa a pureza do coração; a exterior, a pureza do corpo. As doze velas são os doze apóstolos, que pregaram pelas quatro partes do mundo o estandarte da cruz e a fé na paixão de Cristo.

A estes segue-se o pontífice, que significa o próprio Cristo, que circundou a sua Igreja, primeiro no tempo da lei natural ensinando-a através dos patriarcas, depois no tempo da lei escrita ensinando-a pelos profetas e finalmente, no tempo da graça, por si próprio, circundando-a e nela entrando, externamente ensinando-a pela doutrina, internamente santificando-a pela graça. No primeiro circuito ele disse:

***"Não
comereis
carne
com
sangue".***

**Gen .
9 ,
4**

No segundo disse:

***"Não
matarás".***

**Ex .
20 ,
13**

No terceiro disse:

"Ouvistes o
que foi
dito aos
antigos:
`Não
matarás'.
Eu, porém,
vos digo
que todo
aquele que
se irar
contra seu
irmão será
réu de
julgamento".

Mat.
5,
21-
2

Muitos julgam estarem contidos no interior deste edifício pela santidade, estando na realidade longe e afastados dele pela maldade. Fora dele estão os impuros, os fornicadores, os concubinários, os adúlteros, os incestuosos, os ébrios, os usurários, os avarentos, os ladrões, os desonestos, os possuídos pelo ódio, os homicidas, os mentirosos, os perjuros, e todos aqueles que

***"chamam
ao seu
irmão de
louco",***

Mt.
5,
22

e que

***"olham
para uma
mulher
cobiçando-
a".***

Mt .

5 ,

28

**Estes não são nem pedras, pois não participam da caridade.
Procuremos, pois, irmãos, viver uma tal vida que possamos ser
pedras de Deus. Que a isto se digne de nos ajudar aquele que
vive e reina por todos os séculos dos séculos.**

Amén.





SERMO II. SOBRE O SENTIDO MORAL DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA.

**"O Altíssimo
santificou o
seu
tabernáculo".**

Salmo
45,
5

O tabernáculo do Senhor, no sentido moral, é a alma. A alma, que é dita tabernáculo do Altíssimo, possui as suas pedras, o seu cimento, e todas as demais coisas que pertencem à construção da Igreja, conforme o descrevemos no sermão precedente. As pedras deste tabernáculo são cada uma das virtudes, bem polidas pelo seu exercício, e estáveis pela sua imobilidade contra os vícios. O cimento é a caridade, pelo qual todas as demais virtudes se abraçam, se unem, se equiparam e em que estão contidas. O fundamento é Cristo, conforme diz o Apóstolo:

**"Ninguém
pode por
outro
fundamento
senão o
que foi
posto, que
é Jesus
Cristo".**

I
Cor
3,
11

Possui paredes pela contemplação dos bens celestes, pelas quais inere mais proximamente a Cristo, seu fundamento, afastada dos afetos terrenos. Possui também um teto pelas boas obras, pelas quais, visando o que é eterno, administra aos necessitados o que é temporal. Possui comprimento pela fé, pela qual crê ser verdade tudo quanto Deus fêz ou fará por si mesmo, pelos anjos ou pelos homens desde o início até o fim dos tempos. Possui atura pela esperança, pela qual se ergue do que é terreno ao que é celeste, do que é passageiro ao que é eterno, do que é visível ao que é invisível, do que é corporal ao que é espiritual. Possui largura pela caridade, pela qual se dilata à direita e à esquerda, à direita para amar aos amigos em Deus, à esquerda para amar aos inimigos por causa de Deus.

Possui sacrário, pelo qual foi feita à imagem de Deus. Assim como no edifício da Igreja nada possui maior dignidade do que o sacrário, assim também na alma nada é mais santo, mais nobre ou mais excelente do que a divina imagem. Possui o seu coro, por ter sido feita à semelhança de Deus. Assim como na Igreja, em que depois do sacrário a primeira coisa que se encontra é o coro, assim também na alma, depois da divina imagem entendemos nada haver de mais sublime do que a divina semelhança. Possui a sua nave pela vida dos sentidos. Assim como na nave da Igreja ficam os casados, assim também encontramos na vida sensitiva os cinco sentidos do nosso corpo, que podem ser chamados de casados porque se estendem às coisas terrenas pelo exercício do conhecimento e às delícias dos prazeres pela experiência natural. Possui o seu átrio pela carne, na qual os impulsos de que se originam os vícios são como os cadáveres da morte. Possui um altar em seu coração, do qual está escrito:

**"Não
desprezarás,
ó Deus, um
coração
contrito e
humilhado".**

Salmo
50,
19

Possui janelas vítreas em seus sentidos espirituais, pelos quais é iluminada pelos raios do verdadeiro Sol e se liberta da cegueira de sua ignorância. Possui uma torre no nome do Senhor, da qual está escrito:

**"O nome
do
Senhor é
uma torre
fortíssima,
a ele se
acolhe o
justo, e
encontra
um
refúgio
elevado".**

Prov.
18,
10

Possui sinos pela pregação, pela qual chama ao culto divino os que estão distantes. Possui uma pintura interior pela pureza do coração, e outra exterior pela pureza do corpo. Possui doze velas, pelas quais é iluminada segundo a doutrina dos doze

apóstolos, pela qual é enriquecida no conhecimento da fé pelas boas obras.

Seu pontífice é a Santíssima Trindade. O Pai circunda- a pela potência, o Filho pela sabedoria, o Espírito Santo pela benignidade. O Pai pela potência infundiu-lhe o temor, o Filho pela sabedoria conferiu-lhe o conhecimento, o Espírito Santo pela benignidade conferiu-lhe a consolação. O Pai lhe diz:

***"Eu fiz o
céu e a
terra, o mar
e todas as
coisas que
há neles.
Não poupei
aos anjos
pecadores.
Expulsei
Adão do
paraíso. Fiz
perecer a
primeira
humanidade
pelo
dilúvio.
Destruí
Sodoma e
Gomorra.
Submergi o
Faraó com
o seu
exército.
Puni o
povo de
Israel ao
ter pecado.
Abre-me a
tua porta,
pois, para
que assim
também
não***

***aconteça
contigo".***

O Filho Ihe diz:

***"Eu sou a
sabedoria de
Deus, saída da
boca do
Altíssimo.
Atinjo
fortissimamente
desde uma
extremidade a
outra (Sab.
8,1). Sou a
palavra de
Deus viva,
eficaz e mais
penetrante do
que qualquer
espada de dois
gumes. Abre-
me, pois, a tua
porta, para que
não suceda
que não te
poupe".***

O Espírito Santo Ihe diz:

**"Eu
procedo
do Pai e
do Filho,
sou o
amor de
ambos.
Levanto
os que
caem,
consolo
os
feridos.
Abre-me,
pois, a
tua porta;
se
queres,
farei a tua
felicidade
pela
alegria
espiritual".**

Porém estes três são um só Deus, assim como são um único pontífice. Deste modo a Santíssima Trindade santifica esta Igreja internamente e externamente; internamente purificando-a das manchas do espírito, externamente purificando-a das manchas da carne.

Esforçai-vos, portanto, irmãos caríssimos, cada um de vós esforçai-vos, dizia eu, para que, segundo as coisas que acabamos de mencionar, se construa um tabernáculo de Deus, para que nele Deus se digne habitar. Grande, de fato, é a honra, grande a segurança, grande é a glória de se possuir a Deus habitando em nós. Seja para nós a maior de todas as obras fazer com que sejamos tais interna e externamente, internamente pela fé, externamente pela boa obra, para que o Deus da majestade se digne vir a nós e em nós fazer a sua casa. Mas porque não poderemos ser assim sem a sua graça, é necessário que a imploremos incessantemente pela oração. O Senhor nos dará a

graça, e não apenas a graça, como também a glória: a graça nesta vida, a glória na pátria celeste; a graça no mundo, a glória no céu; a graça no presente, a glória no futuro; a graça no caminho, a glória na chegada; a graça no tempo, a glória na eternidade; a graça na justificação, a glória na bem aventurança; a graça no mérito, a glória no prêmio do mérito, no qual Ele vive e reina por todos os séculos dos séculos.

Amén.





SERMO III. SOBRE O SENTIDO ANAGÓGICO DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA.

**"Louva, ó
Jerusalém,
ao
Senhor;
Louva, ó
Sião, ao
teu
Deus".**

**Salmo
147,
1**

Jerusalém, a cidade santa e a cidade do Santo, é a santa Igreja, que se edifica assim como se edifica uma cidade, e, já edificada, adorna-se com diversos ornamentos. Esta cidade santa, isto é, a Igreja, possui as suas paredes, o seu muro, as suas torres, os seus edifícios, as suas portas. Possui as suas pedras, que são os fiéis, os quais estão unidos entre si pela caridade assim como pelo cimento uma pedra está unida à outra. Possui o seu muro pela fortificação das virtudes, pelas quais permanece firme contra os vícios, para que estes não a assaltem e a despojem de seus bens espirituais. Possui suas torres naqueles que são sublimes pela contemplação, pois qualquer homem perfeito se ergue como uma torre na santa Igreja quando, abandonando as coisas da terra, se eleva pela contemplação às celestes. Possui edifícios menores, maiores e máximos; possui edifícios menores pela vida dos casados, edifícios maiores pela vida dos continentes, edifícios máximos pela vida das virgens. A vida dos casados, de fato, pelas obras terrenas e pelo prazer da geração gira em torno das coisas inferiores; a vida dos continentes, pelo exercício das virtudes e pelo oferecimento das boas obras se dirige para algo mais alto e a vida dos que guardam a virgindade, pela pureza do coração e pela integridade da carne se ergue até o que é celeste. Possui edifícios de pedra

e edifícios de marfim. Possui edifícios de pedra naqueles que são resplandecentes pela castidade; a pedra, de fato, pela sua firmeza significa a fé, e o marfim, pela sua natureza fria, significa a castidade. Possui portas diversas, pelas quais entram homens de diversas nações e costumes; outrora distantes entre si, tornam-se agora seus cidadãos e membros de uma só família.

Possui também as suas portas, a porta do rebanho, a porta dos peixes, a porta antiga, a porta do vale, a porta do esterco, a porta da fonte, a porta das águas, a porta dos cavalos, a porta judicial, cuja significação mística, tanto quanto Deus o conceder, vo-la darei a conhecer rapidamente.

A porta do rebanho era aquela onde estava a piscina probática, isto é, a piscina das ovelhas, pois ali se lavavam as carnes das ovelhas que eram oferecidas em sacrifício. A porta do rebanho, pois, pelo fato da ovelha ser um animal inocente, significa a inocência. Por esta porta entram os culpados e se tornam inocentes: réus de culpa, tornam-se inocentes pela justiça. Estavam fora pela culpa, agora estão dentro pela justiça: fora como lobos, pela rapacidade; dentro como ovelhas, pela simplicidade. Excelente esta porta, em que tais coisas obrou a destra do Altíssimo.

Chamava-se porta dos peixes aquela porta pela qual eram trazidos os peixes provenientes do mar. Esta porta significa o arrependimento, que possui uma de suas colunas na compunção do coração e outra na confissão da boca. Por esta porta são trazidos os homens agiotados pelas inquietudes do mundo presente, amargosos pelo sal, corrompidos pelo fedor, ensoberbecidos pela elevação das ondas, ásperos pelas escamas do homem velho, conspurcados pela lama dos prazeres carnis, alheios à luz do verdadeiro Sol. Caídos na rede do bem aventurado Pedro, ou daqueles que fazem as suas vezes, removidos das flutuações do mundo, são conduzidos para Jerusalém, isto é, à Igreja, onde se lhes retiram as escamas dos pecados. Há, todavia, alguns que, à semelhança das enguias, agarram-se à pele do homem velho e aderem ao lodaçal dos vícios, freqüentemente ou sempre fugindo da rede do Senhor, nunca vindo para cima para a luz da verdade, onde morreriam para si, mas ganhariam vida nova e viveriam para Deus.

A porta antiga é a caridade, conforme está escrito:

***"Caríssimos,
não vos
escrevi um
mandamento
novo, mas
um
mandamento
velho, que
vós
recebestes
desde o
princípio".***

**I
Jo
2,
7**

Entram por esta porta aqueles que passam do amor do mundo para o amor de Deus. Por esta porta entrou Maria Madalena a qual, depois de tantos e tão grandes escândalos carnis, de vaso de ignomínia transformou-se em vaso de glória.

A porta do vale, que estava diante do Vale de Josafá, significa a humildade. Por esta porta entram aqueles que da soberba do demônio se voltam para a humildade de Cristo. Fora se consideravam sublimes, dentro se tornam humildes. Fora, pelo seu orgulho, se assemelhavam ao cedro; dentro, pela humildade, se assemelham ao hissopo. Afastados de Deus pelo orgulho, convertidos a Ele pela humildade, esta porta produz uma profunda conversão.

A porta do esterco, que estava na parte inferior da cidade, pela qual eliminavam-se os detritos, significa a excomunhão. Por esta porta não entram, antes são expulsos, aqueles que pelas suas culpas se tornaram a si mesmos próprios como o esterco. Não convém, de fato, que habitem juntos o cabrito e o cordeiro,

o pecador e o justo, o puro com o imundo, o adúltero com Cristo, para que não aconteça que o justo, incentivado pelo exemplo do pecador, estenda as suas mãos à iniquidade.

A porta da fonte era assim chamada porque estava diante da fonte de Siloé. Siloé significa Enviado, e significa Cristo, a quem o Pai enviou para a salvação do gênero humano. Esta fonte é o próprio Verbo de Deus, em cuja corrente bebem os sedentos, saciam-se os famintos, são chamados de volta os antes desprezados, recobram a saúde os doentes, reconciliam-se os inimigos, libertam-se os cativos, justificam-se os ímpios, alcançam a bem aventurança os pobres. A porta de Siloé é, portanto, a fé em Cristo. Fora dela estão aqueles que não alcançaram a fé; dentro dela estão os fiéis, membros de Cristo, unidos a Cristo pela fé, enquanto vivem na esperança de serem bem aventurados com Ele na glória.

A porta das águas significa a compunção. Aqueles que por ela entram nela são lavados. Sórdidos quando estavam fora, aqui tornam-se limpos; de negros que eram, tornam-se alvos. Antes cabritos, agora cordeiros.

A porta dos cavalos significa a vitória sobre os vícios. Os que ingressam por ela vencem, pelo freio da temperança, o ímpeto da ira, a cobiça da avareza, a voracidade da gula, o fluxo da luxúria.

A porta judicial significa o discernimento. Aqueles que passam por ela distinguem entre o sagrado e o profano, entre o puro e o imundo, entre o verdadeiro e o falso, entre o bem e o mal, entre a justiça e a culpa, entre a verdade e a mentira, entre o honesto e o desonesto.

Bem aventurado o que entra por estas portas. Esforcemo-nos, irmãos caríssimos, esforcemo-nos para sermos cidadãos de tão gloriosa cidade, e nela imolar a Deus nosso Senhor um sacrifício de louvor, oferecendo-lhe o novilho de nossos lábios, a Ele, que vive e reina pelos séculos.

Amén.





SERMO IV. SOBRE A NATIVIDADE DA VIRGEM MARIA.

**"Ave,
Estrela
do
Mar".**

Irmãos caríssimos, o mundo presente é um mar. À semelhança do mar, ele fede, incha, é falso e instável. Fede pela luxúria, incha pelo orgulho, é instável pela curiosidade. Faz-se necessário, pois, irmãos caríssimos, possuir um navio e as coisas que pertencem ao navio se quisermos atravessar sem perigo um mar tão perigoso. Importa que tenhamos um navio, um mastro, uma vela e duas traves entre as quais se estende a vela, uma trave superior e uma trave inferior, assim como um sinalizador ao alto pelo qual possamos avaliar a direção do vento. Devemos possuir cordas, remos, leme, âncora e a comida que nos for necessária. Tenhamos também uma rede, com a qual possamos pescar algum peixe. Vejamos, porém, o que todas estas coisas significam.

O navio significa a fé, que em Abraão teve início como em sua primeira tábuca. Com Isaac e Jacó o navio aumentou consideravelmente. Depois deles o navio passou a crescer com a propagação das dez tribos. Quanto maior o número dos que criam, tanto mais se dilatava o navio da fé. Mais ainda se dilatou em seguida, após a passagem do Mar Vermelho, recebendo os filhos de Israel a Lei de Deus e multiplicando-se na terra prometida. Vindo depois Cristo e padecendo pelo gênero humano, ouviu-se em toda a terra o som da pregação apostólica, e este navio muito se dilatou com a multidão dos povos que nele entravam. No tempo do Anti Cristo, esfriando-se a caridade de muitos, excluir-se-ão os falsos fiéis e o navio será acabado na sua parte superior e mais estreita. E assim como em Adão foi colocada na proa a primeira tábuca da fé, assim o último justo será na popa a sua última tábuca.

Certamente todos aqueles que, desde o início, atravessaram proveitosamente o mar do tempo presente, todos aqueles que escaparam de seus perigos, todos os que alcançaram o porto da

salvação, todos eles navegaram no navio da fé, e foi por ele que realizaram a travessia.

Pela fé Abel ofereceu a Deus uma hóstia mais agradável do que Caim, pela qual obteve o testemunho de sua justiça e pela qual, já falecido, ainda falava. Pela fé Henoc agradou a Deus, e foi transladado. Pela fé Noé construiu uma arca para a salvação de sua casa. Pela fé, ao ser chamado, Abraão obedeceu dirigir-se ao lugar que lhe haveria de ser dado. Pela fé Sara, a estéril, recebeu a capacidade de conceber. Pela fé Isaac abençoou cada um de seus filhos. Pela fé José, ao morrer, lembrou-se do retorno dos filhos de Israel à terra prometido, e lhes ordenou para lá transportarem os seus ossos. Pela fé Moisés foi escondido ao nascer. Pela fé negou ser filho da filha do Faraó. Pela fé celebrou a Páscoa. Pela fé os filhos de Israel atravessaram o Mar Vermelho. Pela fé se derrubaram os muros de Jericó. E que mais ainda direi? O dia não será suficiente para falar dos santos da antiguidade que pela fé venceram reinos, operaram a justiça, alcançaram as promessas. Destes alguns fecharam as bocas dos leões, como Daniel. Outros extinguíram o ímpeto do fogo, como os três jovens; outros convalesceram de sua enfermidade, como Jó e Ezequias; tornaram-se fortes na guerra, como Josué e Judas Macabeu; por meio de Elias e Eliseu algumas mulheres receberam de volta seus falecidos que ressuscitaram. Outros foram cortados, não aceitando serem livrados da morte temporal em troca da transgressão da Lei, como os sete irmãos cujo martírio lemos no Segundo Livro dos Macabeus. Outros foram apedrejados como Jeremias no Egito e Ezequiel na Babilônia; foram cortados, como Isaías; mortos pela espada, como Urias e Josias, ou andaram errantes, como Elias e outros eremitas (Heb. 11, 4-38). E todos estes, e muitos outros, atravessaram pela fé os perigos do mundo presente, e foram encontrados provados pelo testemunho da fé.

As tábuas deste navio são as sentenças das Sagradas Escrituras, e para sua fabricação algumas destas tábuas nos são trazidas pelo Velho Testamento e outras pelo Novo. Os pregos, pelos quais se unem estas tábuas, isto é, pelos quais se unem estas sentenças, são os escritos dos santos, pelos quais são colocadas em concordância as coisas contidas em ambos os testamentos. Estas tábuas são cortadas pelo estudo e aplainadas pela meditação.

O mastro, que se dirige para o alto, significa a esperança, pela qual nos erguemos à busca e ao conhecimento das coisas celestes, conforme está escrito:

***"Buscai
as coisas
do alto,
não vos
interesseis
pelas
terrenas,
pensai
nas
coisas do
alto, onde
Cristo
está
sentado à
direita de
Deus
Pai".***

**Col .
3,
1-3**

A vela é a caridade, que se estende para a frente, para a direita e para a esquerda. Estende-se para a frente pelo desejo das coisas futuras; para a direita pelo amor dos amigos, para a esquerda pelo amor dos inimigos. As duas traves superior e inferior significam a razão e a sensualidade; a superior é a razão, e a inferior é a sensualidade. A caridade deve firmar-se superiormente pela razão, na qual deve permanecer imovelmente presa; inferiormente, porém, deve ficar presa mas movendo-se, pois por ela deve exercitar-se na boa obra. É assim que é feito no navio material, porque a trave superior não se move, mas sim a trave inferior.

O sinalizador superior do vento significa o discernimento dos espíritos. Para isto o sinalizador, ou o que quer que o substitua,

é colocado sobre o mastro, para que através dele se distinga o vento ou a direção de onde ele sopra. Deste sinalizador, isto é, do discernimento dos espíritos, foi escrito:

***"Examinai
os
espíritos,
para ver
se são de
Deus".***

I
Jo.
4,
1

E também:

***"A outro é
dado o
discernimento
dos
espíritos".***

I
Cor.
12,
10

As cordas são as virtudes, a humildade, a paciência, a compaixão, a modéstia, a castidade, a continência, a constância, a mansidão, a bondade, a prudência, a fortaleza, a justiça, a temperança. Estas cordas, isto é, as virtudes, devem pelo seu exercício ser sempre estendidas para que por elas possa firmar-se o mastro da nossa esperança. De fato, não há mastro da esperança que possa manter-se firme se estiver ausente o

exercício das virtudes.

Seguem-se os remos, que saem do navio e mergulham nas águas, os quais significam as boas obras, que procedem da fé e se estendem às águas, isto é, aos próximos. As águas são os povos, que tem suas origens pelo nascimento, fluem pela mortalidade, e refluem pela morte. Devemos, porém, ter estes remos não apenas à direita, para que não façamos o bem apenas àqueles que nos fazem o bem, mas também à esquerda, para que façamos o bem àqueles que nos fazem o mal, conforme está escrito:

***"Fazei
bem
aos que
vos
odeiam".***

**Mt .
5 ,
44**

E também:

***"Se o
teu
inimigo
tem
fome,
dá-lhe
de
comer;
se tem
sede,
dá-lhe
de
beber".***

Rom.

12,

20

O leme, pelo qual se dirige o navio, significa o discernimento pelo qual somos conduzidos em frente, de modo que não nos dissipemos à direita pela prosperidade, nem sucumbamos à esquerda pela adversidade. A nossa âncora é a humildade, que é lançada para baixo e pela qual nosso navio se estabiliza, para que não ocorra que, soprando o vento das sugestões diabólicas e agitando-se o mar de nossos pensamentos nosso navio se rompa e afunde nas profundezas. O navio de nossa fé deve, portanto, tornar-se firme e estável pela humildade, para que no tempo da tentação embora não possa se entregar a um livre curso, possa permanecer firme em seu lugar.

Devemos ter nosso alimento pelo estudo das Escrituras. Os maus não apetecem este manjar, conforme está escrito:

***"Sua
alma
aborrecia
todo
alimento,
e
chegaram
às portas
da
morte".***

Salmo

106,

18

Ele é dado aos bons, conforme está escrito:

***"Enviou
a sua
palavra
para
curá-
los,
para
livrá-
los da
ruína".***

**Salmo
106,
20**

A rede significa a pregação. Devemos utilizá-la sem cessar, para poder com ela pescar os homens submersos nas ondas do mundo presente e, retirando-lhes as escamas dos pecados, prepará-los para Nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos também, conforme o costume dos marinheiros, cantar as canções do mar pela modulação do louvor divino, conforme nos diz o Salmista:

***"Bendirei
o
Senhor
em todo
o tempo,
o seu
louvor
estará
sempre
na
minha
boca".***

Salmo

33,

1

Depois de tudo isto, porém, ainda será necessário para nós a ação do vento, que significa a inspiração do Espírito Santo, para que por ela nos dirijamos ao porto da tranqüilidade, ao médico da salvação, à terra prometida, à casa da eternidade. O Senhor nos dará o vento pela inspiração de seu Espírito, conforme está escrito:

***"Toda
dádiva
excelente
e todo
dom
perfeito
vem do
alto e
desce
do Pai
das
luzes".***

Tiago

1,

17

As luzes são os dons; o Pai das luzes é o autor, o doador e o distribuidor destes dons. O dom perfeito significa os dons da graça. Ele, que nos deu os demais bens, seja os que nos vem pela natureza, seja os que nos são dados pela graça, nos dará também o vento favorável, isto é, o Espírito Santo.

Para que, porém, irmãos caríssimos, possamos atravessar este mar com proveito, saudemos freqüentissimamente a Estrela do Mar, isto é, a bem aventurada Maria, e invoquemo-la saudando-a dizendo:

**"Ave,
Estrela
do
Mar".**

Segundo o costume dos marinheiros, ergamos sempre nossas preces à bem aventurada Maria, assim como ao seu Filho. Seja ela para nós uma mãe espiritual, por meio de Jesus, fruto de seu ventre, o qual, nascido dela e por nós entregue, é Deus, e reina feliz, pela vastidão dos séculos que hão de vir.

Amén.



**SERMO V. SOBRE O ADVENTO DO SENHOR.**

***"Prepara-
te,
Israel,
para o
encontro
do
Senhor".***

Irmãos caríssimos, assim como todo lugar, enquanto lugar, é sagrado, assim também é sagrado todo o tempo, enquanto tempo. Todavia, às vezes dizemos, em relação a outro lugar, que este ou aquele lugar é bom ou mau e, em relação a outro tempo, que este ou aquele tempo é bom ou mau, embora não o digamos propriamente por causa do lugar e do tempo, mas por causa das circunstâncias que se acrescentam ao lugar e ao tempo. Um determinado lugar pode ser dito menos sagrado por causa da culpa nele cometido, enquanto que outro pode ser dito mais sagrado por causa da graça nele operante; assim também certos tempos podem ser ditos menos sagrados pelas iniquidades que neles foram cometidas, enquanto que outros podem ser ditos mais sagrados por causa do fervor da religião que neles se exercita. Todavia, todo tempo, na medida em que é tempo, é sagrado, e todo lugar, na medida em que é lugar, é sagrado.

Irmãos caríssimos, estamos agora no tempo do advento do Senhor, um tempo em que devemos preparar-nos por uma religião espiritual. Este é o tempo em que o Deus homem vem ao homem para redimir, libertar, justificar e beatificar o homem: redimí-lo da culpa, libertá-lo da pena, justificá-lo pela graça, beatificá-lo pela glória. Por isso, neste tempo tão sagrado, devemos exercitar-nos no bem com uma maior disposição, para que mereçamos ser visitados com maior abundância pela sua graça. Se um rei se dignasse vir até nós e em nós estabelecer a sua morada, certamente nos prepararíamos com diligência para recebê-lo, e não somente a nós, como também às nossas coisas.

Talvez haja entre nós, irmãos, quem ainda se dedique exteriormente a obras servis. Apliquemo-nos, portanto, a entrar na casa de nosso coração: abramos as suas janelas e examinemos, do que encontrarmos, o que convém e não convém. Retiremos as teias de aranha. Tomemos a vassoura para varrer o piso, deitemos fora o lodo e a palha. Limpa a casa, cubramo-la com junco ainda verde, com ervas aromáticas e flores perfumosas. Ornamentemos suas paredes com cortinas variadas, vistamo-nos com trajes festivos, preparemos um banquete solene e então, exultando com cânticos de alegria, dirijamo-nos ao encontro do Senhor. Se estivermos fora de nós mesmos pelas obras servis e mergulhados no pecado, retornemos ao nosso coração, assim como o profeta nos ensina, dizendo:

***"Voltai,
prevaricadores,
ao coração".***

**Is .
64**

Nesta casa as janelas são os sentidos espirituais, pelos quais se difunde em nós o conhecimento divino, iluminando os recantos de nossa mente. Estas janelas se abrem pela diligente investigação, através da qual distingüimos o que ali existe de bom e de mau. Conservemos o bom e desfaçamo-nos do mau.

As teias de aranha, em sua tenuidade e pendentes do alto, significam a elevação da mente humana. Há quem se eleve por causa da nobreza de sua linhagem, outros pela beleza, pela força, pelo acumulação das riquezas, pelo fastígio do poder, ou ainda por algum maior privilégio da graça celeste que lhe foi concedido. Quem quer que, porém, se ensoberbeça, é como se tecesse inúteis teias de aranha no alto. Deponhamos, caríssimos, estas teias, diminuindo nossa elevação, como nos ensina o Apóstolo, dizendo:

**"Não
queiras
saber o
que
está no
alto,
teme
apenas".**

Limpemos também o piso de nosso coração, retirando-lhe o lodo e a palha. O lodo suja, a palha voa. O lodo, por isso, significa a imundície; a palha, a vanglória. Fora com ambas pela compunção do coração e pela confissão da boca.

Finalmente, cubramos com junco o piso de nosso coração pela satisfação do arrependimento, para que, removendo toda a carnalidade, mais nada possa em nós ser visto de nossa vida anterior, conforme diz Davi:

**"Bem
aventurado
aquele
cuja
iniquidade
foi
perdoada,
e cujos
pecados
são
apagados".**

**Salmo
31,
1**

As ervas aromáticas e as flores perfumosas são obtidas pela boa opinião, para que possamos dizer, juntamente com o Apóstolo:

**"Em
todo
lugar
nós
somos
o
bom
odor
de
Cristo
diante
de
Deus".**

**II
Cor .
2 ,
14 -
15**

As cortinas variadas são as diversas virtudes, as quais devem ser estendidas pelo seu exercício. Temos cortinas verdes, cor de jacinto, cor de açafão, negras, vermelhas e brancas.

A cortina verde significa a fé, pois assim como nas coisas que nascem da terra o verde é o primeiro que se manifesta aos sentidos, assim a fé é a primeira de todas as virtudes. Refiro-me, porém, ao primeiro lugar na ordem, não na dignidade, pois pela dignidade é a caridade a virtude que precede todas as demais virtudes, e sem a qual todas as outras para nada aproveitam. A cortina cor de jacinto designa a esperança das coisas celestes, pois nela se manifesta a cor do céu e do ar mais puro, e a cortina cor de açafão figura a caridade, pois o açafão imita a cor da chama.

A cortina negra sugere a humildade, pois esta virtude representa constantemente diante de si a negritude de seus pecados. A cortina vermelha é a paciência, a qual algumas vezes torna-se vermelha pelo sangue da paixão, e a branca é a

pureza, a qual resplandece sempre sem mancha.

Os vestidos mais ornados, caríssimos, representam as boas obras. Assim como os homens se ornamentam externamente diante dos outros homens pelas belas vestimentas, assim também são as boas obras que anunciam e recomendam o homem santo e justo. Nada há de mais glorioso, mais precioso, mais louvável, mais útil para nós do que estas vestes. Revistamo-nos, pois, diligentemente com elas, se quisermos encontrar-nos com o Senhor em sua glória.

Devemos também preparar nosso alimento por uma mais freqüente e aplicada leitura e meditação das Sagradas Escrituras. Com este alimento a alma cresce, torna-se robusta, adquire forças para a boa obra e as conduz, sem desfalecimento, à perfeição. Pelo canto, porém, demonstraremos a alegria de nosso coração pela vinda do Senhor, conforme está escrito:

***"Bendizei,
nações,
o nosso
Deus, e
propagai
o seu
louvor".***

**Salmo
65,
8**

Eis, irmãos caríssimos, como nos devemos preparar para a vinda do Senhor, para que mereçamos ser visitados por Ele, Deus que vive e reina.



**SERMO VI. SOBRE A FESTA DE QUALQUER SANTO.**

A Sagrada Escritura, cantando o louvor do justo já no começo de um livro, diz sobre ele:

***"Será
como a
árvore
plantada
junto às
correntes
das
águas,
que dará
fruto ao
seu
tempo".***

**Salmo
1, 3**

Devemos, pois, perguntarmo-nos, irmãos caríssimos, o que são estas águas, o que são as suas correntes, o que é a raiz desta árvore, o que é o seu tronco, o que são os seus ramos, o que é a sua casca, o que é a sua medula, o que são as suas folhas, as suas flores e os seus frutos.

As águas de que nos fala o Salmista são os dons da graça, pelos quais Deus irriga o justo, para que cresça e produza fruto. Suas correntes são o seu sopro, pois, de fato, está escrito:

**"O
Espírito
sopra
onde
quer; e
tu
ouves
a sua
voz,
mas
não
sabes
de
onde
vem,
nem
para
onde
vai".**

**Jo.
3,
8**

Assim como as águas, o Espírito Santo, aproximando-se e afastando-se de nós, também flui e reflui. Flui para a nossa justificação, reflui para a nossa humilhação. Aproxima-se para que cresçamos, afasta-se para que não nos ensoberbeçamos. Flui para que cresçamos na virtude e reflui para que não nos ensoberbeçamos da virtude por causa da abundância da graça. A fonte destas águas é Cristo, seus rios são os dons pelos quais o justo germina, cresce e se consuma pela perfeição.

Nesta árvore a raiz é a fé, origem e fundamento de todas as demais virtudes e a raiz das boas obras. Por esta raiz o justo é plantado em Deus, e sem ela não se produz nenhum bom fruto, como diz o Apóstolo:

**"Sem fé é
impossível
agradar a
Deus".**

Heb.
11,
6

Quão boa, pois, é esta raiz! Dela toma início o bem e a vida do justo.

O tronco designa a esperança dos bens celestes, pela qual nos elevamos e nos fortificamos, elevando-nos do que é transitório para o que é eterno.

Os ramos são a caridade, que se eleva para o alto pelo amor de Deus, e se estende para os lados pelo amor do próximo.

A medula, que interiormente permanece oculta, significa a intenção do coração; a casca, visível para todos, é a superfície manifesta da boa conversação. A intenção do coração diz respeito apenas à consciência, mas a superfície da conversação diz respeito também à fama. A primeira é julgada somente por Deus; a segunda, também pelo próximo. Por este motivo a primeira apenas a ti aproveita, mas a segunda pode aproveitar tanto para ti como para o teu próximo, se ele quiser te imitar.

As folhas pelas quais a árvore se reveste significam as boas ações, pelas quais o justo é circundado e ornamentado. A frondosidade da folhagem exprime a perseverança e a perpetuidade da ação do homem justo.

As flores, por causa de seu perfume, significam a boa fama. A árvore frondosa e frutífera levanta a sua folhagem para o céu quando diz, como São Paulo, que

**"nossa
conversação
está nos
céus",**

**Fl .
3,
20**

e possui flores perfumadas quando diz também:

**"Nós
somos
diante
de
Deus
o
bom
odor
de
Cristo
em
todo
o
lugar".**

**2
Cor .
2,
15**

Destas flores está escrito que

***"É melhor
o bom
nome do
que os
bálsamos
preciosos".***

**Ec .
7 ,
2**

Dos maus, porém, está escrito:

***"O nome
dos ímpios
apodrecerá".***

**Prov .
10 ,
7**

As árvores possuem frutos exteriores, interiores e superiores. Os interiores estão na alma, os exteriores junto ao próximo, os superiores em Deus; estão na alma pela boa consciência, junto ao próximo pela doutrina, em Deus pela glória.

Assim terá sido, irmãos caríssimos, qualquer um dos justos a quem possamos nos referir. Bem aventurado aquele cuja festa hoje celebramos, cujas virtudes enumeramos, cujo sufrágio imploramos, por cujas palavras somos iluminados, por cujo exemplo somos formados, de cujo patrocínio nos munimos. Trabalhem, irmãos, para que também nós possamos ser como ele o terá sido. Como filhos imitemos o pai, como discípulos o mestre, como servos o senhor, como soldados o condutor, como ovelhas o pastor. Jamais, porém, o conseguiremos com as nossas forças; supliquemos, portanto,

ao Senhor,

***"que a
todos dá
liberalmente
e não lança
em rosto".***

Tg.

1,

5

para que, pelo rio de sua sabedoria,

***"cujo
ímpeto
alegra
a sua
cidade",***

Salmo

47

**se digne irrigar a aridez de nosso coração, para que corram do
seio de nossa mente,**

***"rios
de
água
viva,
que
jorrem
para a
vida
eterna".***

Jo.
7,
38

Se esta água, efetivamente, irrigar o jardim de nosso coração, nascerá em nós a raíz da fé, o tronco da esperança se fortalecerá, os ramos da caridade se levantarão e se estenderão, produzir-se-ão as folhas da boa obra, as flores da boa opinião e os frutos da justificação já durante esta vida e da glorificação na pátria, em cujo ingresso

***"Deus
enxugará
todas as
lágrimas
dos
olhos"***

Apoc.
21,
4

de seus santos e dará

***"o que o
olho
não viu,
nem o
ouvido
ouviu,
nem
jamais
passou
pelo
coração
do
homem",***

isto é,

***"o que
Deus
preparou
para
aqueles
que o
amam",***

**I
Cor .
2,9**

Ele que vive e reina por todos os séculos dos séculos.

Amén.





SERMO VII. SOBRE A FESTA DOS APÓSTOLOS.

**"Quem
são
estes
que
voam
como
nuvens,
e como
pombas
nas
janelas?"**

**Is.
60,
8**

Caríssimos, hoje celebramos a solenidade dos bem aventurados apóstolos. O profeta, admirado pela sua dignidade e excelência, proclamou, divinamente inspirado, este oráculo em sua recomendação, louvor e admiração:

**"Quem
são
estes
que
voam
como
nuvens,
e como
pombas
nas
janelas?"**

Movidos por uma pronta devoção, passaremos a expor, na medida em que Deus, o Senhor das ciências, no-lo conceder, as

palavras deste oráculo, tão brilhantes e tão divinas. Sejam estas não apenas para a honra e louvor daqueles de quem foram ditas, como também para a vossa utilidade, para quem foram ditas e por quem ansiamos, na esperança, pela sua consumação.

***"Quem
são
estes",***

diz o profeta,

***"que
voam
como
nuvens?"***

Bela e convenientemente, irmãos caríssimos, os santos apóstolos são comparados e significados pelas nuvens. Sabemos não apenas pelos nossos sentidos, como também pelas palavras dos santos, que as nuvens possuem quatro propriedades, as quais designam as quatro principais virtudes dos bem aventurados apóstolos. As nuvens fazem chover, protegem, relampejam e voam; assim também os apóstolos fazem chover, protegem, relampejam e voam.

Os apóstolos fizeram chover quando

***"o seu som
estendeu-se
por toda a
terra, e as
suas
palavras até
as
extremidades
do mundo".***

Salmo

18,

5

Fizeram chover pelo ensino, protegeram pela intercessão, relampejaram pelos milagres, voaram pela contemplação.

Cada um deles fêz chover onde ensinou. Tomé fêz chover na Índia maior, Bartolomeu na Índia menor, Simão e Judas na Pérsia, Filipe na Scítia, Mateus na Etiópia, Marcos em Alexandria, João na Ásia, André na Acaia, Pedro na Capadócia, Paulo na Grécia, Pedro e Paulo, finalmente, na Itália. Foi assim que, no princípio da graça, pelo muito soar de seu ensino, derramaram a chuva das palavras da salvação. Esta era a chuva a que o salmista se referia quando exclamava:

***"Minha
alma tem
sede de
ti, ó
Senhor,
como
terra
sequiosa".***

Salmo

142,

6

A terra, isto é, o gênero humano, voltado para as coisas terrenas, recebeu sobre si esta forte chuva a qual produziu o seu fruto, fruto do qual está escrito:

**"Levantai
vossos
olhos e vêde
os campos
já
branquejando
para a ceifa;
aquele que
sega junta
frutos de
vida eterna".**

**Jo.
4,
36**

Quão grande é a excelência destas nuvens para que a sua chuva forte tanto inebrie a terra que a faça produzir tais frutos! Ainda hoje, para a nossa salvação, todas as vezes que lemos ou meditamos em seus escritos, somos irrigados pelas gotas desta chuva.

Os apóstolos protegem pela intercessão todas as vezes que se colocam entre nós e Deus, para que Deus em sua ira não veja nossos crimes e nos puna pelo fervor com um julgamento rigoroso. Quando dava graças e orava sem cessar pelos que havia convertido, Paulo era nuvem, protegendo aos que lhe haviam sido confiados. Ele e outros nos protegem ainda quando, diante de Deus, derramam preces pela nossa salvação.

Os apóstolos relampejam pelos milagres, ressuscitando os mortos, purificando os leprosos, iluminando os cegos e curando outros enfermos não apenas enquanto viviam na carne, mas também agora, que reinam com Cristo.

Seu vôo significa a contemplação. Não voava, porventura, aquele que dizia:

**"Nossa
conversação
está nos
céus"?**

**Fl.
3,
20**

Verdadeiramente voaram todos eles, quando subiram até o palácio do céu para reinarem com Cristo.

Os apóstolos, portanto, são nuvens, fazendo chover pelo ensino, protegendo pela oração, relampejando pela virtude, voando pela contemplação.

O profeta, porém, continua, dizendo que eles também são

***"como
pombas
nas
janelas".***

A pomba é uma ave simples, que nem possui interiormente a ira do fel, nem exteriormente a simulação da obra. Ela significa, portanto, a verdadeira simplicidade. As janelas são os sentidos corporais, pelas quais saem as coisas interiores e entram as coisas exteriores. Os santos apóstolos, deste modo, são ditos serem como pombas nas janelas porque são reconhecidos pela simplicidade colombina que possuem.

Às palavras do salmista podemos acrescentar este outro verso, também em seu louvor:

**"Eram
mais
brancos
do que a
neve,
mais
claros
do que o
leite,
mais
rubros
do que o
marfim
antigo,
mais
formosos
do que a
safira".**

Lam.

4,

7

Pela neve, que procede do céu e é mais branca do que qualquer outra brancura, podemos entender a virgindade; pelo leite, que nasce da fecundidade da carne, os cônjuges do Novo Testamento; pelo marfim antigo, por ser o elefante um animal castíssimo, os continentes do Velho Testamento; pela safira, finalmente, por trazer a cor do céu, os homens espirituais deste mesmo Testamento.

Os santos apóstolos são mais brancos do que a neve, mais claros do que o leite, mais rubros do que o marfim antigo, mais formosos do que a safira porque sobrepujam por uma admirável dignidade as virgens do Novo Testamento, as quais imitam a vida angélica pela honestidade da castidade; porque sobrepujam também os cônjuges que convivem legitimamente e transcendem por uma singular excelência os continentes do Velho Testamento, também eles rubros pelo martírio, e seus homens espirituais, ou profetas. De fato, diz a Escritura, muitos

profetas e justos do Velho Testamento

**"quiseram
ver o que
eles
viram, e
não
viram, e
ouvir o
que eles
ouviram,
e não
ouviram".**

**Mat .
13,
7**

Isaías manifestou este desejo quando, contemplando em espírito a Cristo coberto de bofetadas, coroadado de espinhos e suspenso na cruz, disse a seu respeito:

**"Nós o
vimos; não
tinha
aparência,
e o
desejamos.
Era
desprezado
e o último
dos
homens,
homem de
dores e
conhecedor
da
fraqueza".**

Is.
53,
2-
3

E não apenas ele, mas também no Novo Testamento os mártires, os confessores, as virgens e todos os demais santos de boa vontade teriam visto Cristo na carne e teriam ouvido sua salutar doutrina se o tivessem podido. Este privilégio, porém, foi concedido à dignidade apostólica. Os bem aventurados apóstolos, portanto, precedem todos os santos, eles que viram Cristo na carne e receberam as primícias do Espírito Santo enviado do céu.

Procuremos, irmãos caríssimos, venerá-los por um digno louvor. Procuremos imitá-los também pelas boas obras. Roguemos para que sejamos governados pelo seu regime e patrocinados pela sua intercessão. Desejemos, finalmente, unirmo-nos ao seu consórcio e fruir de sua felicidade.

Que para tanto venha em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que com o Pai e o Espírito Santo reina pelos séculos dos séculos.

Amén.



**SERMO VIII. SOBRE A FESTA DE QUALQUER SANTO.**

Caríssimos, a Escritura afirma que

***"Israel
germinará
como o
lírio".***

**Os .
14 ,
6**

É por isso que cantamos:

***"O justo
germinará
como o
lírio, e
florescerá
eternamente
diante do
Senhor".***

Se houver quem as busque, nas coisas visíveis podem ser encontradas tantas significações de coisas espirituais e invisíveis quantas forem as propriedades das coisas visíveis e corporais, seja interiormente em sua natureza, seja exteriormente em sua forma. Isto significa, portanto, que não apenas as próprias coisas, mas também as suas qualidades e disposições formais existem para o conhecimento e a busca das diretivas e das exortações do sumo e eterno bem. O homem a quem o Senhor ensina a ciência é chamado ao bem verdadeiro e imutável não apenas interiormente pela razão e pelo desejo, mas também exteriormente pela Escritura e pela criatura.

A primeira propriedade do lírio que surge diante de nossos sentidos é o seu verdor. Observamos também que o lírio cresce para o alto, sem inclinar-se para um lado ou para outro. É planta medicinal, possuindo em sua raiz fibras muito apropriadas para este uso. Seu caule é revestido pelas suas folhas. Quando alcança a plenitude de seu crescimento, encontramos-lo orientado para o alto também pelos seus vários ramos. Possui uma flor branca fendida em seis partes, no interior da qual encontramos uma suave fragrância e a cor do açafraão pelos seus grãos. O lírio, ademais, não só cresce para o alto, como também é reto em sua estatura.

Todas estas coisas convém espiritualmente ao homem justo. O homem justo possui o seu verdor e cresce em direção ao alto, e todas as demais coisas que encontramos no lírio nele também se encontram espiritualmente.

O verdor designa a fé porque, conforme já mostramos em outro sermão, assim como o verdor é a primeira coisa encontrada no que germina, assim também a fé é a primeira de todas as virtudes.

O crescimento para o alto significa a esperança, pela qual nos erguemos do mundo presente ao consórcio dos espíritos superiores, à plenitude da verdadeira bem aventurança, à esperança, ao amor, ao desejo, à busca e ao encontro da contemplação do Deus eterno.

Assim como o lírio, o homem justo também é medicinal pelo seu ensino. As doenças e as enfermidades do corpo curam-se com diversos antídotos e medicamentos; do mesmo modo, as doenças da alma são curadas de muitas maneiras pelo ensino. Assim como os fármacos e os medicamentos curam os abcessos, assim também, quando ensinamos, as palavras expõem o pecado.

O justo possui fibras e raízes interiormente unidas, pois nele o pensamento concorda com o pensamento, o sentido concorda com o sentido, a vontade concorda com a vontade, o afeto concorda com o afeto. O justo concorda de tal modo consigo mesmo que não muda de uma para outra coisa, conforme está escrito, bem diversamente, do insensato. A Escritura, de fato,

afirma que

**"o
insensato
muda
como a
Lua",**

**Ec1 .
37 ,
12**

pois assim como a Lua ora é nova, ora é minguante, ora é cheia, mudando sem cessar de um estado para outro, assim também o insensato, dominado pelos desejos carnaís, muda de tal modo que nunca concorda nem consigo mesmo nem com outrem, estando sempre em discordância.

Deve-se notar que as folhas do lírio crescem para o alto. Assim também tudo o que o justo faz exteriormente pela ação é elevado para o alto pela intenção. Reto, pela justiça tributa a cada um o que é seu; ao fiel tributa o que é do fiel, ao infiel tributa o que é do infiel, ao justo tributa o que é do justo, ao injusto tributa o que é do injusto, ao amigo o que deve ao amigo, ao inimigo o que deve ao inimigo,

**"a
César
o que
é de
César,
a
Deus
o que
é de
Deus".**

Mat .

22 ,

21

O justo, ademais, divide-se em muitos ramos pela multiforme graça do Espírito Santo. Inundado pelos seus diversos dons, não é inconvenientemente dito dividido em diversos ramos.

O justo é branco pela pureza. Livre de toda mácula da mente e do espírito, imita a brancura do lírio pelo decoro da pureza, fendido em seis partes pela perfeição. O número senário, pelo que consta, significa a perfeição, e o justo aperfeiçoa-se pelas suas partes. As partes do senário são o um, o dois e o três, que simultaneamente constituem seis, e quer se diga seis vezes um, três vezes dois ou duas vezes três, consuma-se o mesmo número senário.

Os grãos, situados na flor, estendidos e da cor do açafão, são figura da caridade. Conforme já demonstramos em outro lugar, a cor do açafão parece imitar o rútilo esplendor da chama. Conforme também dissemos em outros sermões, a fragrância do lírio designa a boa fama.

O lírio possui ainda outras propriedades, como a sua natureza frígida, que sugere a extinção dos vícios, e outras mais que podem figurar as virtudes e as boas obras. Por ora, porém, seja suficiente termos tratado das que já falamos.

Devem-se notar também as quatro palavras que foram ditas:

*"germinará,
florescerá,
eternamente,
diante do
Senhor".*

No lírio, irmãos, primeiro vem o germinar, no fim o florescer. O germinar designa, portanto, o bom início; o florescer, a consumação. A palavra "eternamente" designa a perpétua

perseverança do justo no bem, e a expressão "diante do Senhor" refere-se à sua boa intenção. O justo, portanto, germina, iniciando coisas boas; floresce, consumando-as; eternamente, perseverando; e diante do Senhor, realizando seus bens pela reta intenção.

Apliquemo-nos, irmãos, portanto, pelos méritos e pela intercessão do justo cuja solenidade hoje celebramos, a germinar e a florescer deste modo, para que mereçamos ser admitidos na glória do reino celeste, para tanto auxiliando- nos Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina pelos séculos dos séculos.

Amén.





**SERMO IX. SOBRE A FESTIVIDADE DA CONCEPÇÃO DA BEM
AVENTURADA VIRGEM E, MAIS AINDA, SOBRE O DESPOSÓRIO
DE QUALQUER ALMA FIEL.**

**"Toda
formosa
és,
amiga
minha,
e em ti
não há
mácula".**

**Cant .
4 , 7**

Quem é este, irmãos, que fala, e quem é aquela a quem se dirige? Fala o amigo à amiga, o esposo à esposa, o imaculado à casta, o incorrupto à íntegra, Deus à alma, e àquela que assim foi, cuja solenidade hoje celebramos, cujos exemplos de castidade irradiamos.

**"Toda
formosa
és".**

Formosa és interiormente, formosa és exteriormente. Interiormente no coração, exteriormente no corpo. Interiormente rubra, exteriormente cândida, em ambos ornamentada. Rubra pela caridade, cândida pela castidade, ornamentada pela humildade. Portanto,

***"toda
formosa
és,
amiga
minha,
e em ti
não há
mácula".***

Tudo o que há em ti é formoso, e nada há em ti que seja sórdido. Agradável em tudo, desagradável em nada, por tudo agradas, em nada desagradas.

**"Toda
formosa
és".**

Formosa pela natureza, mais formosa pela graça, formosíssima és pela glória.

Quais, irmãos caríssimos, e de que qualidade considerais que devem ser os ornamentos com que a esposa de Deus, a alma do justo, possa aformosear-se, para que o seu decoro seja assim ornamentado?

Lemos a extrema diligência com que o rei Assuero fêz preparar as donzelas conduzidas ao seu tálamo, lavando-as com banhos, unguindo-as com óleo e adornando-as com tudo o que fosse conveniente ao seu decoro (Est. 2). Assim também e muito mais Deus preparará para si a sua esposa, enriquecendo-a com todas as coisas que pertencem ao decoro da forma espiritual.

Confere-lhe primeiramente o lavacro pela compunção e pelo choro dos pecados, para que possa purificar-se, como que aspergida pelo hissopo, da imundície de seus crimes e, assim lavada, se torne mais branca do que a neve. Os óleos são os dons espirituais pelos quais, após o pranto, já banhada pelas tristezas. é abrandada pela severidade. Seguem-se-lhes os ornamentos, as vestes, o cinto, o anel, o colar, o pente, o laço,

os brincos, o diadema, o espelho, os calçados.

As vestes designam a variedade das virtudes e das boas obras, pelas quais a alma é ornamentada e honrada interna e externamente diante de Deus e do próximo. Desta múltipla variedade está escrito:

***"A rainha,
de pé, à
tua destra.
com
vestes
douradas,
é
circundada
pela
multidão".***

**Salmo
44,
10**

O cinto, pelo qual cingimos os rins, significa a castidade, pela qual refreia-se o fluxo da luxúria da carne humana, conforme está escrito:

***"Estejam
cingidos
os
vossos
rins".***

**Luc.
12,
35**

O anel significa a fé íntegra, pela qual a esposa ama ao esposo ausente e aspira, por um contínuo desejo, chegar à sua presença.

O colar, colocado no peito, para que o adúltero não lhe ponha a mão, designa o casto amor, que não permite que por algum mau pensamento seja violado pelo demônio.

O pente, que separa os cabelos entre si, figura a virtude do discernimento.

O laço, que une os cabelos para que não esvoacem, sugere a sobriedade e a quietude dos pensamentos.

Os brincos, por serem ornamentos dourados, designam a obediência.

O diadema figura a glória da consciência, da qual está escrito:

***"Nossa
glória é esta:
o
testemunho
de nossa
consciência".***

**II
Cor .
1,
12**

O espelho significa o estudo das Escrituras, no qual a alma contempla o que há em si de bom, de mau, de honesto e de desonesto.

Os calçados, que são proteção para os pés, pelos quais nos movemos por diversos lugares, significam o ensino, levado a todos os lugares.

A todas estas coisas freqüentemente se acrescentam pedras preciosas as quais, por causa de seu fulgor, designam os milagres que relampejam longe e largamente.

Ó feliz esposa de Deus, alma do justo, formosa por tais ornamentos, preparada para o tálamo do rei eterno! Muito pode, confiadamente, uma tal alma.

Algumas vezes ocorre, todavia, que a alma, enriquecida pelos dons divinos, ao contemplar os julgamentos de Deus, seja tomada de grande terror e muito afligida pelo medo, do que a história de Ester nos fornece um exemplo. Lemos, de fato, que Ester, encontrando o rei Assuero sentado em seu trono defronte à câmara real, empunhando um cetro e com os olhos chamejantes indicando o furor de seu poder, perdeu os sentidos e só com muita dificuldade pôde tornar a erguer-se com o auxílio do rei e de seus ministros que a consolavam (Est. 5; Est. 15).

O que significa, irmãos, nesta história o rei Assuero, senão Deus? O que significa Ester, senão a alma? O que é a câmara real, senão a divindade? O que é o trono, senão a sua majestade? O que é o cetro, senão o seu poder? O que figura o ardor chamejante de seus olhos, senão o terror do supremo julgamento? Ester, vendo o rei deste modo, desmaia espavorida; e a alma, contemplando a Deus e seus severos julgamentos, treme diante da divina majestade. Retome, porém, as forças, os dons que lhe foram concedidos, considere as consolações que lhe foram feitas, e diga:

***"Mesmo
que me
mate,
nEle
esperarei.
Bom é o
Senhor
para os
que nEle
esperam,
para a
alma que***

O
busca",

o qual vive e reina, pelos séculos dos séculos.

Amén.





SERMO X. SOBRE O TEMOR DE DEUS.

***"Teme a
Deus, e
observa os
seus
mandamentos,
este é todo o
homem".***

**Ec .
12 ,
13**

Caríssimos, nas divinas Escrituras encontramos muitas e excelentes autoridades sobre o temor do Senhor. Está escrito, de fato:

***"Bem
aventurado
o homem
que teme
o Senhor".***

**Salmo
111 ,
1**

**"O
princípio
da
sabedoria
é o
temor do
Senhor".**

**Salmo
110,
10**

**"Quem
não
possui
este
temor
não
pode
ser
justo".**

**Ecl.
1,
28**

**"Como é
grande
aquele
que
encontra
a
sabedoria
e a
ciência!
Porém
nenhum
destes
ultrapassa
aquele
que teme
o
Senhor".**

**Ecl .
25 ,
13**

Chama-se sabedoria a cogitação das coisas celestes e divinas; chama-se ciência, o das terrenas e humanas. Quando alguém encontra uma ou outra destas coisas, é a Escritura quem nos diz deste homem que ele é grande.

Consideremos, pois, o homem que encontra a ciência. Quando, subindo das menores às maiores, encontramos alguém perito em lógica, chamamo-lo de grande. Certamente se encontrássemos alguém douto em gramática como Prisciano, em dialética como Aristóteles e em retórica como Túlio, diríamos dele:

**"Grande
é este
homem".**

Se soubéssemos ser ele também douto em mecânica, diríamos semelhantemente:

***"Grande
é este
homem".***

Se o víssemos igualmente erudito em aritmética, música, geometria e astronomia como Boécio, ou como outros inventores ou transmissores das artes, muito mais ainda clamaríamos:

***"Grande
é este
homem".***

Se, ademais, soubéssemos que ele também fosse sábio em ciência natural como Hipócrates ou Galeno, e avançado na teórica secular como Platão e Sócrates, clamaríamos inteiramente:

***"Grande
é este
homem".***

E se, além de tudo isto, também víssemos este homem douto na ciência secular, peritíssimo pela sabedoria das divinas Escrituras, conhecedor como São Jerônimo do Velho e do Novo Testamento pela história, pela alegoria, pela tropologia e pela anagogia, eloqüente no raciocínio como Santo Agostinho e na moralidade como São Gregório e sábio, enfim, como Salomão, de todos os modos proclamaríamos:

***"Grande
é este
homem".***

Todavia, irmãos, este homem não seria maior do que aquele que teme ao Senhor. Grande é o homem que encontra a sabedoria e a ciência, mas ele não está acima do homem que teme ao Senhor.

Entendemos por sabedoria aquele conhecimento que torna não só o homem douto como também justo, e do qual está escrito:

***"Bem
aventurado
o homem
que
encontra a
sabedoria".***

**Prov.
3,
13**

Bem aventurado, de fato, o homem que encontra a sabedoria não apenas pelo conhecimento, mas também pelo sabor da justiça, porque com tal achado principia a saborear o bem interior. Mas se este que tivesse encontrado a sabedoria fosse também belo como Absalão, forte como Sansão, veloz como Asael, bom como Alexandre, rico como Creso, poderoso como Otávio Augusto, longevo como Henoc, nenhuma destas coisas ou mesmo todas elas juntas para nada lhe aproveitariam se ele não temesse a Deus. Da beleza, de fato, está escrito:

**"Falaz é
a graça,
e vã a
beleza; a
mulher
que
teme a
Deus,
esta
será
louvada".**

**Prov.
31,
30**

Quanto à sabedoria, à fortaleza e às riquezas, o Senhor, por meio do profeta Jeremias, diz delas tais palavras:

**"Não se
glorie o
sábio em
sua
sabedoria,
não se
glorie o
forte em sua
fortaleza, e
não se
glorie o rico
em suas
riquezas;
mas nisto
se glorie
quem se
gloria, em
saber e
conhecer a
mim, pois
eu sou o**

**Senhor que
faço a
misericórdia,
o
julgamento,
e a justiça
na terra.
Estas
coisas me
agradam,
diz o
Senhor".**

**Jer .
9 ,
23 -
24**

De muitas passagens das Escrituras depreendemos, de fato, o quão inúteis e passageiras são todas as coisas que podem ser vistas no mundo presente. Somente o homem que teme a Deus se apressa para a bem aventurança se, todavia, o teme de tal modo que se afaste do mal e faça o bem.

Há dois temores, o primeiro dos quais é o servil e o segundo o filial. O servil é o dos servos e o filial é o dos filhos. O servil possui medo, o filial possui amor. O servil procede do pecado perpetrado, o filial do dom recebido. O servil procede do tormento a ser sustentado, o filial do prêmio a ser recebido. O servil pertence aos principiantes, o filial aos perfeitos.

Há também oito coisas pelas quais somos incentivados e formados no temor de Deus. Pelas três primeiras somo-lo ao temor servil, pelas três últimas ao temor filial, pelas duas intermediárias a ambos. São estas a culpa, a sentença, a pena, a criatura, a Escritura, a natureza, a graça e a glória. Pela culpa, pela sentença e pela pena somos conduzidos ao temor servil. Pela natureza, pela graça e pela glória ao temor filial. Pela criatura e pela Escritura a ambos. O temor servil possui medo da pena. O temor filial possui amor da justiça. O servil às vezes

passa rapidamente; o filial, que é dito santo, permanece pelos séculos dos séculos.

Pela culpa somos conduzidos ao temor servil mediante a consideração da sentença divina; pela sentença somos conduzidos ao temor mediante a consideração da pena que se lhe há de seguir. Quando tememos ser punidos pela pena, tememos também ser julgados pela sentença; e quando tememos ser julgados pela sentença, somos tomados de horror pela culpa que é a causa destes males. Nos condenados, de fato, o peso da sentença e a miséria da pena que se lhe há de seguir serão conforme a magnitude da culpa. Deste modo

***"Um
abismo
chama
outro
abismo,
no fragor
de tuas
cataratas,
ó
Senhor".***

**Salmo
41,
8**

O abismo da culpa chama o abismo da sentença, e o abismo da sentença chama o abismo da pena. E isto,

***"no
fragor de
tuas
cataratas,
ó
Senhor",***

isto é, no testemunho dos teus pregadores. Quão profundos, quão largos, quão horrendos são estes abismos! Sua profundidade é constituída pela sua grandeza, sua largura é constituída pela sua multidão, e o seu horror é constituído pela contemplação de ambos. Tememos a pena por causa de si própria, mas quão poucos são os que pousam os seus olhos na contemplação do temor, e quão grande é a multidão dos que os dirigem aos espetáculos da vaidade! Dos primeiros está escrito:

**"O
coração
dos
sábios
está
onde se
encontra
a
tristeza".**

**Ec .
7 ,
5**

Quanto aos segundos, porém, está também escrito:

**"o coração
dos
insensatos,
onde se
encontra a
alegria".**

**Ec .
7 ,
5**

Pelas três últimas, a natureza, a graça e a glória, formamo- nos no temor filial. O temor filial consiste em não querer ofender a quem amamos por causa da glória, assim como o temor servil consiste em não ousar ofender, por causa da pena, àquele a quem se teme.

Somos chamados ao temor filial pela natureza quando consideramos a dignidade de nossa natureza e, com grande amor, tememos ofender a Deus pela culpa, a Ele que dignou-se por amor imprimir em nós sua imagem e semelhança. Grande é a honra, grande é a dignidade da condição humana em cuja natureza foi posta a forma da divindade criadora.

A este mesmo temor filial somos também conduzidos pela consideração da graça quando, ponderando o que a nós, homens ímpios e sem mérito, é concedido pela graça, recusamo- nos a provocar a ira divina pelo pecado.

Mas também somos conduzidos a este temor pela glória futura que em nós será revelada quando, ouvindo o que nos é prometido,

***"o que o
olho
não viu,
nem o
ouvido
ouviu,
nem
entrou
no
coração
do
homem",***

**I
Cor .
2 ,
9**

já tememos, por um imenso amor, ofender a quem tanto nos quis prometer e pode dar.

Pelas duas intermediárias, a criatura e a Escritura, somos algumas vezes conduzidos a ambos os temores.

Pela criatura somos conduzidos ao temor servil quando, considerando a sua magnitude, tememos a majestade imensa do Criador. Não ignoramos que o Onipotente possa aplicar uma pena se nos encontrar transgressores de sua lei. Ao mesmo temor servil somos também conduzidos pela Escritura quando, nela freqüentemente ouvindo as advertências divinas, tememos transgredir os preceitos de Deus.

Alcançamos o temor filial pela criatura quando, contemplando a grandeza da construção deste mundo, julgamos quão admirável, louvável e amável seja o seu Criador, digno de ser temido por amor. Pela Escritura também alcançamos este casto temor quando, lendo nela as divinas promessas que transcendem todo o mérito humano, tememos ofender ao que as promete.

Há, pois, oito coisas pelas quais subimos ao temor de Deus. Iniciando pelas menores e finalizando pelas maiores, são elas a culpa, a sentença, a pena, a criatura, a Escritura, a natureza, a graça e a glória.

Temamos a Deus, caríssimos, cada qual segundo aquilo que vir em si mesmo. Se estivermos no mal, corrijamos o erro; se estivermos no bem, melhoremos o que já tivermos iniciado e observemos os seus mandamentos. Quais são estes mandamentos?

***"O amor
de Deus
e do
próximo".***

Quanto devemos amar a Deus?

**"Acima
de
tudo".**

Quanto devemos amar ao próximo?

**"Como a
nós
mesmos,
pelo
benefício,
pela
palavra,
pelo
voto".**

O benefício consiste na boa obra, a palavra no são conselho, o voto no piedoso desejo.

Temamos, portanto, a Deus, e observemos os seus mandamentos. Por meio destes caminha-se para a glória, sem estes caminha-se para a pena. Este é, diz o Eclesiastes,

**"todo o
homem".**

Se todo o homem é quem teme a Deus e observa os seus mandamentos, consta não ser homem aquele que não o faz.

Se, de fato, há quem conheça a Deus e conheça os seus mandamentos, mas não o teme nem os observa, este é um desprezador, e mais deverá ser dito demônio do que homem. Se, porém, ele não conhece a Deus e não conhece os seus mandamentos, é um cego, e mais deverá ser dito animal do que homem. Se, entretanto, conhece e teme a Deus e guarda os seus mandamentos, será verdadeiramente homem, digno de ser chamado por tal nome.

Temamos, portanto, irmãos caríssimos, o Senhor, e observemos os seus mandamentos. Esta é a via pela qual se alcança a pátria suprema. E que para tanto venha em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, o qual vive e reina.



**SERMO XI. SOBRE A SAÚDE ESPIRITUAL.**

**"Cura-
me,
Senhor,
e serei
curado;
salva-
me, e
serei
salvo,
porque
tu és o
meu
louvor"**

**Jer .
17 ,
14**

Caríssimos, quem roga ser curado reconhece-se enfermo. Quem é, porém, este enfermo? É o gênero humano, em cuja voz são ditas estas coisas. Enfermo pelo pecado original e por muitos pecados atuais, buscava o seu médico. O médico veio e o doente foi curado.

Propomo-nos expor doze coisas que dizem respeito à cura do gênero humano: o doente, o médico, as feridas, o remédio, os frascos, os antídotos, a dieta, os dispensadores, o lugar, o tempo, a saúde e a alegria pela recuperação da própria saúde.

Este doente é o gênero humano, de cuja doença Isaías testemunhou, dizendo:

**"Toda a
cabeça
está
enferma,
e todo
coração
abatido;
desde a
planta
do pé
até ao
alto da
cabeça,
não há
nele
nada
são".**

Is.
1,
5-
6

A ferida, a inflamação e a chaga não foram atadas, nem tratadas com medicamentos, nem cobertas com óleo. Em outro lugar da Escritura, há ainda outro que clama:

**"Minhas
entranhas
estão
cheias de
inflamação,
não há
parte
alguma sã
na minha
carne".**

Salmo

37,

8

Assim também clamam os membros do gênero humano, demonstrando a dor de sua enfermidade.

Mas, conforme foi dito, o médico veio, e o enfermo foi curado. Quem é este médico?

***"Deus,
que
sara os
contritos
de
coração,
e liga as
suas
chagas".***

Salmo

146,

3

As feridas são o pecado original, que se manifesta na mente pela ignorância e na carne pela concupiscência, e os pecados atuais, cometidos quando se vive mal. O pecado original procede de nossos pais, os pecados atuais são produto de nossa obra. A procedência do primeiro é alheia, a dos segundos é própria.

O remédio é a graça, infundida de dois modos em nossas feridas, um amargo, outro doce. O amargo é pela repreensão, o doce pela consolação. A repreensão é o vinho, a consolação é o óleo.

Os frascos são os sacramentos, nos quais e pelos quais a graça espiritual é contida e conduzida, como a água do Batismo, o

óleo do Crisma e outros.

Os antídotos são os sete dons do Espírito Santo, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, e o espírito de temor do Senhor, para que sejamos humildes pelo temor, misericordiosos pela piedade, discretos pela ciência, invictos pela fortaleza, previdentes pelo conselho, cautelosos pela inteligência, maduros pela sabedoria. O temor expelle o orgulho, a piedade a crueldade, a ciência a indiscrição, a fortaleza a debilidade, o conselho a imprevidência, a inteligência a incautela, a sabedoria a insensatez. Que bons antídotos são estes, pelos quais curam- se os abcessos!

A dieta é a Sagrada Escritura, que nos é servida de modos diversos, ensinada segundo a diversa capacidade dos ouvintes. Ora é servida aos ouvintes ou leitores pela história, ora pela alegoria, ora pela tropologia, ora pela anagogia; ora também pela autoridade do Velho testamento, ora pela do Novo; ora envolta pelo véu do mistério, ora pura, nua e aberta. Por tais modos e por muitos outros nos é servido este alimento espiritual, para que por ele sejamos confortados em nossa enfermidade e reconduzidos à saúde. A Escritura é dita corretamente ser dieta quando fazemos as coisas que nela lemos que devem ser feitas, e quando evitamos as coisas que nela lemos que devem ser evitadas. Seguimos deste modo os preceitos alimentares dos médicos, comendo isto e evitando aquilo.

Os dispensadores são os sacerdotes, os quais, conferindo-nos os sacramentos, administram admiravelmente a graça proveniente da oculta distribuição do Sumo Dispensador. São servos do Sumo Médico, e segundo a sua vontade devem usar de seus frascos e remédios.

O lugar é este mundo ao qual, após o pecado, procedente do Paraíso, o homem foi transferido como que para uma enfermaria, para que pudesse aplicar-se à cura de sua enfermidade e receber a saúde.

O tempo que Deus concedeu ao homem para que nele pudesse ser restituído à saúde é o século presente, dividido em três

tempos, que são o tempo da lei natural, o tempo da lei escrita e o tempo da graça. O tempo da lei natural foi o de Adão até Moisés, o tempo da lei escrita foi o de Moisés até Cristo, e o tempo da graça foi o do nascimento de Cristo até o fim do mundo.

Deve-se notar também que este lugar em que o doente é curado é áspero, o tempo é longo e o remédio é eficaz. O lugar é áspero para que o prevaricador se corrija, o tempo é longo para que aquele que há de curar-se não se preocupe, o remédio é eficaz para que o enfermo se cure.

A saúde são as virtudes. Quando o homem se exercita nas virtudes, os vícios são expelidos e adquire-se a saúde. As virtudes expelem os vícios. A humildade expele a soberba, a caridade a inveja, a paz a ira, a alegria a acédia, a generosidade a avareza, a abstinência a gula, a castidade a luxúria. As virtudes, tomando o lugar dos vícios, são a cura das doenças.

A alegria pela saúde recuperada são as bem aventuranças. O homem se entristece quando se torna enfermo; alegra-se, porém, quando é curado. Assim também no século presente lamentamo-nos da enfermidade de nossa corrupção. Quando, porém, na ressurreição, nos elevarmos à verdadeira saúde, haveremos de nos alegrar na eterna bem aventurança da saúde alcançada.

*"Cura-
me,
Senhor,
e serei
curado;
salva-
me, e
serei
salvo,
porque
tu és o
meu
louvor".*

Cura-me da enfermidade, cura-me da perdição. Cura-me da culpa, cura-me da pena. Cura-me no tempo, salva-me na eternidade, porque tu és o meu louvor em ambos, que vives e reinas.

Amén.





SERMO XII. SOBRE OS MONTES E AS ÁRVORES ESPIRITUAIS DE ISRAEL.

***"E vós,
montes
de
Israel,
estendei
os
vossos
ramos,
florescei
e dai
frutos
ao meu
povo de
Israel".***

**Ez .
36 ,
8**

Irmãos caríssimos, os lugares, assim como os tempos, também têm as suas significações. Assim como pela manhã entendemos o conhecimento da verdade, pelo meio dia o amor da virtude, pela tarde a ignorância, pela meia noite a malícia, pela luz a justiça e pelas trevas a culpa, assim também entendemos pelo campo a liberdade, pela colina a boa ação, pela montanha a contemplação e pelo céu a bem aventurança. Pelo vale, porém, a iniquidade, pelo abismo o desespero e pelo inferno a condenação.

O campo, constituído por uma igualdade, possui acima de si três lugares dotados de significação, que são a colina, a montanha e o céu, e três outros abaixo, que são o vale, o abismo e o inferno.

O campo significa a liberdade, pois assim como aquele que está

no campo possui a faculdade, se a tanto não o impede algum outeiro, de dirigir-se segundo queira para diante ou para trás, à direita ou à esquerda, assim também aquele que verdadeiramente é livre possui o poder de fazer o que mais lhe agrada.

A colina, que se levanta apenas um pouco sobre a planície da terra, exprime a boa ação, pela qual nos elevamos do que é terreno.

A montanha, que mais se aproxima das nuvens, designa a contemplação, a qual, elevando-nos para o alto, nos exalta à visão dos bens celestes.

O céu, por ser o lugar da bem aventurança, não inconvenientemente significa a própria bem aventurança.

O vale, por se dirigir para baixo, significa a iniquidade, a qual conduz os maus para as coisas inferiores.

O abismo significa o desespero, para o qual os iníquos descem, partindo do vale da iniquidade. Por isto é que está escrito:

***"O ímpio,
depois de
ter caído
no
abismo
dos
pecados,
tudo
despreza".***

**Prov.
18,
3**

Já o inferno, por ser um lugar de condenação, significa a própria condenação.

***"E vós,
montes
de
Israel,
estendei
os
vossos
ramos,
florecei
e dai
frutos".***

**Ez .
36 ,
8**

Os montes de Israel são os justos que alcançaram a contemplação, os quais, pelo amor do próximo, estendem os seus ramos, isto é, seus santos e frutuosos pensamentos, procedentes da raiz da fé e do tronco da boa vontade, florescem pelos bons princípios, dão frutos pela consumação e produzem folhas pela boa ação. Três parecem ser, com razão, os principais gêneros de árvores que nascem, crescem, estendem seus ramos, florescem, dão fruto e produzem folhas nos montes de Israel. O primeiro é a oliveira, o segundo é a videira e o terceiro é a figueira. A oliveira significa a misericórdia, porque assim como o azeite excede os demais licores, assim a misericórdia precede as demais virtudes. A videira significa a sabedoria, porque o vinho, moderadamente tomado, aguça o engenho. A figueira, pela doçura de seus frutos, designa a doçura interior. Costuma-se associar a misericórdia ao Pai, a sabedoria ao Filho, e a doçura ao Espírito Santo. O Pai, pois, planta a oliveira, o Filho a videira, e o Espírito Santo a figueira. Deve-se saber, no entanto, que ainda que façamos tais distinções nas associações destas três virtudes, não se deve entender, porém, que haja alguma divisão na operação das três pessoas.

O profeta, deplorando nos réprobos a infrutuosidade destas três

virtudes, disse:

***"A figueira
não
florescerá,
as vinhas
não
germinarão,
e faltará o
fruto da
oliveira".***

**Hab.
3,
17**

A oliveira significa, portanto, a misericórdia; a videira, a sabedoria, e a figueira a doçura interior. Haverá talvez outras árvores nos montes de Israel, pelas quais são figuradas outras virtudes, assim como pelo buxo, por causa de seu verdor, designa-se a fé; pelo cedro, por causa de sua altura, a esperança; pelo pinheiro, a reta repreensão; e pela murta, designa-se a temperança.

Estendamos, irmão, nossos ramos, floresçamos e demos fruto, para que não ocorra que Nosso Senhor nos encontre infrutuosos, nos corte e nos queime. O Evangelho, de fato, nos avisa que

***"o
machado
já está
posto à
raiz das
árvores".***

Mat .

3 ,

10

Frutifiquemos, pois, como a oliveira, a videira e a figueira. Há alguns, no entanto, que dão frutos plenos de amargor. Destes é que se encontra escrito:

***"O seu
vinho é
fel de
dragões,
e
veneno
incurável
de
áspides".***

Deut .

32 ,

33

Nós, porém,

***"como a
oliveira
verdejante
na casa do
Senhor,
esperemos
na
misericórdia
de Deus",***

Salmo

51,

10

o qual vive e reina, pelos séculos dos séculos.



**SERMO XIII. POR OCASIÃO DO ANO NOVO.**

**"Cantai ao
Senhor um
cântico
novo,
porque
operou
maravilhas".**

Salmo
97,
1

O Senhor operou maravilhas na criação do mundo, opera maravilhas na redenção do gênero humano.

Operou maravilhas na criação do mundo criando as coisas terrestres e as coisas celestes, as inferiores e as superiores, as visíveis e as invisíveis, as corporais e as espirituais. Operou também maravilhas nas coisas criadas, nos elementos e nos elementados, nas coisas simples e compostas, nas causas e nas eficiências, nas naturezas e nas formas, nas figuras e nas cores, na vegetação do que germina e na fecundidade do que gera.

Operou maravilhas na redenção do gênero humano assumindo a carne, padecendo fome e sede, operando milagres, morrendo, ressuscitando, subindo ao céu, concedendo a graça do Espírito Santo, perdoando as culpas, justificando os ímpios, fazendo bem aventurados aos miseráveis.

***"Cantai ao
Senhor um
cântico
novo,
porque
operou
maravilhas".***

O cântico é a vida. O cântico novo é a vida nova. O cântico velho, a vida velha. A vida nova é a justiça, a vida velha é a culpa.

O canto, porém, se distingue de três modos: há o canto grave, o canto agudo e o canto super agudo. O canto grave significa a vida dos cônjuges, o agudo a dos continentes, o superagudo a das virgens.

Quem vive bem, canta bem; quem vive mal, canta mal, pois está em dissonância. Estão em dissonância com este canto os avaros, os ladrões, os gatunos, os impuros, os fornicadores, os adúlteros, os preguiçosos, os homossexuais, os perjuros, os mentirosos, os homicidas. Estão também em dissonância com este canto muitos que foram sublimados às sagradas ordens e que deveriam habitar em casas de marfim, isto é, observar a castidade, como os subdiáconos, os diáconos, os presbíteros, os bispos, os arcebispos, e talvez os homens apostólicos, os cônegos regulares, os monges, os eremitas e os reclusos. De todos estes alguns estão em dissonância com o louvor divino porque, embora sejam cristãos de nome, são todavia pagãos em sua vida. Embora tenham uma reta fé de Deus, trata-se, todavia, de uma fé morta, porque não possuem obras. Estão, portanto, em dissonância com o cântico do louvor de Deus, porque

***"Não é
belo o
louvor
na boca
do
pecador".***

Ec1 .

15 ,

9

Todos estes cantam o cântico velho, que mais significa a tristeza do que a alegria. De homens que louvam deste modo está escrito:

***"De que me
serve a mim
a multidão
das vossas
vítimas?"***

diz o Senhor.

***`Não quero
mais
holocaustos
de carneiros,
nem gordura
de animais
nédios, nem
sangue de
bezerros,
nem de
cordeiros,
nem de
bodes.
Quando
vínheis à
minha
presença,
quem pediu
tais ofertas
às vossas
mãos, para
que
andásseis a
passear nos
meus átrios?***

**Não
ofereçais
mais
sacrifícios
em vão; o
incenso é
para mim
abominação.
A neomênia
e os
sábados, e
as outras
festividades
não as posso
já sofrer; os
vossos
ajuntamentos
são iníquos.
A minha
alma
aborrece as
vossas
calendas e
as vossas
solenidades;
elas
tornaram-se-
me molestas,
estou
cansado de
as suportar.
E, quando
estenderdes
as vossas
mãos,
apartarei de
vós os meus
olhos; e
quando
multiplicardes
as vossas
orações, não
as atenderei,**

***porque as
vossas mãos
estão cheias
de sangue".***

Is .

1 ,

11-

15

***"As
vossas
mãos
estão
cheias
de
sangue",***

diz Isaías, isto é, estão cheias de pecado. E diz também o Senhor por meio do profeta Malaquias:

***"Eis que eu
vos
lançarei o
braço, e
atirarei
sobre
vosso vulto
o esterco
de vossas
solenidades,
e se vos
apegará a
vós, diz o
Senhor".***

Mal .

2 ,

3-4

Por meio de outro profeta diz também o Senhor de tais homens:

***"Julgavam
possuir
vasos de
cântico
como
Davi".***

Amós

6 ,

5

**De fato, cantando palavras de louvor divino com vozes sutis,
utilizando-se de duas ou três modulações diversas,**

***"julgavam
possuir
vozes de
cântico
como
Davi",***

**porque consideravam-se ser verdadeiros louvadores de Deus.
Suas vozes, porém, não agradavam a Deus, porque suas vidas
O desagradavam.**

**Nós, portanto, irmãos caríssimos, cantemos ao Senhor
conforme nos preceitua o salmista:**

**"Deus é
rei de toda
a terra,
salmodiai
com
sabedoria".**

Salmo
46,
8

O que é salmodiar com sabedoria? Não sejamos entregues às más obras, ao salmodiar não estejamos atentos a palavras ociosas, não sejamos curiosos pelo vão olhar, não sejamos dissolutos pelo riso, inconstantes e errantes pelo pensamento e pelo discurso. Cantemos como certo poeta no-lo ensina:

**"Em
todas
estas
horas,
seja a
mesma a
voz do
coração
e da
boca. A
voz é
agradável
ao coro,
quando
o
coração
o é ao
corista".**

Cantemos, portanto, ao Senhor um cântico novo porque operou maravilhas, e não somente porque operou mas também porque

operará maravilhas. Operou duas maravilhas principais, a primeira na criação do mundo, a segunda na redenção do gênero humano. E haverá de operar outras duas, a primeira na renovação do criado, a segunda na glorificação do redimido. No fim dos tempos, quando fizer novas todas as coisas, operará então maravilhas na renovação do criado. Quando disser aos eleitos:

***"Vinde,
benditos
de meu
Pai,
recebei o
Reino
que vos
está
preparado
desde a
criação
do
mundo",***

**Mat .
25 ,
34**

operará então maravilhas na glorificação do redimido.

A esta glorificação digne-se de nos conduzir Jesus Cristo, Nosso Senhor, que vive e reina.

Amén.





**SERMO XIV. SOBRE AS VESTES SAGRADAS, POR OCASIÃO DE
UM SÍNODO, OU DA FESTA DE SACERDOTES CONFESSORES.**

**"Revistam-
se, ó
Senhor,
os teus
sacerdotes
de
justiça".**

Salmo
131,
9

É necessário, irmãos caríssimos, que nós que exercemos o sacerdócio na casa de Deus vivamos neste sacerdócio uma digna justiça e nos revistamos, neste ofício, com vestes honestas, ou melhor, que exerçamos as virtudes que são significadas por estas vestes. De que nos aproveitará, efetivamente, que nos ornamentemos com as vestes, se não nos ornamentarmos com as virtudes?

Se víssemos um sacerdote celebrar a missa sem as vestimentas sacerdotais, sem alba, sem estola, sem insígnias sacerdotais, certamente isto nos admiraria muito e com grande horror detestaríamos semelhante ministro. Se, portanto, deve ser detestado quem se aproxima do altar sem as vestes adequadas, quão detestável e quão horrível não será quem presumir aproximar-se dele repleto de vícios e carecendo de virtudes?

Tanto quanto difere qualquer prato da comida, tanta é a diferença entre o que significa e o significado. As vestes significam, as virtudes são significadas. As vestes ornamentam exteriormente diante do povo, as virtudes recomendam o ministro interiormente diante de Deus. Assim como, portanto, não ousamos aproximar-nos do altar sem as vestes, assim também não presumamos aproximar-nos sem virtudes.

Examinemos, portanto, quais são estas vestes, e quais são as virtudes por elas significadas.

As vestimentas são a alba interior e a alba exterior; o amito sobre os ombros, que podemos chamar de super humeral; o cingulo, a estola, o manípulo, a casula.

Antes de tudo o mais o sacerdote deve depor suas vestimentas habituais, lavar as mãos e revestir-se de vestimentas brancas. Depor as vestimentas habituais significa a renúncia ao homem velho, a ablução das mãos significa a confissão dos crimes e a tomada das novas vestimentas a prática das virtudes.

A alba interna é o interior, a externa o exterior. Aquela permanece oculta, esta é manifesta. Aquela se esconde, esta se revela. Por causa disto a interior significa a pureza do coração, a exterior a pureza do corpo.

O super humeral, que é colocado sobre os ombros, onde costumam colocar-se os pesos, significa a paciência nos trabalhos presentes, que nos é necessária se quisermos ser verdadeiros sacerdotes. De onde que, dos que a perderam está escrito:

***"Ai dos
que
perderam
a
paciência".***

**Ec1.
2,
16**

E o Senhor, louvando no Evangelho a paciência, diz:

**"Na
vossa
paciência
possuireis
as
vossas
almas".**

**Luc .
21 ,
19**

**Sustentemos, portanto, irmãos, tudo o que nos suceder de
adverso, para que**

**"assim
como
recebemos
os bens
da mão de
Deus,
assim
também
haveremos
de
receber
os
males".**

**Jó
2 ,
10**

**O cingulo, que circunda os rins e estreita as vestimentas para
que não esvoacem, sugere a virtude da continência, que refreia
o fluxo lascivo de nossa luxúria.**

A estola, que é colocada ao pescoço, designa o suave jugo do Senhor, do qual o Senhor nos diz no Evangelho:

**"O
meu
jugo
é
suave
e o
meu
fardo
é
leve".**

**Mat .
11 ,
30**

Segue-se-lhe o manípulo, que pende do braço esquerdo, que nada mais denota do sacramento, senão ser ali colocado como uma cautela, para que o sacerdote não faça nada em seu ministério sem cautela e com negligência, mas realize tudo com diligência, como alguém que está na presença de Deus e dos santos anjos. Significa, portanto, a cautela pela qual evitamos o que devemos evitar e fazemos o que devemos fazer.

O ministro do Senhor, revestido e adornado com todas estas coisas, ainda não está apto para o ofício sacerdotal, nem presume cumprí-lo se não acrescentar e superpor a todas estas uma sétima, que é dita casula. Esta vestimenta é mais excelente que as demais e mais eminente do que todas. Que virtude diremos ser significada por ela, senão a caridade, da qual diz o Apóstolo:

**"Vou
mostrar-
vos um
caminho
ainda
mais
excelente.
Ainda
que eu
fale as
línguas
dos
homens
e dos
anjos, se
não tiver
caridade,
sou
como um
bronze
que soa
ou como
um
címbalo
que
tine",**

**I
Cor .
12 ,
31 -
13 ,
1**

palavras que vossa fraternidade bem conhece. Ele, de quem era bem evidente possuir tantos dons espirituais e virtudes, diz todavia da caridade:

**"Ainda que
eu fale as
línguas dos
homens e
dos anjos,
ainda que eu
tivesse o
dom da
profecia e
conhecesse
todos os
mistérios e
toda a
ciência,
ainda que
tivesse toda
a fé, a ponto
de
transportar
os montes,
ainda que
distribuisse
todos os
meus bens e
entregasse
meu corpo
para ser
queimado,
se não
tivesse
caridade,
nada me
aproveitaria".**

1
Cor .
13 ,
1-3

Bem aventurada virtude da caridade! E bem aventurado será

somente aquele que até o fim nela perseverar. Quem, portanto, com as demais virtudes possuir a caridade, este é sacerdote. E quem, ainda que possua as demais sem ela, sacerdote não é.

Se queremos, portanto, e o devemos, ser verdadeiros sacerdotes, tenhamos a alba interior pela pureza do coração e a exterior pela pureza do corpo; o super humeral pela paciência, o cingulo pela continência, a estola pela obediência, o manípulo pela cautela, a casula pela caridade fraterna. Armados com tudo isto, ofereçamos santa e religiosamente o holocausto ao Senhor e de nós será dito o que está escrito:

***"Vós sois
gente
eleita,
sacerdócio
real".***

**1
Pe.
2,
9**

Tais foram os santos cuja solenidade hoje celebramos. Tais, irmãos caríssimos, procuremos ser, para que nos revistamos de justiça, e tornados com eles participantes dos méritos, mereçamos também tornar-nos sócios dos prêmios.

Que pelos seus méritos e por sua intercessão aquele que vive e reina se digne vir em nosso auxílio.



**SERMO XV. SOBRE A VINHA DO SENHOR.**

**"Ide
também
vós
para a
vinha,
e dar-
vos-ei
o que
for
justo".**

**Mat .
20 ,
4**

Sobre a vinha do Senhor, irmãos, à qual a palavra divina nos convida, faremos para vós uma breve exortação, para não onerar, com palavras mais prolixas, o vosso amor.

Examinemos primeiro o que é o campo no qual se faz a plantação, o que é a vinha, o que é o sulco, o que é a binação, o que é a tercição, o que é a vara, o que é a poda, o que é a dobradura, o que é a folha, o que é o fruto, o que é o dinheiro que é prometido.

Este campo é o coração humano, que devemos cavar continuamente pela enxada das compunções, e nele, pela graça divina, plantar pelas boas vontades a vinha ou as videiras, para que cresçam no bem e produzam varas, folhas, flores e fruto.

Devemos cavar esta vinha pela compunção, que nasce do exame de nossos pecados; devemos biná-la pela compunção que nasce da consideração dos dons que nos foram concedidos do céu; terciá-la pela compunção que se origina da pregustação dos bens futuros.

As varas são os bons pensamentos multiplamente procedentes da boa vontade. Podemos esta vinha quando cortamos os pensamentos menos úteis e nos dedicamos a dilatar os mais úteis. Dobramos as varas quando humilhamos os nossos pensamentos e como que fixamos uma haste na terra ao nos recordarmos de nossa mortalidade e nos lembrarmos que somos terra e à terra haveremos de retornar. Assim dobrou Abraão a sua videira quando disse:

***"Falarei
ao
meu
Senhor,
ainda
que eu
seja
pó e
cinza".***

**Gen .
18 ,
27**

Assim também Jacó, quando disse:

***"Eu sou
indigno de
todas as tuas
misericórdias".***

**Gen .
32 ,
10**

Davi também disse:

**"Olha
para
mim,
Senhor,
e tem
piedade
de
mim,
porque
sou
sozinho
e
pobre".**

Salmo
24,
16

A bem aventurada Maria dobrou a sua videira, e disse:

**"Eis a
serva
do
Senhor".**

Luc.
1,
38

**O bem aventurado Apóstolo Paulo dobrou a videira quando
dizia:**

**"Não
sou
digno de
ser
chamado
Apóstolo,
porque
persegui
a Igreja
de
Deus".**

**I
Cor.
15,
9**

As folhas designam a boa ação, que nos circundam e nos ornamentam, assim como em outros sermões freqüentemente já o dissemos.

As flores, pelo seu perfume e pelo seu odor que se espalha ao longe, significam a boa fama pela qual, seja perto, seja longe, somos suave fragrância para nosso próximo.

O fruto designa a boa consciência, procedente de uma justiça consumada. Para isto, de fato, trabalhamos, para que possuamos uma boa consciência, assim como aquele que derrama o seu suor no cultivo da vinha o faz para que possa obter o seu fruto.

Deste modo, irmãos, temos um campo dentro de nós, que é o nosso coração. A videira do Senhor é a boa vontade e as suas varas são os bons pensamentos. Cavêmo-la, binêmo-la e terciêmo-la, conforme está escrito, pela tríplice compunção. Podêmo-la pelo corte dos pensamentos supérfluos e menos úteis. Dobrêmo-la pela humilhação da mente, para que produza folhas pela boa ação, flores pela boa fama, frutos pela boa consciência.

Se, irmãos caríssimos, assim trabalharmos na vinha do Senhor, receberemos o dinheiro que nos é prometido. O que é este dinheiro? Este dinheiro é a vida eterna. Este dinheiro é

***"O que
nem o
olho
viu,
nem o
ouvido
ouviu,
nem
entrou
no
coração
do
homem
o que
Deus
preparou
para os
que O
amam".***

**1
Cor .
2 ,
9**

Este dinheiro é o sumo bem, no qual consiste todo o bem e do qual procede todo o bem. Nele consiste todo o bem pela plenitude, dele procede todo o bem pela liberalidade. Este dinheiro é ver e saborear a Deus. Vê-lo pela contemplação, saboreá-lo pelo amor.

Que Jesus Cristo, Nosso Senhor, se digne vir em auxílio de nosso trabalho nesta vinha e possa remunerar-nos com este dinheiro, ele, que vive e reina, pelos séculos dos séculos.

Amén.





**SERMO XVI. SOBRE A AGRICULTURA ESPIRITUAL, POR
OCASIÃO DA FESTA DOS MÁRTIRES.**

**"Os que
semeiam
em
lágrimas,
na
alegria
ceifarão".**

Salmo
125,
5

Irmãos:

**"Aquele que
semeia
pouco,
também
pouco
ceifará; e
aquele que
semeia em
abundância,
também
ceifará em
abundância".**

2
Cor .
9,
6

Semeemos, portanto, bem e muito, se bem e muito desejamos ceifar. Semeemos no mérito, se desejamos ceifar no prêmio. Busquemos um arado e os utensílios do arado, o longo lenho que os camponeses chamam de `hagia', o lenho bifurcado pelo qual o arado é segurado com as mãos, e as demais coisas que, por causa da brevidade, deixarei para mencionar ao expô-las.

Os pés do arado, sobre os quais repousa o restante deste artefato, é a fé, que é a origem de todas as demais virtudes.

O lenho longo, que se estende em comprimento, que na linguagem rústica dos camponeses chamamos de hagia, significa a esperança, de cujo comprimento está escrito:

***"Esperastes no
Senhor pelos
séculos
eternos, no
Senhor, o Deus
forte,
perpetuamente".***

**Is .
26 ,
4**

O cabo do arado, que é bifurcado e segurado por ambas as mãos, manifesta a caridade, segurado pela mão direita quando fazemos o bem aos amigos e pela esquerda quando fazemos o bem aos inimigos.

As argolas do arado significam a virtude da obediência. Em latim a palavra "aures", que significa `argola', significa também `ouvido'; por estas argolas ouvimos e obedecemos.

As rodas designam a ciência dos dois Testamentos. Os dois Testamentos são corretamente figurados pelas rodas, porque seus lados que giram para baixo tocam a terra pela história, e seus lados que giram para o alto erguem-se da terra pela

alegoria. Giram para baixo pelo sentido carnal, giram para o alto pelo sentido espiritual; para baixo pelo que significam, para o alto pelo que, por sua vez, é significado por estas.

A relha e a faca, pelas quais a terra é rasgada e aberta, designam a razão e a inteligência, com as quais esquadrimos e revolvemos o oculto das criaturas e as obscuridades das Escrituras.

O jugo, que aperta os pescoços, expressa o peso do temor divino, que é imposto às nossas mentes para que o nosso sentido não se erga contra Deus pelo orgulho.

Os laços, pelos quais os jugos são ligados, são os preceitos da lei divina. Está escrito sobre quem despreza este jugo e estes laços:

***"Tu,
desde o
princípio,
quebraste
o meu
jugo,
rompeste
os meus
laços e
dixeste:
`Não
servirei`".***

**Jer .
2,
20**

Os bois, que arando trabalham, são os sentidos corporais os quais, duplicados por ambos os sexos, se tornam dez. São convenientemente ditos bois pela maturidade, não touros pela dissolução; bois pela continência, não touros pela lascívia.

O agulhão, pelo qual espetamos os bois, são as aflições do corpo nas vigílias, nos jejuns e em todas as demais coisas semelhantes a estas.

A terra, que devemos arar, somos nós mesmos, a quem devemos arar pela compunção que nasce de nossos pecados; binar pela compunção que se origina da consideração dos dons celestes que nos foram concedidos; terciar também pela compunção que se origina do antegozo dos bens futuros.

Devemos também adubar esta terra pela memória de nossa vida antiga e iníqua. Quando trazemos à memória, entre lágrimas, todas as coisas passadas que fizemos carnal e bestialmente, estamos como que conduzindo o esterco de cada um dos estábulos de nossos animais para a nossa terra. E quando discriminamos cada uma das más ações segundo o seu tempo, o seu lugar, a sua qualidade e a sua quantidade, como que o espalhamos repartindo-o em porções.

Nossas sementes são os dons divinos. O vaso em que as guardamos são a inteligência e o sentido espiritual. Colocamo-las na terra quando as plantamos no afeto e no efeito. Plantamos os dons divinos no afeto pelo amor, plantamo-los no efeito pela obra.

Em lágrimas semeamos, na alegria colheremos. Semeamos em lágrimas porque

***"Todos os
que querem
viver
piedosamente
em Cristo
padecerão
perseguição".***

II
Tim.
3,
12

Na alegria colheremos, porque nos alegraremos na retribuição.

**E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo,
nosso Senhor, o qual vive e reina, pelos séculos dos séculos.**

Amén.



**SERMO XXIII. AOS SACERDOTES REUNIDOS EM SÍNODO.**

***"Ide, anjos
velozes, a
uma gente
desolada e
dilacerada,
a um povo
terrível,
após o qual
não há
outro, uma
gente que
espera e é
pisada,
cujos rios
destroçaram
sua terra".***

**Is.
18,
2**

Eis, irmãos caríssimos, o divino ofício que nos foi confiado. Eis o cuidado, a solicitude e o trabalho dos sacerdotes. Eis a piedosa, mas perigosa responsabilidade que lhes foi imposta:

***"Ide,
anjos
velozes".***

A palavra profética, ou melhor, a palavra divina, nos admoesta nesta passagem que não desprezemos o ministério que nos foi divinamente confiado, nem que abandonemos esta santa responsabilidade, para que não ocorra que os homens, formados à imagem e semelhança de Deus, redimidos pelo precioso sangue de Cristo, por nossa negligência deslizem para

a condenação eterna por suas culpas temporais. E que não venha a ocorrer que não somente neles se encontre o pecado por causa de seus próprios delitos, mas que também em nós, além dos nossos próprios, se acrescentem os pecados alheios. Haveremos, efetivamente, de dar conta não somente de nós, mas também das almas que nos tiverem sido confiadas, a não ser que lhes tivermos anunciado insistentemente a palavra da salvação.

Ouçamos, pois, mais atentamente o que nos é divinamente ensinado:

***"Ide,
anjos
velozes, a
uma
gente
desolada".***

Os sacerdotes são anjos, como se depreende de uma passagem da Escritura em que se afirma que

***"Os
lábios do
sacerdote
são os
guardas
da
sabedoria,
e pela sua
boca se
há de
buscar a
lei,
porque
ele é o
anjo do
Senhor
dos
exércitos".***

Ma1 .
2 ,
7

Se somos, portanto, sacerdotes do Senhor, também somos, pelo mesmo ofício, seus anjos, isto é, seus mensageiros, e devemos anunciar ao povo as coisas que são de Deus.

***"Ide,
anjos
velozes, a
uma
gente
desolada".***

Demonstra-se de dois modos que a natureza humana provém de Deus e que nEle possui suas raízes, conforme já o dissemos em outro lugar. Primeiramente, por ter sido criada à imagem de Deus, na medida em que pode conhecer a verdade; depois, por ter sido criada à Sua semelhança, na medida em que pode amar o bem. Segundo estes dois modos pode ser reconhecida como unida a Deus não apenas a criatura humana, como também a angélica, na medida em que pelo conhecimento contempla a Sua sabedoria e pelo amor frui de Sua felicidade. Por estes dois modos evita o mal, pois pelo conhecimento da verdade que possui desde a origem na divina imagem que lhe foi enxertada repele o erro e pelo amor da virtude que possui na semelhança divina odeia a iniquidade. Pela sugestão diabólica, porém, entrando a ignorância na natureza humana, e desarraigou-se no homem a raiz do conhecimento divino; sobrevindo também a concupiscência, arrancou-se a planta do amor.

Qualquer gente ímpia, portanto, afastada pela culpa dos bens divinos e celestes, plantada primeiramente no bem pelos dois bens precedentes, sobrevindo-lhe os dois males seguintes é corretamente apresentada e chamada de desolada do bem:

**"Ide,
anjos
velozes, a
uma
gente
desolada".**

E, deve-se notar, a palavra divina não diz apenas desolada, como também acrescenta "dilacerada", desolada por ter sido afastada do bem, dilacerada por ter mergulhado no mal. A natureza humana, efetivamente, depois que é afastada do bem, é imediatamente e de múltiplas maneiras dilacerada pelo mal, conduzida por diversos vícios e pecados à condenação. Alguns pelo orgulho, outros pela inveja, outros pela ira, outros pela acédia, outros pela avareza, outros pela gula, outros pela luxúria, outros pela usura, outros pela rapina, outros pelo furto, outros pelo falso testemunho, outros pelo perjúrio, outros pelo homicídio, outros contemplando a mulher para desejá-la, outros chamando 'louco' a seu irmão, e por tantos outros vícios ou pecados, interiores e exteriores, os quais pela brevidade do presente não queremos nem podemos enumerar.

"Ide",

portanto,

**"anjos
velozes, a
uma gente
desolada e
dilacerada",**

para que, pelo vosso ensino, torneis a unir o que foi dilacerado pelo mal, e replanteis o que foi desenraizado do bem. "Ide, anjos", ide "velozes", ide

**"a uma
gente
desolada
e
dilacerada,
a um
povo
terrível,
após o
qual não
há outro".**

Todas as vezes, irmãos caríssimos, que o homem pela justiça conserva a nobreza, a elegância e a beleza de sua condição, verificamo-lo possuir uma aparência formosa. Quando, porém, pela culpa mancha em si mesmo o decoro da beleza, encontramos-lo imediatamente deforme e horrível, dessemelhante de Deus, tornado semelhante ao demônio.

E então? Nos dias de domingo e nas solenidades festivas o povo confiado aos vossos cuidados afluí à igreja, ajusta sua forma corporal, reveste-se com roupas mais ornamentadas e tingidas de diversas cores. Vós, talvez, contemplando homens e mulheres trajados de modo tão fulgurante, vos gloriareis de terdes tais súditos e de serdes seus prelados. Não é boa, porém, esta vossa glória se é nisto que vos gloriáis e se o povo a vós confiado for encontrado desolado e afastado do bem, dilacerado pelo mal e terrível pelos diversos vícios e pecados. Prestai diligentemente atenção em suas vidas, considerai seus costumes, julgai a sua beleza segundo as coisas que pertencem ao homem interior e não segundo as que pertencem ao exterior, enrubescei e compadecei-vos deste povo que é vosso súdito, se tal o virdes como aqui ouvis, isto é,

**"uma
gente
desolada
e
dilacerada,
um povo
terrível,
após o
qual não
há outro",**

porque talvez vossa seja a culpa, vossa a negligência, vossa a preguiça, por ele ser tal porque não lhe anunciastes os seus pecados e as suas impiedades.

"Ide",

portanto,

**"anjos
velozes, a
uma
gente
desolada
e
dilacerada,
a um
povo
terrível,
após o
qual não
há outro".**

"Ide, anjos", porque é o vosso ofício. "Ide, velozes", para que a vossa demora não cause perigo.

***"Ide a
uma
gente
desolada
e
dilacerada,
a um
povo
terrível,
após o
qual não
há outro",***

para que pelo vosso ensino se alcance o remédio:

***"Não
queirais
sentar-vos
no
conselho
da
 vaidade,
nem
associar-
vos com
os que
planejam a
iniquidade.
Odiai a
sociedade
dos
malfeitores,
e não
queirais
sentar-vos
com os
ímpios".***

Salmo

25 ,

4-5

Alguém de vós poderá pensar silenciosa ou mesmo responder abertamente, dizendo:

***"Tu nos
proíbes,
pelo
exemplo
que nos
colocas do
Salmista,
de nos
dirigirmos
a estes,
mas é a
estes que
o Senhor
nos
encaminha,
quando
nos diz:***

***`Ide, anjos
velozes, a
uma gente
desolada e
dilacerada,
a um povo
terrível,
após o
qual não
há outro".***

Entendei, porém, que onde o Senhor diz: "Ide, anjos velozes, a uma gente desolada e dilacerada, a um povo terrível, após o qual não há outro", Ele vos impõe aqui um ofício, e vos dá o preceito de ensinar aos ímpios; ali, porém, onde dissemos: "Não

queirais sentar-vos no conselho da vaidade, nem associar- vos com os que planejam a iniquidade; odiai a sociedade dos malfeitores, e não queirais sentar-vos com os ímpios", aqui, digo, vos é continuamente negada a permissão para pecar com os ímpios.

"Ide", portanto, "anjos", para ensinar; não queirais ir para pecar. "Ide a um povo terrível", para que pela palavra da salvação o torneis de formosa aparência; não queirais ir, para que pela deformidade de seu pecado vos torneis a vós mesmos semelhantes a eles. Cristo comeu com os pecadores para associá- los consigo mesmo no bem, mas não comeu com eles para que se associasse com eles no mal. "Assim como Cristo o fêz, assim fazei-o vós também; assim como Ele não fêz, assim não o queirais vós fazer".

***"Ide,
anjos
velozes".***

Quão velozes? Tão velozes que "pelo caminho não saudeis a ninguém" (Luc. 10, 4), e, "se alguém vos saudar",

***"não lhe
respondais".***

**2
Reis
4,
29**

Não que a salvação não deva ser anunciada a todos; por estas palavras o Espírito Santo quer dar a entender quão velozes e pressurosos importa que sejam os sacerdotes no anúncio da salvação, como se dissesse:

**"Prega a
palavra,
insiste a
tempo e
fora de
tempo,
repreende,
suplica,
admoesta
com toda
a
paciência
e
doutrina",**

**2
Tim.
4,
2**

e

**"não
queirais
adiar a
palavra dia
após dia,
de
domingo a
domingo,
de
solenidade
a
solenidade,
mas que,
ao menos
nos
domingos
e nas
solenidades**

**festivas
não vos
seja
suficiente
celebrar
somente as
missas
para o
povo
reunido na
igreja
segundo o
costume.
Não seja
suficiente
para o
homem
apostólico
e para
cada uma
das ordens
fazer um
discurso
genérico
ou
anunciar a
festa da
semana
seguinte.
Antes,
castigai o
povo sobre
o mal,
ensinai-o e
formai-o no
bem,
declarai-
lhes a pena
que há de
vir sobre
os
pecadores
e a glória**

*reservada
aos
justos".*

"Ide, anjos; ide velozes". Se adiais de domingo a domingo pregar ao povo a palavra da salvação, quem saberá dizer se então estareis vivos, sãos ou presentes? E ainda que ocorra que estejais vivos, sãos ou presentes, quem saberá se alguém que antes estava presente estará então ausente e não mais ouvindo o bom conselho para a sua alma, surpreendido por uma morte inesperada e súbita, seja arrebatado para a pena eterna sem se ter lavado da sua culpa? Porventura de vossas mãos Deus não pedirá com justiça contas do sangue deste homem?

"Ide",

pois,

*"anjos
velozes, a
uma
gente
desolada
e
dilacerada,
a um
povo
terrível,
após o
qual não
há outro".*

O que significa: `Depois do qual não há outro'? Porventura depois deste povo não haverá mais de nascer ou de viver quem faça o bem ou quem faça o mal? Certamente que não. O que significa, então, o `após o qual não haverá outro'? Significa que não haverá, diante do supremo juiz, ninguém pior, mais torpe pela culpa, mais terrível do que este. Três são os povos: o

cristão, o judeu, e o pagão. Aqueles que no povo cristão são cristãos segundo o nome, mas que pela injustiça servem ao demônio, são mais terríveis que os judeus ou os pagãos, já que são piores pela iniquidade. De fato, quanto mais facilmente, ajudados pela graça, se quiserem, podem permanecer na justiça, tanto mais gravemente ofendem não querendo abster-se da culpa. Aquele a quem mais foi confiado, mais lhe será exigido. Quanto mais alto for o degrau, tanto maior será a queda, e mais pecou o demônio no céu, do que o homem no paraíso. Conforme no-lo ensina a Escritura,

***"Aquele
servo,
que
conheceu
a vontade
de seu
Senhor, e
não se
preparou,
e não
precedeu
conforme
a sua
vontade,
levará
muitos
açoites.
O servo,
porém,
que não a
conheceu,
e fez
coisas
dignas de
castigo,
levará
poucos
açoites".***

Luc .
12 ,
47 -
8

Assim como no-lo é manifestado por esta sentença, assim também o Senhor repreendeu as cidades em que havia feito vários prodígios, pelo fato de não haverem feito penitência, dizendo:

***"Ai de ti,
Corozaim!
Ai de ti,
Betsaida!
Porque, se
em Tiro e
em
Sidônia
tivessem
sido feitos
os
milagres
que se
realizaram
em vós, há
muito
tempo
eles
teriam
feito
penitência
em cilício
e em
cinza. Por
isso eu
vos digo
que
haverá
menor
rigor para
Tiro e***

**Sidônia no
dia do
Juízo do
que para
vós. E tu,
Cafarnaum,
elevator-te-
ás
porventura
até o céu?
Não, hás
de ser
abatida
até o
inferno. Se
em
Sodoma
tivessem
sido feitos
os
milagres
que se
fizeram
em ti,
ainda hoje
existiria.
Por isso
vos digo
que no dia
do Juízo
haverá
menos
rigor para
a terra de
Sodoma
que para
ti".**

Mat .
11 ,
21 -
24

Deste mesmo modo pode-se repreender também este povo de falsos cristãos, depravado por diversas impiedades, feito terrível, distante da divina semelhança da qual se afastou segundo a sua iniquidade:

***"Ai de ti,
povo iníquo,
povo
mentiroso,
povo
apóstata,
que pela tua
má vida
conculcas o
Filho de
Deus, que
manchaste
o sangue do
Testamento
em que
foste
santificado
e fazes
injúria ao
Espírito da
graça!
Melhor seria
para estes***

***`não
conhecer o
caminho da
justiça do
que, depois
de o terem
conhecido,***

**tornarem
para trás
daquele
mandamento
que lhes foi
dado. De
fato realizou-
se neles
aquele
provérbio
verdadeiro:
`Voltou o
cão para o
seu vômito
e a porca
lavada
tornou a
revolver-se
no
lamaçal" (2
Pe. 2, 21-
22)".**

Como não vemos, portanto, que este povo não poderá ser pior do que si mesmo e que nenhum outro povo mau haverá de vir depois dele? Neste o peso dos males manifestado pela palavra profética já parece ter-se espalhado, pelo que se diz:

**"Ai de vós,
os que ao
mal
chamais
bem, e ao
bem mal,
que tomais
as trevas
por luz, e a
luz por
trevas, que
tendes o
amargo**

***por doce, e
o doce por
amargo!***

***Ai de vós,
os que
sois
sábios a
vossos
olhos e,
segundo
vós
mesmos,
prudentes!***

***Ai de vós
os que
sois
poderosos
para beber
vinho, e
fortes para
fazer
misturas
inebriantes!
Vós os que
justificais
o ímpio
pelas
dádivas, e
ao justo
tirais o seu
direito!"***

***Is.
5,
20-
23***

De todas estas coisas, irmão caríssimos, há muito mais que

poderia ser dito, as quais temos que omití-las por causa da brevidade.

***"Ide,
anjos
velozes,
a um
povo
terrível,
após o
qual
não há
outro,
a uma
gente
que
espera
e é
pisada".***

O que ela espera? A vossa palavra, o vosso exemplo, o vosso amparo e, pela vossa solicitude e pelo vosso serviço, o auxílio e o dom divino. Espera a vossa palavra, para que possa aprender; o vosso exemplo, para que dele receba a forma; o vosso amparo, para que seja defendido; por vossa solicitude e serviço, o auxílio e o dom divino para que possa ser libertado do mal e justificado no bem.

***"E é
pisada".***

Quem a pisou? Todos os demônios, que continuamente dizem à sua alma: "Curva-te, para que passemos por ti". De fato, os maus, os que desprezam as coisas celestes, e se curvam para as terrenas, oferecem aos demônios o caminho para serem por eles pisados e atravessados.

Segue-se:

***"Cujos rios
destroçaram
sua terra".***

Quem são estes rios que destroçam a terra dos que vivem mal? Onde os vícios fluem com impetuosidade, carregam consigo os maus aos tormentos. O que é a destruição da terra, senão a dissipação de qualquer virtude? Os rios, portanto, destroçam a terra dos maus quando os vícios lhes removem as virtudes. A soberba, de fato, remove a humildade, a ira remove a paz, a inveja a caridade, a acédia a exultação espiritual, a avareza a liberalidade, a luxúria a continência.

***"Ide, anjos
velozes, a
uma gente
desolada e
dilacerada,
a um povo
terrível,
após o qual
não há
outro, uma
gente que
espera e é
pisada,
cujos rios
destroçaram
sua terra".***

"Naquele tempo", acrescenta logo em seguida Isaías,

**"será
levada uma
oferta ao
Senhor dos
exércitos
por um
povo
desolado e
dilacerado,
por um
povo
terrível,
após o qual
não houve
outro, por
uma gente
que espera
e é pisada,
cujos rios
destroçaram
a sua
terra".**

**Is.
18,
7**

De que tempo nos fala o profeta? Daquele tempo em que tiverdes ido a este povo ao qual sois enviados e, pelo vosso ensino, o tiverdes curado dos males que já mencionamos. Que oferta então será levada ao Senhor? Uma oferta de gratidão, um holocausto entranhado e medular, um voto interior, que será levado ao lugar do nome do Senhor, ao monte Sião, isto é, à Santa Igreja.

Ide, pois, anjos velozes, e ensinai ao povo terrível, cumpri o vosso ministério. Se assim o fizerdes, alcançareis para vós um bom lugar. Que a vós e a nós conceda esta graça aquele que nos promete também a glória, Jesus Cristo, Nosso Senhor, o qual vive e reina, por todos os séculos dos séculos.

Amén.





**SERMO XXXIV. SOBRE A NATIVIDADE, OU A ASSUNÇÃO DA BEM
AVENTURADA VIRGEM MARIA.**

**"Quem é
esta que
surge
como a
aurora
quando
se
levanta,
formosa
como a
Lua,
brilhante
como o
Sol,
terrível
como
um
exército
em
ordem
de
batalha?"**

**Cant .
6 , 9**

Irmãos caríssimos, a bem aventurada Virgem Maria foi como a aurora, pois surgiu no fim de um tempo que foi como a noite e brilhou como a estrela matutina que precedeu a verdadeira luz da graça e do Sol de justiça que dela teve origem. Todo o tempo que a precedeu, desde Adão até a sua origem, foi de fato como a noite, uma noite longa, obscura, fria, ociosa, entorpecida, sonolenta, silenciosa, ou melhor, muda. Foi noite, pela ausência da verdadeira luz; longa, pela duração de seu tempo; obscura, pela tenebrosidade da infidelidade; fria, pelo defeito da

caridade; entorpecida, pela exibição da boa obra; sonolenta, pelo esquecimento da bem aventurança; silenciosa, pela voz da verdadeira confissão; muda, pelo cântico do louvor divino. Com exceção daqueles poucos justos que durante longo tempo fustigaram de suas maldades aquele antigo povo e, segundo o costume dos galos que durante a noite cantam prenunciando o dia, anunciavam os mistérios do futuro Salvador e da Igreja, quase todo o mundo estava entorpecido pelo silêncio e pelo sono, conforme está escrito no Livro da Sabedoria:

***"Quando
tudo
repousava
em um
profundo
silêncio, e
a noite
estava no
meio do
seu curso,
a tua
palavra
onipotente,
Senhor,
desceu do
trono
real".***

**Sab.
18,
14-
15**

Alguns astros irradiavam sua luz naquele tempo, pois os santos patriarcas e profetas ilustravam pelas suas virtudes a ignorância daquele povo. Surgindo, porém, a aurora, estes raios de certo modo se ofuscaram, pois em comparação com a bem aventurada Maria os santos profetas tinham pouca claridade. O que foi, efetivamente, a inocência de Abel, a justiça de Noé, a fé de Abraão, a longanimidade de Isaac, a tolerância de Jacó, a

continência de José, a mansidão de Moisés, a fortaleza de Josué, a caridade de Samuel, a humildade de Davi, o zelo de Elias, a abstinência de Daniel, a exímia santidade do bem aventurado João, e as virtudes dos demais santos, em comparação com a bem aventurada Maria? A bem aventurada Virgem Maria foi verdadeiramente uma aurora claríssima que pelo seu magnífico resplendor diminuiu a claridade dos padres precedentes. Com razão tudo o que nas Escrituras ou nas criaturas é louvável, convém ao seu louvor. Assim como ela é aurora pela antecipação da verdadeira luz, assim também é flor pela beleza, favo pela doçura, violeta pela humildade, rosa pela caridade ou compaixão, lírio pela suavidade, videira pela frutificação, qualquer aroma pela boa opinião, fortaleza pela segurança, muro ou torre pela fortaleza, escudo ou fortaleza pela defesa, coluna pela retidão, esposa pela fé, amiga pelo amor, mãe pela fecundidade, virgem pela integridade, senhora pela dignidade, rainha pela majestade, ovelha pela inocência, cordeira pela pureza, pomba pela simplicidade, rola pela castidade, qualquer animal puro e doméstico pela conversação pura e mansa, nuvem pela proteção, estrela pela incoação de qualquer virtude ou boa obra, lua pelo seu aumento, sol pela sua consumação e, finalmente, pureza celeste pela plenitude do bem celeste.

Mas, para que voltemos àquilo pelo que começamos, depois da própria bem aventurada Virgem Maria ter surgido no mundo como aurora resplandecente, imediatamente após o seu surgimento, dela surgiu o Sol da justiça Cristo Deus nosso o qual, desfeitas as trevas, iluminou todo o mundo, tanto que os povos das gentes, que caminhavam nas trevas,

*"viram
uma
grande
luz".*

Is.
9,
2

"Não caminemos", exorta-nos o Apóstolo na Epístola aos Romanos, "como nossos pais, os gentios", sobre os quais nos mostra que

***"tendo
conhecido a
Deus, não o
glorificaram
como Deus,
nem lhe
deram graças,
mas
desvaneceram-
se nos seus
pensamentos.
Adoraram e
serviram a
criatura de
preferência ao
Criador, que é
Deus, bendito
por todos os
séculos, por
causa do que
Deus os
entregou a um
sentido
depravado,
para que
fizessem o
que não
convém,
cheios de toda
a iniquidade,
de malícia, de
fornicação e
avareza",***

Rom.

1;
21,
25-
6,
28-
9

e de outros vícios e pecados detestáveis, os quais enumera nesta mesma passagem. Quanto a nós, porém, irmãos caríssimos, ele nos convida a que deixemos os vícios e os pecados, ensinando-nos que são

***"obras
das
trevas",***

Rom.

13,
12

pedindo-nos que nos

***"revistamos
das armas
da luz",***

Rom.

13,
12

e que, como no dia da graça,

***"caminhemos
honestamente".***

Rom.
13,
13

Todos os vícios e pecados são carnis ou espirituais, e o Apóstolo no-los proíbe todos, seja segundo a coisa, seja segundo a significação, quando nos diz:

***"Não em
gluttonaria e
na
embriaguez,
não em
leitos e
impudicícias,
não em
contendas e
emulações".***

Rom.
13,
13

De fato, todos os pecados carnis ou pertencem à gula, e no-los são proibidos onde se diz: "Não em gluttonaria e na embriaguez"; ou pertencem à luxúria, e no-los são proibidos onde se acrescenta: "Não em leitos e impudicícias". Os pecados espirituais ou são exteriores, e no-los são proibidos onde se diz: "Não em contendas"; ou são cometidos interiormente, e no-los são proibidos onde se acrescenta: "Não em emulações". De fato, a contenda é exterior e pela boca, enquanto que a emulação é interior e se dá no coração.

Finalmente, quando se conclui:

***"Revesti-
vos do
Senhor
Jesus
Cristo",***

**Rom.
13,
14**

são nos preceituados todos os bens, sejam espirituais, sejam corporais, pois revestir-se de Cristo é viver santa e honestamente em Cristo.

Portanto, irmãos caríssimos, expulsemos o demônio com suas obras tenebrosas, tendo ódio pelo mal. Revistamo-nos de Cristo, amando o bem, exercitando as virtudes, exibindo as boas obras, pois assim como tivermos caminhado honestamente no dia da graça, assim também alcançaremos a glória da pátria suprema. Oremos igualmente para que pelos méritos e pelas preces da santa Virgem Maria, o Sol da justiça sempre nos ilumine, sempre permaneça, nunca se ponha. Que a exemplo de Josué, para quem

***"o Sol
não se
moveu
sobre
Gabaon,
até que
não
tivesse
vencido
seus
inimigos",***

Jos .

10 ,

12-

13

este outro Sol esteja também sempre conosco, como Ele mesmo o prometeu aos seus fiéis até a consumação dos séculos, até aquele dia em que também nós, vencidos os nossos inimigos, sejamos premiados com os tronos celestes.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus, bendito pelos séculos dos séculos.

Amén.





**SERMO XXXVIII. SOBRE A CIDADE DE BABILÔNIA, E A FUGA
QUE SE DEVE EMPREENDER DO CONVÍVIO MUNDANO COM
SEUS SETE DELITOS.**

**"Saí de
Babilônia,
fugi dos
Caldeus".**

**Is.
48,
20**

Babilônia, gloriosa entre todos os reinos, ilustre na soberba dos Caldeus, pelos delitos de seus cidadãos reduzida desde a antiguidade à perpétua solidão, pelo sentido de seu nome, pelo orgulho cruel de seus príncipes, e pela perversa vida de seus habitantes, significa o mundo presente.

O mundo, efetivamente, tanto por causa da culpa como por causa da pena, e também por causa de ambos, pode comparar-se corretissimamente à perversa e ímpia Babilônia. Possui, no sentido moral, ao modo de qualquer cidade, as suas portas, o seu muro, as suas vias, os seus edifícios maiores e menores. A porta pela qual nela se entra é o nascimento; o caminho pelo qual se a atravessa é a mortalidade; a porta, pela qual se sai da mesma, é a morte. Qualquer coisa que o miserável nascimento submeter, a infeliz mortalidade a conduzirá toda consigo, e o que quer que a mortalidade conduza, a insensível morte a devorará por completo. O seu muro é todo o âmbito deste mundo, no qual entramos pelo nascimento, mas não podemos dele sair senão pela morte. Entre ambas as portas, isto é, entre o nascimento pela qual entramos e a morte pela qual saímos, há o caminho, que é a mortalidade, pelo qual passamos todos os dias, as horas e os momentos, submetidos e fustigados pela sua corruptibilidade e pela sua penalidade, até que, segundo o arbítrio do juiz interior e eterno, depois do mérito, alcancemos o prêmio.

As vias desta Babilônia espiritual são os sete vícios principais. Tais vias são compridas e largas; compridas pelo longo costume, largas pela dissoluta licenciosidade. A primeira via é a soberba, a segunda a inveja, a terceira a ira, a quarta a acédia, a quinta a avareza, a sexta a gula, e a sétima é a luxúria.

A soberba, por uma parte, ou em um de seus lados, possui a elevação do coração, e no outro a ostentação da obra. Interiormente, de fato, temos a soberba; exteriormente, a jactância. A soberba consiste na elevação do coração, a jactância na ostentação da obra. A soberba reside mais no oculto diante de Deus, a jactância mais no manifesto diante do próximo. Para construir esta via o demônio colocou a primeira pedra, quando quis

***"subir ao
céu,
exaltar
seu trono
acima dos
astros de
Deus,
sentar-se
sobre o
monte da
aliança, ao
lado do
aquilão,
sobrepujar
a altura
das
nuvens e
ser
semelhante
ao
Altíssimo".***

Is .

14 ,

13 -

14

Ele é, portanto, o rei desta Babilônia, e foi ele que então e deste modo começou a edificar esta cidade e sua primeira via.

Em seguida vieram para ela os nossos primeiros pais, os quais, quando buscaram pela soberba a casa da ciência comendo o fruto proibido, edificaram a mesma via da cidade de Babilônia. Nesta via cada orgulhoso constrói para si uma casa tanto mais elevada quanto de modo se ensoberbecer entre os demais. O mesmo se deve entender dos demais vícios, de tal modo que os que por primeiro os encontraram e exercitaram, foram também os que por primeiro trabalharam na edificação das vias de Babilônia. E quanto mais qualquer homem se corrompe mais gravemente por algum vício, tanto mais sublime palácio edifica para si em Babilônia.

Nesta primeira via, que é a soberba, vários são os aparatos, vários são os ornamentos, e nela mais se busca o que pertence ao louvor do que o que pertence ao prazer. Nela mais são desejadas as coisas que dizem respeito à glória do mundo do que à concupiscência da carne. Todas são ordenadas e ornamentadas como uma semelhança do templo. Nela encontra-se a púrpura, o linho finíssimo, as vestes inteiramente de seda, os tapetes do Egito, os ornamentos dos calçados, as fivelas, os colares, os braceletes, as pulseiras, as mitras, os discriminiais, os pericélios, as murêmulas, os perfumes, os brincos, os anéis, as gemas, as mutatórias, as capas, os véus, os grampos, os espelhos, os suidones e os teristres. Seus habitantes entram pomposamente, de cabeça erguida, aprovando-se pelos acenos dos olhos, avançando com os pés em marcha compassada. A terra está repleta com seus cavalos, e suas quadrigas são inumeráveis.

A segunda via de Babilônia, que é a inveja, vive da aflição e do desespero por reputar-se haver caído na mais terrível pobreza. Seus moradores, embora possuam bens, observando aqueles que na via anterior os excedem em pompa, riqueza e glória,

consideram-se os mais pobres e destituídos de felicidade dentre todos os homens. No meio desta avenida construída por um lado pela própria diminuição e por outro pelo aumento alheio, os invejosos gemem e definham inconsolavelmente, torturando-se e contorcendo-se de dor como se estivessem em trabalho de parto. O tormento daqueles que percorrem esta via, de fato, está entre a própria diminuição e o aumento alheio, ou entre a própria ignomínia e a glória do outro. Seu príncipe é o demônio, pois, conforme está escrito,

***"pela
inveja
do
demônio
entrou
no
mundo
a
morte",***

**Sab.
2,
24**

mas ela possui muitos outros cidadãos, todos perdidos, como Caim, os escribas e os fariseus e os príncipes dos sacerdotes, os quais Pilatos sabia haverem traído a Cristo pela inveja.

A terceira via da cidade réproba é a ira. Por um de seus lados corre a ira leve e passageira, do outro o ódio, isto é, a ira grave e contínua. Aqui verás a palha, ali a trave. Para esta miserável via concorrem todos os ímpetos de todas as tempestades. Nela se agitam os turbilhões das dissensões, soa o fragor das ameaças, tremem os ventos das contendas, cai a chuva pesada e o granizo das perseguições, lampejam os raios das armas, ressoam os trovões das feridas e dos homicídios.

A quarta via da nefanda cidade é a acédia. Ela possui de um lado a tristeza, do outro o desespero. Ela é mais horrenda e

mais amplamente temível do que todas as outras. Embora seja grave pecar, todavia é mais grave cair irracionalmente na tristeza e é muito mais grave ainda precipitar-se no desespero pela tristeza. O primeiro que para si construiu uma casa nesta via foi Caim, quando disse:

***"Minha
iniquidade
é grande
demais
para que
mereça
ser
perdoada".***

Gen .
4 ,
13

Também Judas, o pior dos negociantes, construiu uma casa para si nesta mesma via quando, desesperando-se do perdão, enforcou-se no laço. De sua habitação o salmista pediu para ser libertado quando disse:

***"Não
me
afoguem
as
ondas
das
águas,
nem me
absorva
o
abismo,
nem a
boca do
poço se
fecha***

**sobre
mim".**

Salmo
68,
16

A quinta via é a avareza. Ela é constituída, por uma parte, pela cobiça, e por outra pela tenacidade. Embora seja repleta de prata e ouro e não haja término para os seus tesouros, não pode todavia produzir saciedade, porque o avarento, no que diz respeito ao ardor de sua sede,

**"jamais
se
fartará
do
dinheiro".**

Ec .
5,
9

**Ao contrário, quanto mais adquirir, tanto mais cobiçará possuir.
De onde o conhecido provérbio:**

**"Cresce
o amor
do
dinheiro,
tanto
quanto
cresce
a
própria
riqueza".**

**Nesta via possui uma casa ilustre aquele rico avarento,
sepultado no inferno, de que nos fala o décimo sexto capítulo
do Evangelho de São Lucas.**

**A sexta via é a gula, da qual uma parte é a voracidade, e outra
parte a ebriedade. O Senhor nos proíbe a moradia nesta avenida
onde nos diz:**

**"Velai,
pois,
sobre
vós,
para que
não
suceda
que os
vossos
corações
se
tornem
pesados
com as
demasias
do
comer e
do
beber".**

Luc .

21 ,

34

E também o Apóstolo, onde nos diz:

***"Caminhemos,
pois, como de
dia,
honestamente,
não em
glotonaria,
nem na
embriaguez".***

Rom .

13 ,

13

Naquela parte, que é a voracidade, estão todos os tipos de pães, que se fazem pela arte do padeiro, e os demais manjares que se fazem pela arte culinária, os diversos gêneros de carnes de quadrúpedes e de aves, de peixes de mar e de rios, a pimenta, o cominho e os diversos ingredientes para a elaboração de sabores e condimentos. Na outra parte, que é a ebriedade, estão os vinhos de variadas cores, sabores, forças e odores, elaborados com diversas ervas e aromas, para terem com que se ocupar

***"os que se
levantam
pela manhã
para se
entregarem
à
embriaguez,
e para
beberem
até à
tarde",***

**Is .
5,
11**

**cuja impudência o mesmo profeta de quem são estas palavras
recremina em outro lugar, dizendo:**

***"Também
estes, por
causa do
vinho,
perderam o
entendimento,
e por causa da
embriaguez,
andaram sem
rumo. O
sacerdote e o
profeta
perderam o
juízo por
causa da
embriaguez,
foram
absorvidos
pelo vinho.
Enganaram-se
pela***

**embriaguez,
não
reconheceram
o vidente,
ignoraram a
justiça. Todas
as suas
mesas se
encheram de
vômito e de
asquerosidade,
de modo que
já não havia
mais lugar".**

**Is .
28 ,
7 -
8**

E novamente, o mesmo profeta, falando na pessoa destes:

**"Vinde,
bebamos
vinho,
enchamo-
nos até à
embriaguez
e, como
hoje,
assim
faremos
amanhã, e
ainda
muito
mais".**

Is .

56 ,

12

E se tais foram os profetas, os sacerdotes e os sábios do povo, que são chamados pelo mesmo profeta de cães impudentíssimos, não conhecendo a saciedade, como imaginais que terá sido o povo promíscuo e ignorante? O Apóstolo Paulo, falando também dos gulosos, diz:

"Muitos, de quem muitas vezes vos falei e também agora falo com lágrimas, procedem como inimigos da cruz de Cristo; o fim deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e fazem consistir a sua glória na sua própria confusão, comprazendo-se somente nas coisas terrenas".

Fl.

3,

18-

19

A sétima via de Babilônia é a luxúria. Esta possui, de uma parte, a imundície do pensamento, e de outra, a imundície da ação. Esta é a última e a ínfima de todas as vias de Babilônia. Para ela parecem confluír as imundícies de toda a cidade e, todavia, por causa da correnteza de suas águas, não pode saciar-se. Dizem, de fato, as Sagradas Escrituras, que

***"Insaciável
é a boca
do útero".***

Prov.

30,

16

Muitas outras coisas, irmãos caríssimos, poderiam ser ditas a respeito de tudo isto, as quais, todavia, será necessário omitir. Todo dia, ordinariamente, temos outras coisas para fazer, não tendo à nossa disposição todo o tempo para escrever. As coisas que superarem nossa possibilidade ser-vos-ão deixadas para serem investigadas e recolhidas por vós.

E agora, caríssimos, tenhamos por horrendas e abomináveis as vias de Babilônia, e detestemos suas habitações, isto é, todos os delitos da vida mundana:

**"Saíamos
de
Babilônia,
fujamos
dos
Caldeus,
voltemos a
Jerusalém".**

"Saíamos", abandonando nossa maldade; "fujamos", pelo arrependimento; "voltemos", pelo bem viver. Na aversão ou descida de Jerusalém a Babilônia produz-se em primeiro lugar a tentação; em segundo, a deleitação; em terceiro, o consentimento; em quarto, a obra; em quinto, o costume; em sexto, o desespero. Pela tentação somos movidos; pela deleitação descemos, ou melhor, caímos; pelo consentimento entramos pelas portas de Babilônia; pela obra nela construímos uma habitação para nós; pelo costume somos conduzidos à servidão; pelo desespero somos jogados no cárcere e acorrentados pelos grilhões. No retorno, porém, de Babilônia para Jerusalém, temos em primeiro lugar o anseio de Deus pelo conhecimento do pecado; em segundo a compunção do coração; em terceiro a confissão da boca; em quarto a satisfação da penitência; em quinto o exercício da virtude; em sexto a exibição da boa obra. E deve-se notar que se diz:

***"Fujamos
dos
Caldeus".***

Melhor, de fato, vencemos certos pecados, principalmente os que nos são doces, fugindo do que resistindo. De onde que o Apóstolo diz da fornicção:

***"Fugi da
fornicação".***

I
Cor .
6 ,
18

Isto também o declarou o mensageiro que veio até Heli, quando disse:

***"Eu sou
o que
venho da
batalha,
e eu, o
que fugi
hoje do
combate".***

I
Sam .
4 ,
16

Melhor é, efetivamente, fugir e salvar a vida do que sucumbir na guerra. Saíamos, pois, irmãos, e fujaamos. Curto e fácil é o caminho que vai de Jerusalém para Babilônia, e, ao contrário, e admirável para ser dito, grande e difícil é o caminho que vai de Babilônia para Jerusalém. Fácil é, na verdade, cair do bem para o mal, da virtude para o vício, do espírito para a carne; mas não ressurgimos de modo igualmente fácil das coisas inferiores para as superiores, oprimidos pelo corpo que se corrompe e sufoca a alma.

**"Fácil é
descer o
Averno.
Subí-lo,
porém,
novamente,
alcançar-
lhe as
alturas,
transpô-lo
até os seus
ventos
mais
elevados,
eis o
trabalho,
eis a
dificuldade".**

Facil e rapidamente caímos pela culpa, porque o espírito e a carne são vizinhos por uma grande fronteira; porém, depois que pecamos, oprimidos pelo costume do pecado, é com dificuldade que nos levantamos pela justiça. De onde que se diz corretamente que este retorno espiritual é uma longa, árdua e difícil subida. Daqui também procede o que nos diz o Salvador:

**"Estreita
é a
porta, e
apertado
é o
caminho
que
conduz
à vida".**

Mat .

7 ,

14

**Se, pois, estamos no caminho do retorno pelo arrependimento,
ou na própria Jerusalém pela boa e perfeita consciência,**

***"guardemos
o que
temos,
para que
ninguém
nos tome a
nossa
coroa".***

Apoc .

3 ,

11

**Se, pois, "estamos de pé", acrescenta o Apóstolo, "vigiemos
para que não caiamos", suspeitando sempre das ciladas e das
incursões dos nossos inimigos, os quais, embora nos deportem
e nos oprimam, nos pedem que**

***"cantemos
os
cânticos
de Sião".***

Salmo

136 ,

3

Diz a sentença de Jeremias que

**"Nossos
perseguidores
são mais
velozes do
que as
águias do
céu,
perseguiram-
nos sobre os
montes e
armaram-nos
ciladas no
deserto".**

Lam.

4,

19

Tornam-se águias do céu os prelados da Igreja, quando voam sublimemente em direção aos bens celestes e contemplam os raios da suprema claridade. Os montes designam a altitude da contemplação. O deserto significa o segredo da vida espiritual. Mas os nossos perseguidores são mais velozes do que as águias do céu, porque os espíritos cruéis persistem em nos perseguir com maior fortaleza do que freqüentemente nossos prelados em nos defender. E ainda que subamos às alturas da suprema contemplação, ou nos apartemos para o segredo de nossa vida interior, nem assim cessarão de nos perseguir e jamais desistirão de nos espreitar. Portanto, caríssimos, é necessário que caminhemos não apenas com fortaleza, como também com sabedoria; contra a perseguição devemos ser fortes, contra as ciladas devemos ser sábios. Se caminharmos forte e sabiamente, escaparemos do inimigo e chegaremos a salvo em Sião, onde encontraremos a alegria eterna em Cristo.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é, sobre todas as coisas, Deus, bendito por todos os séculos.

Amén.





**SERMO XXXIX. SOBRE A CIDADE SANTA DE JERUSALÉM,
SEGUNDO O SENTIDO MORAL.**

**"Jerusalém,
cidade
santa, e
cidade do
Santo".**

**Apoc .
21 ,
2
Is .
52 ,
1**

Jerusalém, segundo o sentido histórico, é a cidade terrena; segundo o sentido alegórico, a santa Igreja; segundo o sentido moral, a vida espiritual; segundo o sentido anagógico, a pátria celeste. Deixando de lado os outros sentidos, exporemos a seguir o que diz respeito ao sentido moral, esforçando-nos para que, com sua descrição, possamos edificar os bons costumes.

Assim como Babilônia, isto é, a vida mundana, tem as suas vias e as demais coisas que já descrevemos, assim também a santa Jerusalém, que é a vida espiritual, possui a disposição de sua edificação no bem. Possui, a saber, o seu muro, as suas vias, os seus edifícios, as suas portas. Um muro exterior circunda-a em toda a sua volta, pelo qual é protegida por uma rigorosa, contínua e perfeita disciplina de bons costumes. Em seu interior possui sete vias nas sete virtudes contrárias aos sete vícios que já descrevemos quando falamos de Babilônia. Na vida santa e espiritual encontramos, de fato, a humildade, que é contrária à soberba; a caridade, que é contrária à inveja; a paz, que é contrária à ira; a alegria espiritual, que é contrária à acédia; a liberalidade, que é contrária à avareza; a abstinência, que é contrária à gula; a continência, que é contrária à luxúria. Não será também inútil descrever as partes destas vias, tanto as que

estão de um lado como as que estão de outro.

Na primeira via da santa cidade, que dissemos ser a humildade, encontra-se de um lado aquela humildade que o homem possui e que exhibe interiormente apenas a Deus em segredo, e de outro aquela humildade que o homem possui e exhibe exteriormente e de modo manifesto ao próximo por causa de Deus. O Senhor nos mostra o bom fruto desta virtude ou via quando nos diz:

***"Todo
aquele
que se
humilha
será
exaltado".***

**Luc .
14 ,
11**

Quanto mais, de fato, alguém por causa de Deus se humilha no presente, tanto mais sublime será junto de Deus no futuro.

A segunda via é a caridade, na qual de uma parte encontra-se o amor de Deus, e de outra o amor do próximo. De um lado, com efeito, é-nos preceituado que amemos a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com toda a memória; e de outro é-nos preceituado amar o próximo como a nós mesmos. O Senhor nos mostra por si mesmo qual e quão bom é o fruto da caridade, onde nos diz que

***"Destes dois
mandamentos
depende toda
a Lei e os
profetas".***

Mat .

22 ,

40

É daqui também que procede o que nos diz o Apóstolo:

**"A
plenitude
da Lei é
o amor".**

Rom .

13 ,

10

A terceira via da Jerusalém espiritual é a paz. Num dos lados desta via encontra-se a concórdia interior com Deus, no outro a concórdia exterior com o próximo. O Senhor nos preceitua que habitemos em ambas e que esta via esteja no meio de nós quando nos diz:

**"Tende
sal em
vós, e
tende
paz
uns
com os
outros".**

Mc .

9 ,

50

Quão grande seja o seu fruto Ele também no-lo mostra em outro

lugar, onde diz:

***"Bem
aventurados
os
pacíficos,
porque
serão
chamados
filhos de
Deus".***

**Mat .
5 ,
9**

Grande é este fruto, um grande bem. Porque,

***"Se
somos
filhos,
também
somos
herdeiros:
herdeiros
de Deus
e co-
herdeiros
de
Cristo".***

**Rom .
8 ,
17**

A quarta via espiritual desta cidade é a alegria, da qual em um

lado encontra-se aquela exultação que somente é percebida interiormente pelo afeto, e em outro aquela que também se manifesta exteriormente aos sentidos. Às vezes, de fato, tanta alegria nos é infundida do céu na alma que não somente ela pode ser percebida interiormente, como também pode ser reconhecida exteriormente no semblante, na voz, nos gestos e nos movimentos, conforme nos diz o Salmista:

***"Meu
coração
e minha
carne
exultaram
no Deus
vivo".***

**Salmo
83,
3**

Se a Sagrada Escritura narra que a voz do povo de Deus, quando se alegrava e louvava ao Senhor, era ouvida ao longe, quem se admirará que quando aquele pai exultou interiormente de alegria pelo filho que retornava ao coração depois de haver prevaricado, o coro e a sinfonia de alegria eram ouvidos juntos do lado de fora (Luc. 15, 25)? Por isso é que também a mesma Escritura testemunha ser-nos proibida a tristeza nas solenidades dos dias sagrados, quando declara:

**"Este dia
é
santificado
ao Senhor
vosso
Deus. Não
estejais
tristes,
nem
queirais
chorar.
Ide, e
comei
carnes
gordas e
bebei
vinho
misturado
com mel,
e mandai
quinhões
aos que
não têm
nada
preparado
para si,
porque
este é um
dia santo
do
Senhor.
Não
estejais
tristes,
porque a
alegria do
Senhor é
a nossa
fortaleza".**

2
Esd .
8 ,
9 -
10

É pelo mesmo motivo que também o Salvador nos diz:

***"Porventura
podem os
amigos do
esposo
jejuar,
enquanto o
esposo
está com
eles?"***

Luc .
5 ,
34

Esta alegria que é vivida ou exibida aos fiéis no comer e no vestir nas solenidades dos dias sagrados é boa para os que dela fazem bom uso, pois assim como é da casa de Deus que procede para eles, assim também é para a honra de Deus que é vivida por eles. Qual e quão grande seja a utilidade desta virtude no-lo é declarado pelo Apóstolo Paulo onde ele diz, escrevendo aos Coríntios sobre as coletas:

**"Cada um
(doe)
conforme
propôs no
seu coração,
não com
tristeza, nem
constrangido,
porque Deus
ama o que
dá com
alegria".**

2

Cor .

9 ,

7

A quinta via da cidade santa é a liberalidade, constituída em um de seus lados pela justa aquisição e em outro pela distribuição feita com discernimento. A justa aquisição constitui um de seus lados porque a liberalidade religiosa e honesta despreza a viver ou dar a riqueza adquirida pelo saque, pela torpeza, pela fraude, pelo furto ou por qualquer outro modo injusto, assim como desprezado-se o sacrifício de louvor feito com pão fermentado. O outro lado desta via é construído pela distribuição feita com discernimento pois, de fato, se ela desse menos do que o justo, tornar-se-ia avareza; e se desse mais do que o justo, já não seria liberalidade, mas prodigalidade. Quão grande seja o fruto da liberalidade o Salvador no-lo mostra quando nos diz no Evangelho:

**"Dai, e
dar-se-
vos-á.
Uma
medida
boa,
cheia,
recalcada
e
acogulada,
vos será
lançada
no seio".**

**Luc .
6 ,
38**

A sexta via de Jerusalém é a abstinência, na qual de um lado encontra-se a parcimônia e, de outro, a sobriedade. A parcimônia é contrária à glotonaria, e a sobriedade à embriaguez. Nas Escrituras encontram-se muitos exemplos de jejuns e abstinências, dos quais os principais são os jejuns de Moisés, Elias, e de Nosso Senhor e Salvador. Resplandece nos ninivitas quão grande é o fruto do jejum e da abstinência, os quais, por uma abstinência de três dias, aplacaram a ira divina e no lugar da destruição com que haviam sido ameaçados, mereceram o perdão (Jon. 3).

A sétima via da santa cidade é a continência ou castidade. Esta de um lado tem a pureza do coração, e de outro a pureza do corpo; ou também, de uma parte a pureza do pensamento e de outra a pureza da ação. Resplandece nas viúvas e nas virgens quão grande é o fruto e o bem desta virtude, da qual as viúvas possuem o sexagésimo e as virgens o centésimo fruto.

Denominamos, caríssimos, corretamente estas virtudes de vias ou, para sermos mais precisos, de `plateas' na língua latina, isto é, caminhos largos, adequados para a habitação, próprios para a caminhada e a corrida espiritual, assim como também para

todo negócio espiritual, pois todo caminho que conduz à vida, ainda que para os principiantes ou mesmo para os aproveitados pareça estreito e árduo, para os adiantados e perfeitos é comprovadamente largo e plano. É por isto que diz o Salmista:

***"Corri pelo
caminho dos
teus
mandamentos,
pois dilataste
o meu
coração".***

**Salmo
118,
32**

E também:

***"De toda a
perfeição vi
o fim; teu
mandamento,
porém, é
imensamente
amplo".***

**Salmo
118,
96**

De fato, quem quer que possua a perfeita caridade, a qual "lança fora o temor" (I Jo. 4,18), considera doce toda a tentação ou adversidade que lhe possa ocorrer , e pode dizer ainda com o Apóstolo:

**"Os
sofrimentos
do tempo
presente
não têm
proporção
com a
glória
vindoura
que se
manifestará
em nós".**

**Rom.
8,
18**

**Eis o motivo pelo qual sobre a caridade está escrito no Cântico
dos Cânticos que**

**"O amor é
mais forte
do que a
morte, o
zelo do
amor é
tenaz
como o
inferno,
suas
lâmpadas
são
lâmpadas
de fogo e
de
chamas.**

**As muitas
águas não**

***puderam
extinguir
a
caridade,
nem os
rios terão
força para
a
submergir.***

***Ainda que
o homem
dê todas
as
riquezas
de sua
casa pelo
amor, ele
as
desprezará
como um
nada".***

***Cant .
8, 6-
7***

Na cidade espiritual há também uma torre fortíssima, da qual está escrito:

**"O nome
do
Senhor é
uma torre
fortíssima,
a ele se
acolhe o
justo, e
encontra
um
refúgio
elevado".**

**Prov.
18,
10**

Sabei, caríssimos, que quaisquer homens que defendam sua cidade não têm tanta confiança nos cavalos, nas armas, nas portas, nos muros, ou também em suas forças quanto a têm na torre de sua cidade. Ao fugirem e procurarem abrigo é a torre o seu único refúgio e a sua única segurança. Assim também, para os fiéis que pelejam contra os inimigos espirituais, a única esperança e a única segurança não somente na adversidade como também na prosperidade é a invocação do nome divino. De fato, não ignoram que

**"Aquele
que
invocar
o
nome
do
Senhor
será
salvo".**

Joel

2,

32

Daqui procede igualmente que a santa Igreja universal tenha em suas instituições invocar em primeiro lugar o nome do Senhor ao iniciar as preces divinas, proclamando com fé e confiança:

***"Deus,
vinde
em
meu
auxílio".***

Salmo

69,

2

Jerusalém espiritual tem também duas portas, das quais a primeira e inferior é a fé católica. A segunda e superior é a contemplação divina. Destas duas portas está escrito:

***"Entrará e
sairá, e
encontrará
pastagem".***

Jo.

10,

9

Na primeira porta encontraremos a pastagem da graça, na segunda encontraremos a pastagem da glória.

É possível entender-se, ademais, de diversas passagens da

Escritura, assim como de declarações de outros escritores e viajantes, que a própria Jerusalém terrestre, segundo a sua antiga localização, estava assentada sobre um declive. Assim como esta, porém, também aquela cidade que é a vida espiritual está assentada sobre um declive e possui seus degraus de uma porta a outra, degraus pelos quais subimos das coisas inferiores às superiores, de modo que, subindo por cada um destes nos afastamos das coisas terrenas e nos aproximamos das celestes.

Os que querem viver santamente, portanto, deverão primeiro entrar pela fé. Depois, pelo crescimento da justiça, deverão subir até à contemplação das coisas celestes. O primeiro degrau, portanto, está na primeira porta, ou melhor, esta mesma porta é o primeiro degrau ou a primeira escada da subida. Elevados, assim, do que é terreno, devemos em primeiro lugar por o pé na primeira escada, que é a fé. Em segundo, devemos subir da fé à esperança. Em terceiro, subir da esperança à caridade. Em quarto, subir da caridade ao exercício das demais virtudes, principalmente ao do setenário das principais virtudes, as que nos são descritas naquele lugar do Evangelho onde se diz:

***"Bem
aventurados os
pobres de
espírito, porque
deles é o Reino
dos Céus.***

***Bem
aventurados os
mansos, porque
possuirão a
terra.***

***Bem
aventurados os
que choram,
porque serão
consolados.***

**Bem
aventurados os
que tem fome e
sede de justiça,
porque serão
saciados.**

**Bem
aventurados os
misericordiosos,
porque
alcançarão
misericórdia.**

**Bem
aventurados os
puros de
coração,
porque verão a
Deus.**

**Bem
aventurados os
pacíficos,
porque serão
chamados
filhos de Deus".**

**Mt .
5 ,
1 -
9**

Em quinto devemos subir do setenário das principais virtudes ao senário das boas obras, aquele que nos é descrito no lugar do Evangelho onde Cristo nos diz:

**"Tive fome,
e me
destes de
comer;**

**tive sede, e
me destes
de beber;**

**era
peregrino,
e me
recolhestes;**

**estava nú,
e me
vestistes;**

**enfermo, e
me
visitastes;**

**no cárcere,
e me fostes
visitar".**

**Mt .
25 ,
35 -
36**

Em sexto devemos subir do cenário das boas obras ao ensino. A justiça e a idoneidade se comprova no homem quando quem faz o bem também o ensina aos outros. Deste modo ele se torna imitador do Salvador, do qual está escrito:

***"Falei
de todas
as
coisas
que
Jesus
começou
a fazer e
a
ensinar".***

**Atos
1,
1**

O ensino, porém, realiza-se algumas vezes de dois modos, a saber, pelas palavras e pelos milagres. Por isso é que dos primeiros e dos maiores pregadores está escrito:

***"Eles, tendo
partido,
pregaram por
toda a parte,
cooperando
com eles o
Senhor, e
confirmando a
sua pregação
com os milagres
que a
acompanhavam".***

**Mc .
16 ,
20**

Em sétimo lugar devemos subir do ensino à contemplação.

Destas escadas ou destes degraus de subida está escrito:

***"Para lá
subiram as
tribos, as
tribos do
Senhor,
testemunhas
de Israel,
para
confessarem
o nome do
Senhor".***

Salmo
121,
4

E também, em outro lugar:

***"Bem
aventurado
o homem
cujo
auxílio vem
de ti, as
subidas
dispôs em
seu
coração.***

***No vale
das
lágrimas,
no lugar
onde o
Legislador
o tiver
colocado,***

**Ele lhe
dará a
bênção.**

**Caminharão
de virtude
em virtude,
e verão o
Deus dos
deuses em
Sião".**

**Salmo
83,
6-8**

Quem tiver subido por estes degraus até à porta da contemplação, que está colocada na parte mais alta e como que na saída da cidade, sairá ele próprio espiritualmente, e sobressairá, para que de Jacó se transforme em Israel, de Lia em Raquel, de Fenena em Ana, e de Marta em Maria, e aqueles que tiverem praticado as boas obras possam transformar-se nos que contemplan a divindade. Por isto é que diz o profeta Jeremias:

**"É bom
para o
homem
ter
levado o
jugo
desde a
sua
mocidade;
sentar-se-
á
sozinho,
pois se
levantará
sobre si**

mesmo".

Lam.
3,
27-
8

Por isto também é que se encontra escrito no Cântico dos Cânticos:

***"Saí, filhas
de Sião, e
vêde o Rei
Salomão,
com o
diadema
com o
qual sua
mãe o
coroou no
dia de seu
casamento,
e na
alegria de
seu
coração".***

Cant .
3,
11

Daqui vem igualmente que diga o Salmista:

**"Ali está
o jovem
Benjamim,
em
grande
elevação
de
mente".**

Salmo
67,
28

Apressemos-nos, portanto, irmãos caríssimos, para que depois do trabalho da obra possamos sair para o repouso e a liberdade da contemplação, para que possamos admirar, ainda que de longe, o rei em seu esplendor e a nossa pátria. Subamos de virtude em virtude conforme convém à salvação, para que pelo setenário da subida que descrevemos, possamos chegar ao octonário das bem aventuranças.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é, acima de todos, o Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.





SERMO XL. SOBRE OS GUARDAS DA CIDADE SANTA DE JERUSALÉM.

**"Sobre os
teus
muros, ó
Jerusalém,
puz
guardas.
Eles não
se calarão
para
sempre,
nem de
dia, nem
de noite.
Vós os
que vos
lembrais
do Senhor,
não vos
caleis, e
não
estejais
em
silêncio
diante
dEle, até
que
restabeleça
Jerusalém,
e a ponha
por objeto
de louvor
na Terra".**

Is .

62 ,

6 -

7

Jerusalém, cidade santa e cidade do Santo, é a santa Igreja, cujo rei, saindo em peregrinação, constituiu guardas e sentinelas para que a guardem de dia e de noite e a defendam do mal. Nela há, portanto, diversas torres de vigia e diversas sentinelas, ou melhor, diversas ordens de sentinelas que presidem nas diversas partes da cidade, afugentam os inimigos e guardam os cidadãos.

Na primeira torre de vigia reside a casa apostólica, a qual, assim como preside a todos, assim também a todos deve prover. Na segunda torre de vigia estão os patriarcas; na terceira os arcebispos; na quarta os bispos; na quinta os arcebispos; na sexta os arcebispos ou, como em alguns lugares são chamados, os decanos; na sétima os presbíteros. Em todas estas ordens, aquelas cuja dignidade forem mais sublimes também serão aquelas cujos deveres serão maiores quanto à guarda da cidade. Quanto às torres, estas são os ofícios próprios de cada ordem. Em outras palavras, a torre dos presbíteros é o presbiterado; a torre dos arcebispos é o arcebisporado; a torre dos arcebispos é o arcebisporado; e assim quanto ao demais.

A Sagrada Página nos testemunha, porém, que algumas vezes ocorre que por causa dos pecados do povo um hipócrita sobe à torre do regime sagrado e, aí colocado, em vez de guardar o povo, o oprime, o que deverá ser para nós motivo de muita dor e pranto. Por este mesmo motivo é que o Senhor dizia, por meio de Oséias:

**"Estes
reinaram,
mas não
por mim;
foram
príncipes,
mas eu
não os
conheci".**

**Os .
8 ,
4**

**O Senhor se queixa também de tais homens por meio de Isaías,
dizendo:**

**"Suas sentinelas
estão todas
cegas, todas se
mostraram
ignorantes; são
cães mudos, que
não podem
ladrar, que vêem
coisas vãs, que
dormem e amam
os sonhos. E,
como cães
impudentíssimos,
não conheceram
a saciedade. Os
próprios
pastores
ignoraram a
inteligência.
Todos
declinaram para
o seu caminho,
desde o mais**

***alto até o mais
baixo. `Vinde',
dizem eles,
`bebamos vinho,
e enchamo-nos
até à ebriedade
e, como hoje,
assim faremos
amanhã, e muito
mais''.***

**Is .
56 ,
10 -
12**

Agora, pois, despedindo-nos destes a quem Deus não enviou, nem admitiu, antes demitiu, voltemo-nos aos que presidem bem, e vejamos como devem ser, como devem presidir e como devem aproveitar. Mas como encontraremos, irmãos, uma sentinela idônea, se o próprio Senhor tem dificuldade de a encontrar, quando diz:

***"A
quem
enviarei,
e quem
irá por
nós?"***

**Is .
6 ,
8**

E também, no Evangelho:

**"Quem
julgas que
é o
despenseiro
fiel e
prudente
que o
Senhor
estabeleceu
sobre as
pessoas de
sua casa,
para dar a
cada um a
seu tempo
a ração de
trigo?"**

**Luc .
12 ,
42**

É o próprio Senhor, que falando no Apóstolo, pelo Apóstolo nos ensina como deve ser a sentinela, dizendo:

**"É
necessário
que o bispo
seja
irrepreensível,
esposo de
uma só
mulher,
sóbrio,
prudente,
modesto,
púdico,
hospitaleiro,
capaz de
ensinar, não**

***dado ao
vinho, não
violento, mas
moderado,
não litigioso,
não
cobiçoso,
que saiba
governar
bem a sua
casa, que
mantenha
seus filhos
na
submissão
com toda a
castidade. Se
alguém, de
fato, não
souber
governar a
sua casa,
como poderá
cuidar da
Igreja de
Deus? Que
não seja
neófito",***

isto é, noviço,

**"para que
não ocorra
que,
inchado
pela
soberba,
venha a
cair na
condenação
do
demônio".**

**I
Tim.
3,
2-6**

Pertence ao seu tempo o que o Apóstolo diz a respeito do bispo ser "esposo de uma só mulher", sabendo manter "seus filhos na submissão", pertence ao seu tempo, não ao presente, nem poderia sê-lo.

Se a sentinela, porém, à qual podemos chamar de pastor ou prelado, é dada ao vício, não deve ser repreendida pelos seus súditos. A este respeito nos diz Isidoro:

**"Há alguns
que julgam os
seus prelados
perversamente,
na medida em
que mais os
tiverem visto
ocupados com
os cuidados
terrenos, ou
se eles
próprios
pouco**

***conhecerem
das coisas
espirituais".***

Os prelados devem, portanto, ser julgados por Deus, e não acusados pelos seus súditos, a exemplo do Senhor que por si mesmo derrubou com seu próprio açoitamento as mesas dos vendedores e dos banqueiros. Ou também, conforme está escrito:

***"Deus
levanta-
se no
conselho
divino,
julga no
meio
dos
deuses".***

**Salmo
81,
1**

O prelado deve ser repreendido pelos seus súditos se desviar-se da fé. No que diz respeito, porém, aos costumes reprováveis, o povo mais deve tolerá-lo do que puní-lo. Deve-se saber também que assim como pelos costumes reprováveis o prelado não deve ser acusado pelos súditos, assim também não deve ser desprezado nas coisas boas que ensinar e ordenar. Por isto é que o Senhor nos diz no Evangelho:

**"Sobre a
cátedra
de
Moisés
sentaram-
se os
escribas
e
fariseus.
Observai,
pois, e
fazei
tudo o
que eles
vos
disserem;
mas não
imiteis
as suas
ações,
porque
dizem e
não
fazem".**

**Mat .
23 ,
2-3**

Examinemos, porém, irmãos caríssimos, o que os guardas das cidades terrenas e mundanas costumam fazer em seu trabalho, e então talvez poderemos compreender mais claramente o que deverão fazer os guardas espirituais da santa Igreja. Os guardas e as sentinelas das cidades costumam, de fato, principalmente em tempo de guerra, sentar-se no alto, vigiar, andar, principalmente à noite, à roda de toda a cidade, tocar a trombeta, soprar a flauta, tocar a cítara e cantar.

Assim também, diletíssimos, precisamente assim devem fazer as sentinelas de nossa cidade. Devem sentar-se no alto, pela

conversação espiritual, para que sua conversação não esteja na terra, mas no céu. Devem sentar-se não na carne, mas no espírito, para que a sua alma não se humilhe no pó e o seu ventre não se una à terra, para que aqueles que evangelizam Sião subam ao monte excelso e sejam

***"formosos
sobre os
montes
os pés
dos que
anunciam
e pregam
a paz,
dos que
anunciam
o bem,
dos que
pregam a
salvação,
dos que
dizem a
Sião:***

***`O teu
Deus
reina".***

**Is .
52 ,
7**

Devem vigiar em todo o seu redor, dirigindo seu olhar à direita, para que não sejam enganados pela prosperidade; à esquerda, para que não sejam abatidos pela adversidade; para trás, pela útil memória das coisas passadas; para a frente, pela providência das coisas futuras. Devem vigiar em toda a sua volta, para que não suceda que o inimigo chegue de improviso, quebre as portas ou abra o muro, incendeie as casas, derrube as torres, mate os cidadãos, carregue os despojos, destrua a

cidade e deporte o povo para Babilônia. Devem circundar toda a cidade, isto é, todo o povo a si confiado, e investigar se, caindo a pedra de alguma virtude, o muro da disciplina aos poucos não perde a sua firmeza. E, se acontecer que seja isto o que se encontre, devem-no reparar o tanto mais rapidamente quanto possível. Tudo isto o cumpriu muito bem aquele que disse:

*"Além
destas
coisas, que
são
exteriores, a
minha
preocupação
quotidiana é
a solicitude
por todas as
igrejas".*

II
Cor .
11 ,
28

Devem tocar as trombetas pela terrível pregação. Algumas trombetas são de madeira, outras são de terra, outras de chifre, outras de bronze. A trombeta de madeira, colocada no fogo, facilmente se queima. A trombeta de chifre quebra-se com facilidade pela percussão; ela procede da carne, mas excede a carne. A trombeta de bronze é forte, e não cede facilmente quando percutida. Por causa destas coisas a trombeta de madeira significa muito bem a pregação daqueles que são facilmente vencidos pela tentação; a trombeta de terra, a pregação daqueles que são abatidos pelas adversidades; a trombeta de chifre, a pregação daqueles que vencem as tentações; a trombeta de bronze a pregação daqueles que perseveram invencíveis em meio às adversidades.

As sentinelas devem soprar a flauta pela branda consolação. É conveniente, efetivamente, que à aspereza e à dureza do terror

se siga a brandura da consolação, para que pela suavidade seguinte se modere a aspereza precedente. Aos pregadores ordena-se que façam uso desta flauta ali onde está escrito:

***"Dizei aos
pusilânicos:
confortai-
vos".***

**Is .
35 ,
4**

As sentinelas devem também tocar a cítara pelas boas obras. A cítara, de fato, por ser tocada pelos dedos para produzir o som, é corretamente figura da boa obra. Esta cítara possui seis cordas, que são as seis obras de misericórdia:

***"Tive fome,
e me
destes de
comer; tive
sede, e me
destes de
beber; era
peregrino,
e me
recolhestes;
nu, e me
vestistes;
enfermo, e
me
visitastes;
estava na
prisão, e
me fostes
visitar".***

Mat .
25 ,
35 -
6

As sentinelas devem igualmente cantar pelo louvor e pela ação de graças. Sempre, de fato, devem dar graças ao Senhor, dispensador de todos os bens.

E todas estas coisas as santas sentinelas o devem fazer de dia e de noite, isto é, na prosperidade e na adversidade. De onde que o próprio Isaías, de quem são as palavras propostas com as quais iniciamos, disse de si mesmo:

***"Na atalaia do
Senhor eu
estou, nela
permaneço
incessantemente
durante o dia;
em minha
vigilância eu
estou, nela
permaneço
todas as
noites",***

Is .
21 ,
8

até, diz ainda Isaías,

**"que
restabeleça
Jerusalém,
e a ponha
por objeto
de louvor
na terra".**

**Is.
62,
7**

Deus põe primeiro, pela graça, o louvor da santa Igreja no mundo; depois, pela glória, põe-na no céu por objeto de louvor. Mas até que a ponha por objeto de louvor no céu é necessário que as suas santas sentinelas a vigiem no mundo para protegê-la. Sabemos, mo entanto, que

**"Se o
Senhor
não
guardar a
cidade, é
em vão
que vigia
a
sentinela".**

**Salmo
126,
1**

Roguemos, pois, ao Senhor que Ele mesmo nos guarde como à pupila dos seus olhos, para que pela graça que nos tiver sido concedida no tempo, com Ele possamos reinar na eternidade.

**E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo,
Nosso Senhor, que Deus, bendito pelos séculos.**

Amén.





SERMO LVI. SOBRE A ALMA OBEDIENTE, SEGUNDO A HISTÓRIA DO LIVRO DE RUTE.

Lemos nas páginas do Velho Testamento que Rute, a Moabita, seguindo a Noemi sua sogra, e obedecendo aos seus preceitos, mereceu unir-se em matrimônio a Booz, homem poderoso e rico.

Noemi, nome que traduzido quer dizer 'formosa' (Rute 1,20), significa também o doutor e pastor da Igreja ornamentado não apenas exteriormente, mas também interiormente pelos vários dons da graça celeste, renunciando, segundo o Apóstolo, à oculta indecência, não caminhando na astúcia e não adulterando a palavra de Deus. Ele é figurado por uma mulher, pois não cessa de dar à luz e de educar para Deus, pelo seu ensino, uma prole espiritual. Por isto é que o Apóstolo, escrevendo aos Gálatas, diz:

*"Meus
filhinhos,
por
quem eu
sinto de
novo as
dores
de
parto,
até que
Jesus
Cristo
se
forme
em
vós".*

Gal .
4 ,
19

Rute, nome que traduzido quer dizer 'a que se apressa', significa a alma que obedece prontamente aos santos conselhos de seu prelado, não buscando pretextos para demorar-se na execução de seus preceitos, sabendo que

***"o Senhor
deseja não
tanto
holocaustos
ou vítimas
como quer
que se
obedeça à
sua voz, e
que a
obediência
vale mais
do que as
vítimas e
escutar
mais do
que
oferecer a
gordura
dos
carneiros,
já que a
rebelião é
como o
pecado da
adivinhação,
e não
querer ser
dócil é
como o
delito da
idolatria".***

1
Sam.
15,
22-
3

Rute, portanto, se apressa verdadeiramente e bem na medida em que a alma obediente inclina prontamente o ouvido a todas as coisas que lhe são ordenadas, quer elas lhe pareçam honrosas ou desprezíveis.

A obediência, entretanto, às vezes é nula, se possui algo de seu; outras vezes é mínima, mesmo que não possua nada de seu. De fato, se nos é ordenado subir a um lugar elevado, quem a isto anela esvazia para si a virtude da obediência pelo próprio desejo. Se, porém, nos é ordenado o desprezo de nós próprios, a não ser que a alma apeteça isto por si mesma, quem descesse a isto descontente diminuiria para si o mérito da obediência. Foi por isto que Moisés humildemente recusou o principado do povo (Ex. 3,11), e Paulo diz audaciosamente:

"Estou pronto não só para ser atado, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus".

Atos

21,

13

Rute, portanto, por causa de Noemi abandona a sua terra e os seus deuses (Rute 1,14), quando a alma verdadeiramente obediente, estimulada pelo exemplo ou pela palavra do doutor da Igreja, deixa para trás todas as coisas terrenas e prazerosas que lhe foram oferecidas pelos demônios. E a segue inseparavelmente (Rute 1,16), na medida em que oferece amigavelmente o assentimento aos preceitos de sua doutrina. Acompanha-a por todos os caminhos pelos quais passa (Rute 1,17) quando o imita nos vícios que abandona e nas virtudes que exercita. Finalmente, mora com ela em Belém (Rute 1,19) quando, dentro da santa Igreja, sob o seu conselho ou governo, convivem santa e honestamente.

Booz, nome que traduzido quer dizer 'fortaleza de Deus', homem poderoso e de grandes riquezas (Rute 2,1), que possuía segadores e de quem era o campo em que Rute colheu espigas (Rute 2,3), significa Cristo. Cremos, de fato, e confessamos com o Apóstolo que Cristo é virtude de Deus e sabedoria de Deus, e é também homem poderoso, porque

*"Foi-
lhe
dado
todo
poder
no
Céu e
na
Terra".*

Mat .

28,

18

Ele é também homem de grandes riquezas, porque

***"Nele
estão
escondidos
todos os
tesouros
da
sabedoria
e da
ciência".***

**Col .
2 ,
3**

Seu campo é a Sagrada Escritura. Este campo possui cevada pelo Velho Testamento e trigo pelo Novo Testamento. Os segadores são os pregadores que quotidianamente colhem neste campo as sentenças pelas quais alimentam os fiéis e os apascentam esplendidamente. Já os imperfeitos e os enfermos não segam com as foices, mas recolhem as espigas, porque não entendem as coisas maiores, mas apenas as menores. Os quais fazem bem em permanecer no campo, assim como Rute, desde a manhã até à tarde (Rute 2,7), pois trabalham virilmente para que, desde o próprio início possam chegar à perfeição. De onde que Booz ordenou aos seus segadores que se estes últimos quisessem colher com eles, isto é, investigar e compreender as coisas maiores, não os proibissem; antes, ao contrário, que lhes oferecessem do trabalho de suas foices (Rute 2,15-16), isto é, ordenou-lhes que não os instruissem negligentemente mesmo a respeito de suas sentenças. Ordenou também Booz aos seus segadores que ninguém molestasse a Rute quando recolhesse as espigas (Rute 2,9), porque deve-se evitar de todos os modos que a alma que se inicia no bem, isto é, que se aproxima da fé ou é recém chegada à boa conversação, encontre uma pedra de tropeço. Por isto é que nos diz o Salvador:

**"O que
receber
em meu
nome um
pequenino
como
este, é a
mim que
recebe".**

**Mat .
18 ,
5**

**"Aquele
que, porém,
escandalizar
um destes
pequeninos
que crêem
em mim,
melhor
seria para
ele que se
lhe
pendurasse
ao pescoço
uma mó de
moinho e
que o
lançassem
ao fundo do
mar".**

**Mat .
18 ,
6**

E, logo adiante:

***"Vede, não
desprezeis um
só destes
pequeninos,
pois vos
declaro que os
seus anjos nos
céus vêm
incessantemente
a face de meu
Pai, que está
nos céus".***

**Mat .
18 ,
10**

O pequenino é aquele que se inicia no bem e que ainda não se elevou à fortaleza da virtude ou à altura da perfeição. Não apenas Jesus, mas também o bem aventurado Paulo se refere à malícia do escândalo que não deve ser oferecido aos irmãos enfermos:

***"Não nos
julguemos",***

diz o Apóstolo,

***"pois,
uns aos
outros;
propondo
antes
não pôr
tropeço
ou
escândalo
ao vosso
irmão".***

**Rom.
14,
13**

E também:

***"Não
queiras
perder,
por
causa
de teu
alimento,
aquele
por
quem
Cristo
morreu".***

**Rom.
14,
15**

E a mesma coisa a repete novamente, quando diz:

**"Se um
alimento
serve de
escândalo a
meu irmão,
nunca mais
comerei
carne, para
não
escandalizar
meu
irmão".**

1
Cor .
8 ,
13

E finalmente, concluindo:

**"Não
sejais
motivo
de
escândalo
nem para
os
judeus,
nem para
os
gentios,
nem para
a Igreja
de Deus;
como
também
eu em
tudo
procuro**

**agradar a
todos,
não
buscando
o meu
proveito,
mas o de
muitos,
para que
sejam
salvos".**

1
Cor .
10 ,
32 -
3

Booz também concedeu a Rute que comesse o pão com as suas moças, que molhasse o seu bocado no vinagre (Rute 2,14), e que bebesse da água que havia nas sarcínulas (Rute 2,9), pequenos recipientes em forma de trouxas ou fardéis, pois Cristo, que é clementíssimo pai de família, de bom grado concede à alma recém convertida o pão da sã doutrina para que não desfaleça no caminho da virtude e da boa obra, assim como o vinagre do temor amargamente pungente, do qual está escrito:

***"Crava pelo
teu temor as
minhas
carnes, pois
temi os teus
julgamentos",***

Salmo
118 ,
120

para que não se dissipe na prosperidade, e a água da refrescante consolação, para que não se quebre na adversidade. De fato, o pão sustenta, o vinagre punge, a água refrigera.

***"Se
tiveres
sede",***

disse ainda Booz,

***"vai às
sarcínulas,
e bebe as
águas de
que
bebem os
meus
criados".***

**Rute
2,
9**

A respeito desta água deve-se notar que se lhe ordena procurá-la nas sarcínulas, pois ao que livremente oferecer o ombro para apoiar o fardel da virtude a ser exercida e da boa obra a ser exibida se promete o refrigério da própria consolação divina. Por isto é que diz o salmista:

**"Segundo a
multidão
das minhas
dores no
meu
coração,
tuas
consolações
alegram a
minha
alma".**

Salmo
93,
19

E também:

**"No dia de
minha
tribulação
busquei a
Deus, de
noite
estendem-
se as
minhas
mãos para
Ele, e não
sou
enganado.**

**Minha alma
recusa-se
a ser
consolada,
recordei-
me de
Deus e fui**

consolado".

Salmo

76 ,

3-4

Quando ele diz que sua alma recusava-se a ser consolada, refere-se à consolação terrena; acrescentando, porém, que ao recordar-se de Deus foi consolado, nos mostra ter aceito a consolação divina. Aqueles que, portanto, se afastam do piedoso ônus da virtude e da boa obra, defraudam-se a si próprios do refrigério da consolação do alto. De onde que corretamente se diz da Sabedoria que

***"Não se
encontra na
terra dos
que vivem
nas
suavidades".***

Jo .

28 ,

13

Quem quer que deseje, portanto, beber a água da sabedoria da salvação, dirija-se para os fardéis, isto é, aos exercícios e ao trabalho da virtude e da boa obra.

Booz, porém, fala de sarcínulas, e não de sarcinas, o que está de acordo com a palavra do Senhor, quando diz:

**"O
meu
jugo
é
suave,
e o
meu
peso
é
leve".**

**Mat .
11 ,
30**

O mesmo também no-lo diz o bem aventurado João:

**"Seus
mandamentos
não são
pesados".**

**1
Jo .
5 ,
3**

De fato, os mandamentos divinos, que para os réprobos parecem impossíveis de cumprir, para os principiantes e os enfermos são um pouco pesados, mas para os perfeitos são comprovadamente leves. Para os que amam perfeitamente a Deus o salmista no-los demonstra serem leves, ao dizer:

**"Corri pelo
caminho dos
teus
mandamentos,
pois dilataste
o meu
coração".**

Salmo

118,

32

Rute tinha, deste modo, junto aos criados de Booz, pão, vinagre e água, porque a alma verdadeiramente penitente possui com as almas puras e eleitas dos que crêem em Cristo o pão na doutrina, o vinagre na repreensão e a água na visitação. Este pão confere a virtude do sustento; o vinagre, a salubridade do temor; a água, o refrigério da consolação.

Os restos de comida guardados por Rute (Rute 2,14) podem ser entendidos como algumas palavras menores da sagrada doutrina que os perfeitos deixam após si, na medida em que exercitam a si mesmos nas maiores e as distribuem aos outros. As quais menores Rute guardou de boa vontade, porque para a alma faminta as coisas mínimas e também amargas parecem grandes e doces.

Booz disse então a Rute:

**"Não
vás
respigar
em
outro
campo,
nem te
afastes
deste
lugar,
mas
junta-te
com as
minhas
moças,
e segue-
as por
onde
tiverem
segado".**

Rute
2,
8

O outro campo, o campo alheio, é todo livro dos hereges, no qual Booz dissuade Rute de colher espigas, pois Cristo adverte a alma que se converteu a Ele que não receba as más asserções dos hereges. A qual alma verdadeiramente se junta às suas moças e as segue para onde tiverem segado quando, fielmente unida às almas santas, as imita nas sagradas lições.

Rute, uma estrangeira, colhe portanto espigas no campo de Booz quando a alma pecadora, mas convertida, estuda atentamente a palavra de Deus.

Prossegue a narrativa declarando que Rute

**"Bateu,
depois,
com
uma
vara e
sacudiu
as
espigas".**

Rute
2,17

Rute bate e sacode as espigas com uma vara na medida em que, por uma perspicaz meditação, naquilo em que estuda das Escrituras, distingue corretamente o verdadeiro do falso e a inteligência espiritual da letra. Colhidas e sacudidas as espigas, estas são conduzidas até a casa (Rute 2,18), quando aquilo em que Rute lê e medita no interior de sua santa conversação prepara o efeito da boa obra. A casa em que vivemos, de fato, significa a nossa conversação. De onde que certo sábio nos diz:

**"Se não te
mantiveres
firmemente
no temor
do
Senhor,
depressa
a tua casa
será
arruinada",**

Ecl .
27 ,
4

isto é, será arruinada a casa da tua boa conversação. Pode-se

entender também que conduzir a messe colhida e batida para dentro de casa significa que as coisas conhecidas e comprovadas pelo estudo e pela meditação como sendo boas são colocadas no interior da consciência pelo afeto e pelo efeito da virtude e da boa obra.

Feitas todas estas coisas, vendo Noemi a grande graça que sua nora havia encontrado junto a Booz, dá-lhe o conselho pelo qual poderia encontrar junto a este homem graça ainda maior. Isto significa que todo bom pastor, quando adverte que a alma que a si lhe foi confiada se robustece pela graça de Cristo, empenha-se cuidadosamente para que possa conseguir junto a Ele ainda maior graça. É movida por estas intenções que diz, portanto, Noemi a Rute:

***"Minha filha,
procurarei
para ti
descanso, e
providenciarei
para que
fiques bem.
Este Booz,
com cujas
moças
estiveste
junto no
campo, é
nosso
parente
próximo, e
esta noite
padejará a
cevada na
sua eira.
Lava-te, pois,
e unge-te,
toma os teus
melhores
vestidos e
desce à eira.
Não te veja
este homem***

**até que tenha
acabado de
comer e
beber.
Quando for
dormir,
observa o
lugar em que
dorme. Irás,
levantar-lhe-
ás a capa
com que se
cobre da
parte dos
pés, e ali te
colocarás e
deitarás. Ele
mesmo te
dirá o que
deves fazer".**

**Rute
3,
1-4**

Ora, sendo Noemi o pastor da Igreja, Rute o seu súdito e Booz o Cristo, a parentela próxima é a bondade. Esta proximidade de parentesco não é resultado da relação do sangue e da carne, mas da afinidade da santidade. Por isto é que nos diz o Salvador:

**"Todo
aquele
que
fizer a
vontade
de meu
Pai,
que
está
nos
céus,
esse é
meu
irmão
e irmã
e
mãe".**

**Mat .
12 ,
50**

O que também no-lo diz o bem aventurado João:

**"A todos
os que o
receberam,
deu-lhes o
poder de
se
tornarem
filhos de
Deus, aos
que crêem
no seu
nome, os
quais não
do
sangue,
nem da**

**vontade
da carne,
nem da
vontade
do
homem,
mas de
Deus
nasceram".**

Jo.
1,
12-
13

A noite em que Booz padejaria a cevada é a vida presente, na medida em que é sob o véu dos mistérios e dos sacramentos que nos damos conta da graça dos dons celestes. É noite também porque entre nós um não pode enxergar a consciência do outro, e cada um ignora o que o outro pensa de si. É noite, porque

**"Vemos
como por
um espelho
e em
enigma, não
ainda face a
face;
caminhamos
pela fé, não
ainda a
descoberto".**

1
Cor.
13,
12

Nesta noite Booz padejará a cevada na sua eira porque Cristo não apenas purga diligentemente a santa Igreja de seus perseguidores ou dos homens de má vontade, como também purifica cada uma das almas fiéis de seus maus pensamentos e da inteligência falsa e carnal das Sagradas Escrituras. Rute se lava para encontrar a Booz (Rute 3,3) quando a alma fiel e obediente pelas suas lágrimas se purifica da imundície da antiga culpa. É por isto que Jeremias nos aconselha, dizendo:

***"Derrama
como
que uma
torrente
de
lágrimas,
dia e
noite,
não te
dês
descanso,
nem
repouse
a pupila
dos teus
olhos".***

Lam.
2,
18

Os unguentos de que Rute se utilizou após lavar-se (Rute 3,3) são os diversos dons espirituais. Assim como os unguentos aliviam as feridas e as dores dos corpos, assim também pelos

dons sagrados as feridas ou as dores das almas são curadas e aliviadas. Destes dons o Apóstolo assim nos fala:

"A cada um é dada a manifestação do espírito para utilidade; a um é dado pelo Espírito a linguagem da sabedoria, a outro a linguagem da ciência, a outro a fé, a outro o dom das curas, a outro o dom de operar milagres, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro a variedade das línguas, a outro a interpretação das palavras".

1

Cor .

12 ,

7 -

10

Deles também Isaías nos fala, dizendo:

***"E repousará
sobre Ele o
Espírito do
Senhor,
Espírito de
sabedoria e
de
entendimento,
Espírito de
conselho e
fortaleza,
Espírito de
ciência e de
piedade, e
será cheio do
Espírito de
temor do
Senhor".***

**Is.
11,
2-
3**

Estes dons, irmãos, são verdadeiramente unguentos, e recebê-los é a verdadeira unção. Mas também as virtudes que se originam destes dons são chamados não inconvenientemente de unguentos, porque o seu exercício é a unção perfeita que em nós consome os vermes dos vícios e restitui à saúde os afetos feridos pelos pecados.

Os melhores vestidos com que Rute se dirige à eira de Booz (Rute 3,3) são as principais boas obras, as seis obras de misericórdia, que consistem em dar pão aos que têm fome, dar de beber aos que têm sede, recolher os peregrinos, vestir os nus, curar os enfermos e visitar os presos (Mat. 25,35-36). Quando alguém alguém se reveste com estas obras,

espiritualmente procede como se se ornamentasse com vestidos puros e preciosos.

Rute, portanto, depois de colher e bater as espigas, lava-se, unge-se e veste-se (Rute 3,6) porque a alma fiel, depois de ter recebido o conhecimento da verdade pelo estudo e pela meditação das Sagradas Escrituras, lava-se pela compunção, unge-se pela emulação dos carismas espirituais e pelo exercício das virtudes, e veste-se pela boa ação. Assim ornamentada, Rute desce à eira (Rute 3,6), o que significa humilhar-se a si mesma, depois dos benefícios recebidos, na planície do coração. Se, de fato, pelo orgulho o homem se eleva sobre si mesmo, pela humildade retorna e desce para si mesmo. Há uma outra humildade que precede a esta, pela qual nos são conferidos primeiros benefícios; por esta da qual tratamos agora nos são aumentados estes benefícios.

Noemi pede a Rute que levante a Booz a capa da parte dos pés e que ali se coloque e se deite (Rute 3,4). Levantar a capa da parte dos pés significa considerar, investigando humildemente, o mistério da nossa Redenção; ali co,ocar-se e deitar-se significa pedir humilde e incessantemente a perpétua união com Cristo pela fé em sua Encarnação. Que a alma, porém, não presuma de modo algum tanta proximidade e familiaridade se antes Booz não tiver se satisfeito com a comida e a bebida e não tiver se deitado no leito da paz e da quietude. Ora, a comida e a bebida de Cristo é, conforme Ele próprio no-lo diz, fazer a vontade de seu Pai. Isto é o que Ele mesmo declarou aos seus discípulos:

***"Tenho
um
alimento
para
comer
que vós
não
sabeis".***

Jo.
4,
32

**"A
minha
comida
é fazer
a
vontade
daquele
que me
enviou
e
cumprir
a sua
obra".**

Jo.
4,
34

Portanto, nenhuma alma ouse de modo algum discutir, tratar ou compreender o mistério de Cristo ou pedir-lhe a felicidade que dEle emana se primeiro, exibidas santas obras, não o reconhecer contente e pacífico para consigo. De fato, assim diz a Escritura:

**"Que
comunicará
o caldeirão
para a
panela?
Quando se
colidirem,
ela
quebrará".**

**Ecle.
13,
3**

E também o Apóstolo:

***"Aquele que
come e bebe
indignamente,
come e bebe
para si a
condenação".***

**1
Cor.
11,
29**

Daqui também ocorreu que Moisés, após a morte de Nadab e Abiu, repreendendo a Eleazar e Itamar por não terem comido o bode que havia encontrado queimado, respondeu-lhe Aarão:

***"Hoje foi
oferecida a
vítima pelo
pecado, e o
holocausto
diante do
Senhor. A
mim, porém,
aconteceu-
me o que tu
vês; como
podia eu
comer desta
vítima, ou
agradar ao***

**Senhor nas
cerimônias,
com o
espírito
entristecido?"**

Lev .
10 ,
19

E da oração também está escrito que

**"Aquele
que afasta
o seu
ouvido
para não
ouvir a
Lei, sua
oração
será
execrável".**

Prov .
28 ,
9

Quem quer que, portanto, de algum modo queira aproximar-se de Deus, ou pedir-lhe algo, é necessário que cuide primeiro de sua consciência, exercitando-se, em sua presença, nas boas obras e serenando-se a si mesmo pela humildade. Por meio destas coisas Cristo como que se alimentará e saciará pela comida e pela bebida e então poderemos encontra-Lo descansado para conosco. A comida e a bebida que Booz tomou, porém, não lhe foram dadas por Rute, mas eram do próprio Booz, já que nossas obras são um dom de Cristo, e não pertencem à nossa faculdade, mas à graça celeste, conforme

mensina a Epístola aos Romanos, quando nos diz:

***"Não
depende do
que quer,
nem do que
corre, mas
de Deus, que
usa de
misericórdia".***

**Rom.
9,
16**

Deitada aos pés de Booz, "ele mesmo", explica Noemi a Rute,

***"te
dirá o
que
deves
fazer".***

**Rute
3,
4**

**Isto se repete sempre que, fazendo obedientemente aquilo que
nosso prelado nos preceitua, quanto ao demais a unção de
Cristo**

**"nos
ensina
de
todas
as
coisas".**

**I
Jo.
2,
27**

Vendo Rute deitada aos seus pés, Booz louva-a por não ter buscado os jovens (Rute 3,10). É assim também que Cristo louva a alma que com fidelidade se lhe aproxima, não seguindo os demônios ou os homens réprobos, hábeis e prontos para o mal.

Agora, portanto, irmãos caríssimos, retornemos a nós mesmos e de tudo isto procuremos diligentemente aprofundarmo-nos no conhecimento da verdade, inflamarmo-nos ao amor da bondade, incentivarmo-nos ao exercício da virtude e formarmo-nos ao efeito da boa obra, para que possamos merecer o prêmio da salvação pela renúncia de nossas maldades passadas e das sugestões do demônio.

Sigamos nosso pastor, imitando-o nas coisas que ele fizer com retidão. Unamo-nos a ele, amando-o verdadeiramente. Obedeçamo-lo, cumprindo com empenho tudo o que ele nos preceitua. Habitemos com ele em Belém, honestamente convivendo com ele na santa Igreja.

Colhemos a batamos as espigas no campo de Booz, e levemo-las à nossa casa, estudando, meditando e recordando em nossa memória ou nossa consciência, conforme dissemos acima, as palavras de nosso Salvador. Não respiguemos em campo alheio, repelindo as más asserções dos hereges.

Lavemo-nos, então, deplorando nossos crimes; unjamo- nos,

emulando os dons espirituais e seguindo as virtudes, principalmente a caridade, conforme no-lo ensina o Apóstolo. Vistamo-nos, entregando-nos à execução das seis obras de misericórdia. Desçamos, finalmente, à eira, humilhando-nos em nosso coração.

Levantemos a capa com que Booz se cobre da parte dos pés investigando, por uma humilde consideração, o mistério de nossa Redenção; e ali, pela Paixão que foi o seu fim, nos coloquemos e deitemos, pedindo-lhe humildemente e sem cessar que nos conceda que nos unamos a Ele. Insistindo deste modo dEle obteremos, assim como Rute o obteve de Booz, receber primeiro, pela fé na santa e indivída Trindade, três módios de cevada (Rute 2,17); depois, pela perfeição de toda santidade, mais seis módios (Rute 3,15), e finalmente nos será concedido que nos unamos a Ele no tálamo nupcial (Rute 4,13), no mundo pelo gozo da doçura interior, no céu pela glória da bem aventurança.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é Deus, bendito pelos séculos.

Amén.





SERMO LVII. SOBRE OS PRELADOS E OS DOUTORES DA IGREJA, SEGUNDO O MESMO LIVRO DE RUTE.

Caríssimos, lemos nas Sagradas Escrituras como, no tempo dos Juízes (Rute 1, 1), faleceu Maalon, marido de Rute, a moabita, deixando-a viúva e sem descendência. Aconselhada por Noemi, sua sogra, Rute deitou-se aos pés de Booz (Rute 3, 7), seu parente próximo, rogando-lhe humildemente que lhe concedesse unir-se a ele pelo matrimônio, para não deixar sem descendência a casa de seu esposo (Rute 3, 9). Disse então Booz a Rute:

"Não nego que sou teu parente próximo, mas há outro mais próximo do que eu. Se ele te quiser receber pelo direito de parentela, está bem. Se, porém, não o quiser, eu sem dúvida te receberei".

Rute

3,

12-

13

Rute, nome que traduzido significa `a que se apressa', retamente figura a santa Igreja, que se apressa para cumprir com toda a devoção os preceitos que lhe são dados do céu. Seu marido entende-se não inconvenientemente ser Cristo, do qual está escrito:

***"O que
tem a
esposa
é o
esposo";***

Jo.

3,

29

e do qual o bem aventurado Apóstolo diz:

***"Cristo
amou a
Igreja e por
ela se
entregou a
si mesmo,
para a
santificar,
purificando-
a no
Batismo da
água na
palavra da
vida, para
apresentar***

***a si mesmo
a Igreja
gloriosa,
sem
mácula
nem ruga,
mas santa
e
imaculada".***

**Ef .
5 ,
25 -
27**

Para esta esposa seu esposo de certo modo está morto, na medida em que Cristo, enquanto homem, cessou de estar e de conviver entre os homens, conforme diz o Apóstolo:

***"Humilhou-
se a si
mesmo,
feito
obediente
até à
morte, e
morte de
cruz".***

**Fil .
2 ,
8**

Cristo, de fato, ainda que tenha ressuscitado entre os mortos, ainda que já não morra e que a morte não mais domine sobre Ele, pois Ele

**"vive,
e vive
para
Deus",**

**Rom.
6,
10**

dirigiu-se, porém, para uma região longínqua, para receber para si o Reino. Por este motivo está corporalmente ausente e está, de certo modo, como se estivesse morto. Seu parente próximo, ou melhor, seu parente mais próximo, é agora a assembléia dos prelados da Igreja. Embora, efetivamente, todos os verdadeiros cristãos possam retamente ser ditos parentes próximos de Cristo, conforme Ele próprio no-lo atesta, dizendo:

***"Todo
aquele
que
fizer a
vontade
de meu
Pai,
que
está
nos
céus,
esse é
o meu
irmão
e irmã
e
mãe";***

Mat .

12 ,

50

são, todavia, os pastores da Igreja, a cujo ministério pertence ensinar, batizar, instruir nos demais sacramentos, confirmar os que crêem e gerar para Cristo a descendência espiritual, os que maximamente lhe são mais próximos.

Isaías nos fala da descendência de Cristo com as seguintes palavras:

***"Se oferecer
a sua alma
pelo pecado,
verá uma
descendência
perdurável, e
a vontade do
Senhor em
sua mão
será
governada".***

Is .

53 ,

10

Cabe ao parente próximo de Cristo, isto é, ao coro dos santos preladados, providenciar de todos modos para que, através do ensino, em nenhum tempo lhe falte esta descendência. De fato, quando os santos doutores ensinam, não geram para si, mas para o Senhor, porque ao gerarem a prole espiritual através do ensino, não buscam o seu louvor, mas o de Cristo. E já que todas as coisas que fazem, o fazem para a glória de Deus, verdadeiramente podem dizer:

**"Não a
nós,
Senhor,
não a
nós,
mas
ao teu
nome
dá a
glória".**

**Salmo
113,
9**

Assim como o parente mais próximo de Rute (Rute 4, 8), os santos prelados ou doutores da Igreja também possuem dois calçados interiores, pelo conhecimento da verdade e pelo amor da virtude, e dois calçados exteriores, pela palavra do ensino e pelo exemplo da boa obra. Quem estiver desprovido de um ou de ambos destes calçados não será idôneo para suscitar a descendência para Cristo.

Para que nos utilizemos não de nossas palavras, mas das dos santos padres, o doutor da Igreja deve resplandecer tanto pela vida como pela doutrina, pois a doutrina sem a vida o torna arrogante, e a vida sem a doutrina o torna inútil. O ensino do sacerdote deve ser confirmado pelas obras, para que aquilo que ensina pela palavra o demonstre pelo exemplo. É verdadeira, de fato, aquela doutrina à qual se segue a forma de viver, e nada é mais torpe do que o desprezo em cumprir pela obra o bem que se ensina. O ensino aproveita com utilidade quando é efetivamente cumprido.

Cada doutor, portanto, deve dedicar-se para que possua tanto os bens da obra como os bens do ensino, pois qualquer uma destas coisas sem a outra não produz aproveitamento. De fato, assim como a doutrina sem a vida, também a vida sem a doutrina não é suficiente. Os prelados devem viver santamente por causa do exemplo e ensinar piedosamente por causa do

ofício que lhes foi confiado, na certeza de que não se salvarão apenas pela sua própria justiça, pois de suas mãos lhes será exigida também a alma de seus súditos. De que lhes aproveitará não serem punidos pelos seus pecados se forem punidos pelos alheios? Estaríamos mentindo, falando deste modo, se o próprio Senhor, em uma terrível ameaça, não no-lo tivesse comunicado pelo profeta, dizendo:

***"Filho do
homem, se,
dizendo eu ao
ímpio:***

***`Infalivelmente
morrerás',***

***tu não lho
anunciares e
não lhe
falares, para
que ele não
se retire de
seu caminho
ímpio e viva,
este ímpio
morrerá na
sua
iniquidade,
mas eu
requererei de
tua mão o seu
sangue. Se,
porém,
avisares o
ímpio, e ele
não se
converter de
sua
impiedade e
de seu mau
caminho,
morrerá ele
por certo na***

**sua
iniquidade,
mas tu
livraste a tua
alma. Do
mesmo
modo, se o
justo deixar a
sua justiça, e
cometer a
iniquidade, eu
porei diante
dele uma
pedra de
tropeço; ele
morrerá,
porque tu não
lhe
advertiste;
morrerá no
seu pecado,
mas eu
requererei de
tua mão o seu
sangue. Se,
porém,
avisares o
justo para
que não
peque, e ele
não pecar,
viverá a
verdadeira
vida, porque
tu o
advertiste, e
assim livraste
a tua alma".**

Ez .
3 ,
17 -
21

É, portanto, evidente que nem a doutrina sem a vida, nem a vida sem a doutrina é suficiente para que o prelado possa gerar para Cristo a prole espiritual. Se, porém, suceder que falte uma destas duas coisas, entre as duas alternativas imperfeitas será melhor possuir uma santa rusticidade do que uma eloquência pecadora. Se, porém, faltarem ambas, este prelado não somente será inútil para suscitar a descendência para Cristo, como também, como árvore infrutífera que ocupa a terra, será prejudicial para os que lhe forem confiados. De onde que a Santa Igreja com mérito não reconhece como parente próximo de Cristo semelhante pastor que somente de nome, e não também de fato, preside pelo poder e não pela utilidade, e humildemente pede a Booz, isto é, a qualquer doutor da Igreja, rico pela palavra de sabedoria e de ciência e forte pelo vigor das virtudes, que suscite a descendência espiritual para conservar a perenidade do nome cristão (Rute 3, 9). De fato, o doutor da Igreja é parente próximo de Cristo pela graça da doutrina, mas há ainda

*"outro
parente
mais
próximo
do que
ele",*

Rute
3 ,
12

que é o pastor, a quem foi confiado o cuidado das almas, que é ainda mais próximo pelo dever e pela obrigação do cuidado pastoral. Este, reverentemente advertido diante dos anciãos de

Belém (Rute 4, 2), isto é, diante dos homens mais perfeitos da santa Igreja, para que se empenhe no ofício de que é incumbido, na medida em que se recusa em cumpri-lo (Rute 4, 6), como que perde, freqüentemente pela providência da graça divina, ambos os calçados (Rute 4, 8), na medida em que recusa a solícitude de reger pela qual deveria fecundar a santa Igreja por uma prole espiritual. Em seu lugar, o doutor da Igreja recebe ambos os calçados (Rute 4, 10), na medida em que, substituindo-o, instrui incessantemente a santa Igreja pela palavra e pelo exemplo para que, para a honra de Cristo, seja ela fecundada pela descendência espiritual. Foi assim que, para o lugar de Judas, o sínodo dos apóstolos escolheu Matias, e no lugar dos judeus entrou a plenitude dos gentios, conforme o próprio Senhor o havia predito aos judeus:

***"O
Reino
de
Deus
vos
será
tirado,
e será
dado a
um
povo
que
produza
os
seus
frutos".***

**Mat .
21 ,
43**

Daqui procede também ter sido dito ao bispo de Filadélfia:

**"Guarda
o que
tens,
para
que
ninguém
tome a
tua
coroa";**

**Apoc .
3,
11**

e igualmente, ao bispo de Éfeso:

**"Tenho
contra ti
que
deixaste a
tua
primeira
caridade.
Lembra-te
pois de
onde
caíste,
arrepende-
te e volta
às tuas
primeiras
obras, do
contrário
virei a ti e
removerei
o teu
candelabro
do teu
lugar".**

Apoc .
2, 4-
5

De fato, o candelabro de qualquer pastor réprobo é removido de seu lugar quando, por exigência de seus pecados, a dignidade eclesiástica que lhe foi concedida lhe é retirada como a um inútil e indigno e transferida a outro digno e capaz de produzir frutos. Tal é o que vemos acontecer com freqüência, isto é, que os réprobos, afastados de seus cargos, são substituídos por outros pelos quais os deveres da Igreja são exercidos conforme é devido.

Semelhante pastor, finalmente, é merecidamente chamado descalço, na medida em que, no que diz respeito ao ministério eclesiástico, é espoliado das vestimentas da palavra e do exemplo, e também despojado tanto do mérito como do prêmio. Na medida em que amou gerar e propagar a família de seus vícios, abandonou ao outro os calçados do ensino e da obra, pelos quais deveria ter fortalecido aos seus, que lhe haviam sido confiados, em preparação ao Evangelho da paz. Oxalá que então se cumpra a imprecação do salmista:

***"Seja
exterminada
a sua
posteridade,
e que em
uma
geração se
apague o
seu nome".***

Salmo
108,
13

Lemos também no livro de Rute que, com a recusa do parente mais próximo, todas as coisas que haviam sido do defunto passaram por privilégio para a posse de Booz, que se tornou seu novo usuário (Rute 4, 9). Isto significa que, principalmente no que diz respeito aos santos e aos perfeitos reitores de almas, eles mesmos fazem, conforme no-lo ensina o Evangelho, as mesmas obras que Cristo fêz, e ainda

***"as
fazem
maiores
do que
estas".***

**Jo.
14,
12**

Entende-se também que eles, assim como Booz, comprem todas as coisas "da parte do campo de Elimelec que estava para ser vendido" (Rute 4,2), na medida em que renunciam às suas coisas e às suas vontades para obedecerem à divina vontade. É por isto é que o bem aventurado Pedro diz a Cristo:

***"Eis que nós
abandonamos
tudo, e te
seguimos".***

**Mat.
19,
27**

Assim fêz também o mercador prudente, que

***"encontrando
uma pérola
preciosa de
grande
valor, vende
tudo o que
tem e a
compra".***

**Mat .
19 ,
27**

Feitas estas coisas, felicitaram então os anciãos de Belém a Booz, dizendo-lhe:

***"Faça o
Senhor
que esta
mulher,
que entra
na tua
casa,
seja
como
Raquel e
Lia, que
edificaram
a casa de
Israel".***

**Rute
4 ,
11**

Os anciãos de Belém oram por Booz em favor de Rute, o que significa que na santa Igreja os perfeitos auxiliam por suas

contínuas orações ao prelado eclesiástico e a toda a congregação que lhe é confiada. E assim como Raquel e Lia edificaram a casa de Israel, assim também Rute edifica a casa de Booz, na medida em que a santa congregação confiada ao prelado fiel, fecundada a descendência espiritual pelo seu ministério, multiplica-lhe a posteridade que são os homens espirituais, alguns dos quais se dedicam à contemplação, enquanto outros se ocupam com a ação.

***"Que
ela seja
um
exemplo
de
virtude
em
Éfrata",***

**Rute
4,
11**

resplandecendo na Igreja universal pela sua obediência.

***"Que
ela
tenha
um
nome
célebre
em
Belém",***

**Rute
4,
11**

difundindo-se e celebrando-se a sua boa fama por toda a Igreja.

E, finalmente,

***"que a tua
casa se
torne como a
casa de
Farés, que
Tamar deu à
luz de Judá,
pela
descendência
que o
Senhor te
der desta
jovem".***

Rute

4,

12

Isto ocorrerá sempre que muitos entre os que dela forem gerados pelo ensino, purificados dos antigos pecados pelo amargor de uma salutaríssima confissão e, em seguida, escolhidos e divididos entre vários outros principalmente pelo dom da ciência e da virtude, mereçam algumas vezes ser exaltados à culminância de reger a Igreja. Tamar, efetivamente, significa `amargor', Judas significa `o que confessa', e Farés significa `divisão'. E nisto a descendência de Farés, a quem Tamar deu à luz, teve uma divisão mais duradoura do que a das demais tribos de Israel, pois dela procedeu, com a linhagem de Davi, a dignidade real, conforme também se declara no livro de Rute, onde está escrito:

**"Estas
são as
gerações
de Farés:
Farés
gerou a
Esron,
Esron
gerou a
Aram,
Aram
gerou a
Aminadab,
Aminadab
gerou a
Naason,
Naason
gerou a
Salmon,
Salmon
gerou a
Booz,
Booz
gerou a
Obed,
Obed
gerou a
Isaí,
também
conhecido
como
Jessé, e
Isaí gerou
a Davi".**

**Rute
4,
18-
22**

Agora, portanto, irmãos caríssimos, retornando a nós mesmos, desejemos que este Booz espiritual sempre nos presida, e tenhamos que aquele inútil parente próximo reine sobre nós. Quando é dado à Igreja um bom pastor, ele provém do dom de Deus. Quando, porém, é um réprobo que preside, isto ocorre porque assim o exigem os pecados do povo, pois, conforme o declaram as Escrituras, Deus faz reinar o hipócrita sobre os homens por causa dos pecados do povo (Jó 36, 8-9). O reitor desordenado, portanto, na medida em que os homens reconheçam terem recebido o regime de um pontífice perverso por causa de seus próprios méritos, não deve ser julgado pelo povo. Deus, efetivamente, dispõe a vida dos governantes de acordo com os méritos do povo, como é manifesto no exemplo do pecado de Davi, o qual pecou à semelhança dos príncipes que prevaricam por causa do mérito do povo. Se o reitor exorbitar da fé deverá ser repreendido pelos súditos, mas pelos costumes réprobos mais deverá ser tolerado pela plebe do que desprezado. Agora, portanto, caríssimos, não presumamos despedaçar temerariamente os prelados naquilo em que eles tenham procedido desordenadamente. Segundo a sentença do bem aventurado S. Gregório, nenhum de nós, mesmo que injustamente ordenado, repreenda temerariamente a sentença de seu pastor, para que não ocorra que, ainda que injustamente ordenado, pela soberba de uma repreensão inchada surja uma culpa que antes não existia. Se, porém, virmos um verdadeiro Booz solícitamente suscitar a descendência espiritual para propagar o nome de Cristo pela palavra do ensino e pelo exemplo da boa obra, alegremo-nos. E nós mesmos, bem vivendo, e admoestando-nos um ao outro, empenhemo-nos em ser seus consortes no mérito, para que mereçamos tornar-nos também seus consortes no prêmio.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Nosso Senhor Jesus Cristo, que é, em tudo, Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.



**SERMO LX. SOBRE TODOS OS SANTOS.**

Diletíssimos irmãos, Cristo Jesus, Nosso Salvador, esposo da santa Igreja universal, louva elegantemente no Cântico dos Cânticos o variado e múltiplo fruto de sua esposa. Ele deseja, por meio deste louvor, incentivá-la e inflamá-la a coisas ainda maiores. Dela Ele diz, em algum lugar, o seguinte:

***"Jardim
fechado és,
irmã minha
esposa,
jardim
fechado,
fonte selada.
Tuas
procedências
são um
paraíso de
romãs com
árvores
frutíferas.
Os cipres
com o
nardo, o
nardo com o
açafraão, a
cana
aromática e
o cinamomo,
com todas
as árvores
do Líbano; a
mirra e o
aloés, com
todos os
primeiros
ungüentos".***

Cant .

4 ,

12-

13

Em todas estas coisas o esposo se alegra e se congratula com a esposa, e o bem da esposa é louvado com elegância pelo esposo. A própria santa Igreja no Cântico dos Cânticos é chamada por vários nomes. Algumas vezes, efetivamente, é chamada de esposa, outras de amiga, de irmã, de pomba, de bela ou de formosa. Ela é, de fato, esposa pela fé, amiga pelo amor, irmã pela participação da herança celeste, pomba pela simplicidade, formosa pela doçura da justiça.

***"Jardim
fechado
és, irmã
minha
esposa,
jardim
fechado".***

Pelo jardim da santa Igreja entendemos a sua santa conversação, da qual incessantemente vemos originar-se o rebento das virtudes e das boas obras. Corretamente este jardim é dito fechado, por ser defendido em toda a sua volta pela forte guarnição da disciplina, para que não aconteça que o inimigo traiçoeiro irrompa em algum lugar e arranque e leve a plantação da justiça. Este jardim é nomeado abertamente por duas vezes, para com isto designar manifestamente seu duplo fruto, a saber, a fé e a obra, ou os casados e os continentes, ou também a distinção de Deus e do povo, ou certamente a vida ativa e a contemplativa. Está, portanto, escrito:

**"Jardim
fechado
és, irmã
minha
esposa,
jardim
fechado,
fonte
selada".**

**Cant .
4 ,
12**

Pela fonte deste jardim entende-se a sabedoria celeste. Esta fonte, como para irrigar o paraíso, divide-se em quatro rios, na medida em que a divina sabedoria se estende sobre toda a Igreja pela pregação dos quatro evangelhos. Este jardim também no-lo é corretamente apresentado como selado, porque a sabedoria de Deus está velada nas Sagradas Escrituras por muitos e diversos enigmas. Por isto é que o Apóstolo Paulo diz:

**"Pregamos
a
sabedoria
de Deus no
mistério,
que está
encoberto,
que Deus
predestinou
antes dos
séculos
para a
nossa
glória".**

I
Cor.
2,
7

Este é aquele livro selado, do qual diz Isaías:

***"Quando o
derem a
um homem
que sabe
ler, e lhe
disserem:***

***`Lê este
livro';***

***ele
responderá:***

***`Não
posso,
porque
está
selado"'***.

**Is.
29,
11**

Trata-se também do mesmo livro da vida, aquele sobre o qual o bem aventurado João afirma ter visto

**"Na mão
direita do
que
estava
sentado
sobre o
trono, um
livro
escrito
por
dentro e
por fora,
selado
com sete
selos,
que
ninguém
podia,
nem no
céu, nem
na terra,
nem
debaixo
da terra,
abriu-lo,
nem
olhar
para ele,
senão o
leão da
tribo de
Judá, a
estirpe
de Davi,
que
venceu e
era como
um
Cordeiro
que
parecia
ter sido
imolado,**

***o qual
tinha sete
chifres e
sete
olhos,
que são
os sete
espíritos
de Deus
mandados
por toda
a terra".***

**Apoc .
5, 1-
6**

Somente Ele pôde abrir esta fonte ou este livro. Somente Ele pôde também, com todo o direito, dizer aos seus discípulos:

***"A vós é
concedido
conhecer
o
mistério
do Reino
dos
Céus".***

**Mt .
13,
11**

Por isto é que está também escrito em outro lugar dEle e de seus discípulos:

***"Abriu-lhes o
entendimento,
para que
compreendessem
as Escrituras".***

**Luc .
24 ,
45**

Ninguém, portanto, poderá provar o gosto desta fonte salutar senão aquele a quem o Salvador, o único que a abre a a fecha, dignar-se abrir o seu selo. Mas não poderá também possuir os frutos deste jardim aquele a quem esta fonte não fornecer uma salutar irrigação, o próprio Salvador demonstrando que abre a alguns e fecha a outros o rio desta fonte, quando diz aos seus discípulos:

***"A vós é
concedido
conhecer
o mistério
do Reino
dos Céus,
mas a
eles não
Ihes é
concedido;
por isso
Ihes falo
em
parábolas,
para que
vendo não
vejam, e
ouvindo
não
ouçam".***

Mat .
13 ,
11 -
13

E, em outro lugar, diz ao Pai:

***"Graças te
dou, ó Pai,
Senhor do
céu e da
terra,
porque
escondestes
estas coisas
aos sábios e
aos
prudentes, e
as revelaste
aos
pequeninos".***

Mat .
11 ,
25

O jardim, portanto, é fechado, e a fonte é selada. O jardim é fechado pela disciplina, a fonte é selada pela alegoria. O jardim é fechado para que nela não irrompa o inimigo traiçoeiro; a fonte é selada para que o estranho não beba dela. O jardim é a justiça; a fonte, a sabedoria. O esposo fala primeiro do jardim florescente e da fonte irrigante. Depois expõe mais amplamente o fruto do florescimento e da irrigação, dizendo:

***"Tuas
procedências
são um
paraíso de
romãs com
árvores
frutíferas".***

Procedem da santa mãe Igreja os seus partos espirituais. Nesta passagem, porém, mencionam-se principalmente os mártires, designados pelo nome de romãs, os quais são admitidos no céu saindo do mundo e procedendo da Igreja. A Igreja não os perde, mas os envia e confia ao Cristo. As romãs, pelo seu suco, são azedas em seu interior e contém sementes rubras. São, por isto, figuras dos mártires, os quais podem ser ditos rubros não apenas exteriormente, como também interiormente, porque há dois gêneros de martírio, um interior e outro exterior, um no coração e outro na carne, e de nada vale o que é exterior se falta o que deve ser interior. De fato, de nada aproveita a paixão da carne a quem falta a compaixão do coração, conforme está escrito:

***"Toda a
glória
do rei
provém
do
interior".***

**Salmo
44,
14**

As romãs que procedem deste jardim são comparadas ao paraíso porque assim como o paraíso é repleto de diversas árvores, assim também a santa Igreja é repleta e densamente ornamentada de inúmeros mártires. Quem, de fato, entre os calculadores mais peritos poderá compreender ainda que

apenas o número talvez centenário ou milenário dos mártires? Dos quais, conforme clama a Escritura, alguns foram mortos em ferros, outros queimados pelas chamas, outros ainda açoitados pelo chicote, afogados na água, escalpelados vivos, perfurados pelos narizes, atormentados no patíbulo, aprisionados às correntes, outros tiveram suas línguas cortadas, foram mortos por apedrejamento, sofreram frio e fome, tiveram cortadas mãos e partes do corpo ou foram entregues, por causa do nome do Senhor que levavam, como espetáculo ao desprezo do povo (Heb. 11,35-38).

Pode ser causa de admiração como o martírio se compara ao paraíso, se o martírio possui amargura enquanto que o paraíso possui alegria. Isto não será causa de espanto, porém, se examinarmos o assunto com mais diligência. Todos os gêneros de tormentos foram causa de alegria para os santos mártires, e tudo para eles era doce. O que o poder adverso lhes podia infringir pelo nome da cristandade era tido por eles como pouco, conforme está escrito dos apóstolos:

***"Saíram
os
apóstolos
da
presença
do
Conselho
contentes
por
terem
sido
achados
dignos
de sofrer
afrontas
pelo
nome de
Jesus".***

Atos

5,

41

E o Apóstolo Paulo, considerando quão grande dom era para ele poder sofrer por Cristo, diz, escrevendo aos Filipenses, que

***"A vós
é dado
por
amor
de
Cristo
não
somente
que
creiais
nele,
mas
também
que
sofrais
por
ele".***

Flil.

1,

29

Diz ainda o Cântico dos Cânticos:

***"De ti
procede
um
paraíso
de
árvores
frutíferas".***

Os santos mártires têm frutos no mundo e têm frutos no céu. No mundo têm os frutos da justiça, no céu têm os frutos da glória. No mundo, os frutos do mérito; no céu, os frutos do prêmio.

***"Os
cipres
com o
nardo, o
nardo
com o
açafraão".***

O cipre é uma erva aromática do Egito, de semente branca e odorífera, que se cozinha no óleo para depois espremer-se. Dele se prepara um unguento chamado real. O cipre, portanto, é o dom de reinar. Designa o discernimento, e pode-se entender com certeza que ele significa convenientemente os reitores de almas.

O nardo é uma erva de pouca estatura; designa, por isso, os súditos humildes.

O açafraão, sendo de cor dourada, designa corretamente aqueles que ensinam resplandecendo de sabedoria celeste.

Pensamos que as Escrituras nos apresentam aqui os cipres no plural, enquanto que todas as demais coisas que se lhe seguem no-las são apresentadas no singular, para que por isto possamos entender que qualquer prelado deve ser, entre todos, rico de todas as virtudes e boas obras. Eis o motivo pelo qual o bem aventurado Agostinho preceituava sobre o prelado,

dizendo:

***"Ofereça-se
para com
todos como
exemplo de
boas obras.
Corrija os
inquietaos,
console os
pusilânimes,
socorra os
enfermos,
seja
paciente
para com
todos. Siga
a disciplina
com
alegria,
mas saiba
também
impô-la
com
respeito. E,
embora
ambas
estas
coisas
sejam
necessárias,
todavia
mais deseje
ser amado
do que ser
temido".***

Ensinados por estas palavras do bem aventurado Agostinho, os prelados devem dedicar-se a todos os que lhe forem confiados com toda a bondade, e esforçar-se para que, pela plenitude de suas virtudes, feitos tudo para todos, aproveitem a todos. Os

cipres com o nardo são, portanto, os prelados quando se submetem humildemente aos preceitos divinos juntamente com os seus súditos. Por isso é que está escrito:

***"Se te
constituírem
para
governar,
não te
ensoberbeças
por isso;
permanece
entre eles
como um
deles
mesmos".***

**Ecles.
32, 1**

Quando, de fato, os santos reitores, conforme o devem, dizem o que é reto e juntamente com os seus súditos fazem humildemente o que dizem, verdadeiramente então serão cipres com nardo.

O nardo está com o açafraão quando as multidões dos humildes súditos, aproximando-se dos santos doutores resplandecentes de sabedoria celeste, ouvem de boa vontade sua doutrina salutar e, crendo e operando com fidelidade, assentem às suas palavras, cumprindo o preceito do Apóstolo Tiago, quando diz:

**"Seja
todo
homem
pronto
para
ouvir,
tardo
porém
para
falar e
tardo
para
se
irar".**

**Tg.
1,
19**

Nestes também cumpre-se o testemunho de Moisés, que diz destes homens:

**"Os que
se
aproximam
dos pés
do
Senhor,
recebem
de sua
doutrina".**

**Deut .
33 ,
3**

Os pés do Senhor, de fato, são os santos doutores, que pelo seu

ensino conduzem o coração dos que os ouvem. Recebem por meio deles a doutrina do Senhor aqueles que se aproximam com humildade de seus pés, porque está escrito:

***"Aquele
que anda
com os
sábios,
será
sábio; o
amigo dos
insensatos,
porém,
tornar-se-á
semelhante
a eles".***

**Prov.
13,
20**

Continua o Cântico:

***"A cana
aromática
e o
cinamomo".***

A cana é uma pequena árvore aromática, de casca robusta e purpúrea, útil para curar as doenças das vísceras. Pode significar, portanto, todos os que pelo temor de Deus, que é princípio da sabedoria, se arrependem de seus pecados e que, pela verdadeira confissão, purificam as vísceras de seus corações espirituais do pernicioso amontoado dos torpes pensamentos. De fato, os que se arrependem verdadeiramente se tornam como aqueles que pela cana aromática são curados das doenças de suas vísceras quando, pela perfeita confissão do que se oculta em suas mentes, se purificam de sua maldade.

São, portanto, cana aromática todos aqueles que, pela graça do arrependimento, da confissão, ou mesmo de admoestações mais eficazes, expõem as doenças interiores dos pecados ocultos, tanto em si mesmos como nos outros.

O cinamomo é uma árvore pequena, odorífera, doce, de cor cinzenta, duas vezes mais útil para uso medicinal do que a cana aromática. Chama-se cinamomo porque sua casca se forma ao modo da cana. E porque a cana, quando cortada para este fim, costuma emitir sons na boca das crianças, pode-se designar pelo cinamomo a confissão dos santos sacerdotes, como Jerônimo, Gregório, Agostinho e Ambrósio, e todos os que foram como eles. De fato, na medida em que estes não apenas creram pelo coração para a justiça, mas também pela boca confessaram para a salvação (Rom. 10,10), estendendo para longe a escuta da salvação, podem-se entender pelo cinamomo, cuja casca se forma circunflexa ao modo da cana sonora, os santos confessores. Assim como, portanto, entendemos pela cana aromática os arrependidos e aqueles que, pela verdadeira confissão, expõem de seus corações as doenças dos pecados, assim também, pelo cinamomo, entendemos os santos confessores.

***"Com
todas
as
árvores
do
Líbano".***

Líbano, traduzido, significa a ação de alvejar. As árvores do Líbano, ademais, se destacam entre todas as árvores pelo modo como crescem para o alto. Assim é que encontramos, na profecia de Ezequiel, que para poder descrever-se a sublimidade, ou melhor, a soberba de Assur, esta foi comparada às árvores do Líbano:

**"Eis
Assur
como o
cedro
no
Líbano,
formoso
pelos
ramos,
frondoso
pela
folhagem
e
excelso
pela
altura, e
entre as
suas
densas
ramadas
elevou a
sua
copa".**

**Ez .
31 ,
3**

Pelas árvores do Líbano, portanto, pode-se convenientemente entender o coro das santas virgens, que se erguem para o alto pela elevação de sua pureza, e que, pelos dons da mesma, mais alto do que os demais se aproximam dos bens celestes. De fato, a perfeição das virgens é mais celeste do que terrena. Sua vida é mais angélica do que humana, pois a virgindade tem como que um parentesco com os anjos. As árvores do Líbano são as santas virgens como Inês, Cecília, Ágata, Lúcia e todas as outras cujos nomes não podem ser aqui enumerados. A santa mãe Igreja, com todas as plantas precedentes, possui também as árvores do Líbano, porque juntamente com os santos mencionados possui também as santas virgens, alvejantes pela

sua pureza e elevando-se sublimemente aos bens celestes.

**"A
mirra
e o
aloés".**

Estas duas espécies possuem tal amargor que quando se ungem os corpos com elas, ficam protegidos da putrefação. Como a mirra, porém, possui maior força do que o aloés, por causa disto entendemos por ela a continência e pelo aloés a abstinência. A abstinência, de fato, é pesada, mas a continência é ainda mais pesada. A mirra e o aloés repelem os vermes e a podridão dos corpos; a continência e a abstinência repelem as corrupções dos vícios do coração e do corpo. Ou, mais corretamente, entendemos melhor nesta passagem pela mirra e pelo aloés os próprios continentes e abstinentes que se exercitam a si mesmos por estas virtudes.

**"Com
todos os
primeiros
ungüentos".**

Os primeiros unguentos são os dons principais, isto é, a caridade e a profecia. O apóstolo Paulo, após enumerar os dons espirituais, acrescenta:

**"Vou
mostrar-vos
um caminho
ainda mais
excelente.
Ainda que
eu falasse
as línguas
dos homens
e dos anjos,
se não
tivesse
caridade,
seria como
o bronze
que soa, ou
o címbalo
que tine;
nada seria,
nada me
aproveitaria".**

I
Cor .
12,1;
13,1-
3

E a seguir, pouco depois:

***"Agora,
pois,
permanecem
a fé, a
esperança e
a caridade,
mas a maior
delas é a
caridade".***

I
Cor .
13 ,
13

"Segui a caridade", diz ainda São Paulo, "emulai os dons espirituais" (I Cor. 14, 1), isto é, amai os dons divinos.

***"Sobretudo,
porém, a
profecia",***

I
Cor .
14 ,
1

isto é, o ensino. Assim, em primeiro lugar São Paulo nos recomenda a caridade; recomenda, depois, que profetizemos, isto é, que ensinemos, pois o ensino é aquilo que mais próximo reside do fruto da caridade.

Caríssimos, estas são as riquezas espirituais da santa mãe Igreja, deste jardim tão fértil, desta fonte da qual emana tanta riqueza. Imitemos, caríssimos, a mãe Igreja em todas estas coisas, para que com ela mereçamos contemplar o esposo em

seu esplendor, e com a esposa alcancemos a glória no céu. Tenhamos também nós um paraíso de romãs, padecendo constantemente adversidades por Cristo e compadecendo-nos cotidianamente dos oprimidos. Tenhamos cipres, regendo-nos com discernimento. Tenhamos o nardo, submetendo-nos humildemente aos nossos prelados; o açafão, expelindo nossos pecados pelo pranto e pela confissão de nossos corações; o cinamomo, entoando ação de graças pelos benefícios recebidos; as árvores do Líbano, exibindo obras de pureza; a mirra, contendo-nos dos afagos da carne; o aloés, abstendo-nos também das comidas lícitas; e todos os primeiros unguentos, pela posse dos principais dons.

Esta é a via, por ela caminhemos, para que possamos chegar à felicidade que possuem milhares de santos.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é Deus, bendito pelos séculos.

Amén.



**SERMO LXI. SOBRE A OBRA DOS SEIS DIAS.**

**"No
princípio
criou
Deus o
céu e a
terra".**

Gen .

**1 ,
1**

No primeiro dia fêz Deus a luz primordial, no segundo o firmamento, no terceiro congregou as águas inferiores em um único lugar, no quarto fêz os luminares, no quinto as aves e os peixes, no sexto os animais. Criado, pois, o mundo, ordenado e ornamentado, e preparado primeiro tudo o que fosse necessário, cômodo e agradável ao corpo do homem, naquele mesmo sexto dia fêz também Deus o homem, constituindo-o senhor de tudo e possuidor de todas as coisas. Deste modo, embora tenha sido criado posteriormente no tempo, por causa de sua dignidade, o homem é anterior e superior a todas as demais criaturas. Deus fêz, efetivamente, o mundo sensível por causa do homem, para que o mundo estivesse submetido ao seu corpo, o corpo ao espírito, e o espírito ao Criador.

Preparou também o Criador dois bens para o homem, visto ele ter sido feito de uma dupla natureza. Um destes bens era visível, o outro invisível; um era corporal, o outro espiritual; um transitório e outro eterno, ambos plenos e perfeitos em seus gêneros. O primeiro destes bens foi feito para o corpo, o segundo para o espírito, para que pelo primeiro os sentidos do corpo fossem favorecidos à alegria e pelo segundo os sentidos da alma se saciassem pela felicidade. Para o conforto do corpo e para a alegria do espírito, os bens visíveis haviam sido feitos para o corpo e os invisíveis para o espírito. O primeiro destes bens foi concedido por Deus para que fosse gratuitamente

possuído; o segundo foi prometido para que fosse buscado pelo mérito. O bem que era visível foi concedido gratuitamente, para que, pelo dom gratuito, ficasse demonstrada a excelência da promessa; e o que era invisível foi proposto para que fosse buscado pelo mérito, para que pudesse também ser demonstrada a fidelidade de quem o prometia. Depois que o homem, porém, obscurecido pelas trevas do pecado, perdeu o olho da contemplação, a totalidade das coisas visíveis não somente continuou a lhe oferecer o amparo para a sustentação do corpo, como também passou a lhe prestar o auxílio para a apreensão do conhecimento divino. De fato, está escrito:

*"As coisas
invisíveis de
Deus, depois
da criação
do mundo,
tornaram-se
visíveis ao
entendimento
pelas coisas
que foram
feitas".*

Rom.
1,
20

Três são as coisas invisíveis de Deus: a potência, a sabedoria e a benignidade, e destas três procede tudo o que foi feito. A potência cria, a sabedoria governa, a benignidade conserva. Estas três coisas, porém, assim como em Deus são infavelmente apenas uma única, assim também não podem ser separadas nas operações exteriores de Deus. Nelas a potência divina cria pela benignidade com sabedoria, a sabedoria governa pela potência benignamente e a benignidade conserva pela sabedoria com poder. A imensidade das criaturas manifesta a potência divina, a beleza a sua sabedoria, e a utilidade a sua benignidade. A criação das coisas visíveis é um grande dom de Deus e um grande bem para homem pois por

elas o corpo é sustentado e a alma, iluminada pela contemplação das mesmas, é admiravelmente sublimada ao conhecimento, à admiração e ao amor de seu Criador.

Efetivamente, o Deus escondido chega à notícia do homem de quatro maneiras, das quais duas são interiores e duas são exteriores. Interiormente, pela razão e pelo desejo; exteriormente, pela criatura e pela doutrina. A razão e a criatura pertencem à natureza, o desejo e a doutrina pertencem à graça.

Ditas estas coisas, e tendo mencionado brevemente a obra dos seis dias, vejamos que ensinamentos morais se encontram escondidos nas mesmas e investiguemos com diligência o que nos poderá ser de proveito para a nossa edificação.

***"No
princípio
criou
Deus o
céu e a
terra".***

**Gen .
1 ,
1**

O céu é o espírito, a terra é o corpo. Pelo céu, de fato, pode-se convenientemente entender o espírito do homem, formado à imagem e semelhança de Deus, criado para o conhecimento, para o amor e para a busca e a posse dos bens celestes. Pela terra entendemos o corpo do homem, que é de terra, e à terra muito brevemente haverá de retornar, conforme se encontra escrito:

**"Tu és
terra,
e à
terra
hás de
voltar".**

**Gen .
3 ,
19**

Céu, que na língua latina se diz `coelum', vem de `celare', que significa ocultar. O céu, assim, é o espírito, porque ao seu bel prazer nos oculta as coisas que há nele, do mesmo modo como também está escrito:

**"Qual
dos
homens
conhece
as
coisas
que são
do
homem,
senão o
espírito
do
homem,
que
está
nele?"**

**1
Cor .
2 ,
11**

A terra, por sua vez, é o corpo, porque cotidianamente esmagado, - `teritum' na língua latina -, até que à terra retorne. O céu, também, é o espírito e a terra é o corpo porque assim como o céu é mais sublime e mais sólido do que a terra, assim também o espírito é mais excelente do que o corpo.

O mundo, em seu caos primordial, é o homem em sua iniquidade. Assim como, de fato, no mundo ainda envolvido no caos primordial não havia nem luz nem aparência de ordem futura, assim também para o homem submetido à iniquidade nem a luz brilha pelo conhecimento da verdade, nem a ordem se faz presente pela disposição da equidade.

Em meio ao caos Deus cria, no primeiro dia da vida espiritual, a luz primordial, quando, pelos raios de uma luz interior, ilumina o pecador imerso na confusão de seus diversos pecados, para que conheça não só o que ele é como também e o que deve ser, e se disponha a si mesmo segundo a norma do reto viver. A luz primordial significa, portanto, o conhecimento do pecado.

O firmamento entre as águas superiores e inferiores é o discernimento entre os vícios e as virtudes. As águas inferiores, de fato, designam os vícios, e as águas superiores as virtudes. Coloca-se um firmamento entre ambas as águas quando pela virtude do discernimento distinguem-se as virtudes dos vícios e os vícios das virtudes.

Sucedese depois a congregação das águas que estavam sob o firmamento. A congregação das águas significa o domínio dos vícios. Os vícios, de fato, não podem nesta vida ser inteiramente evacuados ou eliminados dos recônditos da natureza humana por causa de seus aguilhões que residem naturalmente em nós; devem, portanto, o quanto for possível, mediante o auxílio da graça divina, ser dominados, diminuídos e reduzidos a um único lugar, para que não se disseminem pelo todo, tudo ocupem e corrompam, impedindo nossos sentidos da busca da verdade, nossos desejos do exercício da virtude e nossos membros da exibição da boa obra. Assim como, de fato, a terra ocupada pelas águas não pode germinar, assim nós, imersos nos vícios, não entenderemos o sentido da busca da verdade, nem desejaremos o exercício das virtudes ou poderemos usar de

nossos próprios membros para a exibição das boas obras. As águas, congregadas em um só lugar, fazem com que o ar se torne claro e aquecido e com que a terra germine porque, dominados os vícios, a nossa alma brilha pelo conhecimento, aquece-se pelo amor, e a carne frutifica pela boa ação.

A criação dos luminares significa, removida a nebulosa cegueira da ignorância, a perfeita visão da verdade. O Sol pode significar o conhecimento das coisas que pertencem à Santa Igreja; as estrelas o conhecimento das coisas que pertencem a qualquer criatura ou a qualquer alma fiel.

Os peixes, que vivem no mundo inferior, isto é, nas águas, significam as solitudes das boas ações, exercidas entre as ondas escorregadias da vida. As aves, que voam nas alturas, significam a contemplação dos bens celestes, pela qual nos elevamos das coisas inferiores às superiores.

Os animais terrestres significam os sentidos de nosso corpo, pois os animais tem os sentidos em comum com os homens. Ademais, quando nossos sentidos corporais, antes corrompidos pela vaidade, são restaurados pela graça divina, eles se tornam em nós como os animais feitos por Deus no sexto dia da obra da criação.

Realizadas que foram todas estas coisas, por último é criado o homem à imagem e semelhança de Deus pois, ordenadas desta maneira em nós todas as coisas pelas virtudes e pelas boas obras, o pecador, que antes era deforme e dessemelhante pela culpa, torna-se conforme e consemelhante a Deus pela justiça. O homem, assim criado, é finalmente transportado para o paraíso das delícias, pois o pecador regenerado no mundo pela graça é sublimado ao céu pela glória.

Eis, irmãos caríssimos, um outro mundo. Tanto este mundo maior como o mundo sensível foram criados antes de todos os dias. Nos três primeiros ambos foram ordenados e nos três seguintes ambos foram ornamentados.

Vejamos, pois, caríssimos, se assim como possuímos a existência pela criação, também possuímos a ordenação pela graça, e o ornamento pela excelência da vida. Vejamos se existe

em nós a luz primordial pelo conhecimento dos nossos pecados, se existe o firmamento pelo discernimento dos vícios e das virtudes, se as águas se congregam pelo domínio dos vícios, se as árvores e a erva verde germinam pelo exercício das virtudes. Vejamos também se há em nós luminares pelo conhecimento da verdade, se há peixes pela exibição das boas obras, aves pelo vôo da contemplação, animais por uma sensualidade já imaculada. Vejamos se em nós a dignidade humana foi restaurada pela justiça, aquela mesma que havia sido foi deformada pela culpa, e se, finalmente, podemos constatar que tudo quanto fizemos

**"é
imensamente
bom",**

**Gen .
1 ,
31**

para que possamos descansar com Deus e em Deus pela boa consciência.

Se for tudo assim, também pela glória poderemos nelas descansar, para que se cumpra em nós o que se encontra em Isaías, onde se diz:

**"De
sábado
em
sábado,
toda a
carne
virá
prostrar-
se
diante
de mim
e me**

**adorará,
diz o
Senhor".**

**Is .
66 ,
23**

**E que, para tanto, digne-se vir em nosso auxílio Jesus Cristo,
Senhor Nosso, que é Deus, bendito por todos os séculos.**

Amén.





**SERMO LXIII. SOBRE A JORNADA DE GEDEÃO CONTRA OS
MADIANITAS, POR OCASIÃO DO NATAL DO SENHOR.**

**"Tu
quebraste
o pesado
jugo que
o
oprimia,
e a vara
que lhe
rasgava
as
espáduas,
e o cetro
de seu
exator,
como o
fizeste na
jornada
de
Madian".**

**Isaías
9, 4**

Caríssimos, estas palavras proféticas se referem principalmente a Cristo. De onde que, um pouco mais adiante, o mesmo profeta, isto é, o profeta Isaías, de quem são estas palavras, no-las profetiza abertamente de Cristo, dizendo:

**"Porquanto
um menino
nasceu
para nós, e
um filho
nos foi
dado, e foi
posto o
principado
sobre o seu
ombro; e
será
chamado
Admirável,
Conselheiro,
Deus Forte,
Pai do
século
futuro,
Príncipe da
Paz. O seu
império se
estenderá
cada vez
mais, e a
paz não
terá fim;
sentar-se-á
sobre o
trono de
Davi e
sobre o seu
reino, para
o firmar e
fortalecer
pelo direito
e pela
justiça,
desde
agora e
para
sempre.
Fará isto o**

**zelo do
Senhor dos
exércitos".**

**Is .
9 ,
6 -
7**

"Tu quebraste o pesado jugo que o oprimia". Este jugo é a culpa. "A vara que lhe rasgava as espáduas". Esta vara é a pena em que incorremos pela culpa. "E o cetro de seu exator". Este cetro é a condenação eterna. Pelo jugo éramos oprimidos, pela vara feridos, pelo cetro condenados. O exator é o demônio, o vencedor é Cristo. Cristo, de fato, entrou no mundo assumindo nossa carne, conforme no-lo ensina o Evangelho:

**"Quando
um
homem
forte e
armado
guarda a
entrada de
sua casa,
estão em
segurança
os bens
que
possui;
porém,
sobrevindo
outro mais
forte do
que ele,
há de
vencê-lo e
aprisioná-
lo. Só
então**

***poderá
despojá-lo
de seus
bens".***

Mt .

12 ,

29 ;

Lc .

11 ,

22

O homem forte e armado é o demônio; a entrada de sua casa é o mundo; o outro homem mais forte é Cristo; seus bens são as almas; o despojo destes bens é a obra da Redenção; o aprisionamento do homem forte é o acorrentamento do demônio. Vencido, pois, o nosso exator e quebrado o seu jugo, a sua vara e o seu cetro, faremos uso daquela parábola profética que o mesmo profeta Isaías no-la preceitua, ao dizer, cinco capítulos mais adiante:

***"E naquele
tempo em
que o
Senhor te
tiver dado
descanso,
depois de
teu trabalho
e de tua
opressão, e
da dura
servidão a
que
estiveste
sujeito,
usarás desta
parábola
contra o rei
de Babilônia,***

e dirás:

***Como
terminou o
exator, e
como se
acabou o
tributo? O
Senhor
despedaçou
o bastião
dos ímpios,
a vara dos
dominadores,
e o que na
sua
indignação
feria os
povos com
uma chaga
incurável, o
que
sujeitava as
nações no
seu furor, o
que
cruelmente
as
persequia.
Toda a terra
está em
descanso e
em paz, ela
se encheu
de prazer e
de regozijo.
Até as faias
e os cedros
do Líbano se
alegraram
com a tua
perda.
Desde que tu***

***morreste,
não subirá
quem nos
corte".***

**Is.
14,
3-
8**

Merecidamente, pois, devemos louvar o vencedor, pois nos foi retirado o jugo que prendia as nossas faces, destruída a vara que nos percutia, e quebrado o cetro de nosso exator. Vejamos, porém, como se realizou esta batalha espiritual, e como se alcançou esta vitória.

Foi, no-lo diz Isaías,

***"como
na
jornada
de
Madian".***

**Is.
9,
4**

Ora, lemos no livro de Juízes que, depois da morte de Débora, os filhos de Israel pecaram contra o Senhor, o qual os entregou na mão dos madianitas durante sete anos, pelos quais foram muito oprimidos. Depois disto, tendo-o ordenado o Senhor, lutou Gedeão contra os madianitas e, vencendo-os, libertou o povo de Israel (Jz.6-8). A história é conhecida, e sei estar-me dirigindo a quem também já conhece as Escrituras. Parece-me, pois, tratar-se de coisa longa e supérflua repetir todo o episódio. Omitiremos, portanto, a narrativa histórica, para que possamos

dirigir toda a nossa atenção ao seu entendimento espiritual e nele vejamos de que modo Cristo, que luta por nós e nos salva, quebrou "o pesado jugo que nos oprimia, a vara que rasgava nossas espáduas e o cetro de nosso exator, como na jornada de Madian".

Madian, traduzido, significa iniquidade. O povo de Madian é, portanto, a multidão dos demônios, que nunca tem a equidade por objeto de suas obras, mas a iniquidade.

Os quatro príncipes de Madian, Oreb, Zeb, Zebee e Salmana, são figuras dos príncipes de todos os demônios, os quais podem ser designados por um número quaternário por nos perseguirem e nos moverem guerra pelas quatro partes do mundo; ou certamente porque nos conduzem aos quatro vícios que são significados pelas quatro partes do mundo. O Oriente, de fato, de onde se origina a luz, significa a astúcia, pois, conforme diz o Evangelho,

***"os filhos
deste
século são
mais hábeis
no trato
com os
seus
semelhantes
do que os
filhos da
luz".***

**Luc .
16 ,
8**

O Ocidente, por nele morrer o Sol, e nele também perder a luz a parte superior da terra, significa a ignorância. Deste modo também o Sul, por ser quente, significa a luxúria, e o Norte, por ser frio, significa a malícia. Os príncipes dos demônios são

genericamente quatro, na medida em que nos dissipam por meio destes quatro vícios, como se se utilizassem dos quatro ventos principais para nos distrair e dispersar.

Julgo também que estes sejam os quatro anjos que lemos no Apocalipse terem sido proibidos de causar dano à terra, ao mar e às árvores, naquela passagem onde está escrito:

***"E vi outro
anjo que
subia da
parte do
Oriente
tendo o
selo do
Deus vivo.
E clamou
em alta voz
aos quatro
anjos, a
quem fora
dado o
poder de
fazer mal à
terra e ao
mar,
dizendo:
`Não façais
mal à terra,
nem ao
mar, nem
às árvores,
até que
assinalemos
sobre a sua
fronte os
servos de
nosso
Deus".***

Apoc .

7, 2-

3

A terra são aqueles que vivem estavel e firmemente na conversação de uma vida santa. O mar são aqueles que flutuam nas ações exteriores, movidos pela necessidade da vida presente. As árvores são aqueles que frutificam crescendo no alto da contemplação divina. A todos estes os príncipes dos espíritos malignos são proibidos de fazerem mal, na medida em que são impedidos, por uma oculta disposição divina, de lhes causarem dano. A estes mesmos, porém, infligem danos que nos movem à admiração e à comiseração quando, por causa de pecados cometidos, relaxa-se esta mesma disposição divina e é-lhes permitido prevalecer sobre os homens. De onde que corretamente se afirma no livro de Juízes que os filhos de Israel foram muito oprimidos pelos madianitas:

***"Porque
eles
vinham
com todos
os seus
rebanhos e
tendas e, à
maneira de
gafanhotos,
esta
multidão
inumerável
de homens
e camelos
cobria
todas as
coisas,
destruindo
tudo o que
tocava".***

Jz .

6 ,

5

Eles cobriam a terra dos Israelitas como gafanhotos, porque são leves e voam em círculos, oprimindo os sentidos carnis e os afetos com as suas maldades.

Conforme a mesma história nos conta, o acampamento dos madianitas estava situado num vale, ao norte de um alto outeiro. Este vale é a profundidade do desespero, o norte é a frieza da malícia, o alto outeiro a proximidade do orgulho. Sempre, efetivamente encontramos o orgulho unido aos demônios.

Os camelos em que os madianitas eram trazidos são os homens réprobos, curvados ao que é terreno, enormes e carregados pela corcova do pecado. Os quais camelos são inumeráveis como a areia do mar pois, conforme diz o Eclesiastes,

***"o número
dos
insensatos",***

estéreis em boas obras,

***"é
infinito".***

Ec .

1 ,

15

"E os madianitas, com os seus camelos, talavam tudo quanto os filhos de Israel haviam semeado quando ainda estava em erva" (Jz. 6,3), porque os demônios, pelas perseguições promovidas pelos homens réprobos sobre aqueles que

pareciam viver retamente, destróem-lhes as virtudes e as boas obras quando ainda são tenras. "Não deixavam aos israelitas nada do que é necessário à vida" (Jz. 6,4), na medida em que matam-lhes as principais virtudes; "nem ovelhas, nem bois, nem jumentos" (Jz. 6,4), porque roubam-lhes a continência, a inocência e a paciência. Assim os israelitas espirituais se viram obrigados a servir aos madianitas espirituais durante sete anos (Jz. 6,1), isto é, durante todo o tempo em que haviam abandonado a Deus, submetendo-se aos vícios, envolvidos no pecado, carecendo de virtudes, destituídos de boas obras. E, embora a história nos diga que os israelitas fizeram para si

***"covas e
cavernas
nos
montes, e
lugares
muito
fortes para
resistirem",***

**Jz .
6 ,
2**

nem assim podiam resistir aos inimigos e escapar de suas mãos, porque, conforme diz Jeremias, quando abandonamos a Deus e somos por Ele abandonados,

**"Nossos
inimigos
se tornam
mais
velozes do
que as
águias do
céu,
perseguem-
nos sobre
os montes,
armam-nos
ciladas no
deserto".**

Lam.

4,

19

**É necessário, pois, que venha um homem valente que estava,
como diz a Escritura,**

***"limpando
o trigo no
lagar",***

Jz.

6,

11

e que era, na expressão do anjo,

***"o mais
valente
dos
homens".***

**Jz.
6,
12**

Estamos nos referindo a Gedeão, aquele que havia destruído no mundo o altar da idolatria e o bosque da ignorância que o circundava (Jz. 6, 25), que ofereceu um touro, ou melhor, um novilho engordado, isto é, ele próprio, oferecido em sacrifício a Deus Pai (Jz. 6, 25), e que buscou um sinal não apenas no véu, nem no orvalho, mas naquilo que foi significado por ambos (Jz. 6, 36-40). Era necessário que este homem se manifestasse visivelmente, vencesse os inimigos, libertasse e salvasse o seu povo.

Como?

Pelo som das trombetas, pela quebra das ânforas, pelo acender das lâmpadas (Jz. 7,16).

Cristo também, assim como Gedeão, pregando o Evangelho, fêz soar a trombeta. Sustentando os sofrimentos de sua paixão, quebrou a ânfora. Realizando seus milagres, acendeu a lâmpada.

Cristo, de fato, tocou a trombeta ao louvar o Pai:

***"Eu te
louvo",***

dizia Jesus,

**"ó Pai,
Senhor do
céu e da
terra,
porque
escondeste
estas coisas
aos sábios e
aos
prudentes, e
as
revelastes
aos
pequeninos".**

**Mt .
11 ,
25**

Pois, assim como existe a trombeta do ensino, existe também a trombeta do louvor. De fato, está escrito:

**"Tocai a
trombeta
na
neomênia,
no
plenilúnio,
nesse dia
solene,
porque é
um
preceito
para
Israel, e
uma
ordem do
Deus de
Jacó".**

Salmo
80,
4-5

e também:

***"Louvai
o
Senhor
ao som
da
trombeta,
louvai-O
com o
saltério
e a
cítara".***

Salmo
150,
3

Cristo também quebrou a sua ânfora, conforme o profeta o havia anunciado, ao dizer:

"Eis que o dominador, o Senhor dos exércitos, quebrará a ânfora no terror, e os de estatura agigantada serão cortados".

**Is.
10,
33**

A ânfora é a carne humana, e o Senhor "quebrou a ânfora no terror" quando, por ocasião da morte de Cristo, estremeceram os homens e estremeceram os demônios. Diz, de fato, São Lucas:

"Estremeceram os homens, e toda a multidão daqueles que assistiam a este espetáculo, vendo a terra tremer, e as demais coisas que sucediam, retiravam-se batendo no peito".

Luc .
23 ,
48

Os demônios também estremeçeram, porque viram-se em seguida serem aprisionados, as portas do abismo serem abertas, as profundezas da morte serem invadidas e os eleitos serem libertos do cativeiro com poder. "E os de estatura agigantada foram cortados", porque os homens orgulhosos foram privados de seus antigos domínios.

Cristo também, à semelhança de Gedeão, acendeu a lâmpada, manifestando ao mundo uma multidão de boas obras. Ele mesmo disse aos judeus:

***"Tenho-
vos
mostrado
muitas
boas
obras
por
virtude
de meu
Pai".***

Jo .
10 ,
32

Gedeão chamou para a batalha cerca de trinta mil homens, mas venceu a luta com apenas trezentos (Jz. 7,8). Assim também, no exército de Cristo,

**"muitos
são os
chamados;
poucos,
porém, os
escolhidos".**

**Mt .
20 ,
16**

Estes trezentos homens, de fato, significam todos os escolhidos que estão verdadeiramente armados pela fé na santa e indivisa Trindade, ou pelas três principais virtudes que são a fé, a esperança e a caridade. Estes são os que não dobraram os seus joelhos, nem beberam das águas da torrente submergindo nela as suas bocas (Jz. 7,6), pois das coisas que passam buscam apenas o necessário, nunca o supérfluo. Os réprobos, porém, dobrando os joelhos, para beberem a água submergem os lábios de suas bocas na torrente, assim como se submergem inteiramente nos prazeres das coisas temporais.

Gedeão venceu os seus inimigos não apenas aquém, mas também além do Jordão. Assim também Cristo derrotou o demônio não apenas na Judéia, mas também entre os gentios.

Como Gedeão, assim também Cristo lutou e venceu. E assim também nós, caríssimos irmãos, consideremos como lutamos, para que possamos alcançar a vitória:

**"O
que
me
virde
fazer",**

disse Gedeão aos seus homens,

**"fazei-o
vós
também.
E gritai
todos a
uma: Ao
Senhor,
e a
Gedeão".**

Jz.
7,
17-
18

É assim igualmente que Cristo quer que com Ele lutemos, gritemos e vençamos. Ele, efetivamente, nos deu o exemplo, e assim como Ele fêz, assim também nós o façamos. É isto que Ele parecia esperar de nós, quando dizia:

**"Aquele
que crê
em mim,
fará
também
as obras
que eu
faço, e
fará
outras
ainda
maiores".**

Jo.
14,
12

Temos, porém, para lutar por nós e nos salvar não apenas a Cristo, mas também nossos prelados, que fazem as vezes de Cristo, os quais nos devem preceder na batalha e nos mostrar, pelo seu exemplo, como se luta. Sejam eles como Gedeão, não como Abimelec (Jz. 9,1-57).

Abimelec é o prelado réprobo e iníquo, que busca o que é seu, não o que é de Cristo. Abimelec trucidou os seus irmãos sobre uma pedra. O prelado iníquo destrói os seus irmãos pela sua dureza. Abimelec matou os homens de sua cidade e semeou-a com sal. O prelado iníquo mata, na Igreja, pela palavra e pelo exemplo, os súditos que lhe foram confiados, sem deixar nela, o tanto quanto lhe permitir a sua maldade, nem sábios nem sabedoria. Os homens de Siquém tinham a Abimelec; tomara nós que tenhamos a Gedeão.

***"Foram as
árvores
para
eleger
sobre si
um rei, e
disseram
à oliveira,
à figueira
e à
videira:***

***`Reina
sobre
nós'.***

***Todas,
porém, se
recusaram
a reinar e
a serem
superiores
entre as
árvores.
Disseram
então as***

**árvores ao
espinheiro:**

**`Vem, e
reina
sobre
nós'.**

**E ele
respondeu-
lhes:**

**`Se vós
deveras
me
constituís
vosso rei,
vinde, e
repousai
debaixo
da minha
sombra;
mas, se
não o
quereis,
saia fogo
do
espinheiro
e devore
os cedros
do
Líbano'".**

**Jz .
9 ,
8 -
15**

**As árvores da floresta são, segundo a parábola de Joatão, os
homens de Siquém, e o espinheiro é Abimelec. Segundo sua**

significação mística, porém, o que pode-se entender mais corretamente pelas árvores da floresta senão as nações ou qualquer multidão infrutuosa, os homens acostumados e envelhecidos no pecado, prontos para o incêndio eterno?

Pela oliveira podemos entender qualquer homem fiel, excelso pela virtude da misericórdia. Pela videira, devido a que Cristo, sendo a sabedoria de Deus, ter dito de si próprio:

***"Eu
sou a
videira";***

**Jo.
15,
1**

e devido também a estar escrito que

***"o vinho,
moderadamente
tomado, aguça
o engenho",***

entendemos qualquer homem justo, exímio pela virtude da sabedoria. Pela figueira, finalmente, entendemos aqueles que se sobressaem pela graça de uma doçura interior. O fruto da figueira, de fato, prima pela sua doçura.

As árvores silvestres se dirigem à oliveira, à videira e à figueira para fazer delas seus reis quando quaisquer homens cujos pensamentos não produzem frutos pedem para si um prelado misericordioso, sábio, manso ou doce. Mas a oliveira, a videira e a figueira rejeitam semelhante reinado porque os eleitos, quando investidos do poder para reger os maus, temem verem-se privados de seus próprios frutos por causa da malícia dos seus súditos, além de com isto em nada poderem ser-lhes de proveito. As árvores, então, elegem o espinheiro para serem o

seu rei todas as vezes que os homens iníquos escolhem outro iníquo, envolvido pelos espinhos do pecado, como seu governante. Ambos então são devorados por um fogo mútuo, na medida em que os súditos perversos e o seu perverso prelado são consumidos um pelo furor do outro. De tais homens, consumidos por tais chamadas, o profeta assim se expressa:

***"O vosso
espírito
como
fogo vos
devorará".***

Is.
33,
11

De fato, invejando-se mutuamente, mordem-se também mutuamente e mutuamente se consomem. Voltemos, porém, ao nosso assunto.

Cristo, conforme dizíamos, quebrou o pesado jugo que nos oprimia e o cetro de nosso exator, como na jornada de Madian, porque pela trombeta de sua pregação, pela paixão de sua morte e pela manifestação de suas boas obras venceu o demônio e nos libertou de seu domínio. Temos, porém, um outro Gedeão, isto é, alguém que nesta batalha faz as vezes de Cristo que luta e nos salva, que é o nosso prelado, o qual vence todos os dias, mediante o auxílio de Cristo, nossos inimigos. É necessário que ele ofereça, juntamente com Gedeão, pães ázimos pela simplicidade de sua doutrina, um cabrito pela penitência, cozido pelo amor, e que derrame incenso sobre eles pela compunção (Jz. 6,19-23). Ofereça também um touro (Jz. 6,24-27), isto é, a si próprio, pois ainda que não aconteça ter que por obra morrer pelo povo a si confiado, deve estar todavia sempre pronto a isto pela sua vontade.

"Entrarei",

diz Gedeão,

***"por um lado
do
acampamento;
imitai, então,
o que eu
fizer".***

**Jz.
7,
17**

É assim que todo prelado deve mostrar a forma de bem viver aos que lhes forem confiados, sem ser do número daqueles que "dizem mas não fazem" (Mt. 23,3), "colocando sobre os ombros dos homens cargas pesadas e impossíveis de levar, não querendo movê-las, porém, eles próprios, nem com um dedo" (Mt. 23,4). Entrem no acampamento inimigo não apenas providenciando ou dispondo as coisas úteis ou necessárias para evitar o mal ou exercitar o bem, mas principalmente colocando-as em prática por obras. Entrem por um lado do acampamento, exercendo o seu ministério. Entrem por um lado do acampamento, porque ninguém pode fazer tudo sozinho, pois são pesadas as mãos de Moisés, e necessitam de auxílio para se sustentarem (Ex. 17,12). Faça soar a sua trombeta ensinando e cantando, quebre a ânfora jejuando e vigiando, acenda a tocha exercitando as virtudes e as boas obras. E nós clamemos juntos ao Senhor e a Gedeão, imitando-o em todas as coisas.

Há, porém, alguns homens carnais, inclusive revestidos do hábito da religião, cujo som da trombeta é inteiramente carnal. Nunca falam das coisas de Deus, nem das coisas puras, pois, segundo a sentença do Apóstolo,

**"Não
gostam
das
coisas
que
são do
espírito,
mas
das
que
são da
carne".**

**Rom.
8,
5**

Dormimos pouco, dizem eles, comemos pouco, vivemos pauperrimamente. Se não os contentarmos, não apenas murmuram, como se revoltam, e devemos dar-nos por satisfeitos se, feitas as suas vontades, conseguem permanecer em paz. Não os repreendemos, todavia, por falarem de coisas necessárias ao corpo; o que é admirável aos nossos olhos é que eles falam sempre do que é carnal, nunca do que é espiritual. Falar do que é necessário ao corpo, dentro da medida do conveniente, é coisa louvável, porque

**"nunca
ninguém
odiou a
sua
própria
carne;
antes, a
nutre e
cuida
dela".**

Ef .

5 ,

29

Falar, porém, das coisas que pertencem ao espírito é inteiramente necessário, pois o espírito humano é a parte principal do homem ou certamente, como diz certo filósofo, é o próprio homem. "A mente de cada um", diz ele, "é o próprio homem". Há outros que no refeitório abrem a sua boca com satisfação para comer e beber, enquanto que, no coro, para ler e cantar, o mais das vezes ou sempre a fecham. Outros ainda, não com menor culpa, mas com maior demência, confiantes em Deus, movem a cabeça, falsificam as vozes, efeminam o canto e, tomados pelo espírito de vanglória, mais gritam ou assobiam os louvores divinos do que os cantam. Pouco com o coração, muito com a boca.

Agora, portanto, caríssimos, corrijamo-nos e sejamos corrigidos de todas estas coisas, mutua e fraternalmente, para que nossa trombeta produza um bom som e afugentemos o acampamento inimigo. Com muita correção a palavra de Deus, ensinada ou cantada, que neste história nos foi figurada pela trombeta, nesta mesma história nos é também subentendida pelo pão e pela espada:

"Aproximando-se Gedeão do acampamento madianita, um deles contava ao seu companheiro o seu sonho, e deste modo lhe referia o que tinha visto:

`Tive um sonho, e parecia-me

**ver como que
um pão de
cevada cozido
debaixo do
rescaldo, que
rolava, e ia
cair sobre o
acampamento
de Madian. E,
tendo-se
chocado
contra uma
tenda, a
sacudiu com a
pancada e a
lançou de
todo por
terra'.**

**O outro, a
quem ele
falava,
respondeu:**

**`Isto não é
outra coisa
senão a
espada de
Gedeão, filho
de Joás,
homem
israelita;
porque o
Senhor Ihe
entregou
Madian em
suas mãos, e
todo o seu
acampamento'
".**

Jz .
7,13-
14

A palavra de Deus, pois é trombeta, é pão e é espada. É trombeta porque soa aos ouvidos. É pão porque revigora a mente dos que têm fome de justiça. É espada porque penetra os segredos dos corações. Por isto diz o Apóstolo:

***"A Palavra
de Deus é
viva e eficaz,
e mais
penetrante
do que a
espada de
dois gumes;
e chega até
à separação
da alma e do
espírito, das
junturas e
das
medulas, e
discerne os
pensamentos
e intenções
do coração,
e não há
nenhuma
criatura
invisível na
sua
presença".***

Heb .

4 ,

12-

13

É necessário, pois, que não somente façamos soar a trombeta, conforme expusemos, ensinando e cantando, mas que também quebrems a ânfora, crucificando nossa carne com os seus vícios e concupiscências. Muitos há que professam a religião, mas aborrecem a sua salutar aspereza, desejando viver num confortável repouso, afirmando que Deus não exige que molestemos a carne. Nós, porém, caríssimos, quebrems esta ânfora na fome e na sede, no frio e na nudez, no trabalho e na tribulação, e em todas as demais coisas como estas.

Acendamos nossas lâmpadas, para que exercitemos as virtudes e as boas obras. Com estas armas venceremos nossos inimigos, alcançaremos a vitória, possuiremos a palma. Refiro-me à palma dourada, como lemos de Gedeão, que pediu e recebeu de seu exército os brincos de ouro da presa dos inimigos. Assim também nós, caríssimos, se lutarmos corretamente, possuiremos esta palma dourada, que outra coisa não é senão a glória celeste.

E que a tanto se digne vir em nosso auxílio Cristo Jesus.

Amén.

NOTA AO SERMO 63

**Lemos no
texto deste
sermão que
Hugo de S.
Vitor,
comentando
o décimo
primeiro de
Mateus,
afirma que**

***"assim
como
existe a
trombeta
do
ensino,
existe
também
a do
louvor".***

**Desta e de
outras
passagens
de sua obra
depreende-se
que, segundo
a doutrina de
Hugo de São
Vítor, o
louvor e o
ensino são
dois
aspectos de
uma mesma
atitude, e
ambos
procedem do
dom do
Espírito
Santo de
entendimento,
conforme diz
o Salmo:**

**"Publicarei
todas as
tuas
obras às
portas da
filha de
Sião".**

**Salmo
72,
28**

**Pelas portas
da filha de
Sião deve-se
entender, de
fato, a
incoação da
contemplação
que se dá
pelo dom de
entendimento,
conforme diz
o Salmo 86:**

**"O
Senhor
ama
as
portas
de
Sião,
mais
do
que
todas
as
tendas**

**de
Jacó".**

**Salmo
86,
2**

**Louvar, de
fato, é, na
concepção
dos
vitorinos,
aprovar
com
entusiasmo.
Diz, por
exemplo,
neste
sentido,
Ricardo de
S. Vitor:**

***"Laudare
est ex
admiratione
approbare".***

**Benjamin
Minor
C. 11
PL 196,
8**

Ora, para
aprovar com
entusiasmo é
preciso
primeiro
entender
cristalinamente,
e isto é
precisamente o
efeito do dom
de
entendimento.
O verdadeiro
ensinar, assim,
provém da
mesma origem
de onde
procede o
louvor. Por
meio do dom
de
entendimento
produz-se uma
aprovação
entusiástica
proveniente de
um
entendimento
límpido da
obra divina a
qual, não se
contentando
em manifestar-
se apenas
poeticamente,
vê a
necessidade
de também
evidenciar aos
homens a
extensão das
maravilhas de
Deus.

**Comentando
Ricardo de S.
Vitor, Josef
Pieper afirma
que**

***"o louvor
de Deus é
a forma
extrema
que
existe de
aprovação
da
realidade".***

**Hugo de São
Vitor poderia
muito bem
acrescentar a
esta reflexão
que, do
mesmo modo,
ensinar é a
forma extrema
que existe do
louvor.**

**Cabe dizer
também que
no primeiro
sermão da
série da qual o
presente é o
63, Hugo de
São Vitor
afirma que na
construção
material de**

**uma igreja os
sinos
representam
aqueles que,
no Corpo
Místico de
Cristo, têm a
função de
ensinar.
Entendida
neste
contexto, esta
afirmação tem
também o
sentido mais
amplo
segundo o
qual os sinos
não têm
apenas a
função de
chamar o povo
para as
celebrações;
sua majestosa
sonoridade foi
freqüentemente
usada para
expressar o
louvor a Deus.
Assim também
é o ensino;
quando se
realiza em sua
forma mais
autêntica, é ele
a mais
acabada
expressão de
louvor que o
homem pode
oferecer à
obra de Deus.**





SERMO LXVI. SOBRE O LOUVOR DE DEUS, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.

Em muitos lugares das Sagradas Escrituras aprendemos Deus ser admirável e louvável em seus santos, e tanto mais louvável quanto mais admirável. O santo salmista nos propõe diversos modos do louvor divino no último salmo de seu livro, onde diz:

**"Louvai-
O no
som da
trombeta,
louvai-O
no
saltério
a na
cítara,
louvai-O
no
tímpano
e no
coro,
louvai-O
nas
cordas e
no
órgão.
Louvai-
O em
címbalos
bem
sonoros,
louvai-O
em
címbalos
de
júbilo".**

Salmo

150,

3-5

E para nos prevenir de que todas estas coisas não devem ser entendidas dos instrumentos corporais, mas dos espirituais, logo em seguida acrescenta:

***"Todo
espírito
louve o
Senhor".***

Salmo

150,

6

Todo espírito, isto é, o angélico e o humano. Vejamos, portanto, o que significam espiritualmente estas coisas.

A trombeta possui um som que aterroriza, e por isso significa aquela pregação que nos impressiona fortemente sobre a brevidade da vida presente ou sobre a perenidade da condenação futura. Sobre a brevidade da vida presente quando, por exemplo, nos diz João Batista:

***"O
machado
já está
posto à
raiz da
árvore",***

Mt .

3 ,

10

ou sobre a perenidade da condenação futura, quando nos diz Isaías:

***"Seu
verme não
morrerá, e
seu fogo
não se
extinguirá".***

Is .

66 ,

24

Visto que, porém, já falamos suficientemente em algum outro sermão sobre a diferença das trombetas, isto é, sobre o modo das pregações, agora não nos ocuparemos em repetir as mesmas coisas.

***"Louvai-
O no
saltério
a na
cítara".***

O saltério é a divina contemplação e a cítara a boa ação, porque o saltério soa por cima, enquanto que a cítara soa por baixo. O saltério é corretamente chamado de dez cordas na Sagrada Página, porque toda a ordem da Lei se consuma verdadeira e perfeitamente na contemplação divina. E também corretamente esta cítara espiritual tem seis cordas, que são as seis obras de misericórdia, as quais são dar de comer aos que têm fome, dar

de beber aos que têm sede, hospedar os peregrinos, vestir os nus, curar os enfermos, visitar os presos (Mt. 25, 35-36). O próprio Cristo nos exorta a tocar esta cítara e a cantar por meio dela o louvor de Deus onde nos diz:

***"Dai
esmolas,
e todas
as
coisas
serão
puras
para
vós".***

E aos antigos, culpando-os pelo desprezo, diz por meio do profeta:

***"Reparai
as forças
dos que
estão
fatigados,
este é o
meu
refrigério,
mas não
quisestes
ouvir-
me".***

**Is.
28,
12**

Continua, porém, o salmista:

**"Louvai-
O no
tímpano
e no
coro".**

O tímpano é um instrumento feito com couro seco estendido sobre um aro de madeira, com o qual as jovens timpanistas costumam divertir-se, na ausência de um instrumento melhor. O tímpano, portanto, significa adequadamente a abstinência, pela qual a carne é secada, adelgada e estendida. O apóstolo Paulo parece referir-se a este tímpano quando diz:

**"Os que são de
Cristo
crucificaram a
sua própria carne
com os vícios e
as
concupiscências".**

**Ga1 .
5 ,
24**

Quando a abstinência, porém, não é acompanhada da concórdia, ela de nada vale. Por este motivo, depois que o salmista diz: "Louvai-O no tímpano", acrescenta corretamente: "e no coro". O coro, de fato, é um conjunto coordenado de vozes e por isto designa a concórdia dos costumes. É com direito, portanto, que se reprova o jejum daqueles que louvam o Senhor no tímpano da abstinência mas não procuram louvá-Lo também no coro da concórdia, conforme afirmado pelo profeta:

**"Vós jejuais
para
prosseguides
demandas e
contendas, e
feris com o
punho sem
piedade. Não
jejueis daqui
por diante,
como o
tendes feito
até hoje, para
que seja
ouvido no
alto o vosso
clamor.
Acaso o
jejum que eu
aprecio
consiste em
afligir um
homem a sua
alma por um
dia?"**

**Is.
58,
4-
5**

E a seguir, pouco depois:

**"Porventura
o jejum que
eu aprecio
não consiste
nisto: em
desatar as
ligaduras da
impiedade,
em
descarregar
os fardos que
oprimem, em
deixar ir
livres
aqueles que
estão
quebrantados,
e em quebrar
toda a
espécie de
jugo?"**

**Is.
58,
6**

Aqueles, portanto, que quiserem agradar o Senhor louvando-O no tímpano da abstinência, cuidem também de agradá-Lo louvando-O igualmente no coro da concórdia.

**"Louvai-
O nas
cordas
e no
órgão".**

As cordas designam as virtudes. Para que produzam som, as cordas devem ser estendidas. Assim também ocorre com as

virtudes: para que dêem fruto, devem ser exercidas. A extensão das cordas é, portanto, o exercício das virtudes, e o som das cordas é a utilidade das virtudes. Louvam a Deus nas cordas todos aqueles que, retamente vivendo, louvam-nO pelas santas virtudes. Suas cordas soam em concordância quando suas virtudes concorrem harmoniosamente para manifestar uma louvável justiça.

As cordas que produzem um som claro são aquelas que foram secadas de toda a umidade. Assim também as virtudes que soam suavemente diante de Deus são aquelas que não são umedecidas pelo fluxo dos vícios. As cordas também não soam se não forem tocadas, porque as virtudes nunca resplandecem se não forem exercitadas pelos seus adversários.

O som das cordas é formado e fortalecido pela concavidade da madeira que lhe é próxima. De modo semelhante, a bondade das virtudes é recomendada pela intenção interior e escondida do que a opera.

O órgão é como uma torre construída com tubos diversos, que soam pelo sopro de um fole. O que devemos entender pelos foles, senão os mais perfeitos entre os doutores, repletos de doutrina espiritual? E que devemos entender pelo órgão, senão a assembléia dos discípulos que os ouvem? Pelos foles o órgão é preenchido para produzir o som pelos seus tubos; assim também pelos doutores plenos do Espírito Santo a multidão dos discípulos é plenificada pela doutrina espiritual, para que pelos seus sentidos, pelos seus membros ou certamente pelas suas virtudes e pelas suas obras anunciem o louvor de Deus. Deus, portanto, é por nós louvado ao órgão quando pela nossa doutrina espiritual é glorificado em nossos ouvintes pela sua boa conversação. Cumprimos, deste modo, o que está escrito:

***"Glorificai
o Senhor
em
doutrinas".***

Is .

24 ,

15

O órgão, ademais, possui forma de torre porque a multidão dos discípulos deve ser sempre forte e sublime para resistir aos inimigos.

Nas cordas, portanto, louvamos o Senhor quando exercitamos em nós mesmos as virtudes; no órgão louvamos o Senhor quando de um modo ou de outro promovemos os demais ao louvor de Deus.

***"Louvai-
O em
címbalos
bem
sonoros,
louvai-O
em
címbalos
de
júbilo".***

Tocam-se os címbalos percutindo-os um contra o outro. É desta maneira que eles produzem o seu som. Os címbalos significam, por isto, a honra mútua que os justos se atribuem entre si e as exortações pelas quais se auxiliam um ao outro, para que operem sempre melhor e louvem a Deus sempre mais devotamente. Destes címbalos, assim como de sua mútua percussão ou consonância, o bem aventurado Paulo nos diz:

***"Amai-vos
reciprocamente
com caridade
fraternal,
adiantando-
vos em honrar
uns aos
outros".***

**Rom.
12,
10**

E também:

***"Estou
convencido,
irmãos
meus, a
vosso
respeito,
de que vós
estais
cheios de
toda a
ciência, de
maneira
que vos
podeis
admoestar
uns aos
outros".***

**Rom.
15,
14**

E estes são os címbalos bem sonoros, os mútuos santos conselhos pelos quais os santos se incentivam a um melhor adiantamento.

Já os címbalos de júbilo designam os nossos lábios. Quando estes, louvando a Deus, se percutem mutuamente, declaram suavemente a alegria de seu júbilo. Chamamos de júbilo, de fato, a uma alegria inefável, a qual nem pode ser calada, nem pode ser expressa, o qual a Igreja representa em suas principais festividades formando várias melodias com uma mesma sílaba, como ocorre no Natal do Senhor, quando canta como um esposo que não consegue expressar a alegria de sua alma.

Agora, pois, caríssimos, louvemos o Senhor no som da trombeta, conforme dissemos, pelo ensino. Louvemo-Lo no saltério, pela contemplação; na cítara, pela boa obra. Louvemo-Lo no tímpano pela abstinência e no coro, pela concórdia. Louvemo-Lo nas cordas, exercitando em nós mesmos as virtudes; e no órgão, admoestando e incentivando pela doutrina espiritual os outros ao louvor divino. Louvemo-Lo em címbalos bem sonoros, exortando-nos mutuamente ao que é melhor; e em címbalos de júbilo, sempre cantando seu louvor em nossos lábios.

Louvemos o Senhor, porque o seu louvor é, para nós, um cântico de especial alegria. Louvemos o Senhor, porque se o louvarmos conforme devemos, seremos seu povo, do qual Ele mesmo diz:

***"Eu
formei
este
povo
para
mim, ele
publicará
o meu
louvor".***

Is.
43,
21

Louvemos o Senhor, porque

**"O
sacrifício
de louvor
o
honrará,
e ali
mesmo
estará o
caminho
em que
Ele nos
mostrará
a sua
salvação".**

Salmo
49,
23

Louvemos o Senhor, de quem a Escritura testemunha ser louvado por todas as suas obras, não somente as sensatas, como também as insensatas e até mesmo as insensíveis.

E já que todos não podemos todas as coisas, e cada um tem o seu dom de Deus, que cada um de nós, operando de modo excelente, cante o louvor divino naquilo em que reconhecer possuir como que uma graça especial.

Louvemos, portanto, todos o Senhor, louvemo-Lo cada um de nós. Louvemo-Lo pelos costumes, louvemo-Lo pelas vozes. Louvemo-Lo, juntamente com os homens justos, na terra e no tempo, para que, pelos méritos e pelas preces dos santos, cuja

solenidade hoje celebramos, mereçamos louvá-Lo no céu com os anjos por toda a eternidade.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é Deus, bendito pelos séculos.

Amén.





SERMO LXIX. SOBRE O LOUVOR DE DEUS POR TODAS AS CRIATURAS, POR OCASIÃO DA ASCENSÃO DO SENHOR.

**"Louvai o
Senhor
desde a
terra, os
dragões e
todos os
abismos, o
fogo, o
granizo, a
neve, o gelo
e o vento
tempestuoso,
que
cumprem a
sua palavra;
os montes e
todas as
colinas, as
árvores
frutíferas, e
todos os
cedros; as
feras e
todos os
rebanhos, as
serpentes e
as aves de
penas; os
reis da terra
e todos os
povos, os
príncipes e
todos os
juízes da
terra. Os
jovens e as
virgens, os
velhos junto**

***com os
moços,
louvem o
nome do
Senhor,
porque só o
seu nome é
excelso".***

**Salmo
148,
7-13**

Irmãos caríssimos, o santo salmista inicia o salmo ao qual pertencem estas palavras convidando algumas criaturas celestes, como os anjos, o sol, a lua e as estrelas, ao louvor do Criador. Desce, em seguida, para convidar ao mesmo louvor as criaturas da terra que acabamos de ouvir. "Louvai o Senhor", diz o salmista,

***"os
dragões
e todos
os
abismos".***

Não são, porém, apenas as criaturas descritas neste salmo que louvam a Deus. Todos os seres corpóreos que subsistem, na medida em que possuem e têm o seu lugar no decoro de todo o universo, também louvam a Deus. Dentro deste decoro as coisas visíveis louvam a Deus de um modo contínuo e sublime quando, admiravelmente criados e convenientemente dispostos por Deus, jubilosamente nos estimulam e convidam pela sua contemplação a admirar e louvar o Criador.

Temos, porém, que nos ocupar não tanto com o que a letra significa exteriormente, como com a doçura que sua inteligência espiritual contém interiormente. Passaremos a discutir,

portanto, seu sentido moral, para considerar o que se esconde nas coisas aqui descritas que pertencem à edificação dos costumes.

***"Louvai
o Senhor
desde a
terra, os
dragões
e todos
os
abismos."***

Os dragões, conforme diz Santo Agostinho, não são os maiores animais que há sobre a terra. Embora sejam animais perniciosos, possuem todavia algo pelo qual podem ser colocados em boa significação, pois nenhuma das coisas existentes está inteiramente privada da participação do bem, já que a própria Escritura nos testemunha que

***"Viu Deus
todas as
coisas que
havia feito, e
que eram
imensamente
boas".***

**Gen .
1 ,
31**

Todas as coisas, portanto, podem significar alguma coisa boa, mesmo as ínfimas e as mínimas, as quais, quando comparadas com as demais, parecem deformes. Os dragões, por conseguinte, pelo fato de superarem todas as demais criaturas pelo seu tamanho corporal, significam aqueles que pelo grande mérito da justiça, pela opinião do bom nome ou pela autoridade

transcendem a todos os demais. É assim que admiramos e imitamos a Abraão entre os patriarcas, Isaías entre os profetas, João entre os evangelistas, Pedro entre os apóstolos, Estêvão entre os mártires, Nicolau entre os confessores, a bem aventurada Maria entre as virgens.

Os abismos são de grande profundidade e não podem ser penetrados pela vista humana. Eles, portanto, significam corretamente aqueles que são repletos entre todos pela profundidade da sabedoria e da ciência celeste do oculto e do místico. O apóstolo Paulo, admirando-se desta profundidade, exclama dizendo:

***"Ó profundidade
das riquezas da
sabedoria e da
ciência de Deus!
Quão
incompreensíveis
são os seus
julgamentos, e
imperscrutáveis
os seus
caminhos! Pois
quem conheceu
o pensamento
do Senhor? Ou
quem foi o seu
conselheiro?"***

**Rom.
11,
33-
4**

E o salmista:

**"Teus
julgamentos
são como o
mar
profundo".**

Salmo
35,
7

E Salomão:

**"Há
justos
e
sábios,
e as
suas
obras
estão
nas
mãos
de
Deus; e
contudo
o
homem
não
sabe
se é
digno
de
amor
ou de
ódio".**

Ec .

9 ,

1

Os abismos podem, portanto, expressar corretamente aqueles aos quais, entre todos, foi concedido conhecer as coisas que se ocultam nos mistérios ou investigar mais profundamente os segredos dos juízos divinos.

O fogo sugere de modo especial aqueles cuja mente, acesa pela caridade, arde mais fervorosamente. A caridade, de fato, é

***"o fogo
perpétuo,
que
nunca
deve
faltar no
altar do
Senhor",***

Lev .

6 ,

13

isto é, no segredo do coração humano. Este é o fogo do qual o próprio Senhor diz:

**"Vim
trazer
fogo à
terra, e
que
quero
eu,
senão
que ele
se
acenda?"**

**Luc .
12 ,
49**

O granizo, ao cair, faz barulho, e por isto figura abertamente aqueles cuja palavra é severa e castiga asperamente os dissolutos e os inquietos.

A neve, sendo branca, é corretamente o tipo daqueles que são cândidos pela pureza.

A água solidifica-se tornando-se gelo pela força do frio. São verdadeiramente gelo aqueles que pelo rigor de sua disciplina reprimem o fluxo da mente e da carne.

O vento tempestuoso, isto é, o vento que ora produz, ora desfaz uma borrasca, significa o Espírito Santo, que ora eleva, ora humilha os pensamentos da mente humana. Não incorretamente podem ser ditos vento ou espírito aqueles que, pelo amor, se unem a Deus, que é espírito. De fato, diz o Apóstolo aos Coríntios:

**"Aquele
que
está
unido
ao
Senhor
é um
só
espírito
com
Ele".**

**I
Cor .
6 ,
17**

Quem, porém, preferir julgar que as criaturas mencionadas neste salmo designam os maus, poderá entender pelos dragões os maliciosos, pelos abismos os astutos e os enganadores, pelo fogo os cobiçosos, pelo granizo os perseguidores, pela neve os hipócritas, pelo gelo os endurecidos, pelo vento tempestuoso os sediciosos e os amotinados. A todos estes o salmista chama ao louvor de Deus, na medida em que, com estas palavras, os convida com sutileza para que se convertam do mal ao bem. Parece, porém, melhor que pelos dragões e pelas outras criaturas que se lhes seguem se entenda significar-se os bons, por causa das palavras que se acrescentam:

**"que
cumprem
a sua
palavra",**

pois os bons sem dúvida cumprem a palavra de Deus, na medida em que obedecem aos preceitos do Senhor.

Segue-se:

**"Os
montes e
todas as
colinas, as
árvores
frutíferas, e
todos os
cedros; as
feras e
todos os
animais
domésticos,
as
serpentes
e as aves
de penas".**

Os montes designam os adiantados e perfeitos, enquanto que as colinas os principiantes e imperfeitos. O salmista, portanto, nos ensina que não são somente os montes os que louvam a Deus, mas que também as colinas são contadas entre aqueles que cantam o seu louvor. Não desanimem, por conseguinte, as colinas, isto é, aqueles que se iniciam no bem, muito embora não tenham alcançado ainda a perfeição.

As árvores frutíferas são os que oferecem aos outros o fruto da doutrina da vida.

Os cedros são aqueles que, desprezando as coisas terrenas, se elevam sublimemente à esperança das celestes.

Pelas feras entendemos todos os animais silvestres e não domesticados, que vagueiam por locais solitários e fogem da presença dos homens. Pelos rebanhos entendemos os animais domésticos e mansos. As feras, portanto, significam corretamente aqueles que levam uma vida solitária; os rebanhos, aqueles que vivem socialmente com outros.

As serpentes são prudentes e rastejam sobre a terra. As aves voam para o alto e se aproximam do céu. Pelas serpentes,

portanto, podem designar-se convenientemente todos os que administram as coisas que pertencem à vida ativa; pelas aves, todos aqueles que se elevam, pelas penas das virtudes, à contemplação das coisas celestes.

Segue-se:

***"Os reis
da terra
e todos
os
povos,
os
príncipes
e todos
os
juízes
da terra.
Os
jovens e
as
virgens,
os
velhos
junto
com os
moços,
louvem
o nome
do
Senhor,
porque
só o seu
nome é
excelso".***

Pelos reis entendemos todos os que presidem a outros com retidão. Pelos povos entendemos todos aqueles que humildemente obedecem aos seus prelados.

Príncipes, na língua latina, soa como "primi incipientes", o que

significa "os que começam primeiro". Os príncipes, portanto, significam corretamente os que, precedendo os demais pelo exemplo da boa obra, dão-lhes a forma para a justiça. Por isto é que do próprio Senhor está escrito:

***"As
coisas
que
Jesus
começou
a fazer e
a
ensinar";***

**Atos
1,
1**

e o bem aventurado apóstolo Pedro diz aos prelados:

***"Aos
anciãos
que há
entre vós,
rogo que
apascenteis
o rebanho
de Deus
não como
os que
dominam,
mas como
os que se
tornam
exemplo
para os
demais".***

1
Pe.
5,
1-
3

Juízes são os que distingüem verazmente o verdadeiro do falso e o bem do mal.

Já nos jovens observamos o vigor da fortaleza. Os jovens, portanto, designam corretamente aqueles que são fortes na guerra e vencem o maligno. E o bem aventurado João, falando com eles em sua epístola, lhes diz:

***"Eu vos
escrevo,
jovens,
porque
sois
fortes,
porque a
palavra de
Deus
permanece
em vós e
porque
vencestes
o
maligno".***

I
Jo.
2,
14

Entendemos por virgens todos os que possuem a integridade virginal do corpo, ou certamente aqueles que, possuindo a integridade da fé e da mente, e unindo-se a Cristo seu esposo,

não consentem à corrupção do demônio.

Pelos velhos, finalmente, podemos entender todos os que são maduros pela gravidade. Pelos moços, todos aqueles que estão sempre prontos pela velocidade da boa obra.

Todos estes que foram mencionados, portanto, vivendo com justiça, cantam o louvor de Deus. Feliz daquele que se reconhecer verdadeiramente possuidor de algum destes bens que foram mencionados, e mísero e miserável o que se perceber vazio de todos.

Agora, portanto, irmãos caríssimos, retornemos a nós mesmos e examinemos se por alguma graça estamos no número dos que descrevemos. Vejamos se somos dragões transcendendo pelo menos a alguns pela dimensão de alguma virtude ou opinião; se somos abismo, contendo, na medida em que o possa sofrer a nossa fragilidade, a sabedoria escondida e a profundidade da ciência divina. Estas coisas, entretanto, são muito grandes, e talvez excedam inteiramente a nossa pequenez; nem também são comuns a todos, sendo mais próprias de poucos. Se, portanto, não podemos ser dragões e abismos pela excelência, sejamos pelo menos fogo pelo fervor do espírito, granizo pela correção dos inquietos, neve pela brancura da pureza, gelo coibindo o que de mal flui em nós, vento unindo-nos pelo amor a Deus em espírito. Sejamos montes pela perfeição, ou pelo menos colinas como bons principiantes; árvores frutíferas oferecendo aos outros o fruto da doutrina; cedros, elevando-nos à sublimidade da esperança dos bens celestes. E se não pudermos ser feras conduzindo uma vida solitária, sejamos rebanhos convivendo na mansidão com os demais, serpentes tratando com prudência os negócios da vida ativa e aves voando para a contemplação das coisas celestes. Sejamos, se não do número dos reis, presidindo os outros, pelo menos do número do povo, obedecendo humildemente aos nossos prelados. Sejamos príncipes, oferecendo aos demais o exemplo da justiça. Sejamos juízes, pelo discernimento do que é reto. Sejamos jovens, vencendo o maligno; virgens, possuindo a integridade, se não do corpo, pelo menos da fé e da mente. Sejamos finalmente velhos pela maturidade da gravidade e moços pela velocidade da boa obra. Cada um louve o Senhor segundo o dom que lhe foi especialmente concedido. Não todos, na verdade, podem tudo. E já que em cada uma das

noites do ano cantamos estas coisas, quando as pronunciarmos pela boca examinemos se as temos no coração. Louvar o Senhor, de fato, é o nosso especial ministério. Seu louvor será cantado aceitavelmente quando aquilo que for proferido pela boca for também a poesia do coração.

***"Porque
só o seu
nome é
excelso".***

Assim como somente Ele é, por ser verdadeiramente e ser imutavelmente, assim também verdadeiramente somente o seu nome é excelso. E ainda que a criatura tenha o seu ser e um ser elevadíssimo, todavia sua existência não tem nenhuma comparação com a essência do Criador, nem sua elevação com a sua excelência. Porque

***"todos os
povos na
sua
presença
são como se
não fossem.
Diante dEle
são
considerados
como um
nada, uma
coisa vazia".***

**Is.
40,
17**

E também:

***"Mil
anos
diante
de seus
olhos
são
como o
dia de
ontem
que
passou".***

**Salmo
89,
4**

Por isso é que todos os santos, quando progridem na contemplação de Deus, quanto mais admiram o interior da divindade, tanto mais reconhecem nada serem. Nunca, de fato, se leu que Abraão tenha confessado ser cinza, senão quando mereceu conversar com o Senhor (Gen. 18, 27). De fato, talvez acreditasse ser algo, se não se apercebesse da verdadeira essência que estava acima dele. Mas, depois de ter sido elevado em raptó à contemplação do que é imutável, pleno pela potência de tal contemplação, vendo-se a si mesmo viu também nada ser senão pó. Somente Deus é verdadeiramente, porque somente Ele permanece inmutavelmente. Tudo o que agora é de um modo para depois ser de outro já é alguma coisa próxima do não ser; não pode permanecer no seu estado e de algum modo se dirige ao não ser, na medida em que é conduzido a outro pela força do tempo. E o bem aventurado Dionísio Areopagita atesta que nenhuma essência, luz ou vida pode ter comparação alguma com a incompreensível infinitude da divindade, dizendo:

"Às vezes as tradições dos discursos manifestativos da bem aventurança da divindade, declarando a racionalidade divina, a sua sabedoria e a sua subsistência verdadeiramente existente, louvam-na como sua razão, intelecto e essência, e chamam a causa verdadeira das coisas que são subsistências de luz, forma e vida".

E embora a razão, a inteligência, a luz e as demais coisas visíveis pelas quais algumas vezes são entendidas as coisas invisíveis de Deus, superem e pareçam mais elevadas do que as outras que designam a divindade, mesmo estas, todavia, são semelhanças deficientes da verdade divina. Ela está, de fato, acima de toda a essência, acima de todo o caminho, indistingüível por nenhuma luz, incomparavelmente distante de toda a semelhança de qualquer razão e entendimento.

Já que, portanto, somente Deus é verdadeiramente, por ser imutavelmente, corretamente só o seu nome é excelso, e só Ele deve ser exaltado. E principalmente nesta sagrada solenidade em que o unigênito Filho de Deus, coeterno ao Pai eterno, subiu aos céus na substância de nossa carne e sentou- se nas alturas

à destra de sua majestade, hoje seu nome é singular e solenemente excelso e exaltado, pois hoje

***"Disse
o
Senhor
ao meu
Senhor:***

***`Senta-
te à
minha
direita,
até que
ponha
os teus
inimigos
por
escabelo
de teus
pés".***

**Salmo
109,
1**

Hoje aquele

***"que vem
de Edom,
com as
vestiduras
tingidas
de Bosra,
formoso
em sua
estola,
avançando
na
multidão
de sua
virtude",***

**Is.
63,
1**

entrou glorioso no Reino dos Céus quando os príncipes do céu levantaram os portões eternos e abriram as portas que haviam fechado durante longo tempo à natureza humana, conforme no-lo declara o salmista, dizendo:

***"Abri, ó
príncipes,
as
vossas
portas, e
levantai
os
portões
eternos,
e por
elas
entrará o
rei da
glória".***

Salmo
23,
7

Hoje também

***"O Filho do
homem
chegou até o
Ancião dos
muitos dias,
e o
apresentaram
diante dEle.
E Ele lhe deu
o poder, a
honra e o
reino; e
todos os
povos, tribos
e línguas o
serviram. O
seu poder é
um poder
eterno, que
não lhe será
tirado, e o
seu reino
não será
jamais
destruído".***

Dan.
7,
13-
14

Hoje, igualmente,

"Jesus, nosso precursor, entrou até o interior do véu" (Heb. 6,19-20), "no próprio céu" (Heb. 9,24), "em um tabernáculo não feito pela mão do homem" (Heb. 9,11). "Não com sangue de bodes ou de bezerras, mas com o seu próprio sangue, entrou uma só vez no Santo dos santos, depois de ter adquirido uma redenção eterna" (Heb. 9,12), "feito pontífice eterno segundo a ordem de Melquisedec" (Heb. 6,20), "para se apresentar agora diante da face de Deus por nós" (Heb. 9,24), "vivendo sempre para interceder por nós" (Heb. 7,25).

E agora, irmãos caríssimos, iniciamos esta palavra pelo que é terreno; elevemo-nos, porém, também por ela ao interior dos céus. E que assim como nos elevamos pela palavra, assim também nos elevemos pela alma, e como nos elevarmos

falando, assim nos elevemos dignamente louvando.

Louvemos, portanto, o Senhor de coração. Louvemo- Lo pela boca no tempo, para que mereçamos louvá-Lo na eternidade.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é Deus, bendito pelos séculos.

Amén.



**SERMO LXX. SOBRE O DIA DE PENTECOSTES.**

**"Graça
e glória
dará o
Senhor".**

Salmo
83,
12

Caríssimos, o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus para isto: para que pudesse ser participante pela graça daquele bem que Deus é por natureza. À imagem de Deus foi feito segundo a razão, à semelhança de Deus segundo o amor. À imagem segundo o conhecimento da verdade, à semelhança segundo o amor da virtude. À imagem segundo o intelecto, à semelhança segundo o afeto. Deus artífice fêz assim a criatura à sua imagem e semelhança para que, sendo feito à semelhança de Deus, a Deus amasse e, conhecendo e amando, possuísse a Deus, e possuindo pudesse ser bem aventurado, assim como em um só elemento, a saber, o fogo, há duas coisas diversas e distintas entre si, isto é, o esplendor e o calor. Nem o esplendor é o calor, nem o calor é o esplendor, porque o esplendor brilha e é visto, enquanto que o calor arde e é sentido; nem o esplendor arde ou é sentido, nem o calor brilha ou é visto. Assim também na criatura humana a imagem e a semelhança de Deus parecem ser diversas e de certo modo distintas entre si, pois segundo aquele bem pelo qual foi feito à imagem de Deus a própria criatura humana brilha para o conhecimento e segundo aquele bem pelo qual foi feito à semelhança de Deus aquece-se ao amor. Que, porém, a imagem e a semelhança de Deus possam ser tomadas segundo as precedentes distinções, os doutores o declaram ao exporem as palavras do salmista, onde se lê:

**"Levanta
sobre
nós a luz
do teu
rosto, ó
Senhor!
Infundiste
a alegria
no meu
coração".**

**Salmo
4, 7-
8**

Pela luz que se levanta sobre nós ou em nós distinguem, de fato, a divina imagem, que a apontam na discrição da razão; já pela alegria distinguem a divina semelhança, que a apontam na radiosidade do amor.

O homem, portanto, criado à imagem e semelhança de Deus, foi ele próprio constituído como que na parte mais excelente da providência divina como senhor do mundo no paraíso das delícias. A mesma divina providência acrescentou à razão do homem a advertência necessária para conservar o bem que possuía e o instruiu na busca e na obtenção dos bens que ele ainda não possuía pelo preceito da obediência juntamente com a operação da graça. O demônio porém viu e invejou que aquele homem subiria pela obediência ao lugar de onde ele próprio pela soberba havia caído. Como, porém, não poderia causar-lhe dano pela violência, voltou-se para a fraude, para poder vencer pela trapaça ao homem, a quem não poderia superar pela virtude. Enganando assim o demônio ao homem, inflingiu-lhe dois males principais que se opõem a estes dois bens principais, ferindo-o com duas chagas mortais. Onde o homem havia sido feito à imagem de Deus segundo a razão, feriu-o pela ignorância do bem. Onde o homem havia sido feito à semelhança de Deus segundo o amor, feriu-o pelo desejo do mal. Estes são os dois males principais a partir dos quais procedem todos os demais males do homem. Da ignorância

procede o delito, da concupiscência procede o pecado. O delito ocorre quando não se faz o que deveria ser feito. O pecado ocorre quando se faz o que não se deve fazer. O homem, portanto, espoliado e ferido, espoliado dos bens, ferido pelos males, foi deixado semivivo, pois ainda que na natureza humana a divina semelhança que consiste no amor possa ser inteiramente corrompida, todavia a imagem divina, que está na razão, não pode ser totalmente apagada. De fato, embora a malícia possa tomar conta de alguém a tal ponto que nada mais ele possa desejar de bom, ninguém pode, porém, tornar-se cego por uma tamanha ignorância que nada mais possa conhecer da verdade. Isto é patente no próprio demônio, o príncipe do mal, o qual, embora tenha-se corrompido a tal ponto que nada mais ame do bem, ainda assim não lhe foi possível tornar-se cego a tal ponto que nada mais conheça da verdade. Corretamente, portanto, se diz que o homem foi deixado semivivo, pois ainda que pelos males primordiais tivesse se corrompido em parte, não está, todavia, inteiramente cego. Não é de se admirar, pois, que mesmo depois de assim ser ferido, tenha vivido aquele ao qual foi deixada uma centelha de algum entendimento; a espada do inimigo não pôde extinguir completamente o homem, na medida em que nele não pôde destruir completamente a dignidade do bem da natureza.

O salmista canta este entendimento onde diz:

*"Cria
em
mim, ó
Deus,
um
coração
puro, e
renova
em
mim
um
espírito
reto".*

Salmo

50,

12

Pelo coração puro, de fato, o salmista designa a semelhança divina, e pelo espírito reto designa a divina imagem. Enquanto pede que lhe seja criado um coração puro, pede que lhe seja renovado o espírito reto, indicando com correção que a divina semelhança pode ser inteiramente corrompida, enquanto que a divina imagem nunca pode ser totalmente destruída. Ali, de fato, onde nada restou de bom, se o bem é restaurado, estará sendo criado, e ali, onde algo de bom ainda existe, ele se renova. A pureza do coração consiste no perfeito amor de Deus e a retidão do espírito na saúde da razão. Concorda também com este sentido aquele outro verso do Salmo 103:

***"Todos,
Senhor,
esperam
de ti.
Envia o
teu
espírito, e
serão
criados, e
renovareis
a face da
terra".***

Salmo

103,

27-

30

O homem, portanto, foi honrado por estes dois bens principais. Não entendeu, porém, a honra a que tinha sido elevado; e, consentindo ao demônio, corrompeu em si estes dois bens pelos males de que já falamos. Não podendo, depois disto, nem

desfazer-se deste mal, nem sendo capaz de reformar o bem que ainda possuía, a divina providência concedeu-lhe estes dois principais remédios pelos quais poderia curar-se dos males que lhe haviam sido inflingidos e recuperar os bens que havia perdido; são estes o conselho e o auxílio.

Para que o homem conhecesse a sua enfermidade, foi em primeiro lugar entregue inteiramente a si próprio, para não suceder que viesse a julgar a graça como coisa supérflua, não conhecendo antes o defeito de sua enfermidade. Veio assim o tempo da lei natural, para que a natureza operasse por si própria, não porque pudesse alguma coisa por si mesma, mas para que conhecesse a sua impossibilidade. Entregue a si mesmo, começou a afastar-se da verdade pela ignorância; obrigado a admitir a sua cegueira, seria depois também obrigado a admitir a sua enfermidade. Foi-lhe dado, então, a lei escrita, para que iluminasse a sua ignorância, mas não fortalecesse a sua enfermidade, para que o homem pudesse ser ajudado naquela parte em que tivesse reconhecido o seu defeito, sendo abandonado, porém, a si próprio ali onde ele ainda achava que poderia sustentar-se por si próprio. Recebida, assim, a ciência da verdade que lhe veio através da lei, principiou o homem a esforçar-se para progredir; pressionado, porém, pelo desejo do mal, pois não possuía o auxílio da graça, foi incapaz de entregar-se à obra da virtude. A sentença do apóstolo concorda perfeitamente com este sentido, ali onde diz:

***"Pois
pelas
obras da
lei não
será
justificado
nenhum
homem
diante de
Deus".***

Rom.

3,

20

E também:

***"A lei
nenhuma
coisa
levou à
perfeição".***

Heb.

7,

19

Por que? O que nos vem pela lei? Apenas o conhecimento do pecado a que estamos submetidos. Pela lei nos vem apenas o conhecimento do pecado, não a sua extinção. A lei preceitua ensinando, mas o homem que possuía o conselho da lei sem possuir o auxílio da graça era incapaz de praticá-la. A lei dava o conhecimento do que deveria ser feito, não, porém, o vigor para fazê-lo. O pobre enfermo continuaria em sua fraqueza a não ser que o médico que lhe havia dado o conselho de escapar dela lhe oferecesse também o seu remédio. Não pode o homem enfraquecido pelo pecado justificar-se apenas pela lei, a não ser que se lhe ofereça a graça, que é o remédio do pecado. O homem foi assim obrigado a admitir ambas estas coisas, isto é, que por si próprio não poderia nem conhecer a verdade, nem realizar o bem. No tempo da lei natural foi obrigado a admitir a sua cegueira; no tempo da lei escrita a sua enfermidade. Foi assim que o profeta Davi, vendo que nem a natureza, nem a lei poderiam ser suficientes para libertar o homem, compreendendo a graça ser necessária e observando na lei a benevolência divina para com o gênero humano, exortou a si próprio e a todos para que confiassem não nas obras da lei mas na graça de Deus, dizendo:

**"A
graça e
a glória
dará o
Senhor".**

Salmo
83,
12

Assim, depois que o homem conheceu sua cegueira e sua enfermidade, convenientemente lhe foi dada a graça, pela qual se iluminaria o cego e se sararia o enfermo; iluminaria a ignorância, esfriaria o desejo do mal; iluminaria para o conhecimento da verdade, inflamaria ao amor da virtude. Por causa disto o Espírito foi dado em fogo, para que tivesse luz e chama. Luz para o conhecimento, chama para o amor.

A sagrada solenidade desta dádiva excelente e perfeita,

**"que
vem do
alto e
descende
do Pai
das
luzes",**

Tg.
1,
17

não é coisa nova, desconhecida e repentina, mas é antiga, célebre e autêntica, já celebrada figuradamente por Moisés e pelos filhos de Israel no monte Sinai. A lei, de fato,

**"foi
dada
por
Moisés,
a graça
e a
verdade
foram
feitas
por
Jesus
Cristo".**

**Jo.
1,
17**

A lei foi dada no alto do monte, a graça foi dada no alto do cenáculo. A lei foi dada nos fulgores do fogo, a graça foi dada em línguas de fogo. A lei foi dada para doze tribos, a graça foi dada primeiro para doze apóstolos. A lei foi escrita em duas tábuas, a graça se consuma nos dois preceitos da caridade. A lei foi escrita pelos dedos de Deus em tábuas de pedra, a graça foi escrita pelo Espírito Santo em corações humanos. A lei foi dada no quinquagésimo dia depois de ter sido celebrada a Páscoa na terra do Egito, a graça foi dada no quinquagésimo dia depois da ressurreição do Senhor. De fato,

**"quando se
completaram
os dias do
Pentecostes,
estavam os
discípulos
igualmente
no mesmo
lugar; e, de
repente,
veio do céu
um**

***estrondo,
como de um
vento que
soprava
impetuoso,
e encheu
toda a casa
onde
estavam
sentados. E
apareceram-
lhes
repartidas
umas como
línguas de
fogo, e
pousou uma
sobre cada
um deles. E
foram todos
cheios do
Espírito
Santo".***

**Atos
2,
1-4**

O Espírito, cuja plenitude está na cabeça, a participação está nos membros. A cabeça é Cristo, o membro é o cristão. A cabeça é uma, os membros são muitos; e o corpo é constituído de cabeça e membros, e um só Espírito em um só corpo. Se, pois, há um só corpo e um só Espírito, quem não está no próprio corpo não pode ser vivificado pelo Espírito, assim como está escrito:

**"Se
alguém
não
tem o
Espírito
de
Cristo,
este
não é
dele".**

**Rom.
8,
9**

Quem, portanto, não possui o Espírito de Cristo, não é membro de Cristo. Um só corpo, um só Espírito. Nada há de morto no corpo, nada há de vivo fora do corpo. Esta é aquela unção na cabeça a qual

**"desce
sobre a
barba, a
barba
de
Aarão,
que
desce
até a
orla de
seu
vestido".**

**Salmo
132,
2**

A cabeça, conforme dissemos, significa Cristo, que é a cabeça de todos os fiéis. A barba, que está junto à cabeça e é sinal de virilidade, designa os apóstolos, que aderiram a Cristo enquanto ele vivia no mundo, junto com ele comeram e beberam, ouviram a sua doutrina de salvação, viram seus milagres e, depois de sua ascensão, tendo recebido o Espírito Santo, mais plenamente fortalecidos, agiram com virilidade, pregando a fé em Cristo pelos reinos do mundo, sendo levados por causa de seu nome aos tribunais, flagelados nas sinagogas, conduzidos diante de reis e governantes: e em tudo isto foram vencedores. A unção, portanto, do Espírito Santo, que está na cabeça em sua plenitude, "desce", por participação, "sobre a barba", isto é, sobre os apóstolos, quando Cristo lhes diz:

***"Recebei
o
Espírito
Santo";***

**Jo.
20,
22**

e também quando, depois de sua ascensão, ele lhes enviou o mesmo Espírito. Desceu "até a orla de seu vestido", porque o mesmo Espírito é concedido aos santos que haverá no futuro até o fim do mundo.

E agora, caríssimos, volvamos nosso olhar a nós mesmos, e observemos se nos purificamos de toda mácula da carne e do espírito, para que possamos dignamente nesta solenidade sagrada possuir ou receber o Espírito Santo:

**"Na alma
maligna não
entrará a
sabedoria,
nem habitará
no corpo
sujeito ao
pecado,
porque o
Espírito Santo,
que a ensina,
foge das
ficções, afasta-
se dos
pensamentos
que são sem
entendimento,
e é expulso
pela
iniquidade
superveniente".**

Sab.

1,

4-5

Imitemos, pois, os nossos pais, os santos apóstolos, de cujas obras recebemos nosso odor. Imensamente recomendável e digno de imitação é o que deles foi escrito:

**"Estavam
todos
igualmente
no mesmo
lugar".**

Atos

2,

1

Estejamos também nós, irmãos, igualmente não apenas no mesmo lugar da casa, mas também em uma só fé, esperança, caridade, devoção, oração, invocação e expectativa do Espírito Santo, para que igualmente mereçamos sua aceitação e participação para que, assim como sejamos por Ele justificados no tempo, igualmente sejamos glorificados na eternidade.

Digne-se para tanto Jesus Cristo, Nosso Senhor, vir em nosso auxílio, ele que é Deus, bendito por todos os séculos.

Assim seja.





SERMO LXXV. SOBRE BALAÃO E OS FILHOS DE ISRAEL, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.

Lemos no Livro de Números (Num. 22-24) que quando os filhos de Israel, saídos do Egito, caminhavam pelo deserto rumo à terra prometida, Balac dispôs-se a impedi-los e, para tanto, conduziu Balaão para que os amaldiçoasse. Deus, porém, converte sua maldição em bênção. Percorreremos convosco as palavras desta história segundo a inteligência espiritual para que, por elas, na medida de nossas possibilidades, edifiquemos a santidade de vossos costumes.

Aquele povo, ora chamado pelo nome de Jacó, ora chamado pelo nome de Israel, significa o povo dos verdadeiramente fiéis, os quais são verdadeiramente Jacó quando lutam fortemente contra os vícios e são verdadeiramente Israel quando suavemente se deleitam na bondade das virtudes. São Jacó quando se afadigam nos negócios terrenos por causa da necessidade corpórea e são Israel quando especulam a sublimidade dos bens celestes. Por isso corretamente disse Balaão pelo espírito profético:

*"Quem
poderá
contar o pó
de Jacó, e
conhecer o
número da
descendência
de Israel?"*

Num.
23,
10

Entendemos pelo pó de Jacó os ativos que tratam do que é terreno, e entendemos pela descendência de Israel os especulativos que contemplam o que é celeste.

Balac, que traduzido significa 'o que lambe', 'o que esmaga', ou ainda 'o que envolve', significa o demônio, que lambe aos que pode pelo afago da má tentação, esmaga-os pelo consentimento ou pelo fruto do pecado, e envolve-os pelas redes do mau costume.

Balaão, que traduzido significa 'povo vão', significa a multidão dos falsos cristãos, que desprezam a verdade e seguem a vaidade, principalmente aqueles que entre eles, seja pela prudência da carne, seja pela ciência do século, seja pela vanglória da filosofia, parecem se sobressair por uma certa autoridade diante dos demais. Assim como Balaão, que era adivinho (Num. 22,5), todos estes são também como que adivinhos junto ao demônio e a todos os demônios quando cultuam a vã sabedoria do mundo ou, melhor ainda, quando, por meio dela, mal vivendo, cultuam a própria impiedade demoníaca. Acrescentando cotidianamente vícios aos vícios, ou mudando vícios por vícios, como que inovam o culto de novos demônios. A estes convém adequadamente o que está escrito:

***"Sacrificaram
aos demônios
e não a Deus,
a deuses que
desconheciam,
deuses novos,
acabados de
chegar, que
seus pais não
tinham
adorado".***

**Deut .
32 ,
17**

Assim como Balaão (Num. 22,31), estes também têm o seu olho tapado. Ainda que vejam o que Deus é pela ciência, ignoram porém o que Ele seja quanto ao amor. E quando Deus olha do

céu

***"sobre os
filhos dos
homens,
para ver se
há quem
tenha
entendimento
e busque a
Deus",***

**Salmo
13,
2**

se há entre eles algum que entenda pelo conhecimento, não há, todavia, quem o busque pelo amor.

Já que eles, portanto, crêem retamente, um de seus olhos está aberto. O outro, porém, está fechado, pois vivem mal. Por este motivo,

***"todos se
desviaram,
se
tornaram
inúteis".***

**Salmo
52,
4**

Desviaram-se do bem, tornaram-se inúteis no mal. Como Balaão, são ouvintes da palavra de Deus, mas não querem cumprí-la. Vêm as visões do Onipotente pelo conhecimento,

mas detratam o que viram pela obra. Caem também como Balaão, e assim se abrem os seus olhos; mas caem pela condenação eterna, e seus olhos só se abrem pelo perfeito conhecimento da maldade passada. Não conhecerão, de fato, perfeitamente sua impiedade até que sintam a pena que por ela mereceram. Pode-se entender também que alguns deles caem quando, compungidos alguma vez de sua elevação, se humilham, e assim se abrem os seus olhos, por terem sido perfeitamente iluminados por Deus. Pois, de fato, é assim que Deus

***"resiste
aos
soberbos,
e dá a sua
graça aos
humildes".***

**Tg.
4,
6**

Ou certamente, assim como o próprio Balaão mais adiante diz de si mesmo, que caindo se lhes abriram os olhos (Num. 22,34), é deste mesmo modo que pode-se entender que os orgulhosos do século quando caem se lhes abrem os olhos. Eles passam efetivamente a conhecer as coisas que são verdadeiras; no entanto, não cessam de praticar as coisas más.

Balac enviou primeiro a Balaão príncipes nobres (Num. 22,5). Depois enviou outros ainda mais nobres (Num. 22,15). Assim também o demônio envia demônios para tentar os valorosos. Se eles não os sobrepujam, manda então outros demônios ainda mais fortes para convencerem pelas suas sugestões os homens astutos e bem falantes do mundo a maldizerem a conversação dos justos, isto é, que os detratem com suas murmurações e com isto, diminuindo a sua boa fama, tornem preguiçosos, negligentes e pusilânimes os mais simples ou menos empenhados na boa obra. Neste sentido, a maldição de Balaão é a detração e a sua bênção é a recomendação (Num. 22,6). De

fato, não lemos em nenhum lugar, em todas as bênçãos de Balaão, que ele tenha orado a Deus pedindo bens para os filhos de Israel; limitou-se apenas a falar bem ou a profetizar sobre eles. Para o demônio e os amantes do mundo, assim como para os mais simples, os sábios do mundo parecem ter grande autoridade para louvar ou blasfemar os justos. Todos estes estimam que pelos descréditos dos sábios uns são rebaixados, enquanto que pelos seus louvores outros são exaltados. Por isso é que corretamente Balac diz, por meio de seus mensageiros, a Balaão:

***"Sei que
será
bendito
aquele a
quem tu
abençoares,
e maldito
aquele a
quem
lançares
maldição".***

Num.
22,
6

O povo do Senhor também é dito "cobrir toda a face da terra" (Num. 22,5). Entretanto, o Evangelho nos diz que

***"muitos
são os
chamados;
poucos,
porém, os
escolhidos".***

Mat .

20 ,

16

Isto faz com que o demônio tema, prevendo que alguns falsos cristãos possam converter-se e venham a fazer-lhe oposição. Não descansa, por este motivo, enquanto não os vir junto de si pela negação da fé.

Temendo a presença do povo justo em seus territórios, Balac compara-o aos "bois que destróem a erva até à raiz" (Num. 22,4), porque os justos costumam impugnar, investigando até às raízes, não apenas as obras dos maus, como também os seus conselhos. De fato, conforme diz o Apóstolo,

***"o
homem
espiritual
julga
todas as
coisas, e
ele não é
julgado
por
ninguém".***

I

Cor .

2 ,

15

Pode-se supor, a julgar pelo que ele responde mais adiante (Num. 22,18), que o preço da adivinhação e da maldição que os anciãos enviados por Balac de Moab e de Madian levavam nas mãos para Balaão (Num. 22,7) tivesse sido ouro ou prata, ou mesmo ambos. Pois, de fato, aos mensageiros que vinham ter com ele pela segunda vez, disse Balaão:

**"Ainda
que
Balac
me
desse
a sua
casa
cheia
de
prata e
de
ouro,
eu não
poderei
alterar
a
palavra
do
Senhor
meu
Deus".**

**Num.
22,
18**

Mesmo tendo dado esta resposta, entretanto, Balaão rogou aos mensageiros que ficassem com ele mais uma noite, para que pudesse perguntar ao Senhor ainda mais uma vez se poderia ou não acompanhá-los (Num. 22,19), o que nos ensina que é nas próprias trevas, e não na luz, que os maus buscam conselho sobre como poderão perpetrar as obras das trevas. A eles responde Isaías, dizendo:

**"Quando vos
disserem:**

**`Consultai os
pitões e os
adivinhos que
se dedicam aos
seus
encantamentos',**

**porventura não
é de seu Deus
que o povo há
de buscar, em
vez de buscar
dos mortos em
favor dos
vivos?**

**Antes à Lei e
ao testemunho,
e se seus
discursos não
forem
conforme esta
palavra, não
despontará
para eles a luz
da manhã".**

**Is .
8 ,
19 -
20**

O ouro e a prata, que supomos terem sido o preço da maldição, significam a sabedoria e a eloquência mundana, coisas que os mais vãos entre os vãos amam com todas as entranhas por causa da perniciosa quantidade de dinheiro com que costumam

ser recompensadas. É, portanto, pela sugestão diabólica que os amantes da vaidade se inclinam a considerar os sábios e os eloqüentes de um modo especial entre os demais homens. Assim como Balaão, estes também são conduzidos dos montes do oriente para profereirem sua maldição (Num. 23,7), pois é da soberba e da astúcia que procede sua pronta disposição para injuriarem os bons. Pelos montes, de fato, figura-se a soberba; e pelo oriente, de onde surge a luz mundana, figura-se a astúcia.

A jumenta em que Balaão se sentou (Num. 22,22), significa adequadamente a multidão dos súditos estultos, sobre a qual se sentam os próprios mestres do erro, na medida em que, pela autoridade de sua doutrina, possuem sobre eles o principado. Mas o anjo do Senhor, com sua espada desembainhada, ou seja, a ordem angélica com o terror do julgamento divino, resiste a ambos no caminho da má intenção, assim como ocorreu com Balaão e sua jumenta (Num. 22,22-23).

Foi a jumenta, antes mesmo do próprio Balaão, que por primeiro advertiu a presença do anjo com sua espada, desistindo com isto de prosseguir no caminho do mal (Num. 22,23); posteriormente, abrindo o Senhor os olhos também a Balaão, e vendo também ele ao anjo, ficou tomado de pavor (Num. 22,31). Com isto a Escritura nos mostra que os mais simples mais facilmente e também mais rapidamente são abalados pelo terror do julgamento divino e abandonam a intenção da perversidade já iniciada do que aqueles que são ofuscados pelas trevas de uma maior soberba e impiedosa astúcia. Balaão, porém, enquanto o Senhor não lhe abre os olhos, fustiga a jumenta cada vez mais fortemente com suas esporas (Num. 22,23-27), pois o magistrado daqueles que amam a vaidade, menos atemorizado e ainda sem compreender o julgamento divino, aflige com palavras duríssimas o povo que lhe é submetido e, tanto quanto lhe é possível, o obriga a seguir consigo o caminho da iniquidade.

Antes que Balaão tivesse visto o anjo, a jumenta, já vendo-o no caminho, fugiu pelo campo cultivado com vinhas. Entretanto,

**"como
Balaão a
fustigasse
e a
quisesse
fazer
voltar à
estrada,
o anjo
pôs-se
numa
passagem
estreita
entre
dois
muros
com que
estavam
cercadas
as
vinhas".**

Num.
22,
23-
24

As vinhas são as diversas comunidades da Igreja. Os muros, pelos quais estas vinhas estão cercadas, são os doutores pelos quais as comunidades dos justos são guarnecidas e fortificadas. A passagem estreita é o preceito da justiça, ou a diligente censura e a inteligência sutil da doutrina da Igreja. Conduzido para a passagem estreita, Balaão vê esvaír-se a sua esperança quando comprova que os esforços de sua perversa intenção são contrários a Deus.

**"O
Senhor
então
abriu a
boca da
jumenta,
que
disse:**

**`Que te
fiz eu?
Por que
me
feres?'"**.

**Num.
22,
28**

A jumenta fala, pois a multidão dos súditos, auxiliada pela autoridade dos santos doutores, queixa-se com razão da severidade da justiça com que é dominada.

Balaão, finalmente, reconhecendo que, se perseverar na sua intenção de amaldiçoar o povo, caminha contra Deus (Num. 22,34), corrige-se pelo temor. Se não abandona a malícia de sua péssima vontade, pelo menos abstém-se da perversidade da injúria. Sua maldição se transforma em bênção (Num. 23,11). Corrigido pelo temor do julgamento divino, é compelido a silenciar o mal; ainda que contra a vontade, esforça-se em proclamar o bem dos justos.

Bem mais adiante, a Escritura também nos declara Balaão ter sido morto pela espada dos filhos de Israel (Num. 31,8). Com isto ela nos ensina que o principado dos que seguem o que é vão acabará, no fim, condenado pelo julgamento dos justos.

Irmãos caríssimos, tratamos de todas estas coisas percorrendo apenas a sua superfície. Deixamos para vós a tarefa de

investigar a sua profundidade. Não é pouco o que resta para ser declarado desta história; pareceu-nos bem, portanto, encerrar este sermão com o que já dissemos, reservando o que se segue para ser tratado na próxima ocasião.

Agora, caríssimos, já que saímos pela fé do Egito espiritual, caminhando pelo deserto devemos tender para a terra da promessa. Vejamos, pois, se somos verdadeiros israelitas. O Egito é o caminho do mundo, o deserto é a vida espiritual, a terra da promessa é a vida celeste. O Egito é a carne, o deserto é a alma, a terra da promessa é Deus. Seremos verdadeiros israelitas se contemplarmos a Deus não apenas pelo olho do conhecimento, mas também pelo olho do amor. Se tivermos sadios ambos estes olhos, permaneceremos no caminho reto, e por ele entraremos na terra da suprema promessa.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é bendito pelos séculos.

Amén.





SERMO LXXVI. SOBRE AS PALAVRAS DA PRIMEIRA BÊNÇÃO DE BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.

No sermão anterior sobre os filhos de Israel dissemos algumas coisas sobre Balac, Balaão e a bênção pela qual este abençoou os filhos de Israel. Aproximemo-nos agora das próprias palavras desta bênção e vejamos que ensinamentos morais ela contém em seu interior.

Antes que Balaão abençoasse os filhos de Israel, pediu a Balac que edificasse sete altares e colocasse sobre cada altar um novilho e um carneiro (Num. 23,1). Se alguém perguntar que significação terá o holocausto de Balac, o qual significa o demônio, responderemos que nem tudo o que está contido na letra deve ser vertido para a inteligência espiritual, assim como nem a parábola corre por tudo o que ela contém. Balaão, porém, abençoou os filhos de Israel por três vezes (Num. 23,7-10; 23,18-24; 24,3-9), para que se entendesse que a própria bênção, ainda que vinda pelo homem, tivesse sido dada não pelo homem, mas pela santa e indivídua Trindade.

As palavras da primeira bênção são as seguintes:

***"De Aram me
conduziu
Balac, rei
dos
moabitas,
dos montes
do oriente.***

***`Vem', disse,
'e amaldiçoa
Jacó;
apressa-te e
execra
Israel'.***

***Como
amaldiçoarei
a quem não***

***amaldiçoou
Deus?***

***Por qual
razão
execrarei a
quem Ele
não
execrou?***

***Do alto dos
rochedos o
verei, e das
colinas o
considerarei.***

***Este povo
habitará só,
e não será
contado
entre as
nações.***

***Quem
poderá
contar o pó
de Jacó, e
conhecer o
número da
descendência
de Israel?***

***Morra a
minha alma
da morte dos
justos, e
tornem-se os
meus
novíssimos
semelhantes
aos deles".***

Num.

23,

7-

10

Aram é nome que traduzido quer dizer `Excelso'; significa, por conseguinte, a soberba. Corretamente, portanto, o rei ímpio conduziu Balaão de Aram ou dos montes para amaldiçoar o povo de Deus, porque é coisa que procede em sua totalidade da soberba que os maus injuriem os bons com a cooperação do demônio.

Moab é nome que traduzido quer dizer `Do pai', e significa todos os réprobos, entre os quais de um modo especial o foram aqueles aos quais foi dito:

***"Vós
tendes
por
pai o
diabo".***

Jo.

8,

44

Balac, rei dos moabitas, chama portanto Balaão para amaldiçoar Israel, porque o demônio, reitor destas trevas, isto é, dos demônios entenebrecidos e dos homens ímpios pela culpa dos primeiros progenitores, solicita veementemente aos mais ímpios entre estes homens ímpios, entregues pela impiedade ao seu culto, que blasfemem os justos pela cobiça do louvor e da vanglória. Tratam-se de homens que se elevam de tal modo entre os demais homens pela glória de sua sabedoria e de seu poder que, se não forem refreados pelo temor da potência divina, é com grande facilidade que se inclinam à perpetração do delito da injúria e da blasfêmia.

A experiência mais freqüente, no entanto, tem mostrado que a maldição impetrada aos justos redundava, de muitos e diversos modos, em prejuízo para os ímpios. Sendo capazes de considerar que os justos são guardados pela proteção divina, tomados pelo temor divino, os ímpios receiam que ao lançá-lhes uma maldição venha esta a recair sobre eles próprios. De boa vontade o fariam, se não estivessem tomados pelo medo de que seu golpe se dirija sobre si mesmos. De onde que Balaão, coibido pelo temor de Deus de lançar como pretendia, se lho tivesse sido permitido, a maldição sobre o povo de Deus, silenciou, dizendo:

***"Como
amaldiçoarei
a quem não
amaldiçoou
Deus?***

***Por qual
razão
execrarei a
quem Ele
não
execrou?***

***Do alto dos
rochedos o
verei, e das
colinas o
considerarei".***

**Num.
23,
8-9**

Do alto dos rochedos ou das colinas os perfeitos amantes e mestres desta vaidade consideram o povo de Deus. Tomados então pelo temor de Deus, ao levantarem sublimemente a mente à sua contemplação, ponderam com sutileza quão

**merecidamente este povo dista de todos os demais povos.
Vêm que na Igreja**

***"a um é dado
pelo Espírito
a palavra da
sabedoria, a
outro a
palavra da
ciência, a
outro a fé, a
outro o dom
das curas, a
outro a
profecia, a
outro o
discernimento
dos espíritos,
a outro a
variedade
das línguas,
a outro a
interpretação
das
palavras".***

**I
Cor .
12 ,
8 -
10**

Vêm alguns esforçarem-se nas boas obras, outros crescerem nas virtudes, outros resplandecerem pelos milagres, outros submeterem-se pela humildade, outros presidirem pela excelência e todos quererem aproveitar a todos. E, vendo o povo dos justos pleno da bênção da graça celeste, apavorados pelo julgamento do alto, de nenhum modo presumem lançar-lhes a maldição de sua blasfêmia; antes, ao contrário, o abençoam quando proclamam, ainda que contra a vontade,

aquilo que de bom viram neles. Efetivamente, é do julgamento divino e não do seu arbítrio que procede o proclamarem com admiração a justiça dos bons, justiça que eles nem seguem e nem amam. De onde que corretamente Balaão diz nos versos seguintes:

***"Ele
abençoou,
e não
posso
proibir a
bênção".***

**Num.
23,
20**

A bênção que ele não pode proibir, isto é, as palavras que a proclamam, é acrescentada onde se diz:

***"Este
povo
habitará
só, e
não
será
contado
entre as
nações".***

**Num.
23,
10**

É grande louvor, irmãos, que se diga que este povo habitará só. Oxalá que esta voz de louvor estivesse no coração

principalmente dos monges e de todos aqueles que, de um modo ou de outro, pregam com a boca a vida solitária ou a demonstram pelo hábito. Envergonhem-se e temam, diante destas palavras, todos aqueles que, abandonando os claustros, constantemente se metem em cuidados apenas por curiosidade, e não por necessidade; envergonhem-se aqueles que de boa vontade freqüentam os espetáculos e as fábulas da vaidade, aqueles que amam as saudações nas praças, as primeiras cadeiras nas sinagogas, os primeiros lugares nos jantares, aqueles que amam ser chamados de mestres pelos homens (Mt. 23, 6-7). Dizendo isto não pretendemos dizer que devam ser vituperadas as pessoas autênticas, honestas e religiosas que socorrem, de acordo com o lugar, o tempo e a causa, às necessidades exteriores da santa mãe Igreja. Uma coisa é a sedução da curiosidade e outra coisa bastante diversa o ditame da razão quando ordena o que deve ser feito. Também este louvor foi conhecido pelo povo de Deus, onde se lê:

*"Efraim era
como uma
novilha,
acostumada
a gostar da
debulha".*

Os.
10,
11

Mas o povo dos justos

*"habitará
só, e
não
será
contado
entre as
nações",*

porque todas as demais nações seguem os desejos da carne e a glória do mundo. Somente os eleitos seguem a justiça e os bens espirituais. E não são somente os contemplativos que habitam só; também os ativos habitam só, na medida em que não se associam às obras dos réprobos. No entanto, embora convenha a todos os fiéis que habitem só, não apenas pela morada corporal, como também pela unanimidade dos corações, convém, porém, que maximamente habitem só, não apenas pela singularidade das boas obras, como também, o quanto lhes for possível, pela morada corporal, aqueles que são revestidos do hábito religioso e professaram em alguma religião. A profissão, o hábito e a ordenação exigem que aqueles que entre todos professam a santidade pelo hábito estejam separados e distantes não apenas dos maus, como inclusive dos que agem bem. Não devem ser contados entre as nações pela conversação corporal aqueles que são divididos entre os demais por uma especial profissão religiosa.

*"Quem
poderá
contar o pó
de Jacó, e
conhecer o
número da
descendência
de Israel?"*

Num.
23,
10

No sermão anterior dissemos que deveria entender-se pelo pó de Jacó os ativos, e pelo número da descendência de Israel os contemplativos. Acreditamos, quanto à letra, que o povo de Israel não possa ser contado entre as multidões, o que pode depreender-se de muitos lugares do Velho Testamento, como daquele onde se diz que o povo de Israel seria inumerável como as estrelas do céu e a areia da praia (Gen. 22, 17). Quanto, porém, ao entendimento espiritual, deve-se crer que o povo dos

justos é muito mais inumerável, pois deles Davi afirma:

***"Muito me
honram os
teus
amigos, ó
Deus;
muito me
conforta o
seu
principado.
Enumera-
los-ei",***

isto é, como se dissesse: `Se quiser enumerá-los',

***"multiplicar-
se-ão mais
do que a
areia".***

**Salmo
138,
17-
18**

Ora, da multiplicação carnal de Israel está escrito:

***"Multiplicarei
a tua
descendência
como a areia
das praias";***

Gen .

22 ,

17

mas da multiplicação espiritual de Israel, isto é, "dos amigos de Deus", está escrito que

"multiplicar-se-ão mais do que a areia".

Salmo

138 ,

18

Sobre a inumerabilidade dos justos o bem aventurado apóstolo João, após ter visto no Apocalipse doze mil assinalados de cada uma das tribos de Israel, também acrescenta:

"Depois disto vi uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam de pé

***diante do
trono e
diante do
Cordeiro,
revestidos
de
vestiduras
brancas,
e com
palmas
nas suas
mãos".***

**Apoc .
7 , 9**

Assim como, portanto, a Escritura testemunha que

***"os dias de
Israel são
inumeráveis",***

**Ecl .
37 ,
28**

assim também Israel é inumerável. E não apenas os ativos são inumeráveis, apesar de serem em muito maior número que os contemplativos, mas também o são os contemplativos, o que se demonstra pela própria Escritura a qual, depois de dizer:

**"Quem
poderá
contar
o pó
de
Jacó",**

acrescenta:

***"e conhecer
o número da
descendência
de Israel?"***

Como se dissesse: `Ninguém'.

Segue-se:

***"Morra a
minha alma
da morte
dos justos,
e tornem-se
os meus
novíssimos
semelhantes
aos deles".***

Num.

23,

11

Os sábios deste mundo profano, estes que maquinam o mal contra os justos o quanto podem, quando se vêem estimulados pelo temor, elevam a mente à contemplação da vida dos justos e então desejam morrer de sua morte, embora recusem imitar a

sua vida. Amam de todo o coração a concupiscência da carne e a glória do mundo, antepondo-as às virtudes e às boas obras. Ignoro o que haverão de alegar para desejar a morte dos justos e receber os seus mesmos prêmios. Se não quiserem viver a vida dos justos, de nenhum modo merecerão morrer de sua morte. Seriam sem dúvida ouvidos na oração em que pedem a boa morte, se depois da oração se dedicassem ao bem viver.

Agora, caríssimos, recolhamos aquilo pelo qual possamos avançar no caminho de Deus de tudo o que foi dito. Dedicuemo-nos a habitar só e a não ser reputados entre as nações por alguma inquietude dissoluta. Apliquemo-nos, com Jeremias, a sentarmo-nos sós. Conforme ele mesmo nos diz,

***"É bom
para o
homem
ter
levado o
jugo
desde a
sua
mocidade;
sentar-se-
á
solitário
e ficará
em
silêncio,
porque
elevou-se
sobre si
mesmo".***

Lam.

**3,
27-
8**

Apliquemo-nos, juntamente com os justos, a viver com justiça,

para também com eles morrer bem e merecermos, pelos seus méritos e pelas suas preces, alcançar a glória do alto.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo.

Amén.





SERMO LXXVII. SOBRE AS PALAVRAS DA SEGUNDA BÊNÇÃO DO MESMO BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.

No sermão anterior interpretamos, na medida de nossas possibilidades, as coisas que estavam contidas na primeira bênção pela qual Balaão abençoou os filhos de Israel. Passaremos agora à interpretação das que estão contidas na segunda bênção.

Balac, muito irritado e queixando-se por causa de Balaão ter abençoado os filhos de Israel, pois esperava que os tivesse amaldiçoado, disse a Balaão:

***"Vem
comigo a
outro
lugar,
onde
vejas só
uma parte
de Israel,
e não
possas vê-
lo todo, e
amaldiçoa-
o daí".***

Num.
23,
13

Conduziu-o então a um lugar elevado, no cimo do monte Fesga. Balaão, afastando-se e aceitando o conselho divino, retornou para Balac e lhe disse:

**"Levanta-
te, Balac, e
escuta;
ouve, filho
de Sefor.**

**Não é Deus
como o
homem,
para que
minta, nem
como o
filho do
homem,
para que
mude.**

**Ele disse,
portanto, e
não fará?
Ele falou, e
não
cumprirá?**

**Fui trazido
para
abençoar,
não posso
proibir a
bênção.**

**Não há
ídolo em
Jacó, nem
se vê
simulacro
em Israel.**

**O Senhor
seu Deus
está com
ele, e o**

**clamor da
vitória do
rei nele.**

**Deus tirou-
o do Egito,
cuja
fortaleza é
semelhante
ao
rinoceronte.**

**Não há
agouro em
Jacó, nem
adivinhação
em Israel.**

**A seu
tempo se
dirá a Jacó
e a Israel o
que Deus
fêz.**

**Eis um
povo que
se
levantará
como uma
leoa, e se
põe em pé
como um
leão; não
se deitará
até que
tenha
devorado a
presa, e
tenha
bebido o
sangue de
suas**

vítimas".

Num.
23,
18-
24

Disse então Balac a Balaão:

***"Não o
amaldiçoos,
nem o
abençoos".***

Num.
23,
25

Ao que Balaão lhe respondeu:

***"Não te
disse que
eu haveria
de fazer
tudo aquilo
que o
Senhor me
ordenasse?"***

Num.
23,
26

Muitas são as astúcias do demônio, pelas quais agride os justos e se esforça todos os dias para destruí-los. Assim é que Balac chama Balaão de lugar a lugar, para que amaldiçoe o povo de Deus, porque o demônio, quando não vence contra os justos de um modo, tenta de outro para vencer. Solicita aos mais vãos do povo vão que corrompam em parte o louvor dos bons pela maldição da injúria e da blasfêmia para que, não podendo destruir em sua totalidade a opinião dos santos, pelo menos a lesem em alguma parte. Isto, de fato, é o que significa ver em parte e amaldiçoar em parte.

Balaão se afasta e pede à vontade de Deus se pode amaldiçoar o povo de Deus (Num. 23, 15), pois em tais tentações freqüentemente o povo vão se recolhe dentro de si mesmo para investigar a vontade de Deus a este respeito. Quando, porém, reconhece a benevolência divina para com os eleitos, não se atreve a lançar sobre eles as suas maldições. Elevando então mais sublimemente a sua mente à contemplação destes eleitos, separa imediatamente palavras de bênção para proferir-lhes. Por isto é que Balaão, depois de ter aceito o conselho de Deus, disse a Balac:

"Levanta-te, Balac, e escuta; ouve, filho de Sefor.

Não é Deus como o homem, para que minta, nem como o filho do homem, para que mude.

**Ele
disse,
portanto,
e não
fará? Ele
falou, e
não
cumprirá?**

**Fui
trazido
para
abençoar,
não
posso
proibir a
bênção".**

**Num.
23,
18 -
20**

"Levanta-te, Balac". Estas palavras são como se ele dissesse:

**`Desiste,
demônio, de
incitar-me a
blasfemar
contra os
justos,
porque se eu
ousar fazê-
lo, isto será
para mim a
condenação,
e mesmo
assim eu não
impediria a
sua**

**salvação.
Deus, cujo
coração não
muda e cuja
boca não
mente, não
muda de
propósito e
não mente
em sua
palavra. Ele
propôs e
prometeu
que haveria
de abençoar
todos os
povos na
descendência
de Abraão.
Aquilo,
portanto,
que Ele
propôs, não
o fará? E o
que Ele
disse, não o
cumprirá?
De modo
algun!**

**"Deus, de
fato, é veraz;
todo homem,
porém, é
mentiroso".**

**Rom.
3,
4**

**Deus é veraz
em suas
promessas, e
pode-se
efetivamente
observar
cotidianamente
o
cumprimento
de sua
palavra. A
justificação e
a salvação
dos eleitos é a
sua bênção'.**

Diga então o povo vão:

**`O que
Deus
estabeleceu
cumprir,
porventura
posso
esvaziar
pelas
minhas
maldições?'**

Antes, ao contrário,

**"Fui
trazido
para
abençoar,
não
posso
proibir a
bênção".**

Os réprobos, portanto, quando se elevam para contemplar a vida dos justos, são também compelidos, pela própria admiração que lhes é causada, a proclamar a justiça daqueles aos quais não amam. O louvor desta bênção, procedendo mais da disposição divina do que de suas vontades, faz com que Balaão diga:

**"Não
posso
proibir
a
bênção".**

As palavras desta bênção são as seguintes:

**"Não há
ídolo em
Jacó,
nem se
vê
simulacro
em
Israel.**

**O
Senhor
seu Deus
está com
ele, e o
clamor**

**da vitória
do rei
nele".**

Num.

23,

21

Vemos nestas palavras removidos os males do povo espiritual, ao mesmo tempo em que lhe são proclamados os bens. O ídolo e o simulacro são os males removidos do povo espiritual, males que no antigo povo carnal consta terem existido quase que continuamente. São-lhe também proclamados os bens, que no povo espiritual se encontram de modo verdadeiro e perfeito, motivo pelo qual o esposo, louvando a esposa, diz:

***"Uma só
é a
minha
pomba,
a minha
perfeita".***

Cant.

6, 8

São igualmente removidas do povo espiritual toda a idolatria e a infidelidade onde se diz:

**"Não há
ídolo em
Jacó,
nem se
vê
simulacro
em
Israel".**

Num.
23,
21

**É proclamada a sua perfeita libertação e liberdade, onde se
acrescenta:**

**"O
Senhor
seu
Deus
está
com
ele, e
o
clamor
da
vitória
do rei
nele".**

Num.
23,
21

**O Senhor seu Deus estando com ele, já não serve ao faraó
espiritual no Egito; o clamor da vitória do rei estando com ele, já
canta no deserto com Moisés o cântico de ação de graças. Note-**

se com atenção que não se menciona o clamor da batalha, mas o clamor da vitória. Não houve, de fato, clamor de batalha nas coisas que precederam a libertação do povo, porque o Senhor lutou por ele e ele mesmo permaneceu em silêncio. E quanto às coisas que se seguiram à libertação do povo, não houve também clamor de batalha, porque Cristo,

***"como um
cordeiro
diante de
quem o
tosquia,
permaneceu
em silêncio
e não abriu
a sua
boca",***

**Is.
53,
7**

e os libertou,

***"tomando
sobre si
os
pecados
de
muitos".***

**Is.
53,
12**

Dele também diz Isaías:

***"Pisou
sozinho
no
lagar, e
nenhum
homem
dentre
os
povos
estava
com
ele".***

**Is.
63,
3**

O primeiro clamor da vitória foi, portanto, o cântico que Moisés cantou juntamente com os filhos de Israel libertados da escravidão do Faraó, rei do Egito, quando disse:

***"Cantemos
ao Senhor,
porque foi
gloriosamente
engrandecido,
precipitou no
mar o cavalo
e o
cavaleiro".***

**Ex.
15,
1**

O segundo clamor da vitória foi, porém, a ação de graças que,

libertado da escravidão do demônio, cantou o Israel espiritual. Sob o nome de Sião, por meio de Isaías, diz o Senhor deste segundo clamor de vitória:

***"Em Sião
se
encontrará
o gozo e a
alegria, a
ação de
graças e
a voz do
louvor".***

**Is.
51,
3**

Na medida, portanto, em que

***"o
Senhor
seu
Deus
está
com
ele, e
o
clamor
da
vitória
do rei
nele",***

não há ídolo no Jacó espiritual, nem se vê simulacro em Israel, libertado que foi da escravidão dos demônios e retirado das trevas da infidelidade. Para confirmar esta sentença, a ela se lhe acrescenta:

***"Deus tirou-
o do Egito,
cuja
fortaleza é
semelhante
ao
rinoceronte".***

**Num .
23 ,
22**

O rinoceronte é de natureza indomável, e Deus é inteiramente incompreensível e invencível. Rinoceronte, em latim, soa como "in nare cornu", o que significa "no nariz está o seu chifre". Como pelo nariz distinguimos entre os odores agradáveis e ruins, corretamente pelo nariz entendemos a temperança do discernimento, enquanto que pelo chifre entendemos a potência. A fortaleza de Deus é, portanto, como o rinoceronte, porque Deus sempre exerce a potência de sua fortaleza pela moderação de sua admirável discricção. De onde que está escrito:

***"Tu, Senhor
dos exércitos,
tudo julgas
com
tranquilidade".***

**Jer .
11 ,
20**

E da sabedoria se lê que

***"Atinge
fortemente
desde uma
extremidade
a outra, e
tudo
dispõe com
suavidade".***

Sab.
8,
1

Ao mesmo sentido pertence também aquela passagem do salmista:

***"Enviou
trevas e
escuridão,
e não
exacerbou
as suas
palavras".***

Salmo
104,
28

Merecidamente, portanto, não se vê no Israel espiritual simulacro do antigo êrro, já que Deus o tirou do Egito da antiga infidelidade. Muitos há, porém, que embora sejam estimados pelo nome da cristandade e não submetam seus pescoços aos simulacros, se entregam, entretanto, por um sacrílego costume, a vários sortilégios e adivinhações. Corretamente se proclama, por isso, do verdadeiro Israel que

**"Não há
agouro em
Jacó, nem
adivinhação
em Israel".**

Num.
23,
23

Aqueles que, de fato, colocam sua fé e esperança em tais vaidades, pertencem aos falsos israelitas. De onde que o Apóstolo, repreendendo aos Gálatas, diz:

***"Observais
os dias,
os meses,
os tempos
e os anos.
Temo por
vós, não
tenha eu
talvez
trabalhado
inutilmente
entre
vós".***

Gal.
4,
10-
11

No verdadeiro Israel, porém, assim como não há ídolo nem simulacro, assim também não há agouro, não há adivinhação, não há encantamento nem qualquer observação supersticiosa ou o que quer que seja que se comprove contrário à sagrada fé.

Para mostrar ainda que este povo é digno não de maldição, mas de bênção, os seus bens espirituais são em seguida elegantemente proclamados, onde se diz:

**"A
seu
tempo
se
dirá a
Jacó
e a
Israel
o que
Deus
fêz".**

**Num.
23,
23**

Dir-se-á a Jacó e a Israel o que Deus fêz, pois o próprio Deus lhos revelará, Ele mesmo

**"que
anuncia a
sua palavra
a Jacó,
suas
justiças e
seus
julgamentos
a Israel.
Não fêz
assim com
nenhuma
outra
nação, e
seus**

***jujgamentos
nãu lhes
manifestou".***

Salmo
147,
19-
20

Os julgamentos ou as obras de Deus são manifestados aos fiéis em diversos tempos e por diversos modos. São manifestados pela natureza, pela criatura, pela Lei, pela profecia, pela graça. São manifestados mais plenamente após a morte quando for recebida a primeira estola; serão manifestados plenissimamente após o fim do século quando for recebida a segunda estola e a posse da glória. Enquanto, porém, ainda estamos na via e não na pátria muitas coisas permanecem ocultas, poucas manifestas. Ainda que, conforme diz o salmista, Deus manifeste ao homem muitas coisas

***"incertas e
ocultas de
sua
sabedoria",***

Salmo
50,
8

contudo o homem não sabe

**"se é
digno
de
amor
ou de
ódio,
mas
tudo
se
reserva
incerto
para o
futuro".**

**Ec .
9 ,
1 -
2**

Os julgamentos ocultos de Deus sobre nós são "muitos abismos" (Salmo 35, 7), pois

**"agora
conhecemos
em parte, mas
então
conhecemos
assim como
somos
conhecidos".**

**I
Cor .
13 ,
12**

E assim,

**"A
seu
tempo
se
dirá a
Jacó
e a
Israel
o que
Deus
fêz".**

**Num.
23,
23**

Segue-se:

**"Eis um
povo
que se
levantará
como
uma
leoa, e
se põe
em pé
como
um leão;
não se
deitará
até que
tenha
devorado
a presa,
e tenha
bebido o
sangue**

*de suas
vítimas".*

Num.

23,

24

A vida dos justos é comparada aos mais nobres entre os animais, para que por esta comparação se mostre claramente qual é a nobreza dos seus costumes. O leão são os homens robustos e perfeitos, a leoa os imperfeitos e enfermos. O leão são os contemplativos, a leoa os ativos. O leão é Israel, a leoa é Jacó. Sabe-se que quando o leão está com fome emite um rugido que o animal aterrorizado que o ouve pára e se imobiliza; o leão, então, capturando-o deste modo, bebe o seu sangue e come a sua carne. O leão supera também todos os outros animais por não temer a ferocidade de nenhum deles. Trata-se, de fato, do mais forte de todos os animais, aquele que não teme o encontro de nenhum outro. Assim também é o povo dos justos, principalmente a assembléia dos pregadores, quando têm fome da conversão dos que vivem mal. Emitem o terror da pregação e com isto prendem os homens e todos aqueles que vivem como animais, para que não possam mais correr pelos diversos vícios. Como que capturados pela boca, bebem o seu sangue quando consomem inteiramente a sua crueldade; matam-nos, para que morram para o mundo; e os comem, incorporando-os a si, quando pela fé os associam e unem a si mesmos. E assim como o leão supera os animais pela ferocidade, assim também estes superam os demais homens pela virtude, pois para se refazerem pela emenda dos pecadores, não temem o encontro de nenhuma crueldade. E nem

**"se
deitará,
até que
tenha
devorado
a presa,
e tenha
bebido o
sangue
de suas
vítimas",**

**Num .
23 ,
24**

pois de modo algum cessarão de prender as almas que devem ser salvas, de uní-las a si e de consumirem as suas crueldades até que reconheçam ter-se completado, no fim dos tempos, o número dos eleitos.

Balaão, isto é, o povo vão, proclama freqüentemente este louvor dos justos; por isto Balac, isto é, o demônio, aquele que lhe havia sugerido palavras de blasfêmia e de maldição, é conduzido à ira. De onde que Balac diz a Balaão:

**"Não o
amaldiçoas,
nem o
abençoes".**

**Num .
23 ,
25**

O demônio, efetivamente, prefere que os amantes da vaidade

silenciem por completo antes do que profiram o que quer que seja de bem dos bons. Deus ordena, porém, para o louvor de seu nome, que também pela boca dos maus algumas vezes cresça o louvor dos bons.

Que o Senhor nos conceda, irmãos caríssimos, que sempre sejamos partícipes da graça e do louvor dos justos, até que com eles, auxiliados pelas suas preces e pelos seus méritos, mereçamos entrar na pátria da suprema promessa.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito pelos séculos.

Amén.





SERMO LXXVIII. SOBRE A TERCEIRA BÊNÇÃO DE BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.

Já tratamos das coisas que estão escritas nas duas primeiras bênçãos pelas quais Balaão abençoou os filhos de Israel. Passeremos agora a declarar as que se encontram na terceira.

Depois de ter abençoado por duas vezes os filhos de Israel, Balac disse a Balaão:

***"Vem, e
levar-te-ei a
outro lugar,
a ver se é
do agrado
de Deus
que tu lá os
amaldiçoas".***

**Num.
23,
27**

Balac então conduziu Balaão até o alto do monte Fegor, de onde podia-se ver o deserto. A Escritura nos diz que do alto do monte,

**"vendo
Balaão que
agradava o
Senhor que
abençoasse
Israel, não foi
como antes
procurar
agouro mas,
voltando o
seu rosto
para o
deserto e
levantando os
olhos, viu
Israel
acampado
nas tendas
segundo as
suas tribos.
Vindo sobre
ele o Espírito
de Deus,
retomou a
parábola,
dizendo:**

**`Disse
Balaão, filho
de Beor,
disse o
homem, cujo
olho está
fechado,
disse o
ouvinte das
palavras de
Deus, aquele
que viu a
visão do
Onipotente,
que cai, e
assim se lhe**

**abrem os
olhos:**

**Quão
formosos são
os teus
tabernáculos,
ó Jacó, e as
tuas tendas, ó
Israel!**

**São como
vales repletos
de bosques,
como jardins
junto aos rios
que os
irrigam, como
tabernáculos
fixados pelo
Senhor, como
cedros
próximos das
águas.**

**Fluirá a água
de seus
baldes, e sua
descendência
estará em
muitas águas.
O seu rei será
rejeitado por
causa de
Agag, e o seu
reino será
removido.**

**Deus o tirou
do Egito, cuja
fortaleza é
semelhante à
do**

***rinoceronte.
As gentes
devorarão
seus
inimigos,
quebrarão
seus ossos, e
com flechas
os
trespassarão.***

***Deitando-se,
dormiu como
o leão, e
como a leoa,
que ninguém
ousará
acordar.
Quem te
abençoar, ele
mesmo será
abençoado;
quem te
amaldiçoar,
será tido por
amaldiçoado".***

**Num.
24,
3-9**

De lugar a lugar Balaão é chamado por Balac para que amaldiçoe o povo de Deus, porque é de diversos modos que o demônio inflama os homens vãos a blasfemarem os justos para que, não podendo diminuir o seu louvor de um modo, possa fazê-lo de outro. O demônio procura também conduzí-los a lugares elevados quando, o tanto quanto lhe é possível, os eleva contra os justos pela soberba. Mas o povo vão, quanto mais freqüente e violentamente é tentado para amaldiçoar os justos, tanto mais freqüentemente é ensinado com maior plenitude

sobre a benevolência que Deus tem para com eles. Torna-se, com isto, mais propenso não a amaldiçoá-lo, mas a bendizê-lo. Foi assim que Balaão, vendo desta terceira vez o quanto agradava ao Senhor que abençoasse a Israel,

*"não foi,
como antes,
procurar
agouro mas,
voltando o
seu rosto
para o
deserto e
levantando
os olhos, viu
Israel
acampado
nas tendas
segundo as
suas tribos
e, vindo
sobre ele o
Espírito de
Deus, disse:*

*Quão
formosos
são os teus
tabernáculos,
ó Jacó, e as
tuas tendas,
ó Israel!"*

Num.
24,
1-5

O povo vão volta o seu rosto para o deserto quando examina diligentemente em seus pensamentos ocultos o que ocorre na vida dos homens espirituais. Eleva os olhos para ver Israel

quando exalta a mente na contemplação destes homens. Coibido então pelo temor para que não profira o mal, compelido pela admiração para que não silencie os bens dos justos, prorrompe em vozes de bênção, dizendo:

***"Quão
formosos
são os teus
tabernáculos,
ó Jacó, e as
tuas tendas,
ó Israel!"***

Designam-se melhor por tabernáculos os que são feitos com folhas e ramos, e por tendas as que são costuradas e estendidas com materiais de peles e de telas. Os tabernáculos, portanto, por serem de material menos caro, são os efeitos das boas obras; já as tendas, por serem feitas de material melhor e mais precioso, designam mais corretamente o exercício das virtudes. A bondade das virtudes, de fato, excede a das obras, pois sem as obras pode salvar-se quem não tenha a quem oferecê-las, mas sem as virtudes, a caridade principalmente e algumas outras, ninguém poderá fazê-lo. Há também muitos que exibem boas obras mas que, por não possuírem a caridade, não podem alcançar com elas a glória do alto.

Deste modo a matéria dos tabernáculos parece ser principalmente o senário das obras de misericórdia. Já a matéria das tendas parece ser o ternário ou o setenário das virtudes. O senário das obras de misericórdia é, conforme no- lo ensina o Evangelho de Mateus,

***`Dar de
comer aos
que têm
fome, dar
de beber
aos que
têm sede,
hospedar
os
peregrinos,
vestir os
nús,
socorrer
os
enfermos,
visitar os
presos'.***

**Mt .
25 ,
35 -
36**

O ternário das virtudes são a fé, a esperança e a caridade; o seu setenário é constituído pelas sete virtudes contidas nas bem aventuranças do Sermão da Montanha, das quais a primeira é a humildade, a segunda a mansidão, a terceira a compunção da mente, a quarta o desejo da justiça, a quinta a misericórdia, a sexta a pureza do coração, e a sétima a paz interior da mente (Mt. 5,3-9).

Há muitas outras virtudes de que nos lembram as Sagradas Escrituras, pelas quais, quando bem exercitadas, estende-se a obra das tendas espirituais. Estendêmo-las, de fato, pelo seu exercício. A construção dos tabernáculos espirituais é a exibição das boas obras e o exercício das virtudes é o estender das tendas ou pavilhões.

Quanta beleza haja nestes tabernáculos ou pavilhões e quão belo seja permanecer nos mesmos no-lo é belissimamente

descrito pelas quatro comparações que se acrescentam:

**"São como
vales
repletos de
bosques,
como
jardins
junto aos
rios que os
irrigam,
como
tabernáculos
fixados pelo
Senhor,
como
cedros
próximos
das águas".**

Num.
24,
6

Os tabernáculos e as tendas dos justos, constituídos pela obra e pela virtude, são como vales repletos de bosques. São como vales pela humildade, e repletos de bosques pela proteção. De fato, é da humildade, como de um estável fundamento, que surgem as virtudes e as boas obras. É aos humildes que são concedidos os dons da graça, dos quais se originam as obras e as virtudes, assim como dos vales férteis se originam bosques densos e elevados, e para estes vales correm as águas das nascentes, em cujas confluências se originam árvores sublimes. Os homens também se deleitam nos vales pelo refrigério das sombras de árvores densas e elevadas que os protegem do ardor do Sol, assim como todos os justos, em sua humildade, gozam do refrigério e da proteção das virtudes e das boas obras para não serem queimados pelo calor da concupiscência carnal e pela repreensão da ira celeste.

***"Como
jardins
junto
aos rios
que os
irrigam".***

Os dois jardins mais comumente encontrados são os de hortaliças e os de especiarias aromáticas. Estes jardins ou hortas costumam ser divididos em diversos canteiros, nos quais se plantam sementes diversas, das quais se originam por sua vez espécies também diversas. Em alguns plantamos hortaliças, tais como cebolas, alhos ou couves. Todas estas espécies, extraindo seu alimento da terra, crescem em direção à sua perfeição. O mesmo ocorre nos jardins de especiarias aromáticas, onde cada espécie, aqui e ali, tem o seu lugar e o seu alimento para crescer. Assim como pelos tabernáculos designam-se as obras e pelas tendas as virtudes, aqui também pelas hortaliças entendemos as obras e pelas especiarias aromáticas as virtudes. Deste modo, à beleza e à utilidade das hortaliças correspondem a beleza e a utilidade das obras, e à beleza e à utilidade das especiarias aromáticas correspondem as das virtudes. Pelos rios que irrigam estes dois jardins entendemos convenientemente dois gêneros de compunção que perfluem os corações humanos para produzirem em ambos estes lugares os seus frutos. Quando, de fato, aqui e ali o temor e o amor estimulam os corações, imediatamente emanam os rios da compunção, os quais, irrigando os canteiros dos corações, fecundam-nos copiosamente para que produzam os renovos das virtudes e das boas obras.

Os tabernáculos de Jacó, isto é, as obras dos ativos, e as tendas de Israel, isto é, as virtudes dos contemplativos, são, portanto, como vales repletos de bosques, porque protegem, e como jardins junto aos rios que os irrigam, porque dão parto. E embora façamos distinção, atribuindo as obras aos ativos e as virtudes aos contemplativos, deve-se saber, porém, que também os ativos exercem as virtudes, assim como os contemplativos exibem as boas obras, mesmo que aos ativos mais pareça pertencer a exibição das obras e aos contemplativos o exercício especial de algumas virtudes.

***"Como
tabernáculos
fixados pelo
Senhor".***

Os tabernáculos dos justos são sempre fixados e sempre movidos. São sempre fixados pelo firme e contínuo estabelecimento da justiça; são sempre movidos pelo contínuo incremento desta mesma justiça. São sempre fixos para que não careçam de justiça; são sempre movidos para que possam sempre crescer nesta justiça. São sempre fixos porque é

***"ditoso o
homem que
se
compadece e
empresta,
que dispõe
suas
palavras com
justiça,
porque não
vacilará
eternamente".***

**Salmo
111,
5-6**

São sempre movidos porque, conforme disse Saul a Davi:

***"Fazendo
farás, e
podendo
poderás".***

I
Sam.
26,
25

E, logo em seguida, encontramos escrito de Davi:

***"Crescia
Davi, e
fortificava-
se cada
vez
mais".***

II
Sam.
3,
1

Os tabernáculos dos justos, fixados pelo Senhor, permanecem sempre, pois, conforme diz o Evangelho,

***"caíu a chuva,
e
transbordaram
os rios, e
sopraram os
ventos, e
investiram
contra aquela
casa, e ela
não caíu,
porque
estava
fundada
sobra a
rocha".***

Mat .

7 ,

25

São sempre movidos quando suas ações e virtudes, pelo fruto da justiça, aumentam sempre. De onde que Paulo, escrevendo aos Coríntios, diz:

***"Aquele
que
subministra
semente
ao
semeador,
dará
também
pão para
comer e
multiplicará
a vossa
semente e
aumentará
sempre
mais os
frutos da
vossa
justiça".***

II

Cor .

9 ,

10

Segue-se:

**"Como
cedros
próximos
das
águas".**

Num.
24,
6

Os cedros são árvores altíssimas as quais, quando crescem junto às águas, como é possível depreender destas palavras, erguem-se mais elevados do que de costume. Pelas águas entendem-se convenientemente os sete dons do Espírito Santo, isto é, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, e o espírito de temor do Senhor (Is. 11, 2-3). Pela água, efetivamente, pode-se designar o Espírito Santo, conforme o próprio Senhor o demonstra no Evangelho, onde diz:

**"Se
alguém
tem
sede,
venha a
mim e
beba. O
que crê
em mim,
como diz
a
Escritura,
de seu
seio
correrão
rios de
água
viva.
Ora, ele
dizia isto**

***falando
do
Espírito
Santo
que
haveriam
de
receber
os que
cressem
nele".***

**Jo.
7,
38-
39**

Os tabernáculos, portanto, e as tendas dos justos, isto é, as suas ações e virtudes, são como cedros junto às águas porque, recebendo alimento dos dons do Espírito Santo, não somente transcendem a obra e a fortaleza humana, como também chegam até o céu. De onde que Paulo diz:

***"Nossa
conversaço
está nos
céus".***

**Fl.
3,
20**

Os tabernáculos, pois, e as tendas dos justos, conforme dissemos, as suas ações e as suas virtudes, são como vales repletos de bosques porque protegem; são como jardins irrigados, porque dão parto; são como tabernáculos fixados pelo Senhor, porque estáveis; são como cedros junto às águas,

porque elevados pela sublimidade.

Emulemo-nos, irmãos caríssimos, para que habitemos nos tabernáculos e nas tendas dos justos. Emulemo-nos para que imitemos as suas obras e as suas virtudes. Emulemo-nos, para que descansemos com os justos nos vales repletos de bosques e nos jardins irrigados, nos tabernáculos fixados pelo Senhor, sob os cedros junto às águas.

Embora muito mais possa ser dito de todas estas coisas, pudemos pelo menos percorrê-las em sua superfície, deixando para vós o trabalho de investigá-las em toda a sua profundidade. Mas por haver na seqüência desta terceira bênção muitas outras palavras de que não tratamos, decidimos encerrar este sermão com as já declaradas e reservar as que restam para o próximo, para que não ocorra que, estendendo mais demoradamente o nosso discurso, possamos vir a entediar- vos.

Procuremos, portanto, irmãos caríssimos, com o que já dissemos, viver santa e honestamente, para que possamos silenciar a ignorância dos homens imprudentes. E para que, se houver quem imite Balaão e queira nos injuriar como malfeitores, sejam estes confundidos. Que estes, considerando nossa boa conversação em Cristo, mais se vejam obrigados a proclamar de nós o que é reto.

Procuremos, finalmente, progredir com os justos de virtude em virtude. Que deste modo, ajudados pelos seus méritos e preces, mereçamos um dia ser admitidos com eles na pátria da eterna promessa.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.





**SERMO LXXIX. SOBRE A MESMA TERCEIRA BÊNÇÃO DE
BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.**

Lemos no Livro de Números que após Balaão ter abençoado por duas vezes os filhos de Israel, Balac conduziu-o até o alto do monte Fegor (Num. 23, 28). Retomando a sua parábola, ali Balaão os abençoou ainda uma terceira vez. Após comparar seus tabernáculos e suas tendas aos cedros próximos das águas (Num. 24,6), deles também falou Balaão:

***"Fluirá a
água de seus
baldes, e sua
descendência
estará em
muitas
águas. O seu
rei será
rejeitado por
causa de
Agag, e o seu
reino será
removido.***

***Deus o tirou
do Egito, cuja
fortaleza é
semelhante à
do
rinoceronte.
As gentes
devorarão
seus
inimigos,
quebrarão
seus ossos, e
com flechas
os
trespassarão.***

Deitando-se,

**dormiu como
o leão, e
como a leoa,
que ninguém
ousará
acordar.
Quem te
abençoar, ele
mesmo será
abençoado;
quem te
amaldiçoar,
será tido por
amaldiçoado".**

**Num.
24,
7-9**

**Tendo já descrito de modo tão belo as coisas mais belas da
conversa dos justos, o mesmo adivinho Balaão, que faz o
tipo do povo vão, proclama ainda magnificamente o seu louvor,
dizendo:**

**"Fluirá a
água de seus
baldes, e sua
descendência
estará em
muitas
águas".**

**Num.
24,
7**

Nas Sagradas Escrituras as águas algumas vezes costumam

designar o Espírito Santo. Outras vezes designam a Ciência Sagrada, ou ainda a ciência má, a tribulação, os povos que fluem, ou mesmo as mentes dos homens bons que seguem os ensinamentos da fé. Pela água designa-se a infusão do Espírito Santo, como quando se diz no Evangelho:

***"Aquele
que crê
em
mim, de
seu
seio
correrão
rios de
água
viva".***

**Jo.
7,
38**

A água significa também a Ciência Sagrada, conforme está escrito:

***"A
sabedoria,
tal como
mãe
respeitável,
sairá ao
encontro
do homem
que teme a
Deus;
sustentá-lo-
á do pão
da vida e
da
inteligência,***

***e lhe dará
a beber da
água da
sabedoria
salutar".***

**Ecl.
15,
1-3**

A água pode figurar ainda a má ciência, assim como a mulher má que é descrita por Salomão (Prov. 5). Pelo nome de águas, conforme nos diz o Salmo, costumam-se igualmente entender as tribulações:

***"Salva-
me, ó
Deus,
porque
as
águas
entraram
até a
minha
alma".***

**Salmo
68,
2**

As águas podem designar também os povos que fluem, dos quais está escrito:

***"Lança o
teu pão
sobre as
águas
que
passam,
porque
depois
de muito
tempo o
acharás".***

**Ec .
11 ,
1**

As "águas que passam" são os povos que fluem, conforme no-lo atesta o apóstolo João, quando diz:

***"As
águas
que
viste,
são os
povos e
as
nações".***

**Apoc .
17 ,
15**

Estas águas passam, porque pela mortalidade fluem para a morte. Sobre elas lançamos o nosso pão quando, necessitando elas de nosso ministério, pela caridade lhes oferecemos o nosso benefício. Depois de longo tempo o encontraremos, porque depois desta vida haveremos de recebê-lo em prêmio.

Pela água designam-se, finalmente, as mentes dos homens bons que seguem os ensinamentos da fé. É por isto que diz Ezequiel:

***"E eu
ouvia o
ruído das
suas
asas,
como o
ruído de
muitas
águas,
como a
voz de
Deus
Altíssimo".***

**Ez .
1 ,
24**

De fato, o som da sagrada fé, que primeiro se realizou em poucos santos, posteriormente multiplicou-se por muitas águas, isto é, por inumeráveis povos.

O balde do Israel espiritual é Cristo. Para o povo antigo, ele era uma pedra; para nós, porém, ele é balde. Cristo é pedra, porque subsiste firmemente em si mesmo. É balde, porque tudo fêz com medida. Para os antigos, sendo pedra, fêz jorrar água; para nós, sendo balde, nos infunde a graça. Deste balde flui para nós a água da graça espiritual, a água da sabedoria salutar (Ec. 15,3). Flui a água da graça para a justiça, a água da sabedoria para a ciência. A água, contida no próprio balde, flui pela plenitude, e no-la é infundida pela participação desta plenitude. De fato, conforme diz o Evangelho,

***"De sua
plenitude
todos nós
recebemos,
e graça
sobre
graça".***

Jo.

1,

16

Seguem as palavras da bênção:

***"A sua
descendência
estará em
muitas
águas".***

Num.

24,

7

Assim como o balde deste povo é Cristo, assim também pela sua descendência deve-se entender o mesmo Cristo. Pois Cristo nasceu, segundo a sua carne, deste povo. Ele é balde quando refrigera a nossa sede espiritual pela sua graça; é descendência, porque pela mesma graça nos regenera. Ele é a descendência da qual foi dito a Abraão:

**"Na tua
descendência
serão
benditas
todas as
nações da
terra";**

**Gen .
22 ,
18**

e a Davi:

**"Suscitarei
tua
descendência
depois de ti,
que será dos
teus filhos, e
estabelecerei
o seu reino".**

**I
Cron .
17 ,
11**

Por meio de Isaías também nos é dito:

**"Se o Senhor
dos exércitos
não nos
tivesse
deixado uma
descendência,
teríamos sido
como
Sodoma, e
nos tornado
semelhantes
a Gomorra".**

Is.
1,
9

Desta descendência é que diz Davi:

**"Não
há
quem
faça
o
bem,
não
há
até
um
só",**

Salmo
13,
1

isto é, senão um só, que é Cristo.

De fato, desde o início do século resplandescete, o pai de família de que nos fala o Evangelho teve, em tempos diversos, diversos justos para cultivar a sua vinha, bons cultivadores e bons cultivados. Sempre houve, em todos os tempos, bons prelados e bons súditos. Ninguém, todavia, teve de si mesmo aquilo que foi ou aquilo que fêz. Todos o tiveram daquele único que foi sempre fielmente esperado por todos, que foi a todos tão misericordiosamente oferecido, aquele que, pelos seus sofrimentos, obteve que o bem que se realizasse em sua fé fosse para aqueles que o praticassem para a justiça pela qual retornariam à pátria perdida. Somente Ele é bom entre todos, e nenhum justo antes de sua paixão entrou na pátria até que ele próprio tivesse vindo, a todos tivesse redimido e a todos tivesse aberto a entrada desta mesma pátria. E porque a justiça de todos somente a Ele deveria ser referida e somente a Ele deveria ser atribuída, um deles disse por todos:

*"Não a
nós,
Senhor,
não a
nós,
mas
ao teu
nome
dá a
glória".*

Salmo
113,
9

A ti a glória, porque tua é a graça pela qual vem a nós a justiça, e não por nossa causa. Pois, efetivamente, segundo a palavra profética,

**"Todas
as
nossas
obras,
foste tu
que as
fizeste,
ó
Senhor".**

**Is .
26 ,
2**

"Diante de quem", conforme diz Moisés,

**"ninguém
é
inocente".**

**Ex .
34 ,
7**

Esta descendência é aquele grão de trigo de que nos fala o Evangelho que, caindo na terra pela Encarnação e mortificado pela paixão, produziu muito fruto (Jo. 12, 24-25) pela justificação de muitos ímpios, que aqui são significados pela multidão das águas. "As águas", de fato, "são os povos" (Apoc. 17, 15), e as muitas águas são a multidão dos povos, multidão inumerável de que João nos fala no Apocalipse quando, depois dos cento e quarenta e quatro mil assinalados de todas as tribos dos filhos de Israel, testemunha ter visto uma

**"Grande
multidão,
que
ninguém
podia
contar,
de todas
as
nações,
tribos,
povos e
línguas,
que
estavam
de pé
diante do
trono e
do
Cordeiro".**

**Apoc .
7 , 9**

Esta mesma multidão é chamada por Isaías de descendência perdurável quando o profeta, falando muitas coisas na pessoa do Pai sobre a paixão de Cristo e a redenção do gênero humano, exclama:

**"Se oferecer
a sua vida
pelo pecado,
verá uma
descendência
perdurável",**

Is.
53,
10

isto é, uma descendência perdurável no mundo pela graça e perdurável no céu pela glória.

***"O seu rei
será
rejeitado
por causa
de Agag,
e o seu
reino será
removido".***

Num.
24,
7

Em seu sentido literal, a verdade desta passagem é evidente para todos os que conhecem a história narrada pelo Primeiro Livro dos Reis. Ali as Escrituras nos contam que, por ordem do Senhor, Saul foi destruir os amalecitas e todos os que com eles encontrasse vivos. Ao executar a ordem, porém, Saul foi desobediente ao Senhor, conservando vivo a Agag, rei de Amalec. Ao voltar da matança, o profeta Samuel veio ao seu encontro e lhe disse:

**"O
Senhor
te
rejeita,
para
que
não
sejas
rei de
Israel".**

**I
Sam.
15,
26**

E, logo a seguir, acrescentou a estas palavras:

**"Hoje o
Senhor
rasgou
de ti o
Reino
de
Israel,
para o
entregar
a outro
melhor
do que
tu".**

**I
Sam.
15,
28**

Pouco depois as Escrituras nos mostram o início da realização desta profecia, quando dizem que

***"ungido
Davi,
daquele dia
em diante
comunicou-
se o
Espírito do
Senhor a
Davi, e
retirou-se
de Saul, e
atormentava-
o um
espírito
maligno, por
permissão
do Senhor".***

**I
Sam.
16,
13-
14**

Tudo isto é o que diz respeito ao sentido literal desta passagem. Quanto à inteligência espiritual, o rei de Israel é rejeitado por causa de Agag quando algum prelado da Igreja é reprovado em seu regime por não combater contra o demônio segundo o preceito divino. E o "seu reino lhe será tirado", porque

***"onde
não há
quem
governe,
o povo
se
dispersa".***

Seguem-se as palavras de Balaão:

***"Deus o
tirou do
Egito, cuja
fortaleza é
semelhante
à do
rinoceronte".***

**Num.
24,
8**

Esta sentença é colocada por duas vezes nesta história (Num. 23, 22; Num. 24, 8). Com isto as Escrituras querem nos mostrar que Deus não só criou o mundo na sabedoria, como também na sabedoria redimiu o gênero humano. Quando da criação do mundo, a fortaleza de Deus é corretamente dita semelhante à do rinoceronte, porque está escrito:

***"Fizeste
todas as
coisas em
sabedoria".***

Salmo
103,
24

Quando da redenção do gênero humano, a fortaleza de Deus é também convenientemente dita semelhante à do rinoceronte, porque está escrito:

**"A
sabedoria
vence a
malícia".**

Sab.
7,
30

O motivo, porém, pelo qual a fortaleza de Deus é apresentada como semelhante à do rinoceronte no-lo é dito logo em seguida:

**"As gentes
devorarão
seus
inimigos,
quebrarão
seus ossos, e
com flechas
os
trespassarão".**

Num.
24,
8

Os inimigos espirituais de Israel são principalmente os israelitas

carnais, conforme foi corretamente escrito:

***"Os
inimigos
do
homem
serão
os de
sua
própria
casa".***

**Mat .
10 ,
36**

E também:

***"Cada
um
guarde-
se de
seu
próximo,
e não
se fie
de
nenhum
de seus
irmãos".***

**Jer .
9 ,
4**

Entendemos pelas gentes aos gentios. É manifesto, portanto,

que aquilo que nos é significado quando nos é dito que

**"As
gentes
devorarão
seus
inimigos"**

cumpriu-se de modo claro e real quando os romanos, conduzidos por Tito, mataram no cerco de Jerusalém muitos milhares de judeus, destruíram os muros da cidade, incendiaram o seu templo e, da parte restante do povo que escapou da morte, conduziram alguns para o cativoiro e dispersaram outros por várias regiões. Espiritualmente, "as gentes devoram os seus inimigos" quando os convertidos à fé de Cristo entre os gentios superam pela sua pregação a incredulidade dos judeus ou de quaisquer outros que imitam a incredulidade dos judeus, e quando, vencida a sua infidelidade, os chamam à fé, incorporando-os a si. "Quebram os seus ossos", quando amolecem os mais duros e os mais fortes entre eles pelo terror das ameaças divinas. "E com flechas os trespassam", quando penetram em seus duros corações pelas palavras da sutilíssima Escritura, para dali gerarem a Cristo, matando-os segundo a carne e ressuscitando-os segundo o espírito.

Tudo isto o estamos discutindo segundo a inteligência espiritual. Não negamos, porém, que na sua literalidade estas palavras também tenham se cumprido ao povo antigo e carnal. Vários povos, efetivamente, destruíram muitas nações odiosas aos judeus, como Ciro e Dario aos babilônios e muitos mais a muitos outros.

**"Deitando-
se,
dormiu
como o
leão, e
como a
leoa, que
ninguém
ousará
acordar".**

É notório como isto se cumpriu segundo a letra ao antigo Israel, principalmente quando, submetidas por Davi as nações à sua volta, houve uma paz tranqüila no tempo de Salomão, paz que que nenhum rei ou reino ousou perturbar. Misticamente, porém, estas palavras se referem principalmente aos contemplativos e a quaisquer perfeitos, os quais, quanto mais longe estão dos negócios terrenos e do estrépito do mundo, tanto mais quieta e seguramente vivem. Dormem, de fato, quieta e verdadeiramente, pois possuem os olhos do coração fechados para o que é exterior, somente voltados para as coisas interiores e eternas. Por isto é que diz a esposa no Cântico dos Cânticos:

**"Eu
durmo,
mas o
meu
coração
vela".**

**Cant .
5, 2**

Ninguém também ousará acordá-los, porque seus exércitos são terríveis como os

**"acampados
em ordem
de batalha".**

**Cant .
6 , 9**

Por isto é que, do leito de Salomão, leito que designa as almas contemplativas, está escrito:

***"Eis o
leito de
Salomão,
rodeado
por
sessenta
valentes
entre os
mais
fortes de
Israel,
todos
armados
de
espadas,
e muito
doutos
para a
guerra;
cada um
deles leva
a espada
sobre a
sua coxa,
por causa
dos
temores
noturnos".***

Cant .

3, 7-

8

Sessenta valentes rodeiam o leito de Salomão porque as almas contemplativas, nas quais o nosso pacífico rei repousa principalmente, são guardados pelos homens perfeitos, maximamente os prelados. Os quais são "muito doutos para a guerra", porque sabem resistir doutissimamente aos assaltos do inimigo astuto. "Cada um deles leva a espada sobre sua coxa" porque, para não serem mortos pela concupiscência da carne, apertam-na fortissimamente contra si pela virtude da abstinência e da continência. Daqui vem que, com o auxílio da graça de Cristo, os inimigos são mantidos ao longe em suas investidas e todos quantos os inquietam são afastados. Muito corretamente, portanto, o povo justo e verdadeiramente israelítico no-lo é apresentado como

*"dormindo
como o
leão e
como a
leoa, que
ninguém
ousará
acordar",*

porque quando ele é guarnecido pela forte custódia dos homens perfeitos, não é inquietado sequer pelas portas dos inferiores.

*"Quem te
abençoar, ele
mesmo será
abençoado;
quem te
amaldiçoar,
será tido por
amaldiçoado".*

Num.
24,
9

Balaão pronuncia com firmeza no fim desta última bênção que cada um será participante daquela coisa que tiver proferido, quer abençoe, quer amaldiçoe os justos de Deus. Ele pretende que Balac, depois disto, desista de sua estultícia.

***"Quem te
abençoar",***

diz Balaão,

***"ele mesmo
será
abençoado".***

O Espírito Santo aqui se refere, com toda a certeza, àquela bênção que não somente se faz com a boca, mas que procede de um coração abençoado e benévolo. Balaão, de fato, abençoa os filhos de Israel. Fê-lo, porém, apenas pela boca e forçado, e não de boa vontade. Por este motivo, não participou de nenhum modo de sua bênção. Mais o creia eu que ele tenha participado da ímpia maldição gerada pelo seu ímpio coração e que tenha incorrido na culpa de ter dado mau conselho contra os filhos de Israel morrendo, finalmente, pela própria espada dos Israelitas (Num. 31,8). A autoridade sagrada demonstra manifestamente que aqueles que amaldiçoam o povo de Deus se tornam participantes da mesma maldição quando diz:

**"Não vos
enganeis:
nem os
fornicadores,
nem os
idólatras,
nem os
adúlteros,
nem os
efeminados,
nem os
sodomitas,
nem os
ladrões,
nem os
avarentos,
nem os que
se dão à
embriaguez,
nem os
maldizentes
possuirão o
reino de
Deus".**

I
Cor .
6 ,
9 -
10

Os maldizentes, portanto, se juntarão a todos os demais malfeitores quando, no fim, se lhes disser:

**"Ide,
malditos,
para o
fogo
eterno,
preparado
para o
diabo e
os seus
anjos".**

**Mat .
25 ,
41**

E agora, caríssimos, por meio das coisas que nos foram ditas, trabalhemos para que nos tornemos participantes da bênção dos justos. Que ajudados pelos seus méritos e pelas suas preces, tanto neste mundo como no céu, possamos merecer a bênção por direito de herança.

E que, para tanto, se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.





SERMO LXXX. SOBRE O FINAL DA HISTÓRIA E DAS BÊNÇÃOS DE BALAÃO, POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO.

Narra o Livro de Números que por três vezes Balac convidou Balaão para que amaldiçoasse os filhos de Israel. Em vez disso, porém, por três vezes Balaão os abençoou. Depois da terceira bênção, Balac, irado contra Balaão e batendo as mãos, disse-lhe:

***"Para
amaldiçoares
os meus
inimigos eu te
chamei, e tu,
pelo contrário,
os abençoaste
três vezes.
Volta para o teu
lugar. Eu havia
determinado
honrar-te
magnificamente,
mas o Senhor
privou-te da
honra que te
estava
preparada".***

Num.
24,
10-
11

O demônio, como pode reconhecer-se manifestamente por estas palavras, ira-se tanto mais violentamente quanto mais freqüentemente experimenta de modo patente que as tentativas de sua malícia não apenas são ineficazes como também cooperam para o bem dos justos, pois Deus lhes concede que

as tentações os ajudem para o seu aproveitamento. De fato, o demônio se aflige e se lamenta pesadamente quando os povos vãos e profanos se esforçam pelos seus impérios para destruir a vida gloriosa e o aproveitamento dos justos mas a sentença, pela divina providência, volta-se para o outro lado.

Três vezes a vida dos justos é abençoada pelo povo vão quando por ele são proclamados benditos os seus pensamentos, as suas palavras e as suas ações. O povo vão é privado da honra que lhe havia sido preparada pelo demônio, quando não se vê mais favorecido pelo vão louvor que, com suas detrações, teria merecido pela destruição ou diminuição da glória dos justos. Retorna ao seu lugar, à torpeza de suas ocupações, quando, abandonando a consideração e o louvor dos justos, recai em sua vida costumeira. Mas, conforme diz a Escritura,

*"Também
Balac,
pelo
caminho
por onde
tinha
vindo,
voltou
ao seu
lugar".*

Num.
24,
25

Balac volta ao seu lugar quando o demônio, vendo frustrado o efeito de sua má intenção, recolhe-se no oculto de sua malícia para pensar na maquinação de novos enganos.

O povo vão, finalmente, não presumindo servir-se manifestamente de palavras perversíssimas contra os justos, porém ainda instigado pela inveja, enfurece-se algumas vezes contra eles por meio de ocultos conselhos. Por isto é que

Balaão, voltando para o seu povo, diz:

***"Contudo,
voltando
para o
meu
povo,
darei um
conselho
sobre o
que teu
povo
faça a
este
povo no
fim dos
tempos",***

Num.

24,

14

isto é, no último tempo, antes que dele seja separado. O conselho dado por Balaão foi que fossem enviadas às tendas dos filhos de Israel as virgens de Madian por cuja aparência poder-se-ia iludir a castidade, e que estas se esforçassem para induzir os jovens que a elas se inclinassem a transgredirem as leis de seus pais, passando a cultuar deuses estranhos. Deste modo, irado o seu Deus, haveriam de ser humilhados pelo menos por algum tempo. O que, conforme lemos no vigésimo quinto capítulo de Números, foi efetivamente o que veio a acontecer.

Antes disso, porém, elevado ainda por uma quarta vez pelo espírito de profecia, Balaão retomou sua parábola e proferiu algumas coisas sobre Cristo e sobre um povo espiritual que em uma posteridade ainda distante haveria de vir:

**"Eu o
verei,
mas
não
agora",**

disse então Balaão;

**"eu o
contemplarei,
mas não de
perto".**

**"Surgirá
uma
estrela de
Jacó, e
levantar-
se-á uma
vara de
Israel, e
percutirá
os chefes
de Moab, e
devastará
todos os
filhos de
Set, e a
Iduméia
será a sua
possessão.**

**A herança
de Seir
passará
para os
seus
inimigos,
Israel,**

**porém,
agirá com
fortaleza;
de Jacó
sairá
quem
dominará,
e perderá
os restos
da
cidade".**

**Num.
24,
17-
19**

Depois destas palavras, e após prever o fim de algumas nações (Num. 24, 20-24), Balaão retornou então para o seu lugar. Se não fosse notório, por vários testemunhos das Sagradas Escrituras, que também os maus podem ter não só o dom da profecia, como também outros dons espirituais, seria muito para se admirar como pôde este adivinho, elevado pelo espírito profético, profetizar coisas tão sublimes de Cristo e do povo dos justos.

**"Eu o
verei, mas
não
agora,
contemplá-
lo-ei, mas
não de
perto".**

Como se dissesse:

**`O
conselho
iníquo,
que agora
vos dou,
poderá ser
cumprido
quando os
filhos de
Israel
passarem
por vossa
terra; mas
aqueles
que
acrescento
se
cumprirão
em um
tempo
longínquo.
Então,
quando
estes se
cumprirem,**

**"surgirá
uma
estrela de
Jacó, e
levantar-
se-á uma
vara de
Israel' ".**

Cristo é a estrela, e Cristo é também a vara. É estrela, porque ilumina; é vara, porque castiga. Ilumina no bem, castiga do mal. Ilumina os ignorantes, castiga os delinqüentes.

**"E
percutirá
os chefes
de Moab, e
devastará
todos os
filhos de
Set, e a
Iduméia
será a sua
possessão.**

**A herança
de Seir
passará
para os
seus
inimigos,
Israel,
porém,
agirá com
poder".**

Por meio de todos estes que a Escritura prediz que serão percutidos pela vara que haverá de levantar-se em Israel significa-se manifestamente a conversão dos povos. Cristo, de fato, percutiu os povos quando, pela fé nEle, mortificou-os para o mundo, para que vivessem para Deus. O que Balaão predisse de Cristo ao mencionar que percutiria os chefes de Moab e tomaria posse da Iduméia foi depois também cantado por Davi, na pessoa de Cristo, ao dizer:

**"Meu é
Galaad, e
meu é
Manassés, e
Efraim é a
fortaleza da
minha
cabeça; Judá
é o meu rei.**

**Moab é a
panela de
minha
esperança,
estenderei o
meu calçado
até a
Iduméia: são
para mim
súditos
estrangeiros".**

Salmo
59,
9-10

"Moab é a panela" de Cristo quando os gentios, bem cozidos de sua crueldade pelo amor, tornam-se com sua vida santa refeição para Cristo, esfomeado pelo desejo de nossa salvação. "Seu calçado, estendido até a Iduméia", significa a fé na sua Encarnação; Cristo, de fato, estende o seu calçado até a Iduméia ao entregar à gentilidade a fé na sua humanidade. Os gentios são para Ele "súditos estrangeiros" quando, embora não sendo de Israel, mesmo assim crêem nEle. É a Igreja primitiva que é significada onde se diz:

**"Meu é
Galaad, e
meu é
Manassés,
e Efraim é
a
fortaleza
da minha
cabeça;
Judá é o
meu rei".**

Depois dela figura-se a conversão dos gentios, onde se diz:

**"Moab é a
panela de
minha
esperança,
estenderei o
meu calçado
até a
Iduméia: são
para mim
súditos
estrangeiros".**

Cristo pertence a todos estes quando, mortificando-os para o mundo, torna-os vivos para si.

**"A
herança
de Seir
passará
para os
seus
inimigos,
Israel,
porém,
agirá
com
fortaleza".**

"A herança de Seir passará para os seus inimigos e Israel agirá com fortaleza" quando a gentildade submete os pescoços às palavras dos que ensinam, e a comunidade dos que ensinam a dispõe vigorosamente para a boa obra. A fortaleza espiritual de Israel refulgiu primeiramente nos apóstolos, depois brilhou subsequenteiramente nos demais justos. De fato, aos apóstolos foi dito:

**"Sede
fortes no
combate,
e lutai
contra a
antiga
serpente".**

Consta, porém, que isto não foi dito apenas para os apóstolos. De fato, conforme no-lo declara o Evangelho, Jesus também lhes disse:

**"O
que
eu
digo a
vós, o
digo a
todos".**

**Mc .
13 ,
37**

Segue-se:

**"De Jacó
sairá
quem
dominará,
e
perderá
os restos
da
cidade".**

**Num .
24 ,
19**

"De Jacó sairá quem dominará", isto é, Cristo; "e perderá os restos da cidade" da Babilônia espiritual. Cristo, de fato, perde aos que abandona para a condenação, condenação designada pelas profecias da ruína dos povos submetidos com que Balaão encerra a sua parábola. Assim no-lo narra a Escritura:

**"Olhando para
Amalec,
continuou
Balaão a sua
parábola:**

**`Amalec é o
princípio dos
povos, cujas
extremidades
haverão de se
perder'.**

**Viu também o
Cineu, e
prosseguiu a
parábola,
dizendo:**

**`Verdadeiramente
forte é a tua
habitação, mas
se na pedra
colocares o teu
ninho, e fores
escolhido da
estirpe de Cin,
por quanto
tempo poderás
permanecer?
Assur, de fato, te
fará cativo'.**

**E retomando
novamente a
parábola, falou:**

**`Ai! Quem há de
viver, quando
Deus fizer estas
coisas? Virão da
Itália em**

***trirremes,
vencerão os
Assírios,
devastarão os
hebreus, e por
fim também eles
perecerão".***

Num.

24,

20-

24

Pela destruição destes povos, portanto, entendemos a condenação de todos os maus.

Com estas palavras, caríssimos, termina Balaão a sua parábola. A Escritura nos diz então que

***"Levantou-
se Balaão
e voltou
para a sua
terra;
Balac
também
voltou
pelo
caminho
de onde
tinha
vindo".***

Num.

24,

25

Mas, logo a seguir, a mesma Escritura nos narra como os filhos do povo de Israel pecaram com as filhas de Moab:

***"Habitava
Israel
naquele
tempo em
Setim, e
fornicou o
povo com
as filhas
de Moab,
que os
convidaram
para os
seus
sacrifícios.
E eles
comeram,
e
adoraram
os deuses
delas, e
Israel foi
iniciado a
Beelfegor.
E o
Senhor,
irado,
disse a
Moisés:***

***`Toma
todos os
príncipes
do povo, e
pendura-
os em
patíbulos
virados
para o
Sol".***

Num.
25,
1-4

Notai que, ao que parece, o Senhor preceituou a Moisés que punisse os príncipes de Israel por não terem eles punido os prevaricadores. `Setim', traduzido, significa espinhos. Corretamente, portanto, se diz dos filhos de Israel que, ao pecarem, habitavam em Setim, isto é, habitavam nos espinhos, porque deve-se crer que foram os espinhos dos pecados anteriores que exigiram que eles caíssem em tão graves delitos. "Um abismo", de fato, "chama outro abismo" (Salmo 41, 8), porque a culpa gera outra culpa. E, em outro lugar, está escrito dos pecadores:

***"Minha é
a
vingança,
e eu lhes
retribuirei
a seu
tempo,
para que
resvale o
seu pé".***

Deut .
32,
35

Por terem sacrificado ao ídolo, entendemos toda infidelidade; por terem fornicado, entendemos toda má ação. Resvalaram, portanto, em ambos os pés, a saber, o da fé e o da ação, quando caíram nos referidos delitos.

**"E disse
Moisés
aos juízes
de Israel:**

**`Cada um
mate os
seus
vizinhos,
que foram
iniciados
a
Beelfegor'.**

**E
pereceram
naquele
dia vinte
e quatro
mil
homens".**

**Num.
25,
5;
25,
9**

Antes disso, porém,

***"Um dos
filhos de
Israel trouxe
para junto
de seus
irmãos uma
madianita,
sob os
olhos de
Moisés e de
todo o povo,
que
choravam
diante da
porta do
tabernáculo".***

Num.
25,
6

"Vendo isto", continua a Escritura,

***"Finéias,
filho de
Eleázaro,
filho do
sacerdote
Aarão,
levantou-
se do
meio do
povo e
tomou
uma
lança".***

Num.

25,

7

Admirável e louvável foi a vingança que Finéias tomou desta fornicação. Fervoroso no zelo pela justiça, atravessou com aquela lança, na altura dos órgãos genitais (Num. 25, 8), a Zambri, juiz das tribos de Judá (Num. 25, 14), e a Cozbi, a mulher madianita, de uma das casas patriarcais dos madianitas (Num. 25, 15), que se entretinham em sua cópula. Com isto aplacou Finéias a ira de Deus enfurecida sobre o povo e, por este motivo, diz a Escritura,

***"O Senhor
estabeleceu
com ele uma
aliança de
paz,
constituindo-
o príncipe
dos santos e
de seu povo,
para que a
dignidade
sacerdotal
pertencesse
a ele e à sua
descendência
para
sempre".***

Ec1.

45,

30

Num.

25,

12-

13

E agora, irmãos caríssimos, consideremos cuidadosamente tudo quanto nos foi dito. Examinemos com atenção a nós mesmos para que, se não padecemos detrimento de nossa glória pelas maldições do povo vão, não caiamos no pecado pelos seus maus conselhos. Se virmos alguns de nós incorrendo na culpa pelos enganos do demônio ou do povo vão, removamos imediatamente o mal de nosso meio. Que nós possamos, seguindo o exemplo de Finéias, fervorosos no zelo pela justiça, puní-los pela espada do nosso discernimento. Deste modo, se assim procedermos, seja-nos concedido, juntamente com os justos e auxiliados pelos seus méritos e pelas suas preces, ser admitidos na terra onde mana o leite e o mel.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.





**SERMO LXXXI. SOBRE O CANDELABRO DE QUE TRATA O
VIGÉSIMO QUINTO CAPÍTULO DE ÊXODO, POR OCASIÃO DA
FESTA DE S. GREGÓRIO MAGNO.**

***"Ninguém
acende
uma
lâmpada e
a põe em
lugar
escondido,
nem
debaixo do
alqueire,
mas sobre
o
candelabro,
para que
os que
entram
vejam a
luz".***

**Luc .
11 ,
33**

Este candelabro, irmãos, é a Igreja; o bem aventurado Gregório, cuja solenidade hoje celebramos, é a lâmpada. O candelabro é a Igreja porque o candelabro, estendido pelos martelos, torna-se instrumento de luz; e a santa Igreja, provada pelas tentações, humilhada pelos golpes das perseguições, arde pelo fogo da sabedoria celeste e reluz pela obra da caridade. O candelabro se apóia sobre três pés, e a santa Igreja se fundamenta sobre a fé da Santíssima Trindade.

Lemos no Êxodo que o Senhor, preceituando a Moisés sobre o candelabro a ser feito, disse:

**"Farás um
candelabro
de ouro
puríssimo,
trabalhado a
martelo, com
a sua haste,
seus ramos,
copos,
esferazinhas
e lírios que
sairão dele.**

**Seis ramos
sairão de
seus lados,
três de um
lado, e três
de outro.
Haverá três
copos em
forma de noz
em cada
ramo, com
esferas e
lírios. Esta
será a obra
dos seis
ramos, que
devem sair
da haste.**

**No próprio
candelabro
deverá haver
quatro copos
ao modo de
uma noz,
cada um com
suas esferas
e lírios. As
esferas e os**

**ramos serão
de uma
mesma peça,
toda
trabalhada a
martelo e de
ouro
puríssimo.**

**Farás
também sete
lâmpadas, e
as colocarás
sobre o
candelabro,
para que
iluminem de
trás.**

**Também os
espevitadores
e seus
cinzeiros
serão feitos
de ouro
puríssimo.**

**Todo o peso
do
candelabro
com todas as
suas coisas
será de um
talento de
ouro
puríssimo".**

**Ex .
25 ,
31 -
39**

A santa Igreja, portanto, é um candelabro de ouro, dúctil e trabalhado a martelo. É um candelabro, porque fundada sobre a fé da santa e indivídua Trindade, e instituída para conter a verdadeira e divina luz. É dúctil e trabalhada a martelo, porque estende-se pelos golpes de várias perseguições, segundo a sucessão e a prolixidade dos tempos, para o crescimento das virtudes e o aumento dos seus fiéis. É de ouro, porque brilha pelo fulgor de sua caridade interior. O candelabro e as coisas que saíam dele eram trabalhadas a martelo porque

***"todos
aqueles que
desejam viver
piamente em
Cristo,
padecerão
perseguições".***

**II
Tim.
3,
12**

Eram de ouro, porque constata-se que toda a justiça dos santos é resplandescente, seja pela chama da perfeita caridade, seja pela luz da sabedoria.

Pela haste do candelabro, a maior, a mais forte e a mais interior de suas peças, não apenas reta como também vertical, entendemos os homens que na santa Igreja são mais fortes nas obras, principais nas virtudes e dedicados ao que é interior, os que são verticalmente elevados à contemplação das coisas do alto sem que se desviem à direita ou à esquerda para tratar de negócios exteriores. Estes, efetivamente, diante dos olhos de Deus, são os principais e os melhores, pois

***"escolheram
a melhor
parte, que
não lhes
será
tirada".***

Luc .
10 ,
42

Por isto é que na haste do candelabro preceitua-se fazerem-se quatro copos, esferazinhas e lírios, enquanto que nos ramos que dele procedem são-nos descritos apenas três copos, esferazinhas e lírios; demonstra-se, deste modo, que os méritos dos contemplativos transcendem a vida dos ativos.

Pela haste, que no candelabro é a parte mais forte, principal e intermediária, da qual todas as demais procedem e na qual têm o seu fundamento, pode-se entender também a Cristo, que é a fortaleza, o princípio e o fundamento de todos os santos, no meio dos quais está presente, como Ele mesmo no-lo atesta, dizendo:

***"Onde
estiverem
dois ou
três
reunidos
em meu
nome, aí
estou eu
no meio
deles".***

Mat .

18 ,

20

DEle procedem verdadeiramente, porque tudo o que fazem de bem, o recebem dEle, como Ele mesmo também no-lo diz:

***"Eu
sou a
videira,
vós as
varas";***

Jo .

15 ,

5

o que significa o mesmo que se dissesse:

***"Eu
sou a
haste,
e vós
os
ramos".***

Assim como as varas não podem frutificar se não permanecerem na videira, e assim como os ramos não podem se erguer para sustentar as lâmpadas se não permanecerem na haste do candelabro, assim também vós, se não permanecerdes na haste do candelabro, diz Cristo,

***"se não
permanecerdes
em mim",***

não podereis conduzir a luz da fé e da verdade.

A haste, portanto, é Cristo, e as demais coisas que procedem da haste são todos os fiéis. Na haste descrevem-se quatro copos com as demais coisas que se lhes seguem, enquanto que nos ramos somente encontramos três, para que com isto fique manifesto que o bem que em Cristo encontra-se em plenitude não se encontra nos fiéis senão apenas pela participação de sua plenitude.

Os ramos que procedem da haste, e que no candelabro são o que há de principal depois da haste, são os santos apóstolos e todos aqueles que ensinam. É com muita propriedade que estes ramos são chamados na língua latina de "calamus", palavra que significa um ramo ôco em forma de cana, ou mesmo uma flauta. Eles, de fato, como que cantam suavemente um cântico novo quando, repletos do espírito divino, nos ensinam os mistérios da fé. O salmista louva o som que eles produzem, quando nos diz:

***"Seu som
estende-se
por toda a
terra, e as
suas
palavras até
às
extremidades
do mundo".***

**Salmo
18,
5**

São-nos descritos em número de seis para designar, pelo seu senário, a sua perfeição. O senário, de fato, é número perfeito, seja porque Deus fêz este mundo em seis dias, seja porque o senário é constituído por suas partes.

Assim como, porém, os ramos designam os que ensinam, os copos designam os que os ouvem. Os copos são feitos para se encherem de vinho; por este motivo, pelos copos figuram-se corretamente os ouvintes da palavra. E assim como os copos são enchidos de licores, uns mais, outros menos, assim também, quando se ensina, a graça celeste é concedida aos ouvintes, a uns mais, a outros menos. A cada um segundo a medida da fé, e segundo a medida do dom de Cristo. Os copos, ou os ouvintes, enchem-se do vinho espiritual e inebriam-se quando são fortemente animados ao efeito da boa obra.

Logo em seguida, acrescentam-se aos copos as esferazinhas. Por girarem com facilidade, as esferazinhas designam os justos, velozes na boa obra. A esferazinha gira por qualquer uma de suas partes, assim como o agir perfeito dos justos não se retarda pela adversidade nem se eleva pela prosperidade, forte na adversidade e humilde na prosperidade, sem possuir a angulosidade do temor nem da elevação.

Os lírios designam a suprema retribuição. Pelo seu verdor, são figura da incorruptibilidade da eternidade; pela sua candura, são figura do decoro da imortalidade.

Os ramos, os copos e as esferazinhas, portanto, pertencem ao trabalho, enquanto que os lírios à retribuição.

Os ramos procediam da haste, três de um lado e três de outro, porque antes da encarnação de Cristo, no tempo da lei natural, no tempo da lei escrita e no tempo dos profetas, foram santos aqueles que misticamente indicavam a fé na santa Trindade; e depois da encarnação de Cristo, no tempo da Igreja primitiva, no tempo de nossa eleição entre os povos e nos últimos tempos, quando os restos de Israel houverem de se converter, serão santos aqueles que proclamarem esta mesma fé. Em cada um dos ramos são-nos descritos copos, esferazinhas e lírios porque em cada um dos tempos mencionados, tanto sob os pregadores antigos como sob os modernos, encontram-se fiéis sedentos da bebida da graça, correndo pela boa obra no caminho de Deus, esperando pelo incorruptível verdor da eternidade e pela indefectível candura da imortalidade. E em cada um dos ramos havia três copos, três esferazinhas e três lírios, para que se designasse com isto que em todos os tempos

houve reitores, continentes e casados, figurados em Ezequiel por Noé, Daniel e Jó (Ez. 14, 14). Os copos, ademais, deveriam ser feitos ao modo de uma noz, pois as nozes possuem dura a sua casca mas são doces em seu interior. Significa isto que se a doçura algumas vezes se adquire dificuldade, quando já possuída é muito saborosa e muito amada.

Se alguém, porém, quiser investigar por que motivo a mística haste, se significa Cristo, também continha copos, esferas e lírios, advirta com atenção que Cristo não somente confere a ciência, a obra e a remuneração das virtudes aos seus eleitos, mas que também mostra em si mesmo a figura do copo, quando se declara pleno do Espírito Santo, e a da esferazinha, quando

*"exulta
com as
gigas que
percorrem
o
caminho".*

Salmo
18,
6

Glorificado junto ao Pai, Cristo mostra-se também como os lírios.

O copo último e supremo, com a sua esfera e o seu lírio, está situado na haste e se eleva a uma posição mais alta do que os ramos porque os dons que Deus concedeu a Cristo transcendem todo o modo da capacidade humana. De fato,

**"a cada
um de
nós foi
dada a
graça
segundo
a
medida
do dom
de
Cristo".**

**Ef .
4 ,
7**

**"Nele habita
corporalmente
toda a
plenitude da
divindade".**

**Col .
2 ,
9**

As sete lâmpadas colocadas sobre o candelabro para que iluminassem de trás são todos os prelados que, constituídos na santa Igreja, iluminam de trás quando pela palavra e pelo exemplo mostram aos pecadores a luz da justiça, oferecem a cura aos contritos de coração e anunciam a indulgência aos cativos. O setenário, conforme já o dissemos em outras ocasiões, significa a totalidade.

***"Também os
espevitadores
e seus
cinzeiros
serão feitos
de ouro
puríssimo".***

Há nas Escrituras alguns preceitos que devem ser observados perpetuamente, tanto nesta vida como na futura. É o caso do seguinte:

***"Amarás
o
Senhor
teu
Deus
com
todo o
teu
coração,
com
toda a
tua
alma,
com
toda a
tua
mente,
com
todas
as tuas
forças".***

**Mc .
12 ,
28**

Há outros que se nos ordena que os observemos durante o tempo desta vida, para que no futuro se lhes retribua a recompensa, como é o caso deste:

***"Fazei para
vós amigos
com as
riquezas da
iniqüidade,
para que
vos
recebam
nos
tabernáculos
eternos".***

Luc .
16 ,
9

Há também outros que foram observados no Velho Testamento por ordem do Senhor, os quais, porém, resplandecendo o Evangelho, não são mais observados segundo a letra, mas segundo o seu sentido místico, como é o caso dos ritos dos sacrifícios e de outros semelhantes. Deste modo, quando os apóstolos anunciavam haver-se findado o tempo destes preceitos, os quais dali em diante deveriam ser observados apenas espiritualmente, espevitavam-se ou limpavam-se as mechas do candelabro. Estas mechas, assim restauradas, melhor brilhariam; entendidas de modo mais elevado, ofereceria mais plenamente a luz da doutrina. Refere-se a esta restauração o que foi escrito:

***"Sobrevindo
os novos,
lançareis
fora os
velhos".***

Lev .
26 ,
10

E também, em outro lugar:

***"Eis
que
faço
novas
todas
as
coisas".***

Apoc .
21 ,
5

Consta, de fato, que antes da Paixão os apóstolos haviam observado o sábado, mas que depois da Ascensão do Senhor e da vinda do Espírito Santo impuseram o fim completo dos sacrifícios legais. Assim também, finda a vida mortal, e sucedendo-a a imortal, cessarão em sua maior parte as obras e os dons da luz de que agora nos utilizamos, para que se lhes sucedam, na presença da visão divina, os prêmios eternos. De fato,

**"As
profecias
passarão,
as
línguas
cessarão,
e a
ciência
será
abolida".**

**I
Cor .
13,
8**

As palavras das Sagradas Escrituras, as quais testemunham que estas coisas não de se realizar, são espevitadores ou aparadores de ouro, exímias pela esperança da claridade futura. Os cinzeiros, em que as aparas das mechas são recolhidas e apagadas, são os corações dos homens santos, nos quais se produzem estas mudanças, os quais são de ouro porque brilham pela luz da sabedoria e pela chama da caridade.

Finalmente,

**"Todo o
peso do
candelabro,
com todas
as suas
coisas,
será de um
talento de
ouro
puríssimo".**

Tudo, efetivamente, que Deus faz, o faz

***"em
número,
peso e
medida",***

**Sab.
11,
21**

as quais três coisas, segundo a inteligência espiritual, podem ter a mesma significação. A este peso e medida pertence aquilo que foi dito:

***"A cada
um de
nós foi
dada a
graça
segundo
a
medida
do dom
de
Cristo".***

**Ef.
4,
7**

Desta medida somente Cristo é exceção, a quem unicamente se refere o que está escrito:

***"Aquele
a quem
Deus
enviou
fala
palavras
de
Deus,
porque
Deus
não lhe
dá o
espírito
por
medida".***

**Jo.
3,
34**

Cristo, de fato, conforme foi mostrado acima, possui a graça plenária, a qual é dividida aos demais por medida. O peso do candelabro é, portanto, a medida do dom, do mérito ou do prêmio, e o talento, que é o maior dos pesos, significa a perfeição.

O bem aventurado S. Gregório, cuja solenidade hoje celebramos, tanto mais longe e mais amplamente difundiu os raios desta lâmpada quanto mais sublimemente foi colocado sobre este candelabro, e não em qualquer lugar, mas na sua própria sumidade. Fêz brilhar para nós esta lâmpada com raios diversos, exímios e resplandecentes. Fê-la brilhar para nós pelas virtudes, pelas obras, pelas palavras, pelos milagres, pela austeríssima religião, pela fragrantíssima opinião, pelo mérito e pelo prêmio.

E agora, irmãos caríssimos, aproximemo-nos dos raios desta luz, para que, evitando os desvios, e caminhando pela via da justiça, alcancemos a felicidade suprema.

**E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo,
nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.**

Amén.





**SERMO LXXXII. SOBRE O SIGNIFICADO MORAL DO SALMO 149,
POR OCASIÃO DA FESTA DE TODOS OS SANTOS.**

**"Exultarão
os santos
na glória,
e se
alegrarão
nos seus
leitos".**

**Salmo
149,
5**

**Nestas e nas seguintes palavras, caríssimos, declara-se qual
seja a dignidade dos santos e, sob a brevidade de poucas
palavras, designa-se qual seja a sua glória.**

**"Exultarão
os santos
na glória, e
se
alegrarão
nos seus
leitos. As
exultações
de Deus
estarão em
suas
gargantas,
e espadas
de dois
gumes em
suas mãos,
para
exercer a
vingança**

**nas
nações, e
as
repreensões
entre os
povos: para
acorrentar
os reis em
grilhões, e
seus
nobres em
algemas de
ferro, para
neles
executar a
sentença
promulgada.
Esta é a
glória para
todos os
seus
santos".**

**Salmo
149,
5-9**

A glória dos santos é a sua boa consciência, conforme no-lo atesta o apóstolo Paulo quando diz:

**"Nossa
glória é esta,
o
testemunho
de nossa
consciência".**

II
Cor .
1 ,
12

Não inconvenientemente, portanto, os santos são ditos exultarem na glória, quando exultam em sua boa consciência. A isto também se refere o que o mesmo apóstolo nos diz:

"Examine cada um a sua obra, e assim terá somente glória em si mesmo e não em outro".

Gal .
6 ,
4

O santo salmista, ou melhor, o Espírito Santo, em sua narrativa antepõe a glória da consciência às demais virtudes dos justos não porque ela as preceda pela ordem, mas pela supereminência de sua dignidade. De fato, as virtudes e as boas obras a precedem, e por elas trilhamos o bom caminho pelo qual se alcança a boa consciência. Quem, de fato, possui uma boa consciência, senão quem se reconhece, pela virtude e pela obra, possuidor da justiça? Exultar na glória, portanto, é algo que pertence apenas aos que possuem boa consciência, a qual somente é constituída pela justiça.

***"E se
alegrarão
nos
seus
leitos".***

Os santos se alegrarão em seus leitos quando, removidos os desejos da carne, afastados dos cuidados do mundo e estabelecidos na paz interior, contemplam na quietude os bens celestes. Pelos leitos nos quais repousam entendemos o repouso interior, verdadeiramente alcançado pela mente quando esta repousa perfeitamente do que é exterior e dirige toda a sua intenção ao que é interior. A esposa lembra-se destes leitos e deste repouso no Cântico dos Cânticos, onde diz:

***"Eu
durmo,
mas o
meu
coração
vela".***

**Cant .
5, 2**

Dorme bem, certamente, enquanto seu coração vela, aquele que dorme para os sentidos exteriores enquanto interiormente se entrega com devoção à contemplação das coisas interiores. Todos os carnis, aos quais só as coisas exteriores agradam, têm ódio do repouso destes leitos. Repreendendo-os com sutileza sob o nome de Efraim, o profeta assim se exprime:

**"Efraim
é
novilha
ensinada
a amar a
debulha".**

Os .
10 ,
11

A novilha, de fato, ama a debulha porque come das espigas que tritura. Assim também os carnais amam de coração os negócios exteriores, não para servirem às necessidades ou utilidades da Igreja, mas para que possam banquetear-se a gosto com comida e bebida forte e abundante, e também com palavras e vaidades mundanas. Finalmente, queixam-se de ter-lhes sido feito grave dano todas as vezes em que não se lhes permite guardar ou dispor do que é exterior. Não são assim os santos, principalmente os perfeitos, que amam mais as coisas interiores, das quais lhes advém alegrias bem maiores. De onde que acrescenta o salmista:

**"As
exultações
de Deus
estarão
em suas
gargantas".**

Salmo
149 ,
6

As exultações de Deus estão na garganta dos santos quando com exultação dão graças a Deus pelos benefícios recebidos. Por isto é que o profeta diz de Jerusalém, ou melhor, da

totalidade dos justos:

***"Nela
se
achará
o gozo
e a
alegria,
a ação
de
graças
e a voz
do
louvor".***

**Is.
51,
3**

A ninguém é suficiente, porém, que apenas faça o bem se também não trabalhar para destruir, o tanto quanto lhe for possível, o mal nos demais. É por isso que, com muita conveniência, o salmista acrescenta que os justos

***"Terão
espadas de
dois gumes
em suas
mãos, para
exercer a
vingança
nas
nações, e
as
repreensões
entre os
povos: para
acorrentar
os reis em***

***grilhões, e
seus
nobres em
algemas de
ferro, para
neles
executar a
sentença
promulgada.
Esta é a
glória para
todos os
seus
santos".***

Falando da armadura espiritual, o Apóstolo assim se refere à espada:

***"Tomai
também
a
espada
do
espírito,
que é a
palavra
de
Deus".***

**Ef .
6 ,
17**

E também, em outro lugar:

***"Viva é a
palavra de
Deus, eficaz,
e mais
penetrante
do que toda
espada de
dois gumes.
Chega até à
divisão da
alma e do
espírito, das
junturas e
das
medulas, e
discerne os
pensamentos
e as
intenções do
coração".***

**Heb.
4,
12**

O salmo, porém, se refere a "espadas de dois gumes", utilizando-se do plural, porque dois são os Testamentos da palavra de Deus, aos quais talvez também se refira aquela passagem do Evangelho onde os apóstolos, respondendo a Jesus, lhe dizem:

***"Senhor,
eis aqui
duas
espadas".***

Luc .

22 ,

38

Estas espadas são de dois gumes, isto é, cortam dos dois lados, porque exteriormente amputam em nós a luxúria da carne, e interiormente cortam a malícia do coração. Cortam dos dois lados porque distinguem os bons dos maus e os maus dos bons. Os santos têm estas espadas em suas mãos porque as palavras sagradas que eles ensinam também as exercem pelas obras.

O salmo declara também qual é a finalidade para que os santos as têm em suas mãos:

***"Para
exercer a
vingança
nas
nações, e
as
repreensões
entre os
povos".***

Pelas nações podemos convenientemente entender, nesta passagem, os homens maus; pelos povos, os homens bons que, entretanto, são ainda enfermos e imperfeitos. Os santos, deste modo, vingam a Deus nas nações pelas espadas quando, seguindo os preceitos das Sagradas Escrituras, excomungam os maus ou certamente quando lhes anunciam os castigos que lhes haverão de vir. Exercem as repreensões entre os povos quando repreendem pelas palavras sagradas quaisquer transgressões veniais e leves dos homens bons, mas ainda imperfeitos e enfermos. Os maus incorrem na culpa pelo orgulho e pelo engenho de sua má vontade, enquanto que os bons pecam por ignorância ou por enfermidade. Quanto dista a iniquidade dos maus da enfermidade dos imperfeitos, tanto parece diferir a vingança da repreensão. A iniquidade e a vingança, de fato, são mais graves; a enfermidade e a

repreensão são mais leves.

***"Para
acorrentar
os reis
em
grilhões,
e seus
nobres
em
algemas
de ferro".***

Nesta passagem podem ser ditos reis aqueles aos quais pelo dever de ofício compete reger aos demais pela virtude do discernimento; e podem ser ditos nobres aqueles que pelo fulgor de alguma dignidade parecem situar-se acima dos demais. Estes freqüentemente caem na culpa com tanta maior facilidade e rapidez quanto mais estiverem no alto. Os santos os acorrentam em grilhões e em algemas sempre que pela autoridade de sua santidade os refreiam de suas maldades. E não são apenas os santos prelados os que coíbem de suas maldades estes prelados e nobres que vivem ignobilmente; também os súditos devem coibí-los de suas maldades, para que suas mãos não possam cumprir as que já iniciaram, ou se já as iniciaram, não possam nelas acostumar-se ou permanecer por longo tempo. A não ser que os súditos reprovem e contradigam com autoridade as suas maldades, saibam que também eles terão se tornado réus de suas seduções. Se, de fato, a burrinha de Balaão tivesse levantado o seu condutor até a espada do anjo, não teriam ambos incorrido na sua sentença? Porém ela lhe resistiu, apertou- lhe os pés contra o muro, repreendeu-o com palavras, indo contra sua própria natureza, e assim salvou tanto a ele como a si mesma (Num. 22, 22-33). Foi assim também que Paulo resistiu a Pedro na face,

***"porque era
repreensível"***

Gal .

2 ,

11

Quanto ao o prelado, deve de boa vontade abraçar a correção dos súditos, conforme o demonstra o bem aventurado São Gregório no livro da "Regra Pastoral", quando diz:

***"O prelado
que
planeja
fazer o mal
e todavia
vê que os
outros
silenciam
a este
respeito, é
testemunha
para si
próprio
que em
vez de ser
defendido
contra si
mesmo,
deseja ser
amado
mais do
que a
verdade.
Foi por
isto que
Pedro
aceitou de
boa
vontade a
repreensão
de Paulo".***

Também Davi ouviu com humildade a correção do súdito, pois os bons reitores, quando não se amam pelo amor próprio, aceitam a palavra da liberdade proveniente de seus súditos com o obséquio da humildade. É necessário, porém, que a mente dos súditos, podendo apreender certas coisas corretamente, utilize de tal maneira a voz da liberdade que esta não se transforme em soberba, e que não suceda que concedendo-se-lhes talvez imoderadamente a liberdade ao seu falar, percam com isto a humildade de vida.

***"Para neles
executar a
sentença
promulgada".***

Pela sentença promulgada pode-se entender o decreto divino, ratificado no mundo por autoria divina e recomendado pelos escritos dos Santos Padres. Os santos executam esta sentença promulgada nas nações, nos povos, em seus reis e em seus nobres quando, punindo alguns pela obstinação e corrigindo outros pelas transgressões, os restauram, o tanto quanto lhes é possível, à integridade das virtudes.

***"E esta
é a
glória
para
todos
os
seus
santos",***

a saber, que eles próprios sejam bons pela justiça, e exerçam esta graça que lhes foi dada sobre os outros, punindo-os ou corrigindo-os segundo a razão.

***"Para
todos
os
seus
santos",***

isto é, não apenas para os maiores, mas também para os menores. Os inferiores, ainda que não estejam investidos da autoridade de punir ou corrigir os outros, cooperam todavia com os que a têm, se não pela ação ou pela palavra, pelo menos com o desejo. De onde que dizem as Escrituras:

***"Alegrar-
se-á o
justo ao
ver a
vingança".***

**Salmo
57,
11**

E se o justo se alegra ao ver a vingança aplicada aos iníquos, muito mais deve-se crer que haverá de alegrar-se ao ver, pela correção e emenda, o perdão concedido e a santidade restituída aos pecadores, do mesmo modo como o Evangelho nos ensina que

***"Haverá
maior júbilo
no céu por
um pecador
que faça
penitência
do que por
noventa e
nove justos
que não
têm
necessidade
de
penitência".***

Luc .
15,
7

Esforcemo-nos, portanto, irmãos caríssimos, para que possamos ser participantes dos bens que nos foram ditos dos santos, para que mereçamos ser consortes de sua glória.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.





**SERMO LXXXIII. SOBRE O SIGNIFICADO ANAGÓGICO DO SALMO
149, POR OCASIÃO DA FESTA DE TODOS OS SANTOS.**

***"Exultarão
os santos
na glória,
e se
alegrarão
nos seus
leitos".***

Salmo
149,
5

Já expusemos estas palavras segundo o sentido moral. Elas podem, porém, ser também expostas segundo o sentido anagógico, ao qual parecem pertencer com mais propriedade.

***"Exultarão
os santos
na
glória".***

Exultarão não apenas porque agora, no tempo, exultam na glória pela boa consciência, mas também porque depois do tempo exultarão na eternidade pela glória da retribuição. Quanto mais esta glória agora nos é desconhecida para o nosso sentido e quanto mais ela nos é inexperenciada para o nosso afeto, tanto mais se nos torna difícil descrevê-la para o nosso falar. Pois esta glória, de fato, é o próprio Deus, a quem

***"ninguém
jamais
viu",***

I
Jo.
4.
12

incompreensível para o pensamento, mas que ao iluminar os seus santos no céu pela luz de sua claridade, torna-os perfeitamente participantes da bem aventurança de sua glória. Para que de algum modo esta glória nos fosse significada foi escrito que

"resplandecerão os justos como o Sol no Reino de seu Pai".

Mat .
13 ,
43

Quem poderá considerar qual será este resplendor em que inumeráveis milhares de justos se associarão a inumeráveis milhares de anjos? E se tão inestimável claridade haverá nestas criaturas, quem, pergunto eu, poderá estimar o resplendor da Suma Majestade, não apenas aquela que há na divindade, mas também aquela que há na humanidade glorificada de Cristo, que certissimamente transcende incomparavelmente a claridade de toda criatura? Pois dela, antes de sua paixão, antes mesmo da glória de sua ressurreição e ascensão, ficou escrito que, por ocasião de sua transfiguração,

"resplandecia seu rosto como o Sol".

Mat .

17 ,

2

No Apocalipse lemos também, a respeito do anjo que apareceu ao bem aventurado João na semelhança do Filho do homem, que

***"seu
rosto
era
como
o Sol
quando
brilha
em
toda a
sua
força".***

Apoc .

1 ,

16

Ao dizer que o seu rosto brilhava como o Sol quando está em toda a sua força, isto é, ao meio dia, João se utilizou, para dar a entender algo do esplendor de sua glória, da mais resplandecente criatura existente entre todas as coisas visíveis. Considere, pois, quem o puder, qual deve ser o eterno e imenso esplendor da incompreensível e inefável divindade, se tão admirável foi a semelhança que apareceu a João da humanidade glorificada de Cristo. Ver a glória, portanto, da Suma Divindade e da humanidade de Cristo e poder contemplá-la sem fim será para os justos a sua bem aventurada glória ou a sua gloriosa bem aventurança. De onde que por uma segunda vez encontramos escrito no Apocalipse que

**"A cidade
do alto, a
Jerusalém
celeste, não
tem
necessidade
de Sol nem
de Lua para
que a
iluminem;
porque a
glória de
Deus a
iluminará, e
a sua
lâmpada é
o
Cordeiro".**

**Apoc .
21 ,
23**

Considere, portanto, quem o puder, embora não haja, segundo creio, quem o poderá fazer, quanta será a glória dos santos, quando

**"o
servo
bom e
fiel
entrar
no gozo
de seu
Senhor".**

Mat .

25 ,

21

Quando o bom operário, depois do labor de sua obra, tiver recebido o seu dinheiro (Mat. 20, 9); quando as virgens prudentes, entrando no celeste tálamo como esposas juntamente com seu esposo forem para sempre bem aventuradas (Mat. 25, 10); quando os que os receberem nos tabernáculos eternos

***"Ihes
lançarem
em seu
seio uma
medida
boa, cheia,
recalcada e
acogulada";***

Luc .

6 ,

38

quando Deus enxugar toda lágrima dos olhos dos seus santos, e já não houver mais choro, nem clamor, nem dor,

***"porque
tudo isto
já terá
passado".***

Apoc .

21 ,

4

Quando forem possuídos de gozo e de alegria, quando tiverem cessado a dor e o pranto, quando

***"nos
tivermos
saciado
com a
abundância
da casa de
Deus,
tivermos
bebido da
torrente de
suas
delícias, e
na sua luz
veremos a
luz";***

**Salmo
35,
9-10**

quando para o nosso ser não houver mais morte, para o nosso conhecer não houver mais erro, para o nosso amar não houver mais ofensa; quando repousarmos e virmos, quando virmos e amarmos, quando amarmos e louvarmos a magnificência de nosso Criador, que é Deus, bendito seja sobre todas as coisas por todos os séculos. Grande, portanto, é a glória, conforme dissemos no sermão anterior, em ter uma boa consciência; muito maior, porém, é a glória de possuir a vida eterna. Muito grande é se fores justo; incomparavelmente maior, porém, é se fores bem aventurado.

***"E se
alegrarão
em seus
leitos".***

Pelos leitos dos santos podemos entender aqui suas moradas celestes, das quais diz o Salvador:

***"Na casa
de meu
Pai há
muitas
moradas".***

**Jo.
14,
2**

Também o profeta, louvando esta casa, diz dela:

***"Ó Israel,
quão
grande é a
casa de
Deus, e
espaçoso
o lugar de
sua
possessão,
e não
possui
fim, é
excelso e
imenso".***

Baruc

3,
24-
25

Deste lugar, diz também o Salvador:

***"Vou
preparar-
vos o
lugar".***

Jo.
14,
2

Os santos como que repousam suavemente em leitos quando vivem segura, pacífica e quietamente nas moradas desta casa ou deste lugar. Note-se que o salmo diz "em leitos", e não "no leito", porque segundo a diferença dos méritos será a diferença dos prêmios. De fato, o Apóstolo nos ensina que

***"uma
estrela
difere de
outra
estrela na
claridade;
assim
também
será na
ressurreição
dos
mortos".***

I
Cor .
15 ,
41 -
42

E também, em outro lugar:

***"Cada um
receberá a
própria
recompensa
segundo o
seu
trabalho".***

I
Cor .
3 ,
8

Segue-se:

***"As
exultações
de Deus
estarão
em suas
gargantas".***

As exultações de Deus estarão em suas gargantas, porque então louvarão a Deus eternamente por terem findado os males e recebido os bens, aos quais passarão perpetuamente sem nenhum detrimento. A este eterno louvor dos santos se refere aquela passagem do salmista:

**"Cantarei
eternamente
as
misericórdias
do Senhor".**

Salmo
88,
2

Qual seja a exultação dos santos na glória celeste, e a alegria nestes leitões, e também as exultações nas suas gargantas, só o pode ser conhecido por aqueles aos quais também foi dado possuir. De onde que alguém, falando poeticamente da Jerusalém do alto, disse belissimamente:

**"Como te
louvam,
como
vivem
felizes,
que amor
tão
grande os
une, que
jóias
adornam
os seus
muros, se
a
calcedônia
ou o
jacinto,
só o
sabem
aqueles
que estão
dentro".**

Já que, portanto, não há quem possa conhecer qual seja a glória dos santos, a glória que será possuída na visão de Deus, já que não há quem possa conhecer qual seja o seu repouso no descanso dos leitos celestes, quais sejam as exultações que soarão em suas gargantas ao cantarem o louvor de Deus, investiguemos e sanemos, enquanto isso, a nossa enfermidade para que um dia possamos merecer alcançar aquele bem que no momento ainda não nos é concedido ver. Trabalhemos com todas as forças para alcançarmos aquela luz que brilha nas trevas e que as trevas não podem compreender.

***"Terão
espadas de
dois gumes
em suas
mãos, para
exercer a
vingança
nas
nações, e
as
repreensões
entre os
povos: para
acorrentar
os reis em
grilhões, e
seus
nobres em
algemas de
ferro, para
neles
executar a
sentença
promulgada.
Esta é a
glória para
todos os
seus
santos".***

Salmo

149,

6-9

Mencionados os bens celestes que os santos possuirão no futuro, o salmista volta a mencionar o poder que, junto com o Supremo Juiz, será por eles exercido sobre os réprobos no dia do Juízo. De fato, é de se crer que os apóstolos e todos os perfeitíssimos haverão de julgar o mundo junto com Cristo. Em suas mãos haverá espadas de dois gumes para exercer a vingança nas nações e as repreensões entre os povos porque, segundo as palavras das Escrituras, que eles observaram, e que outros desprezaram, eles julgarão aos que tiverem que ser eternamente punidos na alma e no corpo:

***"Então os
justos se
levantarão
com
grande
afouteza,
contra
aqueles
que os
atribularam,
e que lhes
roubaram
o fruto de
seus
trabalhos".***

Sab.

5,

1

Levantar-se-á então São Bento pelos seus monges, levantar-se-á Santo Agostinho pelos seus clérigos, levantar-se-á São Pedro e todos os apóstolos e os prelados da Igreja pelos que lhes

foram confiados, levantar-se-ão todos estes contra os ímpios, os injustos e os ladrões que os atormentaram e injustamente lhes saquearam as possessões da Igreja e os bens dos fiéis e, não permitindo que entrem pelas portas do céu, os atirarão nas trevas exteriores. Pela vingança nas nações podemos entender uma pena mais grave a ser inferida aos que perpetraram delitos mais graves; pelas repreensões entre os povos podemos entender um menor tormento a ser imposto no inferno para aqueles que cometeram crimes menores. Os adúlteros, de fato, serão atormentados mais duramente do que os fornicadores.

Depois da pena geral para os maus, é atribuído um tormento singular especialmente para os reis para os seus nobres o que mostra, de modo evidente, que, conforme está escrito,

**"o
julgamento
se tornará
duríssimo
para
aqueles
que
governam".**

**Sab.
6,
6**

E também:

**"Os
poderosos
serão
poderosamente
atormentados".**

Sab.

6,

7

**"Aos
mais
fortes
maior
suplício
ameaça".**

Sab.

6,

9

É justo, de fato, que os que foram antepostos aos demais, agindo pior do que os outros pelo poder que lhes foi concedido, sejam condenados com maior rigor e com penas mais graves do que os demais, pelo que acrescenta o salmista:

**"Para
acorrentar
os reis
em
grilhões,
e seus
nobres
em
algemas
de ferro".**

A sentença que no dia do Juízo será executada pelos santos sobre os réprobos é dita sentença promulgada porque encontra-se escrita e promulgada pelos Santos Padres na Divina Página.

**"Esta é
a glória
para
todos
os
seus
santos".**

Esta é a glória, a saber, que em si mesmo resplandeçam gloriosamente por toda a eternidade, e pelo seu julgamento distinguam os ímpios que devem ser punidos pelo eterno suplício.

Consideremos, portanto, irmãos caríssimos, o quanto pudermos, quanta e qual seja a glória dos santos, e trabalhemos para que mereçamos ser seus consortes na pátria.

E que, para tanto, se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito pelos séculos.

Amén.





**SERMO LXXXIV. SOBRE A PERFEIÇÃO E AS ALEGRIAS DA
IGREJA MILITANTE E TRIUNFANTE, POR OCASIÃO DA FESTA DE
SANTO AGOSTINHO.**

**"Ó minha
alma,
bendize ao
Senhor,
porque
libertou
Jerusalém,
sua cidade.
Ditoso de
mim, se
restar
alguém de
minha
descendência
para ver o
esplendor de
Jerusalém.**

**As portas de
Jerusalém
serão
construídas
de safiras e
de
esmeraldas,
e de pedras
preciosas
todo o
circuito de
seus muros.
Todas as
suas ruas
serão
calçadas de
pedras
brancas e
puras, e**

***pelas suas
vilas se
cantará
aleluia.***

***Bendito seja
o Senhor,
que a
exaltou, que
o seu reino
sobre ela
seja pelos
séculos dos
séculos.
Amén".***

**Tobias
13,
19-23**

Estas palavras que propusemos foram tomadas de Tobias. São as palavras pelas quais ele louvou o Senhor depois de ter recebido a luz de seus olhos.

Tobias, traduzido, significa "bem do Senhor". Tobias, portanto, designa corretissimamente a assembléia dos santos doutores e prelados que são, verdadeiramente e de modo excelente, o bem do Senhor, não apenas porque vivendo santamente conduzem os preceitos do Senhor ao seu efeito, como também porque, pelo ensino, conduzem as almas que lhes foram confiadas para a fé e as formam para o reto viver. O bem aventurado Santo Agostinho, cuja solenidade hoje celebramos, foi membro eminente do número destes prelados e doutores, por ter perfeitissimamente ensinado seus discípulos e sua grei e por tê-los, não menos perfeitamente, instituído no serviço de Deus. Também ele convidou merecidamente sua alma ao louvor do Senhor, não ignorando a luz do conhecimento do alto que lhe tinha sido concedida.

Pela cidade de Jerusalém entendemos a santa Igreja, a qual em

parte peregrina na terra, em parte está na glória do céu. Aqui ela exulta, ali ela reina; aqui ela é filha, ali ela é mãe. Uma só, porém, é a cidade, uma só a Igreja, uma só a pomba, uma só a amiga, uma só a esposa. Ela é cidade pela habitação comum dos cidadãos, Igreja pela assembléia dos fiéis, pomba pela simplicidade, amiga pelo amor, esposa pela fé. Suas núpcias são celebradas em ambos os lugares, tanto no mundo como no céu; aqui, porém, são celebradas na fé, ali na visão; aqui são celebradas na esperança, ali na substância. "Vemos agora", diz a Escritura,

*"como
por um
espelho,
em
enigma;
mas
então
veremos
face a
face".*

I
Cor .
13 ,
12

Nestas núpcias brinda-se aqui o vinho da graça, lá brinda-se o vinho da glória, assim como no princípio das palavras que propusemos diz-se desta cidade que Deus a libertou e no fim que Deus a exaltou. No início elas dizem:

**"Ó minha
alma,
bendize
ao
Senhor,
porque
libertou
Jerusalém,
sua
cidade";**

e no fim dizem:

**"Bendito
seja o
Senhor,
que a
exaltou".**

De fato, Deus primeiramente a liberta; depois a exalta. Liberta-a do mal, exalta-a no bem; liberta-a na via, exalta-a na pátria. Liberta-a pela graça, exalta-a pela glória.

Segue-se:

**"Ditoso de
mim, se
restar
alguém de
minha
descendência
para ver o
esplendor de
Jerusalém".**

Considere, quem o puder, quão grande é a caridade espiritual dos pais para com os filhos, os quais, como se pode entender por estas palavras, consideram sua a salvação dos filhos, e

verdadeiramente a amam como se fosse sua e a consideram como própria. Daqui é que Paulo diz aos Tessalonicenses:

***"Qual é a
nossa
esperança,
ou a
nossa
alegria,
ou coroa
de glória?
Porventura
não o sois
vós,
diante do
Senhor
Jesus
Cristo, na
sua
vinda?"***

**I
Tess .
2 ,
19**

Paulo demonstra esta mesma caridade, onde diz aos Gálatas:

**"Meus
filhinhos,
por
quem eu
sinto de
novo as
dores
de
parto,
até que
Jesus
Cristo
se
forme
em
vós".**

**Gal .
4 ,
19**

E deve-se notar que Tobias não diz "minha descendência", mas

***"se restar
alguém de
minha
descendência".***

De fato, ainda que muitos sejam os chamados, poucos, todavia, são os escolhidos (Mat. 22, 14), e entre os mesmos escolhidos muitos são os imperfeitos, e menos ainda os perfeitos para verem o esplendor de Jerusalém.

Dois são os esplendores da santa Igreja. Um deles está no tempo, o outro na eternidade. Um consiste na justificação, o outro na bem aventurança; um no mérito, o outro no prêmio. Exteriormente, porém, ela se escurece, não importando o quanto resplandeça interiormente, pois

***"todos os
que desejam
viver
piedosamente
em Jesus
Cristo,
padecerão
perseguição".***

**II
Tim.
3,
12**

Deste esplendor e deste escurecimento a própria santa Igreja nos fala no Cântico dos Cânticos:

***"Eu sou
negra, mas
formosa, ó
filhas de
Jerusalém".***

**Cant .
1, 4**

A Igreja, de fato, é exteriormente negra pela angústia da perseguição, mas interiormente formosa pelo esplendor da caridade. A este respeito o Apóstolo também afirma que

**"embora
se
destrua
em nós
o
homem
exterior,
todavia
o
interior
se
renova
de dia a
dia".**

**II
Cor .
4,
16**

Mas as palavras de Tobias, ao dizer:

**"Ditoso de
mim, se
restar
alguém de
minha
descendência
para ver o
esplendor de
Jerusalém",**

**mais parecem referir-se à glória futura da Igreja que Isaías lhe
promete, quando afirma:**

**"Não
haverá
mais
para ti
Sol para
luzir de
dia, nem
o
esplendor
da Lua te
iluminará,
mas o
Senhor
será para
ti luz
eterna, e
o teu
Deus
será a
tua
glória.
Não mais
se porá o
teu Sol, e
a tua Lua
não
minguará,
porque o
Senhor
será para
ti luz
eterna, e
terão
acabado
os dias
de teu
pranto".**

Is.
60,
19-
20

Qualquer santo prelado, portanto, reconhece-se como ditoso se houver alguém de sua descendência para ver o esplendor de Jerusalém porque o será verdadeiramente se chegar a ver contemplando consigo no céu a glória suprema da santa Igreja alguns daqueles que agora parecem imitá-lo no mundo. Ditoso será pela sua boa obra, ditoso será também pela boa conversação dos que lhe tiverem sido confiados. Embora, pois, haja de existir para todos os santos uma dupla glória, a de um vestido talar tanto para o corpo como para a alma, todavia nos santos prelados haverá de se cumprir de um modo especial o que foi escrito:

***"Em sua
terra
possuirão
uma
dupla
porção".***

Is.
61,
7

Neles, de fato, haverá de se cumprir esta passagem tanto pela sua justiça como pela justiça dos que lhes tiverem sido confiados.

**"As portas
de
Jerusalém
serão
construídas
de safiras e
de
esmeraldas,
e de
pedras
preciosas
todo o
circuito de
seus
muros".**

**A esmeralda pelo seu verdor significa a fé. A safira, que traz
diante de si a cor do firmamento, significa a boa obra.**

**O verdor da esmeralda significa a fé pois assim como o verdor é
a primeira coisa que surge no que germina, assim também a fé é
a primeira pela ordem entre as virtudes, sem a qual, diz a
Escritura,**

**"é
impossível
agradar a
Deus".**

**Heb.
11,
6**

**Deste modo, a primeira porta da santa Igreja é a fé, figurada pela
esmeralda, a segunda das pedras mencionadas. A sua segunda
porta é a obra, a obra que se faz pelo amor de Deus e do
próximo, designada pela safira, a primeira pela ordem das
pedras mencionadas.**

Para abrir a primeira porta, que é a fé, é necessário abrir as duas metades de que esta porta é constituída, metades estas que são como que as suas duas partes. Estas partes, embora sejam duas, são também uma única. Elas são o Criador e o Salvador os quais, embora difiram pelo nome, mas são um só na realidade. Os nomes de Criador e de Salvador, todavia, também designam coisas diversas. Deus é Criador, porque nos fêz; é Salvador, porque nos salvou. O Criador, e tudo o que se refere ao Criador, eis uma parte da fé; o Salvador, e tudo o que se refere ao Salvador, eis a outra parte da fé. Quanto à primeira parte, pertence à fé confessar o Criador e por ele terem sido feitas todas as coisas que possuem ser; quanto à segunda parte, pertence à fé venerar o Salvador e confessar ter ele restaurado os que estavam perdidos, aos quais foi dada ou será dada a bem aventurança. A primeira parte da fé diz respeito à dívida da natureza, a segunda diz respeito à dívida da graça. Naquela devemos crer porque fomos criados segundo a nossa natureza; nesta devemos crer por termos sido restaurados pela graça. Se, portanto, crês naquela, tens uma metade da primeira porta; se crês nesta, tens a outra metade.

Não é suficiente, porém, entrar apenas pela primeira porta, a não ser que se entre também pela segunda, porque

*"a fé,
sem
as
obras,
é
morta".*

Tg.
2,
17

A obra é a segunda porta, figurada pela primeira pedra, a safira. De fato, toda obra que é empreendida pelo amor de Deus e do próximo é mais celeste do que terrena, porque não é feita por causa das coisas da terra, mas pelas do céu, sendo este o

motivo de ser figurada pela safira.

A segunda porta também se nos apresenta possuindo duas metades como partes. Se, de fato, operares o que é bom amando a Deus, tens aí uma metade; se operares o bem amando ao próximo, tens aí a outra metade.

Se quiseres, portanto, seja no presente como no futuro, ser cidadão de Jerusalém, é necessário entrar por ambas as portas, a da fé e a da obra, daquela obra que se empreende pelo amor, pois assim como a fé sem a obra é morta, assim também a obra sem o amor é vã.

***"E de
pedras
preciosas
será
construído
todo o
circuito
de seus
muros",***

porque a santa Igreja em seus méritos é circundada por todos os lados pela solidez da virtude, e no prêmio é ornamentada em todo o seu redor pelo esplendor dos prêmios, firme no mérito e resplandecente no prêmio. No mérito nada lhe falta da virtude e no prêmio nada lhe falta da bem aventurança. Ela, todavia, resplandece em ambos e é sólida também em ambos, pois resplandece agora pela virtude para depois ser confirmada para sempre em seu esplendor.

**"Suas
ruas
serão
calçadas
de
pedras
brancas
e
puras",**

porque são ladrilhadas no bem pelas pedras brancas e purificadas do mal pelas puras. Suas ruas são calçadas com estas duas pedras quando os imperfeitos que se utilizam das coisas da terra são com muita ordem dispostos no tempo pela pureza das boas obras e na eternidade pelo ornamento dos prêmios. Ainda que careçam da cor rubra da paixão, são todavia alvos pelo linho da sua justificação, que possuem pela pureza da boa ação e pelo ornamento da honesta conversação.

**"E
pelas
suas
vilas
se
cantará
aleluia".**

Há muitas ordens na santa Igreja, tanto no mundo como no céu. Embora difiram entre si pelo mérito ou pelo prêmio, são como suas muitas vilas. Por todas elas se canta aleluia quando jorra o louvor divino tanto dos que estão no céu como dos que estão na terra. De onde que está escrito:

**"Seu
louvor
está
acima
do
céu e
da
terra".**

**Salmo
148,
14**

Tudo tudo quanto dissemos até aqui expusemo-lo segundo ambos os estados da santa Igreja. Devemos reconhecer, porém, que todas estas coisas dizem melhor respeito à Igreja que é futura, motivo pelo qual o próprio Tobias acrescenta:

**"Bendito
seja o
Senhor,
que a
exaltou,
que o
seu
reino
sobre
ela seja
pelos
séculos
dos
séculos.
Amén".**

**Tobias
13,
19-23**

Embora, de fato, o reino de Deus sobre a Igreja também seja no presente, haverá porém de ser visto muito maior no futuro, quando tiver cessado toda a calúnia do pecado, quando nem a morte nem a mortalidade dominar mais sobre nós, quando

***"este corruptível
se tiver revestido
de
incorruptibilidade,
este mortal se
tiver revestido de
imortalidade,
quando o Filho
tiver entregue o
Reino a Deus e
ao Pai, e Deus for
tudo em todos".***

**I
Cor .
15 :
53 -
4 ,
24 ,
28**

E agora, caríssimos, vejamos se somos da descendência de nosso bem aventurado pai Agostinho. O que significa dizer: vejamos se somos seus imitadores como o devemos ser.

Vejamos se, contemplando o seu exemplo, amamos a palavra de Deus, estudando-a, meditando-a, escrevendo sobre ela, ensinando-a, conforme a graça que nos foi concedida. Vejamos se imitamos a sua honestíssima religião, vivendo santamente com todas as nossas forças. Se tudo isto fazemos, somos verdadeiramente sua descendência, e verdadeiramente contemplaremos com ele o esplendor da Jerusalém celeste.

**E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo,
nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.**

Amén.



**SERMO LXXXVIII. SOBRE O MANDAMENTO DO AMOR.**

**"Amarás
o
Senhor
teu
Deus
de todo
o teu
coração,
e de
toda a
tua
alma,
e de
toda a
tua
força".**

**Deut .
6 , 5**

Depois que o homem abandonou a caridade pela culpa primordial e decaiu para a miséria deste mundo sujeitou-se a muitos cuidados, ocupou-se com muitas ações e afadigou-se com muitos trabalhos. De tudo pelo que o homem se aflige debaixo do Sol, uma só é a melhor parte. Consiste em servir a Deus, a única coisa que permanece. Todas as demais são passageiras, e como são vãs!

Quem não serve a Deus, portanto, é vão, e sua vida deve ser estimada como nada. Melhor seria que ele não fosse do que fosse mau, e melhor seria que não tivesse vivido do que mal vivido. Se tal homem pudesse nesta vida ter a força de Sansão, a beleza de Absalão, a sabedoria de Salomão, a velocidade de Azael, as riquezas de Crespo, a probidade de Alexandre, o poder de Otaviano, que tinha o mundo sob o seu poder, a longevidade de Enoc o qual, nascido no princípio do mundo, até o fim não

morrerá, se tal homem pudesse possuir tantas e tais coisas no presente, tudo isto de nada lhe aproveitaria se não servisse a Deus. Quando, ao morrer, tudo enfim lhe for cobrado, a miserável carne será entregue aos vermes e o espírito aos demônios e aos tormentos infernais até que no dia da ressurreição toda a carne retorne à sua origem. Então, retomada a carne pela qual e na qual pecou, novamente receberá a eterna condenação. Melhor é, portanto, servir a Deus, e ainda que o homem em toda a sua vida estivesse destituído de auxílios temporais e corporais, se nela se tiver entregue ao serviço de Deus, passará da miséria da vida presente à eterna bem aventurança.

Entre todos os bens do mundo presente que o gênero humano busca ou alcança, o melhor e o único bem que permanece é servir a Deus. Devemos, portanto, buscar de todos os modos o que seja servir a Deus. Se, buscando-o, o encontrarmos, sem sombra alguma de desânimo deveremos nele perseverar, pois é somente ao que persevera que está prometida a bem aventurança.

Irmãos, podemos compreender e declarar o que seja servir a Deus com breves, doces e alegres palavras. Servir a Deus é amar a Deus. Quem não ama não serve, e quem ama serve. Quem pouco ama, pouco serve; quem muito ama, muito serve; e quem perfeitamente ama, perfeitamente serve.

Quem possuir coisas temporais, terras, vinhas, rebanhos, armamentos, vestes preciosas, casas, prata, ouro ou esposa, às quais tenha muito amor, se perceber que possui uma de todas estas coisas, ou mesmo todas elas simultaneamente, contra o amor de Deus, deve abandoná-las todas, pospor todas ao amor de Deus e a todas antepor este amor. Até mesmo a sua própria vida o homem deve entregar pelo amor de Deus se vier a acontecer que não possa conservá-la juntamente com ele. Assim o fez Pedro, assim o fez Paulo, assim o fizeram todos os demais apóstolos e mártires de Cristo, entregando por amor a Deus não somente as suas coisas, como também a si mesmos. Todos estes, homens como nós, nos legaram tais exemplos de como devemos agir.

Devemos, portanto, amar a Deus porque Ele nos amou primeiro, dando-nos e prometendo-nos a multidão de seus dons. Em

todos estes Ele como que mereceu de nós que o amássemos. O menor de todos os dons que Deus deu ao homem para que fosse amado por ele é todo este mundo. Foi por causa do homem que Deus fez o mundo, o céu, a terra, o mar, o sol, a lua, as estrelas, os pássaros, os peixes, os animais da terra, as plantas, as árvores, e todas as coisas que subsistem visivelmente. Ora, se entre todos os dons de Deus o menor é todo este mundo, quanto consideraremos que será o máximo?

O segundo dom que foi concedido por Deus ao homem foi tê-lo criado à sua imagem semelhança. Grande e admirável dom é certamente a criatura ser tornada semelhante e conforme ao Criador.

O terceiro dom é a graça, que nos foi concedida na Redenção. Deus, de fato, diz a Escritura,

***"não
poupou
o seu
próprio
Filho,
mas o
entregou
por
todos
nós".***

O quarto dom Deus no-lo conserva e no-lo promete. É o dom da glória futura, do qual se diz que

**"nem o
olho
viu,
nem o
ouvido
ouviu,
nem
entrou
no
coração
do
homem
o que
Deus
preparou
para
aqueles
que o
amam".**

**I
Cor .
2 ,
9**

Podemos dizer, portanto, que o primeiro dom é o bem da criatura, o segundo dom é o bem da natureza, o terceiro dom é o bem da graça e o quarto dom o bem da glória. Por todos estes devemos amar a Deus.

Mas quanto devemos amá-Lo?

***"Com todo o
coração,
com toda a
alma,
com todas as
forças,
com todo o
entendimento".***

Com todo o nosso coração, isto é, com sabedoria; com toda a alma, isto é, com doçura; com todas as forças, isto é, com fortaleza; com todo o entendimento, isto é, com toda a memória, e por quaisquer outros modos que puderem ser ditos, pois não se pode excessivamente dizer aquilo que não se pode excessivamente amar.

***"E o teu
próximo
como a
ti
mesmo".***

**Mat .
22 ,
39**

Devemos amar o próximo como a nós mesmos pelo benefício, pela palavra, pela intenção. No benefício temos a boa obra, na palavra o conselho sadio, na intenção a autenticidade do desejo. Em tudo isto amemos o próximo na via, do qual seremos consortes na pátria.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.





SERMO XCIV. NO SANTO DIA DA PÁSCOA.

Hoje, caríssimos, é a solenidade pascal, que por causa de sua excelência pode ser dita a solenidade das solenidades, assim como se diz Cântico dos Cânticos, Deus dos deuses, Rei dos reis, Senhor dos senhores. Ela, de fato, não é celebrada apenas anualmente segundo o costume das demais solenidades, como o estamos fazendo hoje, mas é comemorada também de modo contínuo e singular em cada um dos dias de domingo, e no dia do Juízo, quando

***"este corruptível
se revestir de
incorruptibilidade,
e este imortal se
revestir de
imortalidade",***

I
Cor .
15,
53-
4

se consumará de modo geral e perfeito.

Quanto mais célebre é esta solenidade, tanto mais copioso, lauto e delicado deve ser hoje o preparo dos manjares. E já que na solenidade de hoje é costume cristão que todos os cristãos, os pequenos e os grandes, os leigos com os clérigos, se sentem juntos à mesa do rico, poderoso e sábio Salomão, consideremos atentamente o que nos é oferecido.

Nosso Salomão, de fato, é

**"Rico
para com
todos os
que o
invocam".**

É poderoso, porque lhe foi dado

**"todo
o
poder,
no
céu e
na
terra".**

**Mat.
28,
18**

É sábio, porque

**"nele
estão
escondidos
todos os
tesouros
da
sabedoria
e da
ciência".**

**Col.
2,
3**

As riquezas e as delícias reais de sua mesa são típica e abertamente declaradas no Terceiro Livro dos Reis, onde se diz:

**"A
comida
de
Salomão
era, em
cada dia,
trinta
coros de
flor de
farinha,
sessenta
coros de
farinha,
dez bois
gordos e
vinte de
pasto,
cem
carneiros,
além da
caça de
cervos,
cabras
montesas,
búfalos e
aves
cevadas".**

**III
Reis
4,
22-
23**

Todas estas coisas encontramos-las espiritualmente na mesa de nosso Salomão. De fato, na mesa de Cristo encontramos trinta

coros de flor de farinha pela fé na santa Trindade, sessenta coros de farinha pela boa obra. A flor de farinha, efetivamente, por ser sem farelo, corretamente significa a fé, por causa da sinceridade da fé. Já a farinha, que não é sem farelo, significa a boa obra por causa da inquietação da ação. Deste farelo está escrito:

***"Marta,
Marta, tu
te
preocupas
e te
inquieta
com
muitas
coisas".***

**Luc .
10 ,
41**

Os dez bois gordos são os dez preceitos da Lei; são bois, porque preceituam a boa continência; são gordos, porque contém a dupla caridade. Porventura não haverá gordura na caridade, onde se diz:

***"Amarás o
Senhor teu
Deus
de todo o teu
coração,
com toda a
tua alma
e com todo o
teu
entendimento,
e ao teu
próximo
como a ti***

mesmo?"

***Mat.
22,
37-
39***

E não se designará a continência, onde se diz:

***"Não
cobiçarás
a mulher
de teu
próximo,
nem coisa
alguma
que lhe
pertença?"***

***Deut .
5,
21***

Havia também na mesa diária de Salomão

***"Vinte
bois
de
pasto".***

Os bois de pasto são todos os demais preceitos legais, pois assim como os bois de pasto são mais magros do que os que são submetidos à engorda, assim também os demais preceitos legais não descrevem tão expressa e autenticamente quando o Decálogo as virtudes maiores que mencionamos, isto é, a

caridade e a continência. Os preceitos do Decálogo, de fato, foram escritos pelo dedo de Deus, enquanto que os demais preceitos foram escritos pelo dedo do homem. Os bois, ademais, significam a continência, pelo fato de carecerem de órgãos genitais, assim como os touros a luxúria, pelo fato de os possuírem. Os mandamentos inferiores que se seguem ao Decálogo, conforme já foi mostrado, corretamente são descritos como bois por causa da caridade e da continência que os mesmos ensinam; e são vinte, na medida em que, pelo obséquio da piedade, são dispensados de dois modos, ora aos amigos, ora aos inimigos.

Os carneiros, finalmente, por diferirem das ovelhas no serem dotados de chifres e percutirem durissimamente o adversário com sua duríssima cabeça, designam convenientemente os mais eminentes sentidos das Escrituras, os quais, quando anunciados, ferem e dissipam gravissimamente o seu inimigo, o demônio e o seu vizinho, o homem mau. Corretamente também os carneiros são descritos pelo número centenário, o que designa a sua perfeição.

Na mesa de Cristo, portanto, são servidos trinta coros de flor de farinha, sessenta coros de farinha, dez bois gordos e vinte de pasto e cem carneiros quando as mentes dos fiéis, graças à dedicação dos que ensinam, fazem uma completíssima refeição pela doutrina da fé, das boas obras do Decálogo e de quaisquer outros preceitos legais e dos mais excelentes sentidos das Sagradas Escrituras.

***"Além da
caça de
cervos,
cabras
montesas,
búfalos e
aves
cevadas".***

Trazemos a caça à mesa de nosso Salomão quando pelo estudo e pela meditação, percorrendo diversos livros como se fossem diversas selvas, caçamos alguns sentidos novos e raramente

ouvidos, e os dispensamos aos nossos ouvintes por um certo novo e inusitado modo de dizer. Aqueles que mais delicadamente se alimentaram nas Escrituras se regalam avidissimamente com a doçura nova e salutar destes sentidos e palavras, assim como aqueles que, vivendo nos aposentos da realeza e alimentando-se cotidianamente das iguarias reais, saboreiam prazerosamente a caça abundante e recente.

Nos cervos encontramos a timidez, nas cabras montesas a velocidade, nos búfalos a fortaleza, nas aves a elevação do vôo. Portanto, trazemos cervos à mesa de Cristo quando falamos do temor; cabras montesas, quando falamos da velocidade da boa obra; búfalos, quando falamos da fortaleza destas mesmas obras; aves, quando falamos da contemplação. E deve-se notar que, ao falarem as Sagradas Escrituras das aves, acrescentaram

*"aves
cevadas".*

De fato, a contemplação que diante de Deus é louvável é aquela que se eleva para o alto não somente pelo conhecimento da verdade, mas aquela que também cresce pelo amor da virtude.

Podemos também verter toda esta sentença em outro sentido de modo a entender pela flor de farinha e pela própria farinha a doutrina que está contida nos preceitos dos dois Testamentos, e pelos animais domésticos os exemplos dos santos mortos por causa de Cristo pelos gentios, de tal modo que tenhamos assim uma dupla refeição, uma nos preceitos e outra nos exemplos. Pelos bois podemos entender aqueles que no Velho Testamento perseveravam com fortaleza no exercício das boas obras; pelos carneiros aqueles que pelos chifres de sua fortaleza arremetendo poderosamente contra seus inimigos os expulsavam de suas fronteiras; pelos animais silvestres podemos entender aqueles que procedendo dos gentios, são fiéis ativos; pelas aves, os que são contemplativos. Não são apenas os santos mártires, com os seus exemplos, que são alimento para a nossa salvação. Também os santos confessores, juntamente com todos os santos, nos administram pelo seu exemplo o alimento da vida; ainda que não tenham morrido pela espada, todavia pelos jejuns, pelas vigílias e pelas

suas fadigas crucificaram a sua carne com os vícios e as concupiscências. E não somente temos alimento nos preceitos e nos exemplos, mas também nos sacramentos, dos quais o maior é o sacramento do corpo e sangue do Senhor, ao qual todos nós devemos hoje nos aproximar para, com grande veneração, recebê-lo para nossa salvação. Em louvor deste sacramento o bem aventurado São Gregório Magno assim nos fala no sexto livro dos Diálogos, dizendo:

***"Qual dos
fiéis
poderá
duvidar
que na
própria
hora da
imolação,
à voz do
sacerdote
se abrem
os céus, e
neste
mistério
de Jesus
Cristo se
faz
presente o
coro dos
anjos, as
coisas do
alto se
aproximam
com as de
baixo, o
que é
terreno se
une ao
celeste, e
do visível
e do
invisível
se produz
uma só***

**coisa?
Mas é
necessário
que,
quando
isto
fizemos,
em nosso
coração
nos
imolemos
a nós
mesmos
pela
contrição".**

Nós, porém, que celebramos os mistérios da paixão do Senhor, devemos imitar o que fazemos. O quanto porém seja salutar, o quão necessário, o quão bem aventurado receber santamente o corpo e o sangue de Cristo, Ele mesmo se dignou no-lo manifestar, dizendo:

**"Se não
comerdes
a carne
do Filho
do
homem,
e não
beberdes
o seu
sangue,
não
tereis a
vida em
vós. O
que
come a
minha
carne e
bebe o**

**meu
sangue
tem a
vida
eterna".**

**Jo.
6,
54-
55**

O quanto porém o mesmo é danoso para os que o recebem indignamente no-lo mostra o apóstolo Paulo, onde diz:

***"Aquele que
comer o pão
ou beber o
cálice do
Senhor
indignamente,
será réu do
corpo e
sangue do
Senhor.
Examine-se,
pois, a si
mesmo o
homem e
assim coma
deste pão e
beba deste
cálice,
porque
aquele que o
come e bebe
indignamente
come e bebe
para si a
condenação,
não***

***distingüindo
o corpo do
Senhor".***

I
Cor .
11 ,
27 -
29

"Não distingüindo" significa não fazendo distinção pela veneração entre o corpo e o sangue do Senhor e os demais alimentos. Deveria, portanto, examinar-se a si mesmo e purificar- se pelo arrependimento, ou então com certeza abster-se do sacramento. Por isto é que Pascásio nos diz, no Livro do Corpo do Senhor:

***"Quem
quer que
se torne
membro
de uma
meretriz,
ou
membro
do
demônio
por algum
grave
delito, este
decaíu do
Corpo de
Cristo e
por isto
não lhe é
lícito
aproximar-
se do
corpo de
Cristo. O***

**que,
portanto,
come e
bebe o
pecador?
Certamente
não recebe
a carne e o
sangue
para sua
utilidade,
mas sim o
julgamento.
Por qual
motivo?
Porque
não se
examinou
primeiro".**

Se alguém, portanto, decaído do Corpo de Cristo, tornado membro da meretriz ou do demônio, presumir tocar este sacrossanto corpo, não tenha dúvida que por este motivo será julgado e associado a Judas na perversidade de sua culpa, não apenas por ter caído, mas também porque, condenado em sua consciência, ousou, sem o arrependimento e o perdão da correção, profanar os santos mistérios.

Longe de vós, irmãos, tal perigo e também a causa deste perigo. Efetivamente, vós não estais nas trevas, para que estes perigos se vos aproximem:

**"Todos
vós
sois
filhos
da luz
e
filhos
do dia;
não
sois
filhos
da
noite,
nem
das
trevas".**

**I
Tess.
5, 5**

De vós, com efeito,

**"esperamos
melhores
coisas e
mais
próximas
da
salvação,
embora
assim
falemos".**

**Heb.
6,
9**

Portanto, caríssimos, freqüentai este mistério com humildade e reverência, aproximai-vos freqüentemente à sua glória, amai tornar-vos sempre seus participantes. Este é o mistério que nos vivos modera as dores interiores, sana as feridas, expulsa o inimigo, liberta dos males, auxilia nos bens, confere a graça, aumenta a justiça; nos mortos diminui a culpa, perdoa a pena, abre o céu, confere a vida.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito, pelos séculos dos séculos.

Amén.





SERMO XCV. SOBRE A MESA DA PROPOSIÇÃO DESCRITA EM ÊXODO, EM LOUVOR DAS SAGRADAS ESCRITURAS.

Lemos em Êxodo, a respeito da mesa da proposição, ter dito o Senhor a Moisés:

**"Farás
também uma
mesa de
madeira de
cetim, que
tenha dois
côvados de
comprimento,
um côvado
de largura e
côvado e
meio de
altura. Cobri-
la-ás de ouro
puríssimo,
far-lhe-ás um
lábio de ouro
em roda, e
(porás)
sobre o
mesmo lábio
uma coroa
entalhada,
de quatro
dedos de
altura; e,
sobre esta,
uma outra
coroa
aureolada.
Farás
também
quatro
argolas de
ouro, e as**

**porás nos
quatro
cantos da
mesma
mesa, uma
em cada pé.
As argolas
de ouro
estarão da
parte de
baixo da
coroa para
se meterem
por ela
varais, a fim
da mesa
poder ser
transportada.
Farás varais
de madeira
de cetim, e
os cobrirás
de ouro;
servirão para
transportar a
mesa.
Prepararás
também
acetábulos,
vasos
preciosos,
turíbulos e
taças de
ouro
puríssimo,
em que se
deverão
oferecer as
libações.
Porás
sempre
sobre a
mesa os**

***pães da
proposição
na minha
presença".***

**Ex .
25 ,
23 -
30**

Que é mesa é esta, irmãos caríssimos, se não a Sagrada Escritura? Pois quantas são as vezes em que ela nos exorta a bem viver, tantas são as vezes em que ela nos oferece o pão da vida.

Lemos que esta mesa foi feita de madeira de cetim, pois, assim como a verdade da Sagrada Escritura, não deveria corromper-se pelo envelhecimento. À semelhança desta mesa, as Escrituras possuem também dois côvados de comprimento, pois nos ensinam as duas partes da fé, pelas quais cremos no Criador e no Redentor. Possuem igualmente um côvado e meio de altura, pois nos ensinam qual é a altura da esperança e o início da contemplação. Possuem, finalmente, um côvado de largura, quando nos ensinam qual é a amplitude da caridade. Assim as Sagradas Escrituras, tal como a mesa, possuem comprimento, altura e largura, na medida em que nos ensinam perfeitamente a fé, a esperança com o início da contemplação, e a caridade.

Esta mesa espiritual é toda coberta de ouro, pois ela resplandece não apenas pelos seus milagres, mas também pela caridade da sabedoria celeste. Seu lábio são as bocas dos doutores, que a circundam em toda a roda porque nada, em lugar algum, foi deixado pelos santos doutores sem correção. Pela autoridade que emana das Sagradas Escrituras, repreendendo de todos os lados aos maus pelo mal, e ensinando aos bons o melhor, são, efetivamente, os santos doutores, como o lábio ao redor desta mesa.

As duas coroas que se seguem, das quais uma é dita entalhada e a outra é dita aureolada, significam os dois bens do homem

justo, o primeiro dos quais está neste mundo e o outro no céu. A primeira destas coroas, de fato, é a justiça, e a segunda é a recompensa eterna; a primeira é o mérito e a segunda é o prêmio; a primeira é a boa consciência e a segunda é a glória que se lhe há de seguir. E ambos estes bens comparam-se corretamente a uma coroa, seja porque são perfeitos, seja porque efetivamente nos conferem a coroa.

A primeira coroa foi preceituada entalhada, pois o efeito da boa obra no tempo presente é múltiplo e variado, e possuindo quatro dedos de altura, porque a justiça dos santos, operando pela graça do Espírito Santo, ergue-se pelo exercício das quatro virtudes principais. Nos dedos estão figurados os dons do Espírito Santo e, no número quaternário, as quatro virtudes da prudência, fortaleza, justiça e temperança. Unida ao lábio da mesa, esta coroa nos mostra que a justiça se consuma segundo as exortações dos santos doutores.

Sobre a primeira coroa, porém, havia uma outra aureolada. É assim também que a glória não apenas segue, como também excede a justiça. Foi preceituada aureolada, pois pelo ouro significa-se o fulgor da contemplação. Note-se que ela nos é descrita não como sendo de ouro, mas aureolada; as Escrituras nos insinuam, por meio deste diminutivo, o quanto é pequeno, diante da plenitude do bem que se lhe há de seguir, tudo o que agora pode por nós ser apreendido, mesmo pela contemplação. As Escrituras, de fato, nos narram Isaías ter visto o Senhor sentado sobre um alto e elevado trono. Desta visão que teve do Senhor o profeta nos diz que

***"as coisas
que
estavam
abaixo
dEle
preenchiam
todo o
Templo".***

Is .

6 ,

1

Ora, se as coisas que estavam abaixo dEle preenchiam todo o Templo, quem poderá considerar quais e quantas são, e o que são as coisas que estão nEle? Eis, pois, o motivo pelo qual daquela recompensa eterna que nos é apresentada como uma coroa superior e aureolada encontramos também escrito:

***"Dai, e
dar-se-
vos-á;
uma
medida
boa,
cheia,
recalcada
e
acogulada
vos será
lançada
no seio".***

Luc .

6 ,

38

O princípio desta mesa, ou desta coroa aureolada, pode ser discernido e apreendido por alguns já no tempo desta vida presente pela contemplação; completar-se-á, contudo, na vida futura, quando o próprio Deus, que é a recompensa e a coroa dos justos, for visto não como por um espelho ou em enigmas, mas face a face.

Em primeiro lugar, pois, coloquemos a mesa; depois o seu lábio; em terceiro, a coroa entalhada; em quarto, a coroa aureolada. A mesa é a Escritura, o lábio são as exortações dos

doutores, a coroa entalhada a justiça dos santos, a coroa aureolada a retribuição eterna.

As quatro argolas são os quatro livros dos Evangelhos, que são chamados com propriedade de argolas, pois, sendo circulares, significam o que é perfeito. Os Evangelhos, de fato, nos trazem a perfeita doutrina da fé e das obras, do mérito e do prêmio. Colocam-se nos quatro cantos da mesa, um em cada pé, na medida em que, pela sua autoridade e pela sua perfeição fortificam os quatro sentidos das Escrituras e as tornam aptas para que, em seus quatro sentidos, sejam levadas pela pregação do Evangelho às quatro partes do mundo. Esta mesa, de fato, possui quatro pés porque as palavras do oráculo celeste podem ser entendidas em seu sentido histórico, alegórico, moral ou anagógico.

A história ocorre quando, através do sentido manifesto das palavras usadas, nos é narrado literalmente como algo sucedeu em seus fatos ou dizeres. É deste modo que nos é narrado como o povo que saiu do Egito salvou-se pelo sangue do cordeiro, e como um tabernáculo foi erguido no deserto.

A alegoria ocorre quando por palavras ou por coisas são significados os mistérios da presença de Cristo e da sacralidade da Igreja. A profecia de Isaías, no lugar onde se lê:

***"Sairá
uma
vara
do
tronco
de
Jessé,
e uma
flor
brotará
de
sua
raiz",***

Is.
11,
1

é uma alegoria que se utiliza de palavras. Significa o mesmo que dizer que da estirpe de Davi nascerá a Virgem Maria, e que de sua estirpe nascerá o Cristo. No povo de Israel salvado do Egito pelo sangue do cordeiro encontramos uma alegoria que se utiliza de coisas; significa a Igreja, libertada da condenação do demônio pela paixão de Cristo.

O sentido moral se realiza quando, por palavras manifestas ou de modo figurativo, há um discurso que quer nos corrigir ou instituir nos costumes. Quando o Apóstolo João nos diz:

***"Filhinhos,
não
amemos
de
palavra e
com a
língua,
mas por
obra e em
verdade",***

I
Jo.
3,
18

temos o sentido moral manifesto. Quando lemos no Eclesiastes:

**"Os
teus
vestidos
sejam
em todo
o tempo
brancos,
e não
falte o
óleo
que
unja a
tua
cabeça",**

**Ecl .
9 ,
8**

estamos diante das Escrituras utilizando-se figurativamente das palavras para nos proporem o discurso moral.

A anagogia, isto é, algo que conduz ao que é elevado, é um discurso que, seja com palavras manifestas, seja figurativamente, versa sobre a recompensa eterna e a vida do céu. "Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt. 5, 8): eis a anagogia utilizando-se de palavras manifestas. "Bem aventurados aqueles que lavam as suas vestes no sangue do Cordeiro, para terem parte na árvore da vida e entrarem pelas portas da cidade" (Apoc. 22, 14): temos aqui outra anagogia; esta se utiliza, porém, figurativamente das palavras.

Colocam-se, portanto, quatro argolas nos quatro pés da mesa para que, introduzidos nelas os varais, a mesa possa ser carregada, pois os quatro sentidos da Escritura se unem aos livros dos Evangelhos para que, pela sua autoridade, a própria Escritura possa ser ensinada pelos doutores em toda a parte. Estas argolas são de ouro porque os livros dos Evangelhos brilham pela sabedoria de Deus, que é Cristo. As argolas

também situam-se abaixo das coroas, tanto da primeira como da segunda, porque pela ordem primeiro vem a doutrina do Evangelho; depois, à doutrina seguir-se-á a justiça, e à justiça seguir-se-á a glória. Os varais, pelos quais a mesa é carregada, são aqueles que ensinam, pelos quais são anunciadas as Escrituras. São de madeira de cetim, pois é justo que aqueles que devem ensinar aos demais a santidade, vivam eles próprios sem a corrupção dos vícios. Refulgem pela sabedoria divina; são também por isto recobertos de ouro.

"Prepararás também acetábulos, vasos preciosos, turíbulos e taças de ouro puríssimo": estes vários recipientes em que se deveriam oferecer as libações são as várias distinções da palavra de acordo com a capacidade dos ouvintes. Pois nem tudo convém a todos. A palavra dirigida ao sábio deve sê-lo de modo diverso daquela que é dirigida ao ignorante. Assim também, é de modo diverso que devem ser ensinados o rico e o pobre, o são e o enfermo, o ancião e o moço, o homem e a mulher, o solteiro e o casado, o prelado e o súdito. Os acetábulos são os ensinamentos mordazes, os vasos preciosos são a doutrina fecunda e abundante, os turíbulos são a oração devota, as taças de ouro puríssimo são a elevada ciência. Todos estes recipientes pertencem à mesa do tabernáculo para o oferecimento das libações, pois toda esta diversidade de coisas, ensinadas segundo a diversidade dos ouvintes, são encontradas todas nas Sagradas Escrituras e estimulam o coração dos que as ouvem a oferecerem a Deus o desejo das boas obras.

"E porás sobre a mesa os pães da proposição na minha presença": os pães da proposição são as palavras da sabedoria celeste, corretamente chamadas de pães da proposição, porque a palavra da salvação deve permanecer sempre manifesta para todos os fiéis, e na Igreja jamais deverá faltar a palavra de auxílio. Através dos pregadores que vivem na Sua presença, o Senhor quis que a Igreja estivesse perpetuamente repleta destes bens, preparados para todos aqueles que têm fome e sede de justiça, até o fim dos tempos.

Esta mesa, irmãos caríssimos, é repleta de todas as riquezas, servida de todas as delícias. Se quereis ,pães e peixes, tomai nela "cinco pães e dois peixes" (Mt. 14,17), ou certamente "sete pães e alguns peixinhos" (Mt. 15, 34). Com aqueles saciaram-se

cinco mil homens, e com os seus restos encheram-se doze cestos; com estes saciaram-se quatro mil homens, e com seus restos encheram-se sete alcofas. Tomai, portanto, estes e aqueles pães, e também estes peixes, ainda que poucos, e sabei que o alimento abundará e sobejará. Se quiserdes carne, tomai "um novilho gordo" (Luc. 15, 23), "touros e animais cevados" abatidos para vós (Mt. 22, 4). Se quiserdes o sabor, tomai o "grão de mostarda, que é na verdade a menor de todas as sementes, mas lançado à terra cresce e se torna maior do que todas as hortaliças" (Mt. 13, 32). Se quiserdes manteiga e mel, comei ambas com o Emmanuel, para que saibais com ele "rejeitar o mal e escolher o bem" (Is. 7, 15). Se quiserdes frutos de gêneros diversos, tomai-os todos, "de toda a qualidade, os novos e os velhos", que a esposa guardou para o esposo (Cant. 7, 13), e comei as nozes do "jardim das nogueiras" (Cant. 6, 10). Se quiserdes bebida, tomai o vinho escolhido, do qual foi escrito:

***"Tu,
porém,
tiveste
guardado
o bom
vinho
até
agora".***

**Jo.
2,
10**

Se quiserdes ainda mais bebida,

**"comprai
sem
dinheiro
e sem
nenhuma
troca,
vinho e
leite",**

**Is.
55,
1**

e bebei com a esposa "vosso vinho com o vosso leite" (Cant. 5, 1). Se desejais saborear o néctar, tomai as consolações de Deus, pois

**"A tua
misericórdia,
Senhor, foi
o meu
auxílio.
Segundo a
multidão
das minhas
dores em
meu
coração,
tuas
consolações
alegraram a
minha
alma".**

**Salmo
93,
19**

Se quiserdes aromas, tomai

***"os cipres
com o
nardo, o
nardo e o
açafão, a
cana
aromática e
o
cinamomo,
com todas
as árvores
do Líbano,
a mirra e o
aloés, com
todos os
primeiros
ungüentos".***

Cant .

4,

13-

14

E sendo perigoso, e torpe também, que estando próximos de tal e tamanha mesa. definhemos moribundos, vítimas da fome, e encontremos a morte por inanição, a própria Escritura nos convida, dizendo:

***"Comei,
amigos, e
bebei, e
inebriai-
vos,
caríssimos",***

Cant .

5, 1

isto é, com todas as coisas que agora, pela graça, são servidas para nós nesta mesa, para que depois, pela glória, as possamos possuir ainda mais perfeitamente.

E que, para tanto, digne-se vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Amén.





**SERMO XCVI. POR OCASIÃO DA FESTA DE QUALQUER SANTO,
SEGUNDO AS PALAVRAS DO SALMO QUADRAGÉSIMO
QUARTO.**

**"Mirra,
aloés e
cássia de
tuas
vestes,
dos
palácios
de
marfim;
com elas
filhas de
reis te
deleitam
em tua
honra. A
rainha, de
pé, à tua
destra,
com
vestes
douradas,
é
circundada
pela
multidão".**

**Salmo
44,
9-10**

Estas palavras, caríssimos, designam a santidade de cada um dos fiéis e figuram a justiça da Igreja universal. No primeiro verso descrevem-se as virtudes de qualquer dos fiéis e no segundo declara-se a justiça de toda a Igreja.

***"Mirra,
aloés e
cássia".***

A mirra é muito amarga; significa, por isso, a mortificação da carne, não quanto à natureza, mas quanto à culpa. A natureza, de fato, deve sempre ser alimentada; a culpa, porém, destruída. Esta é a mirra de todos os eleitos pois, conforme diz o Apóstolo,

***"os que são de
Cristo
crucificaram a
própria carne,
com os vícios e
as
concupiscências".***

**Ga.1 .
5 ,
26**

Sobre esta mirra e as suas espécies já dissemos muitas coisas neste mesmo livro, em algum outro sermão. Satisfeitos agora, portanto, com estas poucas palavras sobre ela, passemos ao aloés.

O aloés é uma erva que comprime os inchaços; designa, por isso, a virtude da humildade. O próprio Senhor nos mostra no Evangelho o quanto nos é necessária esta virtude quando diz:

***"Todo o
que se
exalta,
será
humilhado;
e o que se
humilha,
será
exaltado".***

Luc .
14 ,
11

E também:

***"Se não vos
converterdes,
e não vos
tornardes
como
crianças,
não entrareis
no Reino
dos Céus".***

Mat .
18 ,
3

Verdadeiramente Abraão possuiu esta humildade, quando disse:

***"Falarei
ao
meu
Senhor,
ainda
que eu
seja
pó e
cinza".***

**Gen .
18 ,
27**

Jacó também verdadeiramente a possuiu quando, falando ao Senhor, afirmou:

***"Sou indigno
de todas as
tuas
misericórdias".***

**Gen .
32 ,
10**

O anjo apóstata, não querendo possuí-la, caiu irrecuperavelmente do céu como um relâmpago. A descendência de Adão careceu dela quando edificava a terra de Babilônia, merecendo a confusão de seus lábios. E assim aconteceu sempre em tudo o demais, de tal maneira que

**"Antes
da
ruína
exalta-
se o
coração
do
homem,
e antes
da
glória,
humilha-
se".**

**Prov.
18,
12**

A cássia, também chamada de cana aromática, purga o ventre e alivia a natureza de suas superfluidades; significa, por isso, a virtude da confissão, a qual, na medida em que elimina a culpa da mente pela porta da boca, exonera a própria mente do peso do pecado.

Pela mirra, portanto, entendemos a mortificação da carne; pelo aloés, a humilhação da mente; pela cássia, a confissão do pecado. Esta mirra, este aloés e esta cássia, diz o salmista, são

**"de
tuas
vestes".**

As vestes do corpo de Cristo, que é a Igreja, são os santos mais perfeitos, pelos quais a santa Igreja se reveste e se ornamenta assim como o fazem os homens com as suas vestimentas. Destas vestes ou santos alguns são de cor rubra, como os mártires, rubros pelo seu sangue. Outros são da cor do jacinto e da cor do céu; são os confessores, sublimemente elevados à

contemplação das coisas celestes. Outros ainda são da cor da neve, como as virgens; ou negros, como os humildes, sempre se enegrecendo pela memória de seus pecados. Outros, finalmente, são de várias e combinadas cores, significando que participam de diversas virtudes e boas obras.

Todos estas vestes, acrescenta o salmista, são

***"dos
palácios
de
marfim".***

Entendemos pelos palácios de marfim as congregações continentais e castas. Os elefantes, de fato, cujos ossos denominamos marfim, são animais castíssimos. Copulam de costas, parem apenas uma única vez, não se deitam na terra, vivem trezentos anos. Quem desejar entendê-lo, verá que todas estas coisas convém às almas justas e castas. As vestes de Cristo, portanto, são dos palácios de marfim porque todos os fiéis são da congregação dos castos e continentais; e destas vestes são a mirra, o aloés e a cássia porque destes mesmos fiéis provém as santas virtudes e a boa fama que elas difundem. Com esta mirra, aloés e cássia, as santas virtudes e a boa fama das vestes de Cristo, continua o salmista,

***"filhas
de reis
te
deleitam
em tua
honra".***

Os reis são os santos prelados, que regem os demais pela virtude do discernimento. Suas filhas são as almas de seus santos súditos, alimentadas pela doutrina com que as ensinam e ornamentadas pelos exemplos que lhes oferecem. Estas almas não são designadas pelo nome de filhos, mas pelo de filhas, com o que se quer significar a sua magnífica devoção, pois o

sexo feminino é muito devoto, retribuindo com fervor admirável aos que se inclinam ao seu amor. Pode-se entender também que estas almas são descritas pelo nome de filhas, e não pelo de filhos, para melhor manifestar o quanto é agradável a Cristo a admirável justiça dos perfeitos, se tanto o deleitam pela sua santidade também as almas enfermas e imperfeitas significadas pelo nome de filhas. As filhas de reis, portanto, deleitam a Cristo em sua honra quando as multidões devotas dos súditos o honram deleitavelmente pela sua bondade. Esta honra deleitável, ou esta honorável deleitação, que procede das virtudes já mencionadas, são para Cristo como uma suave refeição quando Ele vê que seus súditos, por meio destas virtudes, vivem de modo justo e oferecem as outros exemplos de justiça.

Tendo já nos falado dos santos fiéis, o salmista passa agora a nos falar da Igreja, designada pela rainha. Dela nos diz que

*"a rainha,
de pé, à
tua destra,
com
vestes
douradas,
é
circundada
pela
multidão".*

Assim como no verso precedente designam-se as virtudes e a fama das virtudes de quaisquer fiéis, assim também designa-se neste a justiça da Igreja universal e, desta justiça, sua múltipla variedade e sua vária multiplicidade. A santa Igreja é retissimamente comparada à rainha porque, unida ao rei celeste, é por Ele sublimemente coroada. Ela está junto do rei pela fé, e de pé pela boa intenção. Os falsos fiéis, ainda que estejam próximos, crendo retamente no que é verdadeiro, todavia não estão de pé realizando com reta intenção o bem que operam. Elias foi do número não só dos que estavam próximos, como também dos que estavam de pé, ao dizer:

***"Viva o
Senhor,
em cuja
presença
eu
estou".***

**I
Reis,
17,
1**

Ao dizer "estou", Elias mostrou permanecer diante de Deus; ao acrescentar "em sua presença", mostrou também não estar ausente da divina presença pela intenção. A santa Igreja está agora de pé à direita de Deus pela justiça, para que no futuro mereça estar também à sua direita pela glória. Assim também os réprobos estão agora à esquerda pela culpa, e no fim dos tempos ali também permanecerão pela pena.

Desta rainha, ou da Igreja, o salmista também afirma que ela se veste

***"com
vestes
douradas".***

Pelas vestes deve-se entender a justiça, pelo ouro a sabedoria. De fato, tudo o que a santa Igreja opera no exercício das virtudes ou na exibição das boas obras é ornamentado pelo fulgor da sabedoria celeste. Nisto ela imita o seu Criador segundo as suas possibilidades, o qual tudo fez com sabedoria. Foi assim que, na primeira disposição de todas as coisas, em primeiro lugar Deus criou a luz, para só em seguida passar a dispor todo o restante. E no último dia, diz a Escritura, tendo Ele já a tudo disposto,

***"viu todas
as coisas
que tinha
feito, e eram
imensamente
boas".***

**Gen .
1 ,
31**

O salmista, prosseguindo, declara que a rainha é

***"circundada
pela
multidão".***

Estas palavras significam que a santa Igreja não se contenta com uma só virtude, nem com uma só obra, mas quer ser circundada pela multiplicidade das virtudes e ornamentada pela variedade das boas obras,

***"segundo a
dispensação
da
multiforme
graça de
Deus".***

**I
Pe .
4 ,
10**

A esta variedade se referem aquelas palavras do Apóstolo

Pedro:

***"Ministrai
na vossa fé
a virtude,
na virtude
a ciência,
na ciência
a
abstinência,
na
abstinência
a
paciência,
na
paciência a
piedade, na
piedade o
amor
fraterno,
no amor
fraterno a
caridade".***

II

Pe.

1,

5-

7

A esta variedade se referem também aquelas outras palavras do apóstolo Paulo:

**"Em todas as
coisas nos
mostramos
como
ministros de
Deus, com
muita
paciência na
tribulação, nas
necessidades,
nas angústias,
nos açoites,
nos cárceres,
nas sedições,
nos trabalhos,
nas vigílias,
nos jejuns;
com a
castidade, com
a ciência, com
a
longanimidade,
com a
mansidão, com
o Espírito
Santo, com a
caridade não
fingida, com a
palavra da
verdade, com
a virtude de
Deus, com as
armas da
justiça, à
direita e à
esquerda,
entre a glória e
a ignomínia,
entre a infâmia
e o bom nome;
como
sedutores,
embora**

***verdadeiros;
como
desconhecidos,
embora
conhecidos;
como
moribundos,
mas ainda
agora vivos;
como
castigados,
mas não
amortecidos;
como tristes,
mas sempre
alegres; como
pobres, mas
enriquecendo
a muitos;
como não
tendo nada,
possuindo
tudo".***

**II
Cor .
6 ,
4 -
10**

Caríssimos, juntamente com todos os santos e a santa mãe Igreja, também nós somos chamados à coroa da pátria celeste. Exercitemos, portanto, com todas as nossas forças, as virtudes e as boas obras.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito para sempre.

Amén.





**SERMO XCVII. POR OCASIÃO DA FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA,
SEGUNDO AS PALAVRAS DO SALMO SEXAGÉSIMO SÉTIMO.**

**"Se
dormis
entre os
apriscos,
as
penas
da
pomba
brilham
como
prata, e
como
um
amarelo
de ouro
o seu
dorso".**

Salmo
67,
14

Caríssimos, pelo significado espiritual destas poucas e sagradas palavras o santo salmista, cantando pelo Espírito Santo, nos descreve não apenas o mérito dos santos, como também a ciência e o prêmio da Igreja universal.

Designa o mérito, onde diz:

**"Se
dormis
entre os
apriscos".**

Designa a ciência da santa Igreja, onde acrescenta:

***"As
penas
da
pomba
brilham
como
prata".***

E, finalmente, designa o prêmio, onde conclui:

***"E
como
um
amarelo
de
ouro o
seu
dorso".***

Os dois apriscos são os profetas e os apóstolos, entre os quais dormem aqueles que, ensinados pelas sagradas sentenças de uns e de outros, repousam felizes, livres da inquietude dos demônios e na paz da boa conversação. Estão, de fato, entre os apriscos todos aqueles que vivem santamente entre as proclamações dos profetas e as pregações dos apóstolos. Os quais também dormem na medida em que, ocupados pelas boas obras, não são incomodados pela infestação das tentações. Deste feliz sono dos santos, sob o nome de Issacar, nos é dito por Jacó:

**"Issacar
é como
um
jumento
robusto,
deitado
entre
limites;
viu que
o
repouso
era bom,
e que a
terra era
ótima;
curvou
seus
ombros
para
carregar,
e
sujeitou-
se aos
tributos".**

**Gen .
49 ,
14 -
15**

O povo dos justos é verdadeiramente um jumento robusto porque na paz e na fortaleza sustenta o peso de qualquer tribulação. Está deitado entre limites porque, ensinado pelos profetas e pelos apóstolos, repousa pela boa obra proveniente da doutrina de ambos. Viu que o repouso, isto é, o repouso da contemplação interior, era bom e que a terra da suprema bem aventurança era ótima; tomado de amor por ambos, curvou seus ombros para carregar qualquer peso que se lhe impusesse. Sujitou-se aos tributos, porque pelos bens espirituais ofereceu não somente as suas coisas, como também a si próprio.

A multidão dos eleitos, deste modo, conforme está dito, dorme entre apriscos e por esta celeste dormição alcança o prêmio eterno. Dorme e, conforme diz Salomão,

***"suave
é o
seu
sono".***

**Prov.
3,
24**

Segue-se:

***"As
penas
da
pomba
brilham
como
prata".***

A pomba, como foi dito freqüentemente, é a santa Igreja. De fato, a santa Igreja, assim como carece de fel pela caridade, não vive de cadáveres pelos vícios das obras mortas; escolhe os melhores grãos pela execução dos maiores preceitos de Deus; arrulha, em vez de cantar, pela penitência; alimenta com freqüência os filhotes alheios pela misericórdia; senta-se sobre as águas, pelo estudo das Sagradas Escrituras, para prever a aproximação da sombra do gavião, que é o demônio; constrói seus ninhos nas pedras, repousando sublimemente na contemplação dos mistérios de Cristo. Possui duas asas pelo amor de Deus e de seu próximo, a direita pelo amor de Deus e a esquerda pelo amor do próximo. As penas da asa direita são aquelas distinções pelas quais nos é dito:

**"Amarás o
Senhor teu
Deus
com todo o
teu coração,
com toda a
tua alma,
com todo o
teu
entendimento
e com todas
as tuas
forças".**

**Mc .
12 ,
30**

As penas da asa esquerda são os votos, os conselhos, os benefícios pelos quais devemos amar o próximo como a nós mesmos. Estas penas brilham como a prata, porque do amor de Deus e do próximo

**"depende
toda a
Lei e os
Profetas".**

**Mt .
22 ,
40**

Corretamente, pois, o discurso sagrado é designado pela prata, conforme o atesta o salmista quando diz:

**"As
palavras
do
Senhor
são
palavras
castas,
são prata
acrisolada
pelo
fogo,
purificada
da terra,
depurada
sete
vezes".**

Salmo
11,
7

Quando, portanto, os santos dormem entre os apriscos as penas da pomba brilham como prata porque a Sagrada Ciência se cumpre nas virtudes da santa Igreja quando a multidão dos santos executa com todas as suas forças os preceitos proféticos e apostólicos repousando na fé e na obra.

**"E
como
um
amarelo
de
ouro o
seu
dorso".**

O seu dorso é o prêmio que há de se seguir, comparado retissimamente ao ouro, porque assim como o ouro transcende

todos os demais metais, assim também o prêmio celeste, quando comparado a todos os demais bens, deixa-os muito longe atrás de si.

O bem aventurado São João Batista, cuja solenidade hoje celebramos, dormiu entre os apriscos não apenas pela virtude como também pelo tempo, pois viveu entre os profetas e os apóstolos não apenas pela santidade de sua conversação, como também pela distinção dos tempos. De fato, atesta-nos a Escritura,

***"a Lei e
os
Profetas
foram
até
João".***

**Luc .
16 ,
16**

Na medida em que a graça do alto dignar-se de no-lo conceder, imitemos, portanto, a sua santidade, para que, pelos seus méritos e preces, mereçamos alcançar as alegrias do alto.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus, bendito pelos séculos.

Amén.





**SERMO XCIX. POR OCASIÃO DA FESTA DE SANTO AGOSTINHO,
SEGUNDO AS PALAVRAS DO SALMO QUADRAGÉSIMO
QUARTO.**

**"Saíu de
meu
coração a
boa palavra;
ao rei eu
digo as
minhas
obras.
Minha
língua é
como a
pena do
escriba que
escreve
velozmente".**

Salmo
44,
2

Caríssimos, estas palavras que nos são propostas convém aos profetas, aos apóstolos, a todos os doutores da Igreja e a todos aqueles que, conduzidos pelo Espírito Santo, proferem a palavra de Deus. Não duvidemos que elas também convenham verdadeiramente ao bem aventurado Agostinho, cuja solenidade hoje celebramos. De seu coração saíu efetivamente a boa palavra, ele que até a sua última enfermidade ensinou na santa Igreja a palavra de Deus. Ao rei ele disse as suas obras, porque não só a si, mas a Cristo atribuiu o que santamente viveu. Sua língua foi como a pena do escriba que escreve velozmente porque, ensinado e conduzido pelo Espírito Santo, belissimamente ministrou a palavra de Deus. De onde que, nesta sua solenidade, dele cantamos que, pleno do espírito dos profetas e dos apóstolos, tornou para nós manifesto aquilo que

os místicos haviam predito, fazendo refulgir depois deles de um modo singular a graça segunda de dispensar a palavra de Deus.

A tinta deste escriba é a graça, seu tinteiro é Cristo e o seu pergaminho a alma dos ouvintes. Enchendo a pena neste tinteiro, o escriba escreve com ela o que deseja no pergaminho; assim também a graça do Espírito Santo, de que Cristo está repleto, instrui os nossos corações ao preencher a língua dos doutores. E é isto o que parece significar aquilo que Cristo disse no Evangelho aos seus discípulos:

***"Quando
vier o
Espírito da
Verdade,
Ele vos
ensinará
toda a
verdade;
não falará
de si
mesmo,
mas dirá
tudo o que
tiver
ouvido, e
anunciar-
vos-á as
coisas
futuras.
Ele me
glorificará,
porque
receberá
do que é
meu, e vo-
lo
anunciará".***

Jo.
16,
13-
14

O Espírito Santo, de fato, assim como não procede de si mesmo, assim também não fala de si mesmo, mas do Pai e do Filho, dos quais procede. E, ao falar, divide entre nós a graça que há em Cristo, de acordo com a sua vontade. Pois

***"da
plenitude
de Cristo,
em que
estão
escondidos
todos os
tesouros
da
sabedoria
e da
ciência,
todos nós
recebemos,
e graça
sobre
graça".***

Jo.
1,
16
Col.
2,
3

Os nossos corações, figurados pelo pergaminho, nos quais esta escritura espiritual é espiritualmente redigida, são fabricados, ao modo do pergaminho material, pelo amargor do

arrependimento, são estendidos pelo rigor da abstinência, rapados pela remoção de toda a carnalidade e adquirem a forma quadrada pela firme estabilidade. Assim como, de fato, tudo o que é redondo é volúvel, todo quadrado é firme e estável. Os pontos significam o número, o chumbo significa o peso e a régua a medida. Pois

***"tudo
Deus
fêz em
número,
peso e
medida".***

Sab.
11,
21

Este número, peso e medida, ainda que por nós não possam ser compreendidos, para Deus, porém, não são incompreensíveis. Com este número, peso e medida que atribuímos ao pergaminho espiritual, parece concordar aquela passagem do Evangelho onde se lê:

***"Certo
homem,
ausentando-
se para
longe,
chamou os
seus
servos, e
lhes
entregou os
seus bens.
E deu a um
cinco
talentos, a
outro dois,***

***e a outro
um, a cada
um
segundo a
sua
capacidade".***

**Mat .
25 ,
14 -
15**

E também:

***"Aquele
a quem
mais foi
dado,
mais
lhe será
exigido".***

**Luc .
12 ,
48**

E, do mesmo modo, também o Apóstolo:

**"A cada
um de
nós foi
dada a
graça
segundo
a
medida
da
doação
de
Cristo".**

**Ef .
4 ,
7**

A escritura, porém, que é redigida em nossos corações, é a verdade. Desta escritura o Senhor nos fala pelo Profeta:

**"Eis o
Testamento
que Eu
farei com a
casa de
Israel
depois
daqueles
dias, diz o
Senhor:
imprimirei
a minha lei
nos seus
corações,
e as
escreverei
nas suas
mentes".**

Jer .

31 ,

33

Finalmente, a mesa que é posta debaixo deste pergaminho espiritual para que nele se possa escrever a verdade são os subsídios terrenos. De onde que no Cântico dos Cânticos a esposa diz:

***"A sua
mão
esquerda
está
debaixo
de
minha
cabeça,
e a sua
direita
me
abraça",***

Cant .

2 , 6

querendo significar pela mão esquerda os bens corporais e pela direita os espirituais. De fato, as coisas terrenas servem de apoio a este corpo para que o espírito possa mais facilmente receber e cumprir o que é divino.

Examinemos, amados irmãos, se nossos corações são capazes da verdade, para que neles se escreva a verdade. Examinemos se foram fabricados pela amargura da compunção, se foram tensionados pelo rigor da abstinência, rapados pela remoção de toda a carnalidade, se adquiriram o formato quadrangular pela firme estabilidade. Porque somente de Deus parecem ser os pontos, o chumbo e a régua, isto é, o número, o peso e a

medida.

Vejam também se as palavras sagradas, a nós ministradas pelo escriba que é o Espírito Santo com a tinta da graça e pela pena que foi a língua de Santo Agostinho, são recebidas em nossos corações. Diz, de fato, Santo Agostinho em nossa regra, ou melhor, o Espírito Santo, em sua língua repleta de graça:

***"Antes
de tudo
o mais,
seja
Deus
amado;
em
seguida,
o
próximo",***

e nas palavras que a estas se seguem, preceituam-se ainda muitas outras coisas sobre a continência, a obediência e a vida comum que há de um modo especial em nossa profissão. Vejam se as palavras deste bem aventurado homem tomaram força em nós; se assim o constatarmos, não tenhamos dúvida de que o Espírito Santo operou em nós pela sua língua. E não apenas o que está contido em sua regra, mas também tudo o mais que ele escreveu, expondo, tratando e exortando sobre a Sagrada Escritura, retenhamo-lo verdadeiramente, crendo, amando e operando, para que possamos alcançar o prêmio supremo.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito pelos séculos.

Amén.





SERMO C. POR OCASIÃO DA FESTA DA SANTA CRUZ.

**"Tendo
Jesus
tomado o
vinagre,
disse:**

**'Tudo está
consumado'.**

**E,
inclinando a
cabeça,
rendeu o
espírito".**

**Jo.
19,
30**

As palavras que propusemos, caríssimos, são curtas mas excelentíssimas, pois são as que nos descrevem a consumação da nossa redenção. Na morte de Cristo consumaram-se todos os enigmas das figuras antigas que a Ele se referiam, e todos os vaticínios dos profetas que sobre Ele profetizaram. De onde que o próprio Senhor disse aos apóstolos:

***"Eis que
vamos
para
Jerusalém,
e será
cumprido
tudo o
que está
escrito
pelos
profetas
relativo
ao Filho
do
homem".***

Luc .
18 ,
31

"Tudo está consumado": na morte de Cristo, segundo a significação alegórica, consumou-se Deus ter feito Eva do lado de Adão que dormia (Gen. 2, 21-22), pois isto significava que do sangue que fluía do lado de Cristo morto seria redimida a santa Igreja. Consumou-se Caim pela inveja ter matado a Abel seu irmão (Gen. 4, 3-8), pois isto foi sinal de que o povo judeu, pela sua inveja, teria entregue Cristo para ser crucificado por Pilatos. Consumou-se, segundo a mística significação, Abraão ter colocado Isaac seu filho sobre um altar coberto de lenha para oferecê-lo a Deus (Gen. 22, 1-4), pois isto figurava que o gênero humano ofereceria a Cristo, nascido de si segundo a carne, na cruz. Consumou-se, segundo a mesma significação, Deus ter libertado os filhos de Israel da servidão do Egito na morte do Cordeiro Pascal (Ex. 12, 1-13), pois isto designava que os israelitas espirituais seriam libertados do jugo dos demônios pela morte de Cristo. Consumou-se Moisés ter adoçado as águas amargas com sua vara (Ex. 15, 22-25) e feito jorrar as águas da pedra (Ex. 17, 1-7), pois isto significava que Cristo, pela amargura de sua morte, converteria para nós a austeridade da Lei em doçura, e que de si, verdadeira pedra, faria jorrar para

nós as águas espirituais. Consumou-se o bode expiatório ter levado para o deserto os pecados do povo (Lev. 16, 20-22), pois isto era símbolo de Cristo que tomaria os nossos pecados. Consumou-se a mulher de Sarepta ter juntado duas madeiras (I Reis 17, 12), pois isto expressava que a gentildade haveria depois de receber a fé na paixão de Cristo. Consumou-se o anjo Rafael ter ligado, nas núpcias de Tobias, o demônio pelo fel retirado do peixe (Tobias 8, 3), pois isto significava que Cristo, tendo bebido fel e amargurado pela morte, venceria o demônio. Consumaram-se os vaticínios dos profetas. Consumou-se o que Moisés disse:

***"É
maldito
de Deus
aquele
que está
pendente
do
lenho".***

**Deut .
21 ,
23**

Por isto é que o Apóstolo diz que

***"Cristo
remiu-nos
da Lei,
feito
maldição
por nós,
porque
está
escrito:***

***`Maldito
todo***

***aquele
que está
pendurado
no
lenho".***

**Gal.
3,
13**

Consumou-se o que disse Davi:

***"Deram-
me fel
por
comida,
e em
minha
sede
deram-
me
vinagre
para
beber".***

**Salmo
68,
22**

Consumou-se também o vaticínio de Isaías, quando disse:

***"Eu o
feri por
causa
da
maldade
de meu
povo";***

**Is.
53,
8**

e também:

***"Foi
oferecido
porque
Ele
mesmo
o quis".***

**Is.
53,
7**

Muitos enigmas de figuras se consumaram, caríssimos, e consumaram-se muitas predições de profetas que figuravam e anunciavam a morte de Cristo. Quem, porém, poderá enumerar a todos, e para que isto aproveitaria? Tudo está consumado. Tudo o que antes da morte de Cristo convinha fazer consumou-se na morte de Cristo.

A morte de Cristo é para nós, portanto, a perfeita restauração da vida, é para nós a reconciliação divina. A morte de Cristo é a remoção da culpa, a morte de Cristo é a atribuição da justiça, a morte de Cristo é para nós o fechamento do inferno, a morte de

Cristo é a abertura do céu, a morte de Cristo é a destruição da pena, a morte de Cristo é a recuperação da glória. Portanto,

"tudo está consumado".

Está consumado tudo o que pertence à extensão do mal; está consumado tudo o que pertence à consumação do bem. Está consumado o que foi predito pelo justo Simeão (Luc. 2, 25-35). Está consumado o que profetizou Caifás, ainda que fosse réprobo (Jo. 11, 49-52). Está consumado o que o detestável Judas prometeu aos fariseus (Mc. 14, 10-11). Está consumado o que Pilatos, injusto juiz, injustamente julgou que deveria ser feito (Luc. 23, 24). Está consumado o que o infeliz judeu escolheu para a sua própria perda (Mt. 27, 25). Está consumado o que Deus proveu para nossa utilidade. Está consumada a Lei. Está consumada a profecia. Está consumado o anúncio angélico. Está consumado o que os justos esperaram no mundo. Está consumado o que depois aguardaram nos infernos. Está consumado que, santamente vivendo, mereceram possuir o céu. Portanto,

"tudo está consumado".

Está consumada em nós a justiça pela graça, e pela justiça será consumada a glória. A justiça está consumada no efeito, a glória está consumada na causa. Todos, de fato, os que verdadeiramente crêem em Cristo já são justos, bem aventurados na causa, bem aventuráveis no efeito. O apóstolo Paulo nos fala da causa desta bem aventurança quando assim se refere a Cristo:

**"Consumado,
tornou-se
para todos
os que lhe
obedecem
causa de
salvação
eterna".**

Heb.
5,
9

**"E se o
Espírito
daquele
que
ressuscitou
a Jesus
dos
mortos
habita em
vós, Ele,
que
ressuscitou
a Jesus
Cristo dos
mortos,
também
dará vida
aos
vossos
corpos
mortais,
por meio
de seu
Espírito,
que habita
em vós".**

Rom .
8 ,
11

Corretamente diz, portanto, o Evangelho que

***"Tendo
Jesus
tomado o
vinagre,
disse:***

***`Tudo está
consumado'.***

***E,
inclinando a
cabeça,
rendeu o
espírito".***

O gosto do vinagre significa o amargor da morte, a inclinação da cabeça a dignidade da humildade, enquanto que a rendição do espírito é a consumação da redenção humana. Na morte de Cristo, pois, consumaram-se todas as coisas, na medida em que no presente consuma-se a justiça e no futuro consumir-se-á a glória. Quando?

***"Quando este
corruptível se
revestir de
inocorrupibilidade,
e quando este
mortal se revestir
de imortalidade";***

I
Cor .
15 ,
53 -
4

Quando, de fato,

***"Aparecer
Cristo, que
é a vossa
vida, então
também
vós
aparecereis
com Ele na
glória".***

Col .
3 ,
4

Porém, caríssimos, não podemos descrever suficientemente, nem louvar dignamente a paixão de Cristo e a redenção do gênero humano. Voltemos, por isso, para nós mesmos o nosso discurso e examinemos se, no que comporta a nossa pequena medida, seguimos os vestígios de Cristo tolerando o mal. E já que hoje celebramos a solenidade da santa cruz e fazemos lembrança da Paixão do Senhor, parece justo que nos exortemos mutuamente a respeito da paciência:

**"Se, de fato,
sofremos
com Ele,
reinaremos
com Ele; e se
participarmos
de suas
dores,
estaremos
também
juntos nas
suas
consolações".**

Rom.
8,
17
II
Tim.
2,
11

O que a esposa, considerando atentamente, diz:

**"O meu
amado é
para mim
como um
ramalhete
de mirra,
colocado
sobre o
meu
peito".**

Cant .

1 ,

12

Procuremos, portanto, entrar pela porta estreita, subir pelo caminho árduo, porque não há em outro lugar entrada para a justiça, nem subida para a glória.

Caríssimos, estando já consumado para nós neste livro este centésimo sermão, consideremos também com ele consumado este mesmo livro. Procuremos consumir, portanto, as coisas que estão escritas neste sermão e neste livro, crendo, esperando e amando, para que mereçamos chegar à glória suprema.

E que para tanto se digne vir em nosso auxílio Jesus Cristo, nosso Senhor, que é Deus bendito, pelo séculos dos séculos.

Amén.

